

Ruina Azul

ROMANCE

Hari Kunzru



QUETZAL
serpente emplumada

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Ruina Azul

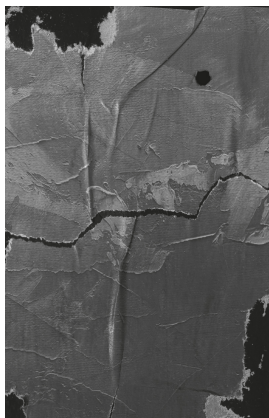
Hari Kunzru


QUETZAL
espacios y palabras



© Clayton Cubitt

Hari Kunzru (1969), escritor e jornalista britânico, estudou Inglês em Oxford e fez um mestrado em Literatura e Filosofia. É autor de sete romances (*Red Pill*, *White Tears*, *Gods Without Men*, *My Revolutions*, *Transmission*, *The Impressionist* e *Blue Ruin*). Escreveu para publicações como *Wallpaper*, *The Guardian* ou *The Daily Telegraph* e é colaborador regular da *The New York Review of Books*. Além disso, recebeu os prêmios Betty Trask e Somerset Maugham, é bolseiro honorário do Wadham College Oxford, membro da Royal Society of Literature, da Academia Americana de Berlim, *fellow* da Fundação Guggenheim e da New York Public Library. Mantém o podcast «Into the Zone». Vive em Brooklyn com a romancista Katie Kitamura, com quem tem dois filhos.



Título: Ruína Azul

Título original: Blue Ruin

Autor: Hari Kunzru

1.ª edição em papel na Quetzal: junho de 2024

Tradução do inglês: Salvato Teles de Menezes

Revisão: Rosa Caldeira

Preparação: Margarida Filipe

Edição: Lúcia Pinho e Melo

Design da capa: Rui Rodrigues · Quetzal Editores

Produção: Teresa Reis Gomes

© 2024 Quetzal Editores

[Todos os direitos para a publicação desta obra em Língua Portuguesa, exceto Brasil, reservados por Quetzal Editores]

© 2024 Hari Kunzru

All rights reserved

Quetzal Editores é uma chancela da Bertrand Editora, Lda.

Quetzal Editores

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1

1500-499 Lisboa PORTUGAL

<https://www.quetzaleditores.pt>

quetzal@quetzaleditores.pt

Tel. 21 7626000

ISBN: 978-989-582-015-3

Para os meus amigos

Peça Pobreza:
Mantém-te pobre até a guerra terminar.
LEE LOZANO, abril de 1970

A Caverna do Eremita



APESAR DA MÁSCARA, RECONHECI-A DE IMEDIATO. Estava no alpendre da casa, no fim do caminho de acesso, com o peso sobre um pé, a outra perna em descanso, a mão esquerda a agarrar o pulso direito de modo que os dedos e o polegar formavam uma algaema, num gesto característico, de que ele troçara algumas vezes, dizendo-lhe que ela parecia estar a entregar-se às autoridades. Ainda usava o cabelo comprido, apanhado ao alto, num puxo desordenado. Trazia chinelas e calções de corrida, uma T-shirt gasta de uma banda, uma viseira transparente e um par de luvas cirúrgicas azuis. Tinha os braços e as pernas suaves e bronzeados.

A casa em si não era espalhafatosa, pelo menos se comparada com algumas das mansões visíveis da estrada, mas essa modéstia era um sinal de um luxo quase inimaginável. Desde o portão, tinha conduzido cerca de um quilómetro e meio através de um bosque, seguindo um caminho de acesso que subia uma colina com vista para a cintilante massa de água de um lago. A escala da propriedade era totalmente inesperada, um mundo em miniatura que parecia espalhar-se para o horizonte em todas as direções. No centro ficava não um castelo de um magnate ou um desses edifícios ornamentais que atafulhavam essa parte do estado, mas uma casa de campo de dois pisos, telhado de duas águas e revestimento de telhas de cedro escurecido. Por cima da porta, havia uma glicínia azul, e por baixo dela, Alice.

Já não via Alice há vinte anos. Não tinha havido

carta nem adeus. Num dia, estávamos juntos, a viver no apartamento abafado que a tia dela tinha em Londres, e no dia seguinte ela tinha partido, deixando-me a apanhar os cacos. Encontrar-me com ela após tanto tempo foi um choque físico, um impacto súbito que senti em todo o corpo. Já estava atordoado. Tirar os sacos da bagageira exigia toda a minha força e, quando descobri quem ela era, tive de parar para me recompor. Vinte sacos de papel cheios de artigos de mercearia, cada um com uma palavra de código impressa para que pudesse saber qual a encomenda a que pertencia. As palavras de código, tiradas ao acaso de um dicionário, eram um dos poucos aspetos interessantes do trabalho. Prestava-lhes sempre atenção, chegando às vezes a anotá-las. Talvez um dia viesse a criar uma obra com elas.

Tinha a expectativa de que Alice entrasse em casa. Era o que a maioria dos clientes fazia. Não queriam muita intimidade. VETOR foi um dia uma palavra de código. Não podia efetivamente censurá-los. Ninguém sabia nada. Éramos governados pelo medo e pela desinformação. No entanto, não posso dizer que aquilo não me perturbava, todas essas portas rapidamente fechadas, as caras nervosas que disparavam instruções através de janelas cerradas. É difícil ser-se sempre visto como uma ameaça, isso esmaga-nos. Dei por mim a resmungar em surdina contra os clientes, articulando argumentos unilaterais. *Julga que me apetece estar aqui?* Mas Alice ficou. Permaneceu no alpendre, a agarrar o pulso, a observar-me.

Uma parte do pacto que tinha feito comigo mesmo alguns anos antes era que, fosse o que fosse que estivesse a fazer para sobreviver, não aceitaria

humilhações. Se as pessoas olhassem para mim de uma determinada maneira por eu estar a limpar retretes ou a recolher lixo, isso era um problema delas e não meu. Mas era duro ver-me pelos olhos de Alice, um homem de meia-idade com uma máscara cirúrgica suja, curvado para retirar os artigos de mercearia da bagageira de um carro amolgado, a coxear um pouco, ao dirigir-se a ela.

Pousei os primeiros sacos na soleira da porta, tentando não cruzar o olhar com o dela. Sem aviso, estava a ser puxado para uma versão de mim que julgava ter deixado para trás. Se me tivessem perguntado dez minutos antes, teria respondido que mal me recordava do tempo passado com Alice, pelo menos em pormenor, como de facto me sentia com ela, as diversas coisas que fizemos. Teria admitido que de vez em quando pensava nela, mas também teria dito — e estaria a dizer a verdade ao fazê-lo — que as minhas recordações eram ténues e não tinham qualquer matiz emocional, à exceção de um vago sentimento de embaraço. Éramos muito jovens. Nenhum de nós se tinha portado bem. Na época, a rutura tinha sido sentida como se deixasse uma cicatriz permanente, e talvez assim fosse. Por certo, deformou os meses posteriores, mesmo os anos, mas há muitas coisas que acontecem numa vida. Há tantas perdas. Alice quase já não contava. Era o que teria dito.

Comecei a recuar em direção ao carro, tentando absorver o que estava a acontecer, esta mulher viva que tinha subitamente descido sobre as minhas recordações como uma persiana. Vinte anos de mudança, de repente, a evolução dela de magricela fumadora compulsiva a senhora de um tipo qualquer de reino de

conto de fadas. Tinha os joelhos a tremer. Estava com falta de ar. Tinha uma ou talvez duas viagens mais para fazer. Mais duas hipóteses de ela me reconhecer. Tinha encomendado umas caixas de água engarrafada. Pareceram-me inusitadamente pesadas quando lhes peguei e as carreguei até ao alpendre. Cambaleei. Fiz uma careta de dor, grato por ela não poder ver a minha cara.

— Jay?

Tudo o que queria era que aquele momento se desvanecesse, para me meter no carro, sair dali e tirar Alice da cabeça. Há acontecimentos fugidios que tocam a nossa vida com tanta brevidade que mais tarde pensamos se efetivamente ocorreram. INVENÇÃO foi um dia uma palavra de código.

— Jay?

É claro que eu tinha mudado. Estou mais pesado do que aos vinte e cinco. A barba está a ficar branca e os olhos estão mais encovados, como calhaus que caem devagar por um poço abaixo. Fiz trabalho manual durante muitos anos, muitas vezes ao sol, e se me visse num espelho, num dia bom, ficaria com a ideia de um pedaço de madeira recolhida no mar. Cheia de nós, esfregada por areia e água, mas pelo menos suave e limpa. Sempre considerei importante estar limpo. A pior parte de encontrar Alice outra vez quase foi o saber que não tomava duche havia vários dias. Estava consciente de como cheirava, ofendido por vergonha alheia. O suor ansioso da precariedade. O fedor de uma saúde má e de comida de estação de serviço.

— Jay, és tu?

Que opção tinha? Fiz um esforço de vontade para me virar e a encarar. Tive a sensação de que o meu

espírito estava a ser retirado do meu corpo com pinças, para ser estendido e exposto. *Olha para mim, Alice. Uma mera membrana esfarrapada. Um pedaço sujo de ectoplasma que não separa nada de nada.*

Obriguei-me a falar.

— Olá, Alice.

Assim mesmo. As duas sílabas de um nome. Os nossos amigos costumavam justapor os nossos nomes. Jayanalice. Aliceanjay. Não fui capaz de a olhar nos olhos de imediato, pois sabia que neles iria ver piedade, talvez repugnância. Quando consegui, senti uma intensidade para a qual não estava minimamente preparado. Não estava apenas a ser confrontado por ela enquanto juiz das minhas debilidades, um problema qualquer do meu passado, mas por *ela*, outra pessoa que existia para lá de mim, para lá da minha compreensão. Alice ficou repentinamente presente, totalmente presente, e depois excessivamente presente, desbordante, abrasadora, uma torrente, uma correnteza de estrelas. Disse outra coisa que não fui capaz de captar porque estava caído por terra, a tentar respirar. A gravilha pressionava-me desconfortavelmente a face direita. Sentia-a contra as palmas das mãos. O coração martelava-me o peito e eu observava uma paisagem que parecia, daquele ângulo, a superfície de Marte.

O MEU CORPO ERA ALGO SOBRE O QUAL RARAMENTE PENSAVA quando era mais novo. Apenas conquistava a minha atenção quando não fazia o que eu pretendia. Habitualmente, era um veículo obediente, transportando-me pelo meio de multidões e festas, fazendo-me subir colinas e saltar sebes, mergulhar na

água, entrar em camas e visitar praias, tendas, clubes e retretes, penetrar outros corpos. Como a maioria dos jovens fisicamente aptos, levantava e carregava sem nunca pensar em como seria se fosse difícil fazer essas coisas ou demorasse a recuperar depois.

Uma lista parcial das minhas cicatrizes incluiria o feio vergão vermelho na barriga da perna, proveniente da escorregadela e do corte feito por um pedaço de metal, quando estava a sair de um camião, um atrelado com uma espécie de estrutura soldada à mão, aparafusada na traseira. Tenho queimaduras nos braços provocadas por trabalhar na cozinha, e o dedo grande do pé esquerdo perdeu a unha quando deixei cair em cima dele uma viga metálica, num estaleiro de construção. Na parte de trás do meu dedo indicador direito há uma forma em L, branca e fina, relíquia de um acidente com um jarro de vidro, também ocorrido numa cozinha de restaurante. Parti a cabeça algumas vezes em barcos e cortei as mãos de toda a maneira e feitio em cordas e cabos. Uma vez, estava a lavar o interior de um reservatório industrial e a máscara saltou, o que me fez inalar gases tóxicos. Ninguém foi capaz de me dizer o que lá havia, mas cuspi sangue e os meus pulmões nunca mais voltaram a ser os mesmos. Tenho dores frequentes, mas raramente consegui ser visto por um médico, e, como muitas outras pessoas, tenho-me aguentado. Os joelhos são a única coisa que me incomoda. Trabalhei durante um inverno a carregar coisas num armazém e, apesar das dores que sentia, não pude dar-me ao luxo de descansar. Cada turno era pior do que o anterior, e acabei por ser despedido. Era demasiado lento, cambaleando de um lado para o outro, falhando os alvos.

Alice ficou a observar-me enquanto estava caído. Por cima da máscara, os olhos dela estavam carregados de preocupação. Do ângulo baixo de visão que eu tinha, ela parecia-me simultaneamente monumental e irreal. Tinha o sol nas costas, dando-lhe uma aura suave e dourada, embora isso também pudesse ser resultado da minha febre. Parecia-me brilhante, radiosa, devido àquele tipo de saúde feito de ioga, massagens, sumos naturais e dinheiro. Em tempos, os nossos corpos tinham-se colado um ao outro. Tinham parecido dar-se bem, tinham encaixado. Se nesse momento estivesse alguém a ver-nos, a testemunhar o quadro sentimental — a senhora no exterior da casinha de telhas pretas e a profusão de flores azuis inclinada para um mendigo prostrado —, ser-lhe-ia dolorosamente óbvia a nossa divergência. Um treino estimulante não é igual, falando em termos físicos, a andar dezanove quilómetros por dia em cima de um chão duro, com um leitor de código de barras na mão.

Estendeu instintivamente a mão, para me ajudar a levantar, depois hesitou, não tendo a certeza de isso ser seguro. Fiz um esforço desajeitado para me sentar sem ajuda. Ela dobrou-se para me apoiar e, durante uns segundos, as nossas caras ficaram a poucos centímetros uma da outra. Recuou, confusa, depois endireitou-se e deu um passo atrás, embaraçada.

— Desculpa. Estás doente? — perguntou ela.

— Já não estou.

— É que não posso apanhar esta coisa.

— Não te preocupes, porque não é contagioso.

— Como é que sabes?

— O teste que fiz deu negativo. Não precisas de recear nada.

Tinham passado dois meses desde a manhã em que dei conta de que não sentia o sabor da empanada que acabara de comprar numa máquina, na plataforma do metro. Algumas pessoas quase não sentiram os efeitos da doença, mas eu fiquei de rastos. Quase não saí da cama, durante dez dias, permanecendo deitado de barriga para baixo, a tentar meter ar nos pulmões. Alguns sintomas tinham persistido. A minha cabeça estava confusa. Era difícil organizar os pensamentos. Tinha tendência a embarcar em viagens mentais rebuscadas, o que tornava a condução, por exemplo, desgastante e perigosa. Essencialmente, sentia-me cansado, estoirado, como um boneco cujos cordelinhos tivessem sido cortados.

Sentei-me pesadamente no degrau do alpendre e acenei-lhe para que se afastasse.

— Tenho de tirar a máscara. É melhor que tu...

Ela deu um passo atrás. Soltei os fios e limpei os olhos e a boca com um lenço. Mostrar a cara era uma sensação desconfortavelmente íntima, como estar nu. Ela olhou para longe, concedendo-me uns segundos.

— És mesmo tu, Jay. Nunca pensei que viria... Isto é, nem sequer sabia se tu...

A voz dela perdeu intensidade.

Quando conheci Alice, o sotaque francês dela fora abafado por uma fina película do da zona oriental de Londres. Ao fim de um ano de vida em comum, ela deixava cair os «t» como se fosse cockney e tratava as pessoas por «mano». Mas isso já tinha acabado. Ainda conseguia distinguir a nota francesa e talvez a subida e a descida do vietnamita tonal da mãe dela, mas o resto tinha sido aplainado. Falava sem sotaque de qualquer lugar de origem, era internacional. A mudança era

desconcertante. Durante um momento, illogicamente, interroguei-me se tinha cometido um erro. Era realmente Alice? Ou esta mulher era um duplo dela, uma impostora? Tentei falar, mas continuava sem ter recuperado o fôlego.

— Queres um copo de água?

Assenti.

— Vou buscar.

Entrou em casa. Recostei-me nos degraus, pensando no que me estava a acontecer. Tinha a sensação de que alguém me tivesse atulhado o peito de esponjas húmidas. O cenário era suspeitosamente belo: a casa ornamentada, a água do lago a brilhar através das árvores. Onde estava eu? Onde estava *realmente*? Fiz um esforço para pensar em coisas práticas. Precisava mesmo de descansar, mas estava apenas a meio das entregas de artigos de mercearia. Tinha de fazer várias, em diferentes moradas. Naquele momento, não estava a ver como seria capaz de me levantar e ir até ao carro, muito menos conduzir.

Tinha passado por muitas situações difíceis, frio, fome, querendo, por qualquer razão, desistir, mas cedo ou tarde fui sendo capaz de convocar uma derradeira reserva de força. Nos degraus, tentei pôr-me em pé, deixar aquele lugar entorpecedor e reentrar na realidade, na *minha* realidade, na minha esfera de normalidade. Mas estava exausto. Sentia-me a deslizar, seduzido pela ideia de ficar sentado naquele degrau até que a terra me puxasse para baixo e eu pudesse, por fim, deixar-me ir.

— Aqui tens.

Peguei na garrafinha de vidro azul que ela trazia e quebrei o selo da tampa. Ela permaneceu a alguma

distância, a observar-me enquanto bebia. A água entrou no meu corpo como se fosse um elixir. Pensei que talvez tivesse morrido e Alice estivesse ali para me levar sobre as águas, para o outro lado. Reanimei-me, pronto para a luta. Não iria permitir, não iria deixar que me erguessem e me levassem por aquele turbilhão traiçoeiro de ar e sol afora até sabe-se lá onde.

Se pudesse descansar uma hora, ou mesmo meia hora, no carro, talvez fosse capaz de acabar a minha tarefa. Havia um Walmart a alguns quilómetros, com um grande parque de estacionamento e uma fileira de caixotes do lixo que impediam a captação de imagens numa determinada zona. Já aí tinha estado estacionado, a dormir, mas achei que não teria forças para me deslocar até lá. Ia ter de pedir a Alice que chamasse o 112 ou persuadi-la a deixar-me estacionar o carro na propriedade dela pelo menos durante algumas horas. Não queria chamar o 112. Teria de me explicar, entregar-me à mercê dela, e de facto não sabia por onde começar. Tinham acontecido demasiadas coisas. Era demasiado complicado. Tinha perdido o hábito de falar. Sentia-me assoberbado, inundado pela inércia.

Faz conversa. Diz as coisas que as pessoas dizem.

— É aqui que vives?

Riu-se.

— Nada disso. Foi-nos emprestada. Estávamos mesmo a precisar de sair da cidade.

Não tive necessidade de lhe perguntar a quem se referia com o «nos». Ela percebeu a pergunta na minha expressão.

— O Rob. Ainda estamos juntos.

Alice prosseguiu, explicando-me que estava lá outro casal e Rob tinha ido dar um passeio com eles, mas eu

não estava a ouvir. *Com que então tinham-se mantido juntos.* Tinha sempre presumido que a relação de Alice com Rob seria uma reação, uma maneira segura de me deixar. Acabar comigo trocando-me pelo meu melhor amigo fora, assim me convencera, uma tática de terra queimada, um sinal, paradoxalmente, da seriedade da nossa relação. Tinha-me irritado profundamente, mas sempre o censurei mais a ele do que a ela. Tinha confiado em Rob. Julgava que ele sentia respeito por mim. Tinha-os atirado para os braços um do outro — compreendia todas as maneiras em que falhara — e talvez tivesse sido ingénuo ao querer que gostassem um do outro, mas quando aconteceu aquilo entre eles, Rob devia ter tido a coragem de mo dizer diretamente.

Mesmo durante as semanas que se sucederam ao desaparecimento deles, quando estava mais ou menos num estado de colapso, compreendi que não tinha estado a fazer Alice feliz, e isso tinha-me gradualmente permitido que lhe perdoasse. Eu próprio ter-me-ia deixado: não era divertido estar comigo. Sempre tinha presumido que uma vez que se sentisse livre da estranha teia que havíamos tecido juntos, Alice deixaria Rob e seguiria com outro qualquer. Tinha sido agradável pensar nela numa situação de liberdade abstrata, a viver uma vida sobre a qual não sabia nada. Isso permitia-me pensar nela como alguém que apenas se desligara de mim, que se perdera na neblina do tempo. Em vez disso, descobri que ela e Rob ainda estavam juntos, com as vidas diretamente ligadas aos velhos tempos, a quem tínhamos sido e àquilo que tínhamos feito uns com os outros. Era uma cruel rejeição. Complacientemente, tinha sempre acreditado que a história girava à minha volta, quando de facto eu

não passava de uma personagem menor na história de Alice e Rob, alguém que seria mencionado, se o fosse, como um arranjo («ela tinha aquele namorado horrível»), quando outros casais lhes perguntassem como se tinha conhecido.

— Quer dizer que casaram.

— Casámos.

Houve uma pausa longa e difícil.

— Têm filhos?

— Temos uma filha. A Sophie. Tem dezassete anos.

Está com os primos, em Paris.

— Dezassete. Nasceu pouco tempo depois...

— Sim.

— E a tua irmã também tem filhos.

— Quatro — disse, encolhendo os ombros. — Lá gostam de famílias grandes.

— Custa a imaginar a...

— Carine.

— É isso, *Carine*, como mãe.

— Tornou-se uma pessoa muito respeitável, se é que consegues acreditar nisso. As pessoas dão-lhe os parabéns, na rua, por ela cumprir as suas obrigações de católica.

A irmã mais velha de Alice estava a trabalhar num banco de investimento, quando vivíamos juntos, e Alice tinha-a sempre pintado como uma pessoa motivada e preocupada com a carreira, trabalhando muito para lá do horário, bebendo copos com os rapazes e ultrapassando os mais variados desafios físicos, maratonas e competições do Iron Man. Era estranho pensar nela a pastorear o rebanho de filhos pelo Faubourg Saint Germain.

Fiquei exausto com a conversa, a mais comprida que

tinha feito em semanas, mas sabia que não me podia dar ao luxo de voltar a cair no silêncio.

— Deve ser difícil para ti estar separada da tua filha agora.

— Não está a ser fácil. Já lá está há quase três meses. Fomos apanhados pela restrição de viajar. Bom, mas pareceu-nos ser mais seguro se ela permanecesse lá.

— É muito tempo.

— Os números são muito baixos, em França. Eu e o Rob temos de resolver umas coisas. Em certo sentido, até é bom que não esteja cá.

Embora não pudesse ver a boca de Alice por causa da máscara, sabia que ela estava de cara fechada. A situação era desconfortável e, quando Rob regressasse do passeio, seria ainda pior.

O silêncio prolongou-se, enquanto tentava encher os pulmões de ar sem que se notasse o esforço que estava a fazer.

— Já passou demasiado tempo — disse, redundantemente, Alice.

Assenti, pensando em Rob. Interroguei-me se Rob teria realizado todas as grandiosas ambições que tinha acalentado como jovem pintor. A julgar pelo lugar onde estávamos, tinha.

— E tu? Vives perto daqui?

O tom de voz dela era vivo, frágil. Conversa de beberete. Não sabia o que responder.

— Não é longe.

— Tens filhos?

— Não.

— Não quiseste ter?

— Simplesmente, não aconteceu.

— Jay, já passou tanto tempo — repetiu.

Estava agitada, procurando, em vão, encontrar as palavras certas. Senti pena dela. Decidi que não fazia sentido fingir que algum tipo de ligação poderia ser resgatado do nosso naufrágio. O passado tinha tanto de penoso como de morto. Tentei obrigar o corpo a fazer o que eu queria e levantei-me, cambaleando um pouco.

— Olha — disse Alice. —, parece-me que não estás mesmo nada bem.

— Estou bem.

— Gostava de te poder deixar entrar, mas... — disse, fazendo um gesto derrotado com a mão.

Voltei a pôr a máscara, estremecendo quando preendi os laços nos entalhes onde as orelhas se juntam às têmporas, que estavam esfoladas devido ao contacto com os elásticos.

— Tenho de ir.

— Tens a certeza?

— Sim, acho que sim, não te parece?

Alice não respondeu.

— Foi agradável rever-te, Alice. — Comecei a afastar-me. Um pé à frente do outro. Esquerdo, direito. Tinha a cabeça a andar à roda. Perto do carro, tropecei outra vez. Ela correu atrás de mim.

— Isto é uma loucura. Precisas de um médico.

— Estou bem — disse eu, tossindo e puxando a máscara para baixo, à volta do queixo.

— Meu Deus, acho que o melhor é ligar para o 112.

— Não faças isso, se faz favor.

— Porque não?

— Não liguês, é só isso.

Ficou confusa durante uns momentos, depois percebeu. Bastava olhar para mim para perceber que eu

não tinha seguro de saúde.

— Pois, mas não podes conduzir.

Nesse momento, os nossos olhares foram atraídos pela bagageira aberta. Além dos sacos dos artigos de mercearia ainda por entregar, havia uma caixa de cartão cheia de roupa, com um saco de dormir enrolado por cima. Vi como ela percebeu que eu estava a viver no carro, e uma espécie de buraco abriu-se dentro de mim.

— Jay...

— Pára. Não há razão para te preocupares comigo.

— O que é que aconteceu?

— Não aconteceu nada. Estou a viver da maneira que quero.

— Está bem. Ouvi dizer que tinhas desaparecido, deixado a Inglaterra, mas nunca mais tive notícias depois disso.

— Tudo isso foi há muito tempo. Dá-me só um momento, e depois vou embora.

— Jay.

— É só um momento.

Encostei-me ao carro. Ela ficou parada, com os braços cruzados, baloiçando sobre as plantas dos pés.

— Olha, Jay, não estou a julgar-te, e nem sequer a meter-me na tua vida, mas não me parece que estejas bem. Estás doente.

— Estive doente há um mês. Já não estou.

— Acabaste de desmaiar.

Fiz um ruído esquisito na garganta, que era uma tentativa de riso.

— Concordo que só me apetece deitar-me.

— Não posso deixar-te entrar. Bem, isto não é possível. Uma das pessoas que está cá, o Marshal, é o

galerista do Rob. Isto já é duro para ele. É do tipo hipocondríaco.

— Compreendo. Não estou a pedir nada.

— Oh, isto é uma estupidez. Garantes-me que não estás infeccioso?

— Apanhei a doença há dois meses. Tenho anticorpos. Trata-se apenas... Sabes o que é, efeitos secundários.

Alice ficou a pensar durante uns instantes.

— Entra no carro. Eu conduzo.

— Obrigado, mas não quero dar entrada em nenhum hospital. Basta que me deite.

— Não me refiro a isso. Há um lugar onde podes ficar, pelo menos uma noite. É do outro lado do lago.

Ia explicar que tinha de acabar as minhas entregas — perderia certamente o emprego se não o fizesse —, mas estava tão cansado que não tive forças. Sentei-me no lugar do passageiro, mais uma vez envergonhado por causa do meu cheiro pungente e pesado.

Alice ligou o carro e abriu as janelas.

— Desculpa, mas podes voltar a pôr a máscara?

— Com certeza.

Recoloquei a máscara na cara, inalando o fedor dela. Já a estava a usar há dias, e tinha ficado larga e húmida. Apertei a tiritinha metálica no nariz, para tentar melhorar a maneira como se ajustava.

A competência de Alice tinha mesmo sobrevivido ao último ano da nossa relação, quando estávamos de facto dedicados a falhar redondamente, a deixar-nos cair no inferno. Era uma espécie de fraqueza. Quando se é alguém que resolve problemas, mais cedo ou mais tarde as pessoas percebem que podem trazer os problemas delas, e por isso nunca se é livre. Ela

arrancou e lembrei-me de que ela nunca tinha sido capaz de se focar no trabalho da maneira que eu e Rob fazíamos sem pensar. Deixava-se sempre enredar nos projetos das outras pessoas, ajudando, fazendo favores. Por isso, quando me deixei cair no lugar do passageiro e Alice abriu as janelas, senti-me em terreno familiar. Tinha vindo ter com ela com um problema. Ela estava a pôr de lado as outras tarefas e a tratar de o resolver. Descemos a colina, em direção ao lago. Perto da casa, os campos estavam ajardinados com grandes relvados e canteiros de flores silvestres. Passámos por uns anexos, uma casa para guardar barcos.

— Que lugar é este?

Alice encolheu os ombros.

— O tipo que é dono disto é o financiador do Marshal. Não está cá. Acho que tem um rancho na Nova Zelândia. Está no seu abrigo até a pandemia passar.

— Um abrigo a sério?

— Disse ao Marshal que tinha construído uma espécie de refúgio. Um complexo, como o Marshal lhe chamou. Um complexo subterrâneo. Está louco por vê-lo, é claro.

Enquanto Alice guiava, eu tinha uma sensação aguda da nossa proximidade. Tentei não olhar para ela, agarrava-me a pormenores visuais sempre que podia. Os fios do cabelo que lhe caíam sobre o rosto, a cicatriz da vacina no braço que me era familiar e, no entanto, incrivelmente nova. Seguimos ao longo do lago, acompanhando a margem, até que começámos a ver a pequena casa do outro lado da massa de água, situada numa moldura extraordinária de árvores antigas. Parecia um velho bilhete postal, uma coisa que não

deveria existir no presente. Enquanto eu olhava pela janela, o carro virou e começou a subir para o bosque.

— Isto é tudo a mesma propriedade?

— É. Espantoso, não é verdade?

Ela virou subitamente o carro, para o desviar do caminho, e estacionou ao lado de um celeiro com um telhado muito inclinado e portas duplas. O revestimento de telhas escuras dava-lhe um aspeto superficialmente idêntico ao da casa, mas estas estavam cheias de musgo e eram irregulares. O sítio não parecia estar a ser usado com regularidade. Alice saiu do carro e empurrou as portas, primeiro uma, depois outra, fazendo-as deslizar. A seguir, fez o carro entrar e desligou o motor.

— Precisas que te ajude a andar?

— Estou bem.

Abri a porta e ela ajudou-me a sair do carro. O celeiro cheirava a bafio e madeira podre. Grãos de poeira flutuavam à luz do sol, e formas indistintas transformavam-se em equipamento de jardinagem e materiais de construção. Alguns utensílios enferrujados, algumas latas de tinta, um par de espreguiçadeiras com a lona bolorenta. Emboscado a um canto, coberto de teias de aranha, havia um cortador de relva motorizado. Alice abriu caminho pelo meio da confusão e subiu umas escadas que davam para um espaço inesperadamente claro e arejado, um sótão com claraboias de um lado que permitiam ver o caminho para o lago. Havia uma cama, um tapete a cobrir o soalho, um pequeno frigorífico e até, apercebi-me, uma placa elétrica.

— Julgo que é para os jardineiros. Não tenho a certeza. Seja como for, podes abrigar-te aqui. Não creio

que tenha muito pó.

— Obrigado.

— Há uma coisa: é que não podes andar lá fora. Desculpa, mas também não é suposto que convides ninguém para aqui, e há um sistema de segurança qualquer. Não percebo muito bem o que é. Câmaras. Não podes deixar que te vejam. Mesmo no bosque.

— Há câmaras no bosque?

— Ao que parece, sim. Volto depois para te trazer alguma comida. A seguir, não sei. Pensaremos no assunto.

Obedientemente, deitei-me e, quase de imediato, comecei a deslizar para um estado alterado, entre o sono e a vigília. Via Alice, incorpórea, com olhos, cabelo e tecido da máscara aos quadrados a pairarem sobre mim, como o Gato de Cheshire¹. Pus-me a pensar nas entregas que não tinha feito. Devia ter dito a Alice que não era preciso trazer-me comida: havia uma dúzia de sacos de artigos de mercearia a estragar-se na bagageira do carro. Talvez a empresa não considerasse que se tratava de furto. Acidentes acontecem. Telefonaria para dizer que estava doente. Prometeria que devolveria o que pudesse. Que pagaria o resto...

Depois vi-me de novo em Jackson Heights. Era tudo muito confuso, porque Alice também lá estava, não na casa, mas à minha espera, num lugar qualquer. Era urgente ir ter com ela, porque estava prestes a partir, mas não tinha a força necessária para o fazer. O sítio era uma desordem, ainda mais do que na vida real. Estava tão fraco que tive de me segurar à parede enquanto me dirigia para a casa de banho, embora no sonho a casa de banho não parecesse estar onde habitualmente estava, tendo eu dobrado a esquina de

um corredor com portas meio abertas. Beliches e jogadores de cartas. Augusto, sentado como um sapo contra a enorme cabeceira dourada da cama.

Aquela casa não tinha razão de existir, dentro ou fora de um sonho. Chegava-se até lá por um pequeno beco fétido que tinha, de um lado, uma lavandaria e, do outro, uma taberna, e acabava num pátio de forma irregular, uma cavidade intersticial atravessada por ratazanas e atingida por um quente ar químico proveniente do AVAC. Uma riscada porta de madeira envernizada que podia ter sido resgatada de um escritório dava para umas escadas atafulhadas de bicicletas que levavam a uma salgadeira de espaços maljeitosos, divisões obtidas a partir de outras divisões, cunhas e fatias, subdivisões abjetas. Havia habitualmente entre dez a doze de nós a viver lá, e as pessoas acabadas de chegar ocupavam as camas vagas dos que tinham partido. Os outros andavam quase todos pela casa dos vinte, e eram condutores de carrinhas de entregas, trabalhadores da construção civil. Eu era, de longe, o mais velho. Uma vez por semana, o representante do senhorio, um intratável jovem judeu hassídico, vinha receber a renda. Pagávamos todos em dinheiro. O mesmo jovem mostrou-me o espaço quando me mudei para lá, gesticulando vagamente, enquanto falava ao telemóvel concha. Também estava no sonho, sentado no lugar habitual na cozinha, perscrutando o espaço à volta, com aversão, enquanto um dos bengaleses discutia com ele por causa da sanita partida. Havia sempre qualquer coisa. Bolor ou baratas. Sabíamos que o lugar não estava construído de acordo com as regras, e o senhorio, julgo que era o tio do rapaz, sabia que

nenhum de nós diria uma palavra. *Qualquer confusão, olho da rua, se houver música, olho da rua, se o Augusto disser para fazer alguma coisa, é para fazer, senão o Yoni vai saber e, adivinha lá... olho da rua.* Augusto era um homem baixo e entroncado, que funcionava como uma espécie de encarregado, garantindo que as pessoas não faziam demasiado ruído e não usavam a casa para beber ou tomar drogas. Esse tipo de comportamento era sempre uma fonte de problemas. Muitos de nós trabalhavam por turnos e ficavam irritados se não conseguissem dormir. Não sei se Augusto trabalhava. A ociosidade dele parecia quase sobrenatural. Tanto quanto sabia, nunca saía de casa. Tinha um grande quarto nas traseiras, com casa de banho própria, e ficava lá sentado, a ouvir rádio baixinho, com a porta meio aberta, se tivesse de estar atento a alguém que precisasse de ameaçar, ou então com ela fechada a sete chaves.

No sonho, desisti e voltei para o meu quarto, um estreito cubículo com ladrilhos cor-de-rosa no chão e quadrados de espelho colados à parte de trás da porta. A minha cama estava como a tinha deixado — um emaranhado de lençóis húmidos sobre um colchão de espuma aureolado com embalagens de comida e garrafas de água. Deitei-me de novo, tossindo e arquejando, e, subitamente, era alta noite e não tinha voz. Não conseguia emitir qualquer som, por mais que tentasse. Queria gritar, mas a única coisa que fui capaz de fazer foi soltar um resmungo, um apelo murmurado a Bunchie, a única pessoa que me podia ajudar. *Tenho sede, Bunchie. Estás aí, Bunchie?* Bunchie era da Guiana e tinha tido pena de mim, quando fiquei doente. Eu arrastava-me até à porta, sob a qual enfiava dinheiro,

que Bunchie usava para me comprar comida, que deixava algum tempo depois do lado de fora do quarto. Estava-lhe muito grato, já que, de outra maneira, morreria de fome. Ninguém mais queria proximidade de mim. Agora era tarde demais, Bunchie tinha-se ido embora. Uma sinistra luz amarela infiltrava-se, a partir do beco, e alguém na rua estava a gritar em espanhol com um amigo, com o som matraqueado de um carro em ponto-morto a fazer zumbir as redes para mosquitos.

Não é possível fazer quarentena numa casa como aquela. Não há maneira de manter a distância. Bunchie responsabilizou-me quando adoeceu, como se tivesse apanhado a doença através da porta ou de outra maneira qualquer, em vez de ter sido por ficar a beber até tarde no armazém de salvados. Acho que deve ter contado a Augusto, porque, uma tarde, cerca de uma semana depois de eu ter ficado acamado, ele entrou no meu quarto. Estava deitado, a tremer e a esforçar-me por respirar, e tão ensimesmado que, durante uns momentos, pensei que ele estava mascarado e a caminho de uma festa. É claro que isso não fazia qualquer sentido. A que festa haveria de ir Augusto? Tinha encontrado algures uma velha máscara de gás do exército, e preenchia o espaço da porta com o enorme corpo grotescamente encimado por uma comprida cara de inseto de borracha, em que sobressaíam dois discos de vidro a servir de olhos. Era uma figura saída de um pesadelo, um mau lugar na minha psique, e por causa da máscara e da febre não fui capaz de perceber o que estava a dizer. Persistia em perguntar-lhe *O que é suposto que sejas, Augusto?*, e ele, irritado, saiu, regressou com uma antena de automóvel e fez como se

me fosse chicotear com ela. *Eu disse que tens de voltar para casa. Porque não ouves?*

Depois, no sonho, vi-me a guiar, no tempo do não tempo, tempo de pandemia, informe e sem direção. Enquanto ziguezagueava pelas ruas desertas, ouvindo a chiadeira do motor do velho carro, olhei para trás, perdido nas trevas. Augusto à porta do quarto. *Não pode ficar aqui, Tio Jay. Vai pegar a doença a toda a gente.* Bunchie estava atrás dele, Iqbal também. Iqbal ou Hamid, com um cachecol em xadrez a tapar-lhe a cara. Vigilantes, a correr comigo. Disse a Augusto que ficaria no quarto, que não sairia dele, cagaria num balde, o que fosse preciso. *Nada a fazer, amigo. O Yoni soube que apanhaste o c'rona, por isso quer-te daqui para fora já.* E fui parar ao passeio, fraco como um recém-nascido, com uma mochila e duas caixas de cartão com os meus pertences. Foi uma altura em que podia ter desistido. E foi isso que fiz, durante algum tempo. Fiquei sentado, passivamente à espera de que acontecesse alguma coisa.

Sentado no passeio, também estava a guiar em sonhos por uma Manhattan pandémica, percorrendo as largas avenidas vazias. O último homem na terra. Esperando, sem esperança, que a aplicação fizesse soar um alerta, que desse um sinal de que havia pelo menos outro sobrevivente, um passageiro que ocupasse o banco traseiro do meu carro. Olhei-me no espelho retrovisor e vi que já a tinha apanhado. Ela estava a fumar um cigarro eletrónico e a observar o telemóvel.

— *Olá, Alice.*

— *Devas ter ido para o hospital.*

— *Eu sei, mas é complicado.*

Sentado no passeio, a olhar para o céu. Cedo ou

tarde, a polícia havia de passar por ali e retirar-me. Os velhos drogados que estavam à porta da taberna fingiam ignorar-me, mas a energia deles estava secretamente a rastejar na minha direção. Pareciam caóticos — muletas, cigarros e máscaras ao redor do queixo, brigando, mostrando uns aos outros o que quer que fosse que havia nos telemóveis, toda a treta agitada deles —, mas aqueles tipos passavam dia e noite a tentar safar-se. *O que é que há nas caixas? Parece estar doente. Não podia fazer nada.* Por isso, embora as minhas pernas parecessem de manteiga, como Lázaro, peguei nos meus pertences e caminhei.

Tive de usar todas as forças para chegar ao carro. Inclinei o assento do condutor e recostei-me nele, com o coração a palpitar. Algum tempo depois, quando senti que tinha recuperado algumas forças, conduzi até sair da cidade. Não sabia para onde me dirigia. Sentia-me como um gato que se retira furtivamente para um lugar secreto, onde possa morrer. Tinha na cabeça uma vaga imagem de árvores. Ar fresco, um dossel verde, o som de cantos de pássaros. Não queria que a minha vida acabasse em Queens. Algures nos subúrbios, depois de ter divagado em pensamentos e quase ter abalroado um jipe, estacionei atrás de um centro comercial e adormeci, num estado de exaustão.

No sonho, tentei falar com Alice, mas ela não me conseguia ouvir. Estava enfronhada a ver um vídeo no telemóvel, e às vezes, quando olhava para trás, não era ela, mas uma das centenas de outras pessoas que tinha levado naquele carro. As ruas eram um mundo de jogo vazio, gerado apressadamente à medida que eu conduzia Alice para onde quer que ela fosse. Dava a ideia de que estávamos a seguir para o JFK, mas

acabámos por sair da BQE e fomos dar a um emaranhado de ruas desconhecidas, cheias de oficinas e lojas de mobília a preços reduzidos, e repentinamente estávamos a passar por pessoas que eu conhecia, Patrice e Oleg a caminho do trabalho numa padaria, Olu à porta do escritório de contabilidade, vestido como a Estátua da Liberdade, fazendo rodopiar o anúncio publicitário de cartão que carregava. Disse a Alice, Conheço aqueles tipos, mas ela não ergueu os olhos. Disse a Alice, Acho que isto dever ser o fim do mundo.

Tal como pensamos que recordamos a coisa que nos causa intoxicação alimentar, o marisco estragado, o sabor esquisito do frango, julgo que sei quem me pegou o vírus. Em meados de março, imediatamente antes de a cidade entrar em confinamento, algumas pessoas levavam o caso a sério, mas a maioria continuava a fazer tudo normalmente. Como estava a precisar de dinheiro, não tive outra hipótese senão trabalhar, mas tinha arranjado um frasco de desinfetante para as mãos, o último que havia na loja, e embora estivesse um frio de rachar, mantinha a minha janela aberta — facto de que alguns passageiros não gostavam. À porta de uma discoteca, apanhei um trio de raparigas que queriam ir para Inwood. Cabelo, saltos altos e bronzeadores, com vestidos de atar, de decote muito cavado. Estavam bem entradas na noite, rindo às gargalhadas e chateando-me para que ligasse o aquecimento, mudasse a estação de rádio, guiasse mais depressa. Uma delas tossia ao mesmo tempo que expelia fumo de cigarro eletrónico. Lembro-me de um borriço de gotinhas que lhe saía da boca. Mas como poderia lembrar-me? É apenas um artefacto, uma imagem que a minha mente encontrou

para a ansiedade que sentia.

Há pessoas, pessoas novas, que vivem em grandes casas, em pisos altos, e para elas o fim do mundo não importava porque já tinha sido atribuído um valor para o desastre. Devidamente resguardadas, sonhavam sonhos intemporais. Para os outros, para nós, não havia escolha. A história não parava por nossa causa. Aparecia de rompante.

Acordei e não sabia onde estava. Estava gelado, e as janelas do carro escorriam água, devido à condensação. Acordei na minha cama, ensarilhado em lençóis húmidos, no quarto de ladrilhos cor-de-rosa, a tossir e a chamar por Bunchie. Acordei em centenas de outros lugares, em todas as camas em que tinha dormido, em todas as diferentes qualidades de luz matinal e vespertina. Por fim, acordei no meio de um silêncio total, sabendo que não estava numa cidade, porque o quarto cheirava a madeira húmida e ouvia pássaros a cantar. Da cama, conseguia ver árvores altas e interroguei-me se, finalmente, teria acabado tudo.

¹ Personagem de Lewis Carroll. (*N. do T.*)

PUS AS PERNAS FORA DA CAMA e levantei-me com cuidado. Estava atordoado e com fome, mas já me sentia melhor. Decidi ir ao carro para rebuscar os sacos de artigos de mercearia que estavam na bagageira, mas quando cheguei ao fundo das escadas descobri um saco de víveres e uma mensagem de Alice que dizia que me encontrara a dormir, quando tinha chegado, e não quisera acordar-me. Havia algumas sanduíches embrulhadas em papel de alumínio, água engarrafada, analgésicos, papel higiénico, uma escova de dentes, desinfetante, máscaras novas. Peguei no saco como se fosse uma bomba. Passara muito tempo desde que alguém se desse ao trabalho de me preparar um pacote solidário.

Um dos cantos do celeiro tinha sido dividido com placas de gesso, e quando abri a porta, dei com uma casa de banho simples, mas funcional. Fui ao carro para ver se tinha lá alguma roupa lavada. Uma hora depois, estava lavado, vestido e barbeado, sentindo-me mais limpo do que nos últimos tempos, mas tão cansado que voltei a subir as escadas para me deitar. Adormeci quase de imediato; quando abri os olhos, a luz estava a diminuir e as árvores eram vagas formas escuras do lado de fora da janela. Fechei-os novamente e acordei numa nova manhã azul-esbranquiçada que cheirava a terra, a mistura de folhas e a madeira, de que exalava a humidade noturna.

Sentei-me na cama. Sentia-me débil, vazio e insubstancial, mas a minha cabeça já não latejava e

tinha a visão límpida. O catre na parte de cima do alpendre era a primeira cama digna em que dormia desde o dia em que Augusto me correra da casa de Jackson Heights. Quando se dorme num carro, está-se sempre em estado de ansiedade, à espera de uma pancada no retrovisor, uma lanterna, uma mão a forçar o fecho. Embora tivesse viajado muitos anos, tendo dormido em lugares estranhos ou hostis, sentira-me muito vulnerável. Com uma boa noite de sono veio uma torrente de emoções que tive dificuldade em controlar. Respirei fundamente, tentando combater as lágrimas.

No carro, enfiado no porta-luvas, estava um rolo de notas de vinte dólares. Tinha calculado que precisaria de trabalhar durante mais seis semanas até ter poupado o suficiente para fazer um depósito. Andava a pensar em Long Island, talvez arranjar um emprego de verão numa das cidades turísticas. Estava demasiado fraco para trabalhar na construção civil ou na jardinagem, ou em quaisquer outros trabalhos pesados que tinha tido no passado, e os meus recorrentes acessos de febre e mal-estar forçavam-me a pôr a questão a que sempre soubera que teria de responder, mais cedo ou mais tarde, sobre o que iria fazer quando já não pudesse manter fisicamente o meu modo de vida.

Em primeiro lugar, tinha de arranjar um quarto, um lugar onde ficar, para depois poder pensar no resto.

A título experimental, levantei-me e desci cautelosamente as escadas, pousando os dois pés em cada degrau como uma criancinha. Tomei um duche, agradecendo cada segundo de água quente. Uma vez que não tinha a certeza de quando seria capaz de arranjar melhor do que uns banhos públicos, queria lembrar-me da sensação, com o jato de água a bater-me

no pescoço e nos ombros, encharcando-me a nuca. Abri a bagageira e vesti-me, desejando ter tido a ideia de lavar alguma roupa. Teria secado durante a noite. Vasculhei os sacos das mercearias para procurar alguma coisa para o pequeno-almoço. Alguma da comida teria de ser deitada fora. Havia um frango inteiro, bocados de salmão, leite, tudo tépido. Cortei uns pedaços de pão e barrei-os com manteiga liquefeita, usando uma faca de plástico que tirei de um saco com talheres e pratos de papel, que tinha rapinado numa estação de serviço. Interroguei-me sobre o que deveria fazer com o resto. A maior parte era utilizável, mas a política da empresa era deitar fora tudo aquilo que fosse devolvido ao armazém, independentemente da razão. Havia caixotes do lixo gigantescos, cheios de artigos de mercearia em perfeitas condições, fechados a cadeado para que ninguém pudesse levar alguma coisa. Conhecia um condutor que tinha sido despedido porque resgatara comida. Quem sabe se não seria autorizado a manter o emprego se falasse com o meu supervisor e lhe propusesse pagar os prejuízos descontando nos meus salários.

Quando quis fazer a chamada, verifiquei que a bateria do telemóvel estava descarregada. Pus-me à procura do carregador e levei-o para cima, a fim de o ligar a uma tomada, sabendo que, quando o ligasse, estaria cheio de mensagens irritadas. Por isso, pu-lo de parte, desci e abri, com todo o cuidado, a porta do celeiro, apenas um tudo nada, mantendo-me a coberto dela, para ficar a resguardo da vista de alguém. Sentei-me com as costas contra a porta, respirei o ar fresco e fiquei a escutar os sons da mata, a ausência do intenso ruído branco da cidade, esse guincho nas margens da

percepção, composto por ar condicionado, fios de eletricidade, vibrantes luzes fluorescentes e a tensão de demasiadas pessoas apinhadas num espaço apertado.

Via uma vereda que serpenteava em direção ao interior da mata. Havia qualquer coisa de perfeito na solidão, a luz esverdeada que se filtrava pela abóbada de folhas. Sustive a respiração. Imaginei-me a subir a colina, enterrando os pés no musgo e no esquecimento. Em vez disso, fechei a porta do celeiro e preparei-me para voltar para a estrada. Limpei o lixo que estava acumulado na parte da frente do carro. O interior cheirava a uma mescla de suor e comida pré-preparada, odor mal mascarado por um ambientador com aroma de pinheiro. Mesmo que fosse aspirado e limpo a vapor, nunca mais o poderia usar para levar passageiros; a sujidade causada por semanas de ocupação pairaria para sempre nas bordas, nas borrachas vedantes das janelas e nos bolsos dos assentos, saturando os estofos. Embora o carro tivesse vinte anos, estava em perfeitas condições mecânicas, tendo valido o dinheiro que pagara por ele. Tinha cuidado dele meticulosamente, de modo que, ainda que não cumprisse as exigências impostas pelas empresas de carros de aluguer, nenhum passageiro se queixara. A minha classificação era boa. Se a pandemia não tivesse obrigado a suspender tudo, talvez tivesse sido capaz de fazer algum progresso.

Há uma ficção que parece ser uma exigência nossa, a de que uma pessoa seja substancialmente a mesma ao longo da vida — navios humanos de Teseu, com cada peça a ser substituída, mas, em termos essenciais, imutáveis. Somos menos contínuos do que fingimos ser. Há saltos, pontuações, súbitas reorganizações da identidade. Sempre tive objetivos, embora pudessem

ser daqueles que os outros são incapazes de compreender, mas, num dado momento, perdi contacto com a pessoa que os tinha definido. Se me tivessem perguntado o que estava a fazer, a entregar artigos de mercearia naquele sítio, teria apenas sido capaz de dar uma resposta superficial.

Limpar o carro foi uma tarefa cansativa, e fui descansar no espaço de cima. Deixei-me adormecer, para acordar já no escuro e ao som de uma voz que chamava por mim.

— Jay? Estás bem?

Sentei-me, com tonturas, e procurei uma máscara.

— Estou. Estou bem.

— Posso subir?

— Claro.

Ela subiu as escadas. Vestia roupas de desporto — leggings e um top de mangas compridas — e trazia o cabelo apanhado num rabo de cavalo que saía do boné. A máscara era de um laranja-ferrugem, como os sapatos. Observando este conjunto que combinava perfeitamente, interroguei-me outra vez sobre quem era esta mulher, em quem se tinha transformado. Quando vivíamos juntos, o principal exercício dela era caminhar para as lojas.

DURANTE UNS INSTANTES, trocámos umas palavras desajeitadas, como pessoas que se encontram numa festa aborrecida e procuram tirar o máximo partido da situação. Disse-lhe que estava a preparar-me para partir, que precisava de regressar ao meu emprego. Disse-me que não lhe parecia que estivesse em condições de saúde que me permitissem trabalhar.

— Não deve ser a primeira vez que isto aconteceu com um condutor. Telefona-lhes, resolve o assunto com eles.

— É um sistema automatizado.

— E depois? Devem ter pessoas.

Era difícil explicar-lhe. Alice era rica, habituada a interações em que era respeitada ou até cortejada. Nas raras ocasiões em que o estatuto dela não fosse reconhecido — por um funcionário ou um fornecedor de serviços —, isso seria, julgava eu, um ultraje memorável. Ser-lhe-ia difícil compreender que eu não tivesse qualquer relação com a empresa fora dos termos estabelecidos pela aplicação. Era assim que aquilo tinha sido concebido. Mesmo que se ficasse ao telefone durante horas até se conseguir falar com alguém que estava num afastado centro de atendimento, essa pessoa não tinha capacidade de decisão. Não era possível fazer apelo à humanidade de ninguém.

— Tens alguém à tua espera?

Hesitei, confundido pela mudança de direção da conversa.

— Não.

— Pronto, então.

— Não é assim tão simples.

— Só não percebo porque hás de ir embora daqui. Se estás a precisar de dinheiro, havemos de arranjar forma de resolver o assunto.

Levantou-se, parecendo estar irritada.

Quando conheci Alice, quis devorá-la. Quis exauri-la e exaurir-me, esgotar-nos até já não restar nada. Percebi, de uma maneira confusa, que aquilo que podemos ver de outras pessoas, aquilo que elas nos deixam ver, é apenas a parte do icebergue que está

visível sobre as águas. Quando era mais novo, pensava nisso como um repto, como um mistério a ser explorado. Tentava reflexivamente «entender» todas as pessoas que conhecesse. Gradualmente, o propósito deste mergulho em profundidade começou a tornar-se menos óbvio. Qual é realmente o interesse que se retira de entender as pessoas? O que se obtém com isso? Tentamos tocar-nos, mas é impossível.

Alice começou a descer as escadas e depois virou-se para mim.

— Se quiseres partir de manhã, vai ser preciso que eu venha abrir o portão. Tem código. Passo por cá, não sei ao certo, por volta das nove e meia, está bem?

— Claro que sim.

Hesitou.

— E para onde foste? Onde estiveste durante todos estes anos?

Encolhi os ombros.

— A viajar.

— Tens feito arte?

— Não tenho feito praticamente nada.

— Nem eu.

Olhei fixamente para ela, tentando perscrutar o que estava a dizer. A máscara impediu-me.

— O que é que fazes, Alice? Pensei sempre que estarias a escrever livros, a dirigir um museu.

Ela riu-se, com um pequeno mas claro som penetrante.

— Resolvo as trapalhadas do Rob. — Quebrou a troca de olhares. Apertando o pulso com os dedos da outra mão, rodou-o um par de vezes. Completada a sequência conhecida, voltou a olhar para mim. — E tu?

Fiquei desconcertado com o apertar de pulso e a

pergunta de beberete. Alice antes / Alice agora. Um curto-circuito. Demorei alguns momentos a responder.

— Limito-me a fazer aquilo que a aplicação manda.

Era para ser uma graça. A pausa que se seguiu foi quebrada pelo som do telefone dela.

— Estou? — Notei uma ligeira tensão na voz dela. Ao mesmo tempo que respondia, desceu alguns degraus. — Olá. Oh, vim só correr um bocadinho — disse, continuando a descer as escadas. — Sei que está escuro. Quis apenas sair da casa.

Eu era ainda um segredo para Rob. Tentei ignorar o pequeno choque de prazer que isto me deu. Não queria sentir nada, permanecer imutável. Em vez disso, umas engrenagens emocionais enferrujadas começavam a girar, e dei por mim a entrar numa órbita elíptica familiar.

A voz de Alice subiu asperamente de tom, perante uma pergunta qualquer.

— Meu Deus, o que quiseses que lá esteja! Vê no frigorífico, usa a tua imaginação.

ROB ESTEVE NA MINHA PRIMEIRA APRESENTAÇÃO na Faculdade de Belas-Artes. Mostrou os trabalhos dele mesmo antes dos meus. Enquanto se preparava, fixando umas pequenas aguarelas à parede, não lhe prestei muita atenção. Estava nervoso com a minha própria apresentação, em relação à qual alimentava grandes expectativas. Na noite anterior, acordado na cama, imaginei um cenário lisonjeiro — seria chamado à parte pelo tutor, que me diria confidencialmente que eu teria um belo futuro, etc. Estava cheio de impaciência para iniciar a minha brilhante carreira, e Rob não parecia ser um veículo prometededor para a execução de Grande Arte, por isso, fingi estar a olhar para uma coisa que tinha no meu portefólio. Rodeado por estudantes que exibiam sinais de boémia, todos remendos e ironia de pacotilha, ele distinguia-se pela elegância. Vestia umas calças de bombazina largas, tão novas que exibiam um leve brilho, um blusão de desporto que tinha provocadoramente apertado até ao queixo e um par de ténis brancos com atacadores grossos. Os olhos mal se viam, sob um chapéu branco de pescador.

No lugar de onde vim, chamava-se «informais» aos jovens que compravam roupas caras, acompanhavam o futebol e saíam ao sábado à noite para perseguir os góticos na High Street com navalhas e facas. Os informais de Essex não se vestiam como Rob. O visual dele era de Manchester, mas possuía essa elegância levemente espalhafatosa que tornava fácil distingui-lo das crianças da classe média que havia na sala, com as

calças rasgadas e o cabelo desgrenhado. Mantém-te impecável, costumávamos dizer. O que queria dizer que não devíamos deixar-nos desleixar, usar coisas velhas, coisas com buracos. Mas, igualmente, não percas o orgulho. Pensei, eu conheço-te. Sei de onde vens.

Os trabalhos que Rob apresentou nesse dia surpreenderiam aquelas pessoas que conhecem apenas as grandes telas chamativas que exibiu mais tarde, com os pingos e o empasto fluorescente. Seria difícil relacionar o pintor que veio a ser com o rapaz que fixou aquelas páginas rasgadas de um bloco à parede do estúdio. Eram naturezas-mortas, feitas com incrível modéstia e economia. Recordo uma de lixo de bolso espalhado numa mesa — um maço de cigarros, um bilhete de metro, moedas — executada com poucas camadas de tinta, que davam a cada objeto volume e presença reais.

— São estudos para trabalhos de maior dimensão?
— perguntou o tutor.

— Não — respondeu Rob. — Penso que estão acabados.

Quase não recordo quadros de Rob da época, mais tarde, em que nos tornámos amigos. Discutíamos teatralmente diante deles, agitando garrafas e cigarros, representando a nossa habilidade de pintar para quem mais estivesse no estúdio, mas desapareceram, caídos por uma grelha, na minha memória. No entanto, seja lá porque for, as pequenas aguarelas da primeira apresentação ainda por cá andam. Sou capaz de trazer cada uma delas à mente. É possível que, se as visse agora, não as achasse boas, mas nessa altura, naquela sala cheia de estudantes superatentos, causaram-me pânico. Acabado de chegar às Belas-Artes, a minha

pintura era pouco clara e insegura. Andava a esforçar-me por me soltar, mas não estava a resultar. Mais ou menos uma semana antes, numa daquelas horríveis festas do primeiro ano, em que toda a gente se senta no soalho e passa de mão em mão um charro húmido, uma rapariga de um internato qualquer tinha-me dito, falando com uma espécie de fala arrastada que não a obrigava a mexer a boca, que eu estava a esforçar-me demasiado para ser interessante e que seria muito mais se deixasse de me esforçar. Coisa fácil de dizer, para ela. Talvez ela fosse capaz de viver a vida não examinada. A minha apresentava-se como uma infinita árvore de decisão, uma corrida de obstáculos de escolhas difíceis e cansativas. Tinha tendência para ser obsessivo, e por isso era melhor que certas coisas estivessem perfeitamente padronizadas, retiradas da minha lista de coisas que me causavam preocupação. Devia ter bom ar, estar lavado e ter bom hálito, saber que os meus livros de arte estavam por ordem alfabética na estante. Então podia começar. Eu não era um informal, não gastava dinheiro em roupa desportiva cara. De facto, era o contrário — queria que as minhas roupas não dissessem nada, não significassem nada, mas queria ter uma aparência correta, segundo as minhas definições pessoais. Se não tivesse de me incomodar com um botão em falta ou uma camisa que estava demasiado larga ou demasiado apertada ou demasiado curta ou comprida, sentir-me-ia livre para conversar, sentar-me no chão sem tiques nervosos e comportar-me mais ou menos como alguém que faz parte do mundo.

Tinha aprendido a viver de acordo com as regras ditadas pela minha cabeça, mas isso era um problema

para o meu trabalho. Tudo o que fazia era limpo e perfeito, totalmente planeado antes de o pincel tocar na tela. As minhas pinturas e os meus desenhos eram abafados e estavam mortos, e eu estava farto de os fazer, o que queria dizer que estava, no fundo, cansado de mim. De modo que, uns dias antes da minha primeira apresentação, tive a ideia de ficar pedrado e de me pôr a fazer desenhos que fossem apenas uma forma de me sentir bem, compondo linhas e pontos que não se desviassem para passar pela minha cabeça. Agora, tantos anos depois, possuo as palavras que exprimem o que queria — uma linha que fosse direita à mão, para ser como um monge zen, a desenhar um círculo, tornando-se perfeitamente vazio, à medida que o pincel se move. Se tivesse tido conhecimento dos monges zen e dos círculos deles, nessas primeiras semanas nas Belas-Artes, talvez tivesse sido poupado a algumas humilhações, porque tinha saído muito dos carris. Tinha sido apanhado nessa experiência de compor pontos e linhas, tentando ser tão presente e expressivo quanto era capaz, porque não era isso o que se pretendia — a expressão de ideias próprias? O resultado foi uma floresta de incoerentes traços a lápis, alguns tão assertivos que tinham acabado por trespassar o papel, o que eu achava excelente, a prova de que estava a sentir qualquer coisa, provavelmente, uma coisa grandiosa e bela, calcorreando a estrada real, em direção à *Kunst*.

Pensei que tinha alcançado uma revelação. Então Rob levantou-se e mostrou os trabalhos dele, e eu percebi que era um tonto. Os meus desenhos eram histriónicos. Estava a patinhar no narcisismo, enquanto ele tinha encontrado uma linguagem criativa simples

para exprimir a sua experiência do mundo. Olhei ao meu redor, na expectativa de ver rostos inundados por um brilho de espanto. Uma ou duas pessoas disseram, sem grande convicção, que tinham gostado. Outras disseram «não terem sido tocadas» ou «não terem realmente percebido o que ele estava a fazer». O tutor, em cuja opinião todos nós confiávamos, parecia enfadado.

Rob agradeceu os comentários e guardou os desenhos numa pasta. Não mostrou qualquer tipo de emoção particular, embora mais tarde tenha descoberto que ficou tão irritado que quase tinha desistido e regressado a Manchester. À medida que pendurava os meus enormes rabiscos, senti-me tão envergonhado que quase não consegui abrir a boca para os apresentar.

— Fiz isto — disse. — É uma experiência. Não parece que tenha funcionado bem.

Tive de fazer um esforço de vontade para não sair da sala. O tutor, cuja pedagogia consistia normalmente em comentários sentenciosos e longos períodos de embaraçoso silêncio, veio em meu socorro, conduzindo a conversa durante o tempo aceitável, antes de passar ao estudante seguinte.

Estive algum tempo sem voltar a ver Rob. Não estava em nenhuma das minhas aulas, e durante um período tornou-se uma espécie de símbolo na minha cabeça, o genuíno artista, que habitava um plano superior ao de todos aqueles insensíveis exibicionistas que à minha volta competiam por obter atenção. Voltámos a encontrar-nos quando alguém me levou a uma festa numa antiga fábrica, em Hackney Wick. Isto foi anos antes de o processo de gentrificação chegar até lá, e um selvagem ecossistema medrava fora da ação da

garra dos construtores que estavam a começar a alinhar os canais com caixas de vidro e torres revestidas de plástico. O lugar era um labirinto, e acho que o proprietário tinha conseguido um desconto nos impostos por o ter arrendado a artistas, porque havia pisos inteiros do edifício que estavam subdivididos em baratos estúdios em perigo de incêndio. Sem saber porquê, acabei por me afastar da festa principal, onde havia uma pista de dança, e dirigi-me para outra unidade, para fumar haxixe. Lembro-me de uma parede coberta com papel de alumínio prateado e de uma enorme planta num vaso, uma espécie de pesada palmeira, como um espécime de uma estufa vitoriana. Enquanto me esparramava num flácido sofá em módulos, ignorando um tipo que estava a tentar falar comigo sobre *dub reggae*, olhei para o anfitrião, que tentava enrolar um charro na capa de um álbum. Levei uns segundos a ter a certeza de que era a mesma pessoa. No espaço de alguns meses, Rob tinha sacudido a pele de Manchester e emergido como um perfeito estudante de arte boémio. A roupa desportiva de marca desaparecera, substituída por uma espécie de aspeto *beatnick*, com uma camisola de marinheiro e calças de ganga pretas. Mais tarde, haveria de descobrir a permeabilidade de Rob, a habilidade de metabolizar, eficiente e rapidamente, cultura, para lhe decompor os açúcares e os utilizar para crescer. Já não possuía nada daquela desafiadora energia de desalinhado que tinha irradiado na apresentação, mas, apesar de falar facilmente com as pessoas que lá estavam, parecia muito tenso e impaciente.

Senti-me fascinado e bastante invejoso. Era este o meu ideal platónico da vida de artista, o mundo que

queria habitar. Como muitos estudantes, estava a desenrascar-me com um estúdio dividido em compartimentos, fornecido pela escola de Belas-Artes, e morava do outro lado do rio, num pequeno apartamento em decomposição, com quatro companheiros, respirando o mofo da humidade do papel de parede com fibra de madeira e batendo com força à porta da casa de banho, quando estava atrasado para as aulas, de manhã. De uma maneira qualquer, Rob tinha transcendido tudo isso. Uma vez mais, estava, sem fazer esforço, à minha frente. Disse ao tipo do reggae que tinha crescido essencialmente a escutar new wave e, enquanto ele tentava processar aquilo, afastei-me e passei o charro a Rob.

Começámos a conversar. Disse-lhe que gostava do estúdio dele, e ele ofereceu-se para me mostrar o espaço. Embora fosse contrário aos termos do contrato de aluguer, Rob estava a viver lá a tempo inteiro. Num pequeno cubículo, havia um chuveiro ligado a uma mangueira. Um canto tinha sido transformado numa caixa tipo sarcófago que guardava um colchão duplo discretamente resguardado na parte dos pés por um cortinado. Havia uma comprida mesa de trabalho carregada de livros e papéis, e uma cadeira giratória manchada de tinta diante de um cavalete. Uma pilha de telas estava encostada à parede de modo a que a parte pintada não fosse visível.

Mais tarde, descobri que, sob a serena superfície do lago, Rob estava a dar às pernas com tanta aplicação como todos nós, financiando a vida através de um complicado carrossel de favores, empréstimos e cartões de crédito. Era um sistema instável, sempre em perigo de colapsar: ao fim de um ano, haveria de se atrasar no

pagamento da renda e perder aquele belo estúdio. Eu teria ficado perturbado, mas ele pareceu quase não dar por isso. Foi sempre mais resistente do que eu, e nunca se preocupou com a possibilidade de deixar alguns destroços ao longo do caminho.

Não me recordo com exatidão porque decidimos ser amigos, mas em breve estávamos a passar os tempos de ócio um com o outro, engendrando uma espécie de número a dois que durou, esporadicamente, até bem depois da licenciatura, essencialmente até que Alice e eu nos trancámos. A minha relação com Rob foi sempre tempestuosa, equilibrada num fio de navalha de competição. Houve ocasiões em que não conseguíamos estar perto um do outro, mas voltávamos sempre a gravitar em conjunto, caindo ebriamente nos braços um do outro, num bar ou numa galeria, irmão há muito perdidos, camaradas, parceiros de droga. Tínhamos ambos energia, ele mais do que eu, que gostava de apanhar umas pedradas e ficar acordado toda a noite, mas cedo ou tarde sentia necessidade de dormir. Rob era capaz de começar na sexta-feira e continuar a bombar na tarde de sábado, de olhos esbugalhados e a ranger os dentes.

A coisa que mais profundamente nos unia, mais do que o nosso gosto por pregar partidas ou a nossa necessidade compulsiva de ficar até ao fim de cada festa, era a pintura. Embora a escola de Belas-Artes que frequentávamos fosse célebre por desdenhar as ideias tradicionais sobre o meio e o ofício, ambos queríamos ser pintores. Não era sermos artistas, era sermos *pintores*. Estávamos apaixonados pela desordem e pelo machismo da pintura, e éramos demasiado jovens para saber que lugar-comum tudo isso era. Mais ou menos

um ano depois da nossa primeira apresentação, o trabalho de Rob sofreu uma transformação. Quando mo mostrou, pouco depois da festa no estúdio, tive de esconder um choque de desapontamento. O delicado aquarelista tinha saído de cena, tendo sido substituído por um ruidoso pintor abstrato da escola nova-iorquina, mais ou menos preservada em âmbar desde 1955. Rob considera essas pinturas registos das suas energias vitais, ou coisa do género. Usava tinta de parede, fazendo grandes manchas intercaladas com pinceladas trabalhosas e sombreados. O grande objetivo de vida que perseguia era ser capaz de disparar uma caçadeira contra os quadros. Durante algum tempo, foi também este o tipo de coisa que suscitou o meu interesse. Colocávamos telas no soalho e rolávamos de um lado para o outro. Espremíamos tinta de trapos, fazíamos buracos em latas e esguichávamo-la com pistolas de água. Numa dada altura dessas grandes noites, aproximávamos muito as caras e berrávamos sem palavras um para o outro, como se quiséssemos confirmar que estávamos a gerar energia, a viver no meio da ação.

OS DIAS SUCEDERAM-SE NO CELEIRO. Permiti-me perder a noção do tempo. Adormecia e acordava, e quando estava acordado, deixava-me ficar deitado, a ouvir os pequenos sons do mundo: o vento nas árvores, o chamamento das aves, os vários farfalhares e estalidos do celeiro, tudo me parecia milagroso, tão perfeito e fugaz como a ondulação num lago. Comi um pouco. A bateria do telemóvel estava carregada, mas não o liguei. Às vezes, descia as escadas e dava com um cesto de vime com coisas úteis e uma mensagem de Alice, escrita num pequeno cartão de papel artesanal, metido num sobrescrito a condizer. Estas mensagens nunca diziam muita coisa. Esperava que estivesse a recuperar as forças. Voltaria no dia seguinte. Uma vez, escreveu *Não desapareças!* Nos raios de sol poeirentos do sótão, o desaparecimento não parecia ser impossível. O mundo tinha contornos suaves, era uma reprodução de si mesmo, amarelado e com vinheta. Onde quer que estivesse, estava muito longe.

De noite, sonhava que conduzia através da cidade pandémica, mas nunca confundi as montras escurecidas e as pontes desertas com a realidade. Numa Times Square despovoada, letreiros gigantescos irradiavam mensagens ilegíveis, no silêncio, mas não abrandava para as ler, porque sabia que não eram para mim.

No terceiro ou quarto dia, comecei a sentir-me mais restabelecido. Encontrei um balde de plástico e lavei as minhas roupas, que pus a secar numa corda, que estiquei do meu carro até um prego na parede do

celeiro. No duche, enquanto o fino jorro de água me caía no pescoço e nas costas, senti-me presente no meu corpo daquela maneira que se nota apenas quando se está a recuperar de uma doença. Quem me dera poder dar um passeio. *As câmaras de vigilância nas árvores.* Começava a sentir-me um pouco encurralado, oprimido pela humidade do celeiro, a aura de negligência. Sentava-me perto da porta para observar ansiosamente a vereda que conduzia ao interior da mata. Estava a fazer isto, encostado a uma parede, e acho que comecei a dormir. Acordei sobressaltado pelo ranger da porta.

— O que estás a fazer?

Alice estava à entrada, com a roupa de desporto, a máscara laranja-ferrugem que condizia com as riscas dos sapatos. Procurei de imediato uma máscara nos bolsos. Esperou que eu a pusesse e depois entrou.

Um silêncio começou a formar-se ou a congelar à nossa volta, tornando o ar mais denso. Havia tristeza nela, um desgaste que não era físico.

— Trouxe-te algumas coisas — disse ela, tirando das costas uma pequena mochila. — Sinto-me como uma espia. Tive de esconder as coisas fora de casa, para que ninguém me visse a sair com um saco.

— Desculpa.

— Não estava a tentar que me pedisses desculpa. Era uma graça.

Nesse preciso momento, ouvimos o som de passos na gravilha. Alguém estava a subir a vereda a correr, vindo do lago. Alice praguejou e empurrou a porta do celeiro, para a fechar.

— Esconde-te — sibilou, em surdina.

Movemo-nos até ficarmos escondidos. O som dos passos de corrida tornou-se mais nítido, até se

desvanecer.

— O que está ela a fazer? Não sabia que vinha correr para este caminho.

— Quem?

— A namorada perfeita do Marshal.

Espreitou cautelosamente para a rua.

— É capaz de também descer por este caminho, mas espero que não. Pode dar a volta pelo lago.

Deu uns passos nervosos e verificou qualquer coisa no smart watch. Perguntei-lhe se queria que me fosse embora. Disse-lhe que já me estava a sentir melhor. Não queria arranjar-lhe problemas.

— Queres ir-te embora?

— Não posso ficar aqui escondido para sempre.

Alice suspirou.

— Só cá estamos quatro. O Rob está quase sempre a dormir no sofá do estúdio. A Nicole, a tal namorada do Marshal, e eu corremos, mas nunca juntas, e o Marshal faz caminhadas para telefonar. Quero dizer, nestes hectares todos. Acho que é ridículo não poderes sair do celeiro. Mas o Marshal diz que o Greg se preocupa muito com a possibilidade de haver gente estranha na propriedade. E percebe de tecnologia, por isso, o sistema de vigilância é muito avançado.

— Se calhar, já sabe que estou cá.

— O Marshal diz que ele consegue ver tudo.

— Porque estão aqui?

— Lembrei-me agora de que nunca gostaste de ser vigiado — disse, e depois encolheu os ombros. — É para que o Rob possa pintar.

— Foi por isso que vieste para cá?

— E porque ele tinha medo de ficar doente. Eu também não queria ficar na cidade. Aquela coisa do

vírus chinês. Com ácido a ser atirado à cara das pessoas. Não me sentia em segurança, quando andava na rua.

Percebi que ela estava prestes a fazer-me confidências, mas não tinha a certeza de querer que o fizesse. Trocar intimidades com Alice trazia uma sensação de risco, como caminhar num lago gelado.

— Portanto, pode ser que o Rob esteja neste momento a fazer algumas pinturas que o Marshal já pagou, ou talvez estejam a snifar coca e a bater no peito. Quem sabe?

Incapaz de arranjar uma boa resposta, deixei que o silêncio voltasse a cair. Alice suspirou.

— Por isso, o que estou a dizer é: fica. Fica, porra. O Rob não sabe que estás aqui, sendo certo que isso seria um problema para ele, mas é coisa que não me preocupa.

— É mesmo isso que pensas?

— É claro que sim. Fico acordada a pensar que nunca me perdoaria se te deixasse partir sem... Quero dizer, teres aparecido aqui? Assim do nada? Qual é a probabilidade?

— Não me parece possível.

Por momentos, vi nos olhos dela como processava a verdade daquela ideia. Qual era a probabilidade, a hipótese de nos voltarmos a encontrar? Observou-me com um olhar inquisitivo. *Conheço realmente este homem?*

— Muito bem. Então, está decidido.

Fiquei a ouvir os passos dela que se afastavam, na gravilha.

Voltou a aparecer no dia seguinte. Embora já fosse manhã, tinha acabado de acordar e começado a vestir-

me, mas parei, como muitas vezes acontecia, perdido no nevoeiro pós-Covid. Ela encontrou-me sentado na cama, em cuecas, a olhar vagamente pela janela.

— Oh, desculpa.

Devia ter subido as escadas muito silenciosamente, ou talvez eu estivesse tão embrenhado nos meus pensamentos que tivesse deixado de estar consciente do que me rodeava. Deu meia-volta, representando a disponibilidade de descer as escadas, se eu precisasse.

— Não tem mal — disse eu, enquanto estendia a mão para a minha máscara.

— Não a ponhas.

Fiquei surpreso. Estarmos com máscara tinha dado às visitas dela uma espécie de decoro. Permanecíamos com máscara e socialmente afastados. Era uma maneira de contrabalançar a estranheza onírica do que se estava a passar entre nós.

— Que horas são?

— Pouco depois das oito. Como te sentes? — disse ela, consultando o telemóvel.

— Estou bem, acho eu. Melhor.

Não era capaz de a olhar nos olhos. Sabia que ela estava a observar o meu corpo, os nós e as cicatrizes. Sentia-me como um epilético prestes a sofrer uma crise provocada por uma luz estroboscópica. Nova Alice / Antiga Alice, Novo Jay / Antigo Jay. A familiaridade de alguém que não se vê durante muitos anos é um pequeno milagre. Transforma-se a linha reta do tempo num plano, uma paisagem na qual, por um razoável período, é possível movermo-nos em qualquer direção. A única forma de dispersar a tensão era focar-me na voz dela, naquela voz com sotaque americano que dizia *pouco depois das oito, como te sentes*, porque, se o

fizesse, podia pensar nela como alguém que nunca tinha conhecido.

Permaneceu de pé, a olhar para mim, com os olhos semicerrados, como se eu fosse uma passagem difícil de um livro.

— Posso tirar a minha?

— Como?

Riu-se e apontou para a máscara.

— Parece-me uma injustiça, se não o fizer.

— Com certeza — disse, tentando esconder a minha confusão.

— Não te mostres horrorizado quando vires a minha cara.

Levantei-me. Por alguma razão, o clima tornara-se formal, cerimonial. Ela soltou os elásticos da máscara. Sentia-me como um noivo.

Aos vinte e cinco anos, Alice era uma fumadora empedernida, e não comia nem lavava o cabelo. Snifava cetamina à tarde e sentava-se no sofá em roupa interior ruça e T-shirt manchada de molho de soja, a ver concursos na televisão. Aos vinte e cinco anos, Alice tinha um ar pálido e macilento, uma criatura noturna captada pelo flash de um fotógrafo de vida selvagem. Agora, os anos passados tinham-lhe cavado as faces e desenhado finas linhas ao redor da boca. Havia qualquer coisa de austero nela, uma coisa conclusiva, acabada, como se um processo que mal tinha começado quando nos conhecemos estivesse agora concluído. Ela olhava para mim, à espera da minha avaliação.

— Estás na mesma — disse-lhe.

ROB GRACEJOU UMA VEZ, de um modo bastante desagradável, sobre a canção ter que ver com ela, o êxito indie pop sobre a rapariga da escola de Belas-Artes que quer fazer aquilo que as pessoas normais fazem. Isso era injusto para Alice, mas era bastante verdadeiro para que achássemos graça. Cedo ou tarde, os filhos dos ricos denunciavam-se. Podia ser heroína, piercings, roubos em lojas, sexo — aquilo que pudesse escandalizar mais eficientemente os pais. Estavam todos desesperados por se desgraçarem, e os verdadeiramente ricos levavam sempre as coisas demasiado longe, porque era para isso que lá estavam. Não pelo divertimento, que era fácil de obter. As cicatrizes. A família de Alice era rica e infeliz, e ela parecia estar a estudar em Londres para se livrar da mãe, que considerava aceitável para uma rapariga ser artística, mas apenas de uma maneira ornamental.

Alice devia ter canalizado os interesses dela para o curso de História da Arte. Isso teria sido respeitável. Arranjaria um empregozito numa leiloeira. Em vez disso, perdeu-se em East End, a tentar arranjar cicatrizes. Nesses tempos, a zona oriental de Londres era barata. Uma combinação da indústria vitoriana e da Luftwaffe tinha criado uma paisagem urbana cheia de brechas estranhas e lugares escondidos, vielas e armazéns ao estilo vitoriano, pátios e quintais, terraços. Lembro-me de uma sala nas traseiras de uma loja de kebab onde se podia beber cerveja de lata à temperatura ambiente, às quatro da manhã, e ninguém

pestanejava se se snifasse uma linha de coca em cima da mesa. Podia-se sair para a noite e acabar no telhado varrido pelo vento de uma torre de apartamentos ou atirado da bicicleta para o canal, pela London Field Crew. Havia pubs que tinham raparigas a fazer *striptease* à hora de almoço, que se contorciam no tapete encharcado de cerveja e depois faziam um giro pela sala, com canecas de cerveja vazias, para recolher dinheiro. Havia o mercado de sucata onde, se nos levantássemos cedo, poderíamos voltar a comprar a bicicleta que nos tinha sido roubada na noite anterior. Havia um bar na sala da frente de alguém, e um bar onde se podia comprar drogas através de uma portinhola metálica ao lado da máquina de cigarros, e um bar jamaicano com uma bola de espelhos por cima de uma pequena pista de dança, onde, uma vez, meio bêbedo, me deixei apalpar por um par de senhoras maduras que me queriam levar de volta para Tottenham, para uma esfrega com óleo de coco. *Bagunça* era uma palavra que usávamos. *Que tal foi a noite passada? Uma bagunça.*

Rob e eu conhecemos Alice ao mesmo tempo, numa festa privada, num pub, em Shoreditch. Era uma daquelas degradadas espeluncas de estilo revivalista Tudor, numa das ruas secundárias, um naco de mau gosto dos anos de 1920, rodeado por blocos de apartamentos municipais de renda controlada, construídos no pós-guerra. O senhorio já sabia que tinha perdido o direito ao arrendamento, e por isso estava a tentar sair com estrondo, antes de o estabelecimento ser também convertido em apartamentos. Parecia uma taberna *hobbit* de má fama, e estava habitualmente mais cheia depois do fecho do

que nas horas legais de abertura, o que deveria ser uma situação difícil para a vizinhança.

Ele e eu estávamos a tentar remediar uma desavença. Tínhamo-nos zangado na altura da mostra de licenciatura, e, no ano que se seguiu, vimo-nos cada vez menos, cumprimentando-nos com um aceno de cabeça, quando nos cruzávamos, ao abrir caminho pelo meio de multidões, em inaugurações, erguendo aos céus as nossas garrafas de cerveja artesanal. Quando nos encontrávamos numa festa privada, evitávamos falar das nossas carreiras e dizíamos piadas um ao outro, o que me lembrava até que ponto gostava dele. Apanhar uma pedrada e ter uma aventura foi sempre a maneira de nos ligarmos, pelo que concordámos que nos deveríamos encontrar.

Tínhamos passado a noite com um grupo de amigos, mas já não me recordo quem eram. Era uma noite razoavelmente normal, que se iniciara com uma série de inaugurações, antes de descermos a colina. Por uma razão qualquer, todas as galerias tinham o mesmo patrocinador em matéria de bebidas alcoólicas. No exterior, havia colaboradores que enchiam baldes enormes com gelo e água, onde enfiavam garrafas da mesma marca de cerveja, e bebíamos até esvaziar os baldes, para depois sairmos de lá quase sempre para comer em restaurantes vietnamitas ou para beber num dos bares que estavam a abrir em redor da Hoxton Square. Nessa noite, tínhamos ido parar à casa de alguém, em Dalston. Rob e eu não estávamos cansados, provavelmente porque estávamos sob o efeito de uma coisa que me tinha sido vendida como sendo MDMA. Se calhar não era, mas que estava a fazer alguma coisa, estava, de modo que, quando os outros se foram deitar,

nós montámos nas nossas bicicletas e serpenteámos através das escuras ruas vitorianas, a caminho de The Conqueror.

Quando pedalávamos incertamente pela estrada de Kingsland, comecei a sentir a garganta apertada e a luz dos candeeiros a encandear-me. Ao princípio, o proprietário não nos queria deixar entrar no pub, mas depois um grupo de pessoas saiu e nós esgueirámo-nos para uma sala a abarrotar de bebedores que falavam aos gritos, no meio de uma névoa de suor e fumo de cigarros. Havia um ou dois jovens artistas, mas aquele lugar não era para nós, ou era menos para nós do que para outras subculturas que coexistiam com a nossa: brancos mais velhos com tatuagens e camisolas de clubes de futebol, raparigas de aspeto desmazelado que bebiam com os supostos namorados antes de eles serem enviados de volta para os armazéns atrás de Brick Lane. O ambiente era volátil. Toda a gente estava espevitada por misturas baratas e pela terrível cocaína londrina, snifada a partir de chaves ou dividida no cubículo sem porta da fétida retrete do pub. Estava prestes a sugerir a Rob que nos fôssemos embora, mas tive uma espécie de sexto sentido que me alertou para o facto de que alguma coisa se iria passar, por isso, permaneci lá, segurando uma caneca intacta, oscilando, atordoado, no meio da multidão, com Rob a fazer o mesmo ao meu lado, até que fomos sugados para a órbita de uma discussão que se converteu subitamente numa briga. Uma jovem estava a acusar um homem de a ter apalpado, aproveitando o aperto. Ele mandou-a calar e chamou-lhe puta. Ela atirou-lhe uma bebida à cara e eu levei com alguns salpicos. Antes de eu dar por isso, ela estava a chamar-lhe pervertido e picha mole, com um

forte sotaque francês, e ele a praguejar igualmente contra ela, naquilo que me pareceu ser polaco, tentando atingi-la a murro por cima do meu ombro, quando me meti entre os dois. Não era o género de estabelecimento que tivesse segurança, mas alguns dos frequentadores habituais entraram em ação, e cerca de trinta segundos depois, Rob e eu estávamos na rua, com um homem que tinha um bocado de cano na mão a chamar-nos cabrões, enquanto dois amigos dele perseguiam o polaco rua abaixo. Estava suficientemente pedrado para ter experienciado tudo aquilo numa espécie de imagem parada e desfocada, e lembro-me de ter murmurado desculpas e feito gestos de apaziguamento até o homem se cansar de nos atirar ameaças.

— E podem levar essa pega convosco.

— Vai-te foder — chilreou uma voz perto dos meus pés.

— Vai-te foder? — rosnou o homem do cano, avançando.

A rapariga levantou-se. Tinha o rosto escondido por uma cortina de cabelos pretos e equilibrava-se com dificuldade num par de botins brancos de salto alto.

— Vamos embora — disse Rob, enquanto a agarrava pelo pulso, para a tentar arrastar.

— Tira as mãos de cima de mim.

Ele não a soltou até a ter levado para o outro lado da esquina, e mesmo aí ela mergulhou na direção do pub, como se quisesse voltar a atacar e a dar murros.

— Por amor de Deus, larga.

Ela desceu a rua a gritar que havia de matá-lo e a olhar ao redor, nervosamente. Não faltaria muito para que um vizinho impedido de dormir telefonasse à polícia.

— Sentes-te bem? — perguntei-lhe.

— Vai-te foder. Sei o que querem. Por isso, vão-se foder, está bem?

Afastou o cabelo da cara e vi que tinha as faces ruborizadas e o rímel esborratado em diagonal, na testa. Parecia um Franz Kline. A adrenalina estava a acelerar por causa do que tinha tomado e perscrutei as trevas dickensianas, interrogando-me sobre quem estaria a observar, sentindo que as pernas se estavam a transformar em geleia. Perguntei-lhe se os amigos ainda tinham ficado no pub. Ela estava a mostrar dificuldade em se concentrar. E eu também.

— Já se foram embora. Sacanas.

— Vá lá saber-se porquê — murmurou Rob.

— Vai-te foder.

— Como é que vais para casa?

— Não tens nada que ver com isso, porra.

Deu meia-volta nos saltos altos e começou a descer a rua a cambalear. Segui-a instintivamente, mas Rob impediu-me de continuar.

— Deixa-a. Ela vai ficar bem.

— Não vai, não. Olha para ela.

— Ela não quer que a ajudes.

— É só um minuto.

Dei uma corrida atrás dela, para lhe dizer que estava no caminho errado. Ofereci-me para a meter num táxi.

— Não quero ir para casa contigo. Nem com o teu amigo feio.

— Não te estou a propor isso. Há uma praça de táxis ali adiante.

— Sacana. Só quero ir dormir.

— Como queiras. Mas não o faças aqui.

Olhei à volta, à procura de Rob, que caminhava um

pouco atrás de nós, com as mãos enfiadas nos bolsos. Dei uma corrida até ele, para lhe dizer que a ia acompanhar até uma praça de táxis. Encolheu os ombros e fingiu estar a pedalar, dirigindo-se para o sítio onde tínhamos deixado as nossas bicicletas. Julguei que se encontraria connosco, mas nunca apareceu. Foi a última vez que o vi, nessa noite.

A praça de táxis ficava na estrada principal, localizada entre um clube de striptease e um restaurante de comida para fora. No exterior, os condutores estavam encostados aos carros, a partir pistácios cujas cascas atiravam para a sarjeta. Olharam-nos de cima a baixo, quando passámos. O escritório da praça de táxis era minúsculo e nu, tendo apenas o espaço suficiente para eu ficar de pé diante de um balcão e falar com o expedidor através de um painel de plástico gasto. A rapariga encostou-se completamente ao meu ombro.

— Para onde é que vais? — perguntei-lhe.

— Knightsbridge.

— A sério? — Sempre pensei em Knightsbridge mais como um armazém de capital do que um bairro. Nunca tinha realmente encontrado ninguém que lá vivesse. Era do outro lado de Londres, uma corrida de táxi bastante cara. O expedidor referiu um valor. — Tens dinheiro que chegue?

Ela disse qualquer coisa pouco clara, que considerei ser um sim, e fiz ao expedidor um sinal positivo através do plástico leitoso. Ele chamou por alguém e apareceu um condutor vindo de uma sala nas traseiras. Devia ter cerca de cinquenta anos, um nativo do Bangladesh bem constituído, de barba ruiva e calças devotamente acima dos tornozelos. Olhou para a rapariga com um ar

cético.

— Se ela vomitar no meu carro, vai ter de pagar cinquenta libras para eu o mandar limpar, companheiro.

Está bem, disse eu. Não era problema meu. Já tinha feito a minha parte. Eu ia atirá-la para o banco de trás, ir à procura de Rob e depois talvez voltar para casa dele, para beber qualquer coisa ou deixar dissipar o que quer que tinha sido que havíamos ingerido.

— Vai com ela?

— Não.

— Desculpe lá, companheiro, mas não a posso levar sozinho. Veja o estado em que está.

Olhei para ela. O taxista olhou para ela. Era difícil não estar de acordo com ele. Ela estava tombada contra mim, quase inconsciente. Praguejei baixinho.

— Não a pode levar?

— Nem pensar, companheiro.

— Está bem — disse eu. — Como queira.

Empurrei-a para dentro do carro e dei a volta para entrar pelo outro lado. O taxista observou-a atentamente, meio tombada no chão do táxi.

— Há um saco de plástico na bolsa do assento.

— Está bem.

— Está a vê-lo?

— Sim, estou a vê-lo.

— Cinquenta libras.

— Já tinha ouvido.

— Não a devia deixar chegar a esse estado. Não faz bem à saúde.

— Não tenho nada a ver com isto, mano.

E seguimos noite dentro. Observei o exterior pela janela, com olhos congestionados, tentando focar o

olhar, com a minha pedrada a começar a fraturar-se em cansaço. A rapariga parecia estar a dormir. O cabelo tinha deixado de lhe tapar o rosto, e, agora que não estava a resmungar, era quase bonita. Observei-a durante a nossa corrida por meia Londres, com a droga a enviar-me arrepios pelo corpo. Senti um forte desejo de lhe tocar, de lhe acariciar o rosto. Acordou nas proximidades de Holborn e perguntou-me para onde íamos. Knightsbridge, respondi.

— Porquê?

— Porque haveria de ser?

— Não quero ir para lá.

— É onde me disseste que vivias.

— É segredo — disse ela, voltando a adormecer.

Acordei-a quando passámos a esquina de Hyde Park, e, depois de uns minutos de resmungos, deu uma morada ao taxista. Pouco depois, parámos em frente de um elegante bloco de apartamentos de tijolo vermelho, o tipo de lugar com arbustos aparados na entrada. Com uma rapidez surpreendente, ela abriu a porta do carro e saiu a cambalear. Disse-lhe que tinha de pagar ao taxista, mas ela entrou no edifício sem falar nem mesmo olhar para trás. Um minuto antes, estava a dormir ao meu lado no táxi, e agora tinha desaparecido. Houve um longo e significativo silêncio. O taxista observou-me pelo retrovisor, com uma mão pousada no puxador da porta.

— Não se preocupe. Não vou fugir. — Ficou um pouco mais descansado. — Mas não tenho dinheiro suficiente.

Após alguma negociação, o taxista levou-me a um banco perto de Marble Arch, para eu sacar algum dinheiro da máquina. Depois foi-se embora, deixando-

me à espera do autocarro, ao frio. Cheguei a casa ao romper da manhã, exausto e amargurado, mas, mesmo assim, incapaz de adormecer.

Pensei que nunca mais veria a rapariga, até porque não queria. Nem uma palavra amável me tinha dito e obrigara-me a gastar trinta libras que me faziam falta. Quando contei a Rob o que tinha acontecido, ele encarou a situação como se fosse uma coisa muito divertida. Eu bem sabia que ela era um problema, disse, mas tu não me prestaste atenção.

Cerca de um mês depois, fui a uma projeção numa sala, na Hoxton Square. A noite estava chuvosa, e sentei-me no meu lugar tentando não molhar quem estava sentado ao meu lado, ao tirar o chapéu e o casaco. Nesse momento, uma rapariga inclinou-se para diante, na fila de trás. Era uma desconhecida, uma loira de nariz arrebitado, que trazia vestido um blusão de motociclista.

— Desculpa — disse ela, com o distinto sotaque de quem pertence a boas famílias. — Sei que isto pode parecer um bocado estranho, mas estiveste numa festa privada, no Conqueror, há umas semanas?

— Talvez.

— A minha amiga quer saber se foste tu quem a levou a casa.

Olhei para a amiga e vi a rapariga da festa, ou melhor, alguém que podia ser irmã ou prima dela. A pessoa que eu tinha ajudado, no exterior do pub, era uma desgraça, zangada e descontrolada, enquanto esta era séria e de uma beleza glacial, e ocupava o lugar com uma espécie de ar infinitamente descontraído, numa posição que dava a impressão de que estaria quebrada, como se o bonecreiro tivesse cortado os fios.

— Como é que me reconheceste? — perguntei, surpreendido por ela conseguir lembrar-se de alguma coisa.

— Estive na inauguração da tua exposição na Jago Purvis — respondeu, com ar mortificado.

Na altura, um ano depois de ter saído das Belas-Artes, a minha carreira tinha começado a arrancar. A mostra tinha acontecido numa galeria em Hoxton. Era uma instalação, uma espécie de encenação constituída por lixo recuperado. Havia uma moldura de madeira que sustentava um conjunto de portas envidraçadas, um par de urnas de betão. Tencionava ser um tipo de esboço tridimensional de um pátio ou de um terraço. Para lá da porta havia um espaço acanhado, no qual, na inauguração, eu tinha permanecido de costas para a sala, a olhar para um canto, onde estava um postalzinho do estuário do Tamisa, que pregara na parede. Havia uma coluna de som escondida numa das urnas. De vez em quando, uma voz feminina ecoava na galeria, dizendo: «Está tudo bem. Ele saiu.»

Fiquei perplexo.

— Foste ver isso? És artista?

— Eu sou... quero dizer... quero ser curadora.

— E eu estou na promoção artística — disse a amiga, que obviamente não se queria deixar ofuscar.

— Tens um ar diferente. — Fez um gesto com a mão perto da cabeça. Sabia ao que ela se referia. Tinha deixado crescer o cabelo, que atava com um cachecol. Sempre me custara introduzir um toque de ousadia no meu aspeto, mas deixar o cabelo crescer também fora um alívio, uma maneira de acabar com anos de barbeiros brancos hostis a rapá-lo por não saberem o que fazer com ele. A rapariga respirou fundo. —

Desculpa — concluiu, fazendo uma careta, como se lhe fosse difícil fazer o pedido. — Não estava nos meus melhores dias.

— Espero bem que não.

Lançou um olhar penetrante, medido a extensão do meu sarcasmo.

— Não é meu hábito beber.

— Não te estou a julgar.

Sorriu e estendeu-me a mão.

— Chamo-me Alice.

— Jay.

Jay e Alice. Alice e Jay. Charlotte («Trata-me por Charlie»), a amiga de Alice, parecia entusiasmada por estar a desempenhar um papel secundário no nosso pequeno drama. Precisamente nesse momento, as luzes começaram a apagar-se para se dar início à projeção.

— Falamos no fim — sussurrou Alice, apertando o meu ombro.

Tentei concentrar-me no programa, um vídeo artístico de uma hora, da década de 1980, fitas esborratadas de um trabalho experimental que exigia um tipo de atenção que eu não era capaz de dar. A única coisa em que conseguia pensar era na pressão da mão de Alice no meu ombro, na maneira levemente animal que ela mostrara enquanto falávamos, como se estivesse a decidir se devia ou não morder.

Depois da projeção, Alice e Charlie propuseram-me que jantasse com elas. Fomos a um restaurante que tinha aberto perto dali, não um daqueles lugares turcos ou vietnamitas baratos que eu frequentava habitualmente, mas um clube requintado, com DJ e licença para estar aberto até tarde, uma armadilha para apanhar o dinheiro recente que tinha começado a fluir

para aquela zona de Londres. Passámos por um porteiro e entrámos no que parecia ser o cenário de um vídeo de *french house*, com luz no pavimento em xadrez, mobília *space age* e um candelabro imponente teatralmente pendurado no teto. A clientela era mais velha do que nós e estava vistosamente vestida, rapazes urbanos saídos da zona de conforto da City, gente da economia criativa. Senti-me de imediato embaraçado, sabendo que iria ter problemas para pagar. O meu constrangimento deve ter sido óbvio, porque Alice deu-me uma palmadinha no braço.

— Não te preocupes, Jay. És meu convidado. Devo-te a corrida de táxi.

Charlie mandou vir um Cosmo cor-de-rosa de aspeto enjoativo. Eu pedi um gin tónico, que veio num copo azul alto, como um cocktail do *Star Trek*. Alice bebeu intencionalmente uma água mineral. Conversámos sobre os filmes que tínhamos acabado de ver. Apercebi-me rapidamente que Alice sabia muito mais do que eu. Quase todos os artistas me eram desconhecidos, mas ela tinha visto trabalhos de vários deles e falou de subjetividade e do «olhar masculino» de uma maneira que me fez pensar que andava a perder muito do que estava a passar. À medida que ela falava, Charlie assentia, com ar conhecedor, embora eu suspeitasse de que ela percebia ainda menos do que eu.

Achei Alice intimidante, e esse efeito foi potenciado pelo fausto do ambiente que nos rodeava. Embora tivesse passado muitas vezes pelo restaurante, ele pertencia a uma paisagem urbana que não fazia parte da minha geografia, uma zona ou dimensão que, não sendo *para mim*, tinha subconscientemente suprimido. Comecei a fixar-me no meu aspeto: estava de calças de

ganga, casaco impermeável e ténis velhos e sujos, roupa que servira para pedalar até uma projeção, numa noite chuvosa de outubro, e, sabe-se lá porquê, o meu calçado passou a ser o foco da minha ansiedade. Escondi os ténis debaixo da cadeira e tentei imitar Charlie e Alice, que pareciam extremamente à vontade. A tranquilidade delas era uma aura, uma luz difusa que abençoava a mesa. À medida que as minhas segunda e terceira bebidas começaram a fazer efeito, ouvi Alice discorrer sobre Lacan e pensei que nunca tinha estado na presença de tanta perfeição, o modo como revirava a gola do casaco, o movimento dos dedos quando transformava o miolo de pão em bolinhas, organizando uma espécie de diagrama na mesa para ilustrar a sua opinião.

Algum tempo depois, cansou-se de teorizar e começou uma espécie de interrogatório atiradiço. Respondi às perguntas o melhor que pude, mas sentia-me lento e desajeitado, um campónio perdido numa floresta encantada. Enquanto me apercebia de que ela se sentia atraída por mim e que talvez pudesse surgir alguma coisa entre nós, tive a sensação de que um alçapão se me abria no peito: um colapso interior, um afluxo de endorfinas. O meu olhar encontrava constantemente o dela, e constantemente eu o desviava.

Apesar de sempre ter parecido ser mais velho do que realmente era e de as minhas experiências sexuais terem ocorrido quando estava a entrar na adolescência, em muitos aspetos eu era inexperiente, e estava sujeito à insegurança dos inexperientes. Desconfiava que as minhas falhas fossem evidentes aos olhos dos outros, sempre receoso de que se rissem de mim. Da mesma maneira que me preocupava com as minhas roupas,

para assim desfazer uma causa de ansiedade e distração, andava atrás de raparigas muito bonitas, mesmo se não gostasse assim tanto delas, mesmo se num nível mais fundo não as desejasse realmente, porque elas eram as que os outros pareciam desejar. Se fossem aborrecidas ou estúpidas, arranjava maneira de as ver como espertas e interessantes, agradando-lhes muitas vezes ao ponto de aceitarem dormir comigo. Não era cinismo, ou talvez seja mais correto dizer que não me considerava um cínico. Pensava que era um idealista, em busca da «tal». Infelizmente para os meus objetos amorosos, o meu interesse forçado levava-me somente até certo ponto. Cedo ou tarde, ficava sem combustível, e o balão da minha *persona* romântica, que se tinha mantido a flutuar pelo mero poder da minha vontade, esmagava-se no solo. Sentia nojo de mim próprio, deixava de ligar e acabava por me desvanecer. Tinha-me sido dito, em diversas ocasiões, que era um merdoso, um abusador, um mentiroso. Estas acusações pareceram-me muito ofensivas. Portanto, é claro que Alice era uma dessas raparigas, um troféu, um passo maior que a perna, e o meu interesse por ela nessa noite não era menos fútil do que o meu interesse por uma dúzia de outras bonitas raparigas do meio artístico. Não fazia a menor ideia até que ponto ela haveria de me marcar.

Anos mais tarde, muito depois da altura em que conheci Alice, quando estava mais próximo do homem que fazia entregas de artigos de mercearia do que do rapaz inseguro sentado à mesa do restaurante, comecei a perceber que deslizamos de uma vida para outra sem disso dar conta. Há quebras, momentos de transição, quando deixamos para trás não só lugares e tempos,

mas também inteiras formas de existência, mundos aos quais nunca mais poderemos regressar. É difícil imaginar-me naquele restaurante, com o elegante interior à moda da década de 1990, elevando a voz para ser ouvido por cima da música. Lembro-me de beber rapidamente, disparando piadas para esconder o nervosismo. Experimentei um estranho sentimento de hesitação, uma necessidade súbita de afirmação pessoal. Quando chegaram os primeiros pratos, saudei-os com um exagerado deleite de labrego. Alice sorria, pelo que carreguei nas tintas, dirigindo-me a cada prato com um grunhido de aprovação visceral. Alguns dos outros comensais estavam a olhar, de modo que também lhes grunhi, atirando uma ameaçazinha à gente bem vestida que punha os olhos em mim. Alice e Charlie riram, divertindo-se com a minha atuação de rapaz mal-educado, e Alice aproximou a cadeira da minha. Tornou-se conspirativa, tocando-me no braço e falando com a boca encostada ao meu ouvido, como se a música estivesse mais alta do que realmente estava. Depois pagou a refeição, passando um lustroso cartão de crédito preto ao empregado. Charlie ignorou a transação enviando mensagens telefónicas. Ficou claro que nunca tinha havido qualquer intenção de dividir a conta. Abruptamente, disse-nos que tinha de se ir embora para se encontrar com alguém. Beijou Alice em ambas as faces.

— Portem-se bem — disse, sorrindo tolamente e dirigindo o olhar para mim.

Alice e eu permanecemos sentados à mesa, a preencher o silêncio.

— Queres beber mais alguma coisa?

— É melhor parar por aqui.

- E então o que é que queres fazer?
- Queres ir a algum sítio?
- Nem por isso. E tu?
- Não. Nem por isso.
- Bom, o que não quero é ir para casa.

E por isso, foi para a minha. Os meus companheiros de casa estavam fora, de modo que ficámos com todo o espaço para nós. Ela sentou-se ao balcão da cozinha a observar-me, enquanto eu fazia chá. Quando lhe levei uma chávena, ela pô-la de lado e lançou-me um olhar direto. Senti subitamente que tinha a boca seca e desejei-a com cálida e doentia vontade, quis inalá-la, engoli-la. Fiz um esforço para me manter firme, como sempre fazia nessa época, quando era jovem e tinha medo dos meus sentimentos. Foi o que pensei que deveria fazer, que era o que os homens bons faziam, e não fiz a menor ideia da profundidade daquilo ou onde me conduziria. Dei por mim a sentir que estava a ficar tenso, a ponto de saber que precisava de arranjar uma desculpa, a casa de banho, qualquer coisa que servisse para pôr termo ao que estava a acontecer, e comecei a fazer uma dissociação através da avaliação ou do inventário da minha sala, que não estava arrumada, de maneira nenhuma preparada para receber uma mulher, muito menos uma como ela, certamente habituada ao luxo, a largas janelas com vista para as luzes da cidade. No entanto, ali estava ela na minha cozinha, entre as migalhas que cobriam o balcão e as chávenas de café sujas, erguendo o rosto para mim, e era agora ou nunca, e desatei a beijá-la, e ela retribuiu, empurrando a língua com força para dentro da minha boca e ajustando-se ao meu peito. Espera um pouco, disse ela, descendo do banco do balcão da cozinha. Tirou a blusa

e começou a despir as calças de ganga, numa manobra desajeitada que implicava lutar com as botas e saltitar numa perna e depois noutra. Ajoelhei-me à frente dela para a ajudar, puxando-lhe a cintura para as coxas. Ela enterrou os dedos no meu cabelo e puxou-me para ela até os joelhos lhe começarem a fraquejar e acabarmos no soalho, feitos uma espécie de pilha. Avançámos aos encontrões até à cama, e depois houve solavancos e recomeços, e, quando estava dentro de Alice, ela soltou estranhos gemidos e ganidos que, em certo sentido, pareciam falsos, até que comecei a suspeitar que estaria a copiar alguma coisa, alguma pornografia que julgava ser do meu agrado, e, estranhamente, aquilo tornou tudo melhor, por saber que ela não era um modelo de sofisticação, e que o que estávamos a fazer também lhe era estranho. E depois terminámos, um casal de jovens animais que, por milagre, não se tinham feito passar um ao outro, e arfavam e sorriam no escuro.

Fumámos um charro, enlaçados um no outro, enterrados no buraco do meu velho colchão. Ouvi a respiração dela tornar-se cada vez mais pesada e regular e, embora o meu braço estivesse preso, queria permanecer assim, no espaço que subitamente se tinha aberto, e por isso deixei-me estar, incapaz de adormecer, com o braço a ficar dormente, ouvindo-a respirar e vendo uma mancha de luz matinal cinzento-aguada espalhar-se lentamente pela parede.

Quanto de tudo aquilo tinha vindo até mim enquanto estivemos diante um do outro, naquele celeiro? Tudo, talvez. Não como história, ou sequer como conjunto de imagens, mas como uma recordação sensorial, o peso da cabeça dela no meu braço, a sensação de estar presente, brevemente, no centro da

minha vida. Tinham passado tantos anos. A poeira oscilava à luz do sol. Não havia absolutamente nada a fazer.

DEPOIS DE NOS TERMOS DESPIDO um ao outro na minha cozinha, Alice e eu vimo-nos praticamente todos os dias, durante uma ou duas semanas. Era como se um interruptor tivesse sido premido. Tudo o resto recuou instantaneamente para segundo plano. A seguir àquela primeira refeição, deixámos de frequentar lugares caros. Ela não se ofereceu para pagar coisas com um cartão preto. Era como se me tivesse sido mostrada uma coisa, uma parte da vida dela, que agora tinha sido outra vez encerrada numa gaveta. Usava, como a maioria das minhas amigas, roupas em segunda mão. Percebi que o blusão de cabedal surrado e os vestidos estampados eram uma espécie de camuflagem. Se queria que continuássemos juntos, teria de respeitar a ficção que ela tinha estabelecido para si própria.

Saíamos sempre sozinhos, nunca com amigos. Nunca me convidou para o apartamento de Knightsbridge. Ou ficava comigo ou apanhava um táxi, dizendo que estava cansada ou tinha coisas para fazer de manhã. Eu aceitava isso, assim como aceitava a relutância dela em contar-me muitas coisas pessoais. Conversávamos sobre arte, sobre exposições que tínhamos visitado ou tendências culturais que lhe interessavam. O primeiro presente que me deu foi um livro de teoria da arte, ao qual me atirei, sublinhando expressões como *reificação das relações sociais* e *espaços de conectividade intersubjetiva*. Havia qualquer coisa de oblíquo nas nossas conversas, uma coisa velada, com estas abstrações a substituírem tópicos bastante mais

pessoais.

Quando Alice não estava comigo, não fazia a mínima ideia de para onde ia ou com quem se encontrava. Comecei a pensar se teria outra vida, mais estranha do que a que eu conhecia. Uma jogadora ou uma espia. Muitas vezes, enquanto a via afastar-se na parte de trás de um táxi, suspeitava que houvesse um homem à espera dela, um amante jovem e rico, ou talvez não tão jovem quanto isso, alguém que andava a enganar comigo. Quando me deixava, talvez trocasse os vestidos de algodão recosidos e fosse usar o cartão de crédito em encontros com homens, em bares de hotel. Tudo parecia possível.

Os livros de teoria de Alice chegaram num momento formativo para mim. Tinha deixado de pintar pouco tempo antes, e a mudança na minha prática artística tinha, entre outras coisas, levado a uma rutura com Rob, que se sentira traído, como se eu, ao abandonar a pintura, estivesse também a abandoná-lo. Durante algum tempo, ele e eu tínhamos estado alinhados. Embora dependêssemos bastante tempo a ficar pedrados e a andar atrás de raparigas, a pintura tinha sido o cerne partilhado das nossas vidas. Dar pinceladas, como Rob dizia. Nuns dias dava-se umas pinceladas, noutros, não se dava. Quando as coisas corriam bem, a sensação era quase mística. Podia fechar o meu estúdio, deixando uma coisa qualquer no cavalete e, quando a via de novo, na manhã seguinte, não ter nenhuma ideia de como lá tinha ido parar. À medida que as nossas ideias evoluíam, Rob e eu começámos a sentir-nos envergonhados com os nossos disparates de *action painting*¹, reconhecendo que eram imaturos. Dei um passo atrás e comecei a fazer

pequenas telas abstratas penitenciais, inspiradas na paisagem dos paus próximos do lugar onde cresci, quadrados esbatidos divididos em faixas horizontais verdes, cinzentas e pretas, que povoava com verticais araneiformes e umbrosas, representações secretas de mim. Rob continuava apaixonado pela cor e pela escala, mas começava a inclinar-se para uma obsessão por Martin Kippenberger. Todas as telas dele tinham texto, piadas e divisas publicitárias, e muitas vezes pintava-se a si próprio, quer como tema principal quer como uma espécie qualquer de observador, uma figura de pose frouxa, a fumar, em diversos cenários debochados ou abjetos, esparramada num sofá ou a vasculhar as cuecas, deitado numa cama.

Estes quadros eram apreciados pelos outros estudantes da nossa escola, e Rob era considerado uma estrela em ascensão. Parecia feliz — tinha alcançado tudo o que queria, a ditosa dissolução da arte na vida, que no caso dele significava frequentar festas e depois regressar ao estúdio para transformar o deboche em pinturas. Comigo era diferente. Com a passagem do tempo, comecei a sentir um bloqueio. Dedicava-me ao trabalho para descobrir que havia qualquer coisa na minha composição que não estava bem, pelo que limpava essa passagem e tentava outra coisa. Havia manhãs em que começava uma pintura que estava quase terminada, e à tarde não teria nada a não ser alguns borrões.

Na realidade, há apenas dois tipos de artista. Ou se é um intelectual ou um selvagem, e não há hipótese de escolha. Rob era um selvagem, é claro. Gostava de abordar o processo de criação como se fosse um homínídeo a descobrir os utensílios. Aquilo que se tem

de fazer, dizia, é pintar como se nunca se tivesse feito isso antes, como se se estivesse a ver a cor pela primeira vez. Fiz o melhor que pude para o emular, mas não funcionou. Para mim, fazer arte era, inevitavelmente, um ato cerebral. A minha abordagem à arte era como se esta fosse um problema, um enigma que tinha de resolver. Sentia-me envergonhado. Era como se fosse um segredo sujo, uma fraqueza criativa que tinha de esconder.

Adorava pintar, mas comecei a sentir que também havia na pintura qualquer coisa podre, qualquer coisa fútil, corrupta mesmo. Odiava a aura de luxuoso consumo, a consciência de que, fizesse o que fizesse, por mais agressivo que tentasse ser, estava apenas — se tivesse sorte — a criar outra ficha de casino para os colecionadores jogarem. Ninguém mais, ao meu redor, parecia incomodar-se. Havia alguns resmungos académicos pouco convictos sobre a mercantilização da arte, mas a maioria dos artistas apenas queria vender. O meio artístico londrino, que era pequeno e bastante entediante, estava subitamente a explodir. Ninguém podia deixar de se sentir entusiasmado. Rob divertia-se à grande com tudo aquilo, participando no ambiente da moda. Nunca fui capaz de me descontraír e divertir como ele. Senti sempre uma compulsão para me reprimir.

Quando visitava exposições, percebia que não conseguia continuar a ver pintura. Tentei desfrutar, tirar prazer da cor e da forma, mas a única coisa que via era truques e maneirismos. As gotas, borrifos e marcas falsamente acidentais pareciam-me coisas calculadas e cínicas, uma maneira de enganar os colecionadores, levando-os a acreditar que tinham

encontrado uma agulha num palheiro, um vestígio da força vital do artista. Eu não queria fazer objetos assertivos para os ricos. Não queria ficar acorrentado à parede de ninguém. Por fim, aceitei aquilo que realmente pensava. Já não queria ser pintor.

A minha crise atingiu o seu clímax cerca de um mês antes da minha mostra de licenciatura, o culminar da minha passagem pela escola de Belas-Artes. Sem consultar ninguém, nem os meus professores, nem Rob, nem qualquer um dos meus outros amigos, destruí as telas que tinha intenção de exibir e comecei a trabalhar numa coisa inteiramente nova, uma performance que considere ser uma despedida da pintura.

Chamei-lhe «Obra-prima Desconhecida». Durante toda a mostra, mantive-me no interior de uma espécie de cela, um cubo de dez por dez, que continha uma cama, comida e água, instalações sanitárias básicas e materiais de pintura. A cela estava fechada. A única maneira de sair era por uma pesada porta. Quando entrei, fez-se um procedimento de certificação. Persuadi a participar as figuras mais dignas de crédito que consegui arranjar, incluindo o meu tutor e um crítico que escrevia para umas revistas de arte mensais. Os certificadores selaram a porta com um selo de lacre de aspeto impressionante. Depois, lancei mãos ao trabalho. Havia uma câmara instalada na cela que estava ligada a um monitor, na galeria. Mostrava-me a pintar num cavalete, colocado de tal maneira que era impossível ver a frente da tela. Toda a gente podia verificar que eu estava a trabalhar, mas não conseguia ver em quê. Três dias mais tarde, houve outra cerimónia. Tirei uma polaroide do meu quadro e entreguei a imagem aos certificadores, através de uma portinhola. Ninguém, a

não ser eu, tinha visto a pintura, e apenas os certificadores viram a polaroide. A partir do momento em que comprovaram que, efetivamente, existia uma pintura, assinando um documento absurdamente formal, voltaram a entregar-me a fotografia. A alimentação do monitor foi desligada, e reiniciei o meu trabalho, desta vez com tesouras e facas, destruindo tanto a pintura como a polaroide. Tinha planeado dissolver as tiras e os fragmentos em ácido, mas os regulamentos de saúde e segurança da escola não o permitiam, pelo que resolvi submergi-los num balde de gesso. Tinha sido feito um quadro, mas agora existia unicamente na minha memória e no testemunho de pessoas que nunca tinham visto o original, apenas uma reprodução de pouca qualidade.

Era um ato de rejeição, uma forma de me separar de todos os outros artistas que competiam pela hipótese de enterrar os focinhos na gamela do dinheiro. Em vez de acumulação de dinheiro, reconhecimento ou uma «obra», era um desperdício, uma maneira de consumir a minha criatividade sem expectativa de recompensa.

Rob estava a expor, é claro, figuras meticulosamente copiadas de filmes pornográficos e revistas de celebridades sobre fundos abstratos com o símbolo do movimento Mod e bandeiras da Grã-Bretanha. Executava estas coisas num estilo deliberadamente mecânico, com apenas alguns borrifos e salpicos de tinta reveladores nas margens. Eu considerava-as horríveis, pop dos anos 60 requentado, cavalgando cinicamente a onda de «Cool Britannia»², então na moda. No dia da inauguração da mostra, quando eu estava a entrar na minha cela pictórica e a acenar à pequena multidão de espectadores, como um

astronauta a entrar numa cápsula espacial, vi que Rob me observava com uma expressão de azedume. Estava aperaltado como um bobo da corte, num berrante fato verde-limão e ténis a condizer, preparado para receber alguma atenção e ocupar o seu lugar de direito como Jovem Artista Britânico.

No interior da cela, não me era possível saber como poderia o meu número ser recebido. Não esperava obter grandes reações. Aquilo não passava, afinal, de uma mostra estudantil. Quando saí, apercebi-me de que tinha sido alvo de um golpe de sorte. Um crítico de arte celebrenemente conservador tinha uma coluna semanal num jornal londrino, de que se servia para condenar tudo aquilo que fosse fresco e novo. Todos os conceptualistas o desprezavam, e ele desprezava-os também, circunstância que vendia jornais, porque a Inglaterra do Meio³ detestava a arte conceptual e gostava de a ver arrastada pelo chão. Pois ele foi ver a mostra de licenciatura e referiu «Obra-prima Desconhecida» como um exemplo da «falsa esperteza» e do «rebaixamento do ofício» que estava a arruinar a arte contemporânea.

Emergi do meu isolamento, depois de ter pintado e destruído um medíocre autorretrato, e descobri que me tornara uma *cause célèbre*. O diretor do Departamento de Belas-Artes, que nunca me tinha dirigido a palavra, estava cá fora para me dar os parabéns. Nessa noite, enquanto os meus amigos se derramavam pela zona em frente a um pub, em Charlotte Road, fui apresentado a alguém que já tinha visto em inaugurações, um homenzinho com um fato de tweed chamado Jago Purvis, que falava como um membro afastado da família real e queria reinstalar a Obra-prima

Desconhecida num espaço que tinha aberto a poucas ruas de distância, atrás da Hoxton Square. Convidou-me a ir a um clube privado em West End e, para minha surpresa, enquanto comíamos e bebíamos uma garrafa de vinho muito cara, contou-me que não estava interessado em objetos, mas sim no processo, em arte como atividade, forma de vida. Jago queria que a galeria dele fosse radical, que se opusesse ao *statu quo*; resumindo, disse o género de coisas que eu desejava ouvir. Se eu mostrasse o meu trabalho por intermédio dele, haveria uma verba e honorários de artista. Tudo o que tenha dito depois disto passou-me ao lado. *Pagar-me-iam*. Deixaria de ser um estudante de arte para me tornar um artista profissional.

Em teoria, eu desprezava o dinheiro, pelo menos em relação com a arte. Qualquer um podia perceber que a obra mais importante e significativa nunca é a mais popular. A questão de saber se as pessoas compravam o que o artista fazia era — ou devia ter sido — irrelevante. Contudo, como todos os aspirantes a artista, debatia-me com a dúvida. Ter um galerista a fazer-me uma proposta de honorários era uma validação. A verba concreta não era grande coisa, mas como gesto tinha um poderoso efeito. Na casa de banho, usámos uma quantidade brutal da coca de Jago para selar o acordo, e fui para casa com uma mulher que tinha conhecido no bar do andar de cima e cujo nome já tinha esquecido quando estava a tomar duche, na manhã seguinte. Rob não vendeu nenhum dos quadros que apresentou na mostra de fim de curso. Na realidade, como descobri mais tarde, guardou-os e não fez mais nada durante algum tempo.

A galeria de Jago era recente, mas ele tinha

apoiantes influentes e jeito para atrair pessoas para as inaugurações. A versão Jago Purvis de *Obra-prima Desconhecida* foi, do ponto de vista comercial, um êxito. Foi objeto de um artigo numa das grandes revistas de arte e os restos (ou relíquias) — os certificados, o selo de lacre partido e o balde de gesso — foram vendidos a um colecionador. Perguntaram-me se estava disposto a fazer o trabalho pela terceira vez, numa galeria pública dos Países Baixos, mas a ideia não me agradou. Da primeira vez que o tinha feito, o gesto tinha sido pleno de significado. Tinha acabado de queimar as minhas pinturas e sentia genuinamente que estava a atirar para trás das costas uma vida para começar outra. Na galeria de Jago, em Hoxton, uma fachada entre um café e uma agência de apostas, ficar encerrado na cela de pintura pareceu-me um confinamento sem sentido. Trabalhei noutro autorretrato desinspirado e fiz umas sestas num colchão de campismo, cheirando o pivete da minha sanita química, enquanto ouvia os carros a passar, durante a noite. Realizar isto pela terceira vez teria sido algo completamente vazio. Recusei.

A exposição que Alice viu, *Ele Saiu*, foi a segunda que fiz com Jago, que me tinha convidado a fazer uma apresentação conjunta com outro artista que representava. Lembro-me de que a inauguração estava a abarrotar de gente, ou pelo menos assim parecia, pelo ruído — uma multidão que se movia e convivia atrás de mim, enquanto eu observava o postal na parede. Quando me voltei, já toda a gente se tinha ido embora, e fiquei sozinho na galeria, com uma sensação de mal-estar, induzida pela performance, de que tinha feito alguma coisa mal e devia ter vergonha.

Agradou-me que Alice tivesse visto o meu trabalho,

mas não deixei de ficar nervoso por não saber o que ela realmente pensava dele. Parecia sentir-se impressionada por mim, e eu não queria que percebesse até que ponto era precária a minha identidade enquanto «artista profissional». O dinheiro que ganhava mal dava para viver. Andava a fazer serviços a pintar e a decorar pagos em numerário, algum trabalho de estúdio para amigos e, como toda a gente que conhecia, inscrevi-me para receber subsídio de desemprego. De duas em duas semanas, tinha de ir ao Centro de Emprego para ser entrevistado, de modo a provar que andava «ativamente à procura de trabalho». Isto significava imprimir falsas cartas de candidatura e falar de forma convincente sobre como os meus esforços para arranjar emprego não estavam a levar a nenhuma entrevista efetiva. A maior parte do pessoal pouco se importava se se estava a dizer a verdade. Estavam tão descontentes como nós. Havia obstáculos semelhantes a ultrapassar para que a Câmara pagasse o subsídio de habitação, mas consegui o suficiente para cobrir a minha parte da renda do apartamento. Tinha aceitado a situação, pelo menos como uma disposição temporária. Nenhum dos meus amigos tinha dinheiro. À medida que tentávamos organizar as nossas vidas ao redor da arte, da música ou do que estivéssemos a fazer, ter dinheiro não se afigurava, sequer, como uma possibilidade, de maneira que não sentíamos vergonha por estarmos tesos. No entanto, quando comecei a sair com Alice, a humilhação de ser incapaz de pagar fosse o que fosse era um peso para mim. Como namorado dela, se é que era isso, sentia-me um impostor, uma fraude.

Por isso, Alice e eu construímos uma bolha,

deixando as nossas complicações no exterior, e a maior parte daquilo que fazíamos no interior era fornicar. Passámos dias inteiros sem sair da minha cama, escondendo-nos para não termos de nos relacionar com os meus companheiros de apartamento. Tinha um televisor e um leitor de vídeos, pelo que, quando estávamos exaustos, apanhávamos uma pedrada de haxixe marroquino barato, do género que tem pedaços de plástico, e víamos filmes, dois ou três de seguida, essencialmente filmes de arte europeus. Esses filmes tornaram-se uma camada mais da bolha, uma imagem-mundo que nos envolvia numa escuridão feita de cortinas corridas, providenciando-nos a ilusão de que havíamos penetrado num nível de existência mais intenso. A excitação de os descobrir, passados em foscas gravações, em segunda e terceira mão, é difícil de explicar agora, em que é possível ver mais ou menos tudo o que se quiser, em qualquer altura. Ensina-nos a conjurar um sentimento romântico na nossa sordidez, no meio de preservativos usados e cinzeiros atestados.

Um dia, quando estávamos a ver *Cenas da Vida Conjugal*⁴, um filme que me estava a deixar deprimido e inquieto, ela disse-me que tinha de ir visitar a família a Paris.

— É lá que os teus pais vivem?

Nessa altura, já estávamos juntos há vários meses, e pode parecer surpreendente que não soubesse uma coisa tão básica, mas o jogo entre nós tinha sido jogado muito a sério, e era a primeira vez que tinha tido a ousadia de fazer uma pergunta direta sobre a vida dela. Percebi que hesitava sobre se devia dizer mais alguma coisa.

— A minha mãe. Desta vez, não vou estar com o meu pai. Vive no campo, com a mulher.

— Então, tens uma madrasta malvada.

— Nada disso, meu Deus! Essa mulher não me é nada.

No ecrã, o casal de Bergman estava sentado na cama, tremendo em pausa, as caras obscurecidas por faixas de estática. *Essa mulher*, explicara Alice, era a terceira do pai. Mal tinha feito trinta anos. Tinham-se conhecido numa estância de esqui e agora estavam a restaurar um castelo em ruínas, no Languedoc. Os pormenores foram sendo dados aos repelões. Alice parecia resignada. Era óbvio que pensava que o pai estava a fazer uma figura ridícula. A história pareceu-me uma ficção sedutora, uma coisa tirada de um dos nossos filmes.

— Deve ser rico.

Foi um comentário estúpido, do qual me arrependi logo.

— Não, não é. Se conseguir evitar, nunca paga nada.

— E a tua mãe?

— Vive sozinha, num belo apartamento, na zona mais chata de Paris, a uma distância que se pode percorrer a pé do restaurante onde a minha avó tem mesa reservada. — Devo ter mostrado um ar confuso. Ela acendeu um cigarro e acenou com ele diante de mim, num gesto de exasperação. Senti-me como um detetive que está prestes a receber uma confissão inesperada. Conhecia esta mulher da forma mais íntima possível, o cheiro, os sons que fazia quando se vinha, e, contudo, em muitos aspetos, ela era uma estranha. — A minha mãe foi uma rapariga má. Fugiu com o meu pai, mas a coisa acabou por não correr bem para ela. Teve

de regressar e pedir desculpa. Por isso, agora tem de mostrar gratidão e fazer o que lhe mandam. É essencialmente criada da minha avó. A velha cabra apenas tem de estalar os dedos, e ela tem de obedecer.

Nada disto fazia muito sentido para mim. Alice deu-me um ligeiro murro na perna.

— Agora — disse ela —, é a tua vez. De onde vieste? Talvez tenhas apenas saído como um grande e forte rapaz da crica dourada da arte?

Quando parei de rir, tentei encontrar alguma coisa para dizer.

— Não. Cresci sobretudo com a minha avó.

— Não tens pais?

— A minha mãe.

Ela percebeu que eu não me sentia à vontade.

— Quero que me fales dela — disse. — Mas só se o quiseres fazer.

— É mais divertido ouvir coisas da tua família.

— A minha família não tem nada de divertido, garanto-te.

— Acabaste de me dizer que o teu pai tem um castelo.

— Não é um castelo. É apenas uma velha casa de pedra. Mas é bonita. Ias gostar. Há uma piscina e uma vinha. *Ela* julga que é uma grande coisa. Quer armar em grande senhora. Para quem, não sei. É o campo. Não há lá ninguém.

— E o teu pai? O que faz?

— Bebe. Tem a adega cheia de vinho, o escritório de livros encadernados a carneira, sabes como é. Muito civilizado. Acha que esta rapariga vai tomar conta dele quando for velho, que lhe vai limpar a sopa do queixo.

— E tu não?

— Acho que já está aborrecida. Mas, vá lá, agora tens de contar alguma coisa. Começámos esta treta de conversa sobre as nossas famílias, e agora é a tua vez.

Era-me difícil entrar no assunto de Patricia e Douglas, mas, porque lhe devia alguma coisa, uma coisa concreta, contei-lhe o melhor que pude sobre Nan e os frascos dela. Nan era fácil de delinear: uma velha senhora branca, de cara afilada, com cabelo que erguia num puxo e fixava com qualquer coisa que tivesse à mão, uma agulha de tricô ou um pauzinho, uma vez ou duas um galho. Tinha sido professora de artes numa escola local, mas já estava reformada na época em que vivi com ela, e passava os dias num barracão, ao fundo do jardim, a ouvir música clássica num rádio Roberts cheio de salpicos e a moldar pequenos recipientes bojudos, a que aplicava esmaltes turvos, verdes e castanhos sombrios que lhe deviam agradar ou lhe recordavam uma qualquer sensação que queria recapturar, porque nunca se afastava deles. Adorava a minha Nan, apesar da sua severidade, ou talvez por isso, da firmeza e da previsibilidade que essa severidade me transmitia. Nunca uma surpresa surgiu do forno dela, nunca um azul ou um laranja-ferrugem que eu visse, quando batia à porta, para lhe levar uma chávena de chá. Apenas aqueles castanhos e verdes, as cores do solo da floresta inglesa no inverno.

¹ Estilo de pintura em que a tinta é distribuída pela tela aparentemente de uma forma fortuita tornado famoso por Jackson Pollock e que se inscreve no movimento do expressionismo abstrato. (*N. do T.*)

² *Cool Britannia* foi um período de crescente orgulho na cultura britânica, durante grande parte dos anos de 1990, inspirada na cultura pop da década de 1960. O êxito de certos agrupamentos musicais (Spice Girls, por exemplo) criou um renovado sentimento de otimismo no Reino Unido,

depois da turbulência social e política dos anos de 1970 e 1980. O nome é um trocadilho com o título da canção patriótica «*Rule, Britannia!*», de James Thompson (letra) e Thomas Arne (música). (N. do T.)

3 No original *Middle England*, termo que se aplica geralmente à classe média inglesa que tem uma visão conservadora, de direita. (N. do T.)

4 *Scener ur ett äktenskap* (1973) é uma série televisiva de seis episódios escrita e realizada por Ingmar Bergman, transformada em filme no ano seguinte. (N. do T.)

NÃO PERTENÇO A UMA FAMÍLIA UNIDA. Durante a minha infância, vivi a espaços com Nan, cuja arrumada casinha com terraço era regida segundo normas e rotinas inflexíveis: não era um lugar onde me sentisse à vontade para levar amigos. A minha vida social, embora não fosse grande coisa, acontecia em paragens de autocarro e bancos ventosos à beira-mar. A minha mãe andava entretida a ser classe média, à maneira das personagens de uma das sitcoms de que ela gostava, e que eram exibidas no início da tarde: luvas de jardinagem e louça de porcelana a condizer, um novo sotaque afetado. Ela e Douglas (nunca Doug) viviam na cidade mais próxima, a última antes de o estuário se tornar mar, no fim de uma fileira de casas vitorianas, perto da base militar na qual ele trabalhava supervisionando os testes de artilharia num campo de tiro.

Douglas era responsável pelos fortes e surdos estrondos que ecoavam no paul e faziam as aves espalhar-se e revoltear no céu. Não era militar, embora, ao que parecia, tivesse querido sê-lo, mas esse sonho fora frustrado por um problema de saúde qualquer. Era muito suscetível em relação ao seu estatuto de civil. Se quisesse provocá-lo, apenas tinha de lhe fazer continência ou tratá-lo por comandante quando estava a «dar-me um raspanete». A reação a esse ato de insubordinação podia ser violenta, mas Douglas sabia que tinha de se conter. Não sei até aonde ia com a minha mãe: ainda que assustada, não era

totalmente mole, pelo menos quando se tratava de me proteger. Esses serões — serões depois de uma discussão — acabavam normalmente com ele fechado no escritório, ocupado com a garrafa de uísque que guardava na última gaveta do lado esquerdo da secretária, a garrafa em que eu frequentemente fantasiava mijar, antes de fugir para um dos lugares imaginários que desenhava nos meus blocos. A minha mãe, que sempre tratei por Patricia e nunca por mamã, para lhe recordar o que perdera ao preferir Douglas a mim, sentava-se à cabeceira da minha cama e rogava-me que aceitasse a situação. *O teu padrasto não é um militar, é um cientista.* Eu respondia-lhe dizendo que Douglas não era meu padrasto. Embora estivesse errado de um ponto de vista técnico, uma vez que ele tinha casado com a minha mãe, era óbvio para todos nós que, num sentido mais profundo, era verdade. Naquela altura, Douglas era obrigado a coexistir comigo, mas eu não fazia parte dos planos dele a longo prazo.

Douglas pode ter tentado ser meu pai, no passado, quando eu era pequeno, mas, depois do nascimento dos gémeos, deixou de haver espaço para mim. Eu era uma brecha na armadura da respeitabilidade dele, um segredo de família vivo, fremente, que fazia trabalhos de casa. O meu verdadeiro pai era negro. Jamaicano, como dizia Patricia, embora, para ela, todos os negros fossem tendencialmente jamaicanos. Tinha-o conhecido num clube de música *soul*, em Canvey Island. Era um bom dançarino e fazia fotografia. Era tudo o que ela sabia. Mal o viu, depois dessa primeira noite. Veio uma vez visitá-la, quando eu tinha poucos meses de vida. Havia uma fotografia em que eu estava nos braços de Patricia. Estamos no exterior, no cais. Está um dia de

sol, e ela tem os olhos semicerrados, por causa da luz brilhante. Não havia nenhuma fotografia dele, o homem atrás da câmara.

Douglas, segundo se achava, tinha recebido a minha mãe como um ato de caridade. O problema era ele nunca ter conseguido perdoar-lhe o que ela tinha feito, lembrando-a constantemente de quão indigna era e reforçando esse sentimento através de minúsculos lembretes, crispações e suspiros, alusões veladas, olhadelas duras pela janela. A minha presença dava-lhe uma predominância sobre ela, mas enquanto gozava esta permanente ocupação do mais elevado terreno moral, gostava apenas de o lembrar quando lhe convinha, quando tinha alguma razão pessoal ou algum benefício a ganhar, para não ter o passado da mulher debaixo do nariz dia e noite, arrastando lama para dentro de casa, raspando o prato com a faca e o garfo, ligando o televisor sem autorização e gastando eletricidade. Quando Patricia não podia ouvir, ameaçava-me, sussurrando e mostrando os dentes. Tinha uma farda tão ao estilo militar fora de serviço quanto possível — calças de bombazina e camisas aos quadrados Tattersall, camisolas caneladas com cotoveleiras, sapatos de cabedal castanhos engraxados na perfeição. Tudo engomado, tudo correto. Era, à sua maneira, um homem elegante. Cabrãozinho lãzudo, era o que ele sibilava. Devia atirar-te ao mar.

Às vezes, Douglas e Patricia deixavam-me na casa de Nan, e, durante alguns dias, ela cuidava de mim. Gostava de estar lá. Ela era áspera, mas bondosa. Não sei como a coisa se passou, mas, quando tinha onze anos, prestes a entrar no liceu, eles decidiram que eu ficaria com ela durante mais tempo. Era suposto ser

uma coisa temporária, para «conceder a toda a gente mais espaço», mas nunca mais vivi debaixo do teto de Douglas.

Contei a Alice uma versão de tudo isto, aos solavancos, em compartimentos de comboios, deitado numa cama estreita, num sufocante quarto de mansarda, em Paris. Vem também, disse-me ela, quando já me estava a preparar para lhe dizer adeus e não a ver durante todo o verão. Porque não? Vem comigo. Não quero que fiques sozinho. Como me senti nesse momento foi como sempre me quis sentir.

Tive de arranjar passaporte, o que fiz em segredo, uma vez que não queria que Alice soubesse que eu nunca tinha estado no estrangeiro. Douglas gostava de passar o seu tempo de ócio na Grã-Bretanha. Casas de campo à chuva, na fronteira do País de Gales, praias de East Anglia, varridas pelo vento. Nunca esquecerei a sensação de estar sentado ao lado de Alice, num comboio, enquanto a paisagem de Kent se desvanecia na escuridão do túnel do Canal. O alívio que senti, com todo o peso da Inglaterra a sair-me de cima dos ombros.

HÁ MOMENTOS QUE ESCAPAM AO FLUXO, grãos de memória que ficam para trás quando tudo o resto desapareceu. Alice em roupa interior, de pé, diante de um espelho, na casa de banho, a maquilhar-se. Estou a observá-la da cama. Estou amuado. Acho que estou nu. Está calor, por certo, e temos a janela aberta. Consigo ver chaminés e telhados de zinco cinzentos. Ouço o trânsito, sons do restaurantezinho no rés do chão. Estivemos a discutir.

— Não vale a pena — disse ela, num tom que parecia exasperado. — Ela acabaria por dizer alguma coisa que te magoaria, e eu não seria capaz de suportar isso.

À volta desta cena pouco permanece. Não sou capaz de recordar grande coisa do quarto ou do que tenhamos dito ou feito antes. Apenas uma imagem, menos nítida do que já foi, com as linhas mais toscas e mais estilizadas. Alice na ponta dos pés, com os músculos da barriga da perna tensos, inclinada para o espelho, para poder aplicar o rímel, virando a cabeça para olhar para mim.

Antes de partirmos de Londres, Alice disse-me como teria de ser. Não parecia ser um sacrifício não conhecer a família dela; em certo sentido, era um alívio. Ela tinha uma amiga que estava de viagem. Podíamos usar o estúdio dela. Ficaríamos juntos lá, a não ser que a mãe de Alice insistisse na companhia dela, circunstância em que teria de dormir sozinho. Fosse

como fosse, estaríamos juntos a maior parte do dia. Depois de Paris, tínhamos decidido — ou melhor, ela tinha decidido, e eu tentei esconder a minha excitação — que viajaríamos para outro sítio qualquer, talvez Espanha, ou fazer uma visita de surpresa ao pai, no campo. Ele não se importaria de me conhecer. Até acharia divertido que ela estivesse a agir pela calada, nas costas da mãe. Em Paris, com o lado vietnamita, era diferente. Ninguém podia saber da minha existência.

Não perguntei por que motivo tinha de ser um segredo. Era uma conversa que realmente não queria ter. Jurou-me que teria sido o mesmo com qualquer outro. Não era suposto que tivesse namorados; era a condição para estudar longe de casa. Ao mínimo indício de incorreção, a avó mandaria um dos tios ir buscá-la. Prometi que não faria ondas. Sentia que era uma sorte poder ir com ela, mais do que sorte: era como se tivesse ganhado a lotaria ou me tivesse salvado de morrer afogado.

Paris era mais solitária do que eu esperava. A mãe de Alice não aceitou que a filha ficasse debaixo de teto que não fosse o dela, e durante vários dias mal nos vimos. Pela primeira vez na vida, estava sozinho numa cidade estrangeira. Tinha planeado visitar galerias e museus, estar em comunhão com os grandes quadros. Tinha um bloco, uma máquina fotográfica, tudo estava preparado, mas descobri que não queria ver arte. Por isso, limitei-me a matar o tempo: sentei-me na margem do rio, bebi café nas esplanadas, fui despachando o conteúdo de um sobrescrito com centenas de francos que Alice me tinha dado, depois de eu lhe ter dito, para evitar humilhações, que não tinha tido tempo de trocar dinheiro. Senti-me livre e despreocupado, mas longe de

Alice, desligado de tudo o que a vida parisiense estava a exigir dela.

Ela acabou por encontrar uma maneira qualquer de passar a noite comigo, uma história complicada que contou à mãe, e eu planeei um jantar romântico. Preparei massa, acendi uma vela. Mas ela estava atrasada e, à hora a que chegou, já tinha comido, de modo que fomos logo para a cama, deixando a comida a arrefecer na panela. Entretivemo-nos sem grande entusiasmo, mas ela estava exausta, e eu fiquei acordado, a acariciar-lhe o cabelo e a ouvi-la respirar. Esperava que pudéssemos tomar um pequeno-almoço descansado. Bolos e sumo de laranja, o *International Herald Tribune*, como uma das cenas dos nossos filmes. Em vez disso, quando acordei, já ela estava levantada, a praguejar e à procura do sutiã.

Estava a vestir-se para ir à missa e depois participar num almoço de família. Lembro-me de que queria que ela voltasse para a cama e ficasse ao meu lado. Sabia que depois de se ter vestido, a viseira seria descida e não haveria nada mais para mim até que ela regressasse da batalha. Não queria ficar sozinho mais um dia, por isso perguntei-lhe se podia acompanhá-la. Propus um plano absurdo, disse-lhe que podia fingir que nos tínhamos encontrado por acaso. Seria um amigo, alguém que ela conhecia das Belas-Artes.

Disse-me que eu não percebia a mãe dela. Não sabia no que me estava a meter. Tinha de ficar de fora. Explica, pedi-lhe eu. Disse-me que não tinha tempo. Já estava atrasada e a avó não gostava de que ninguém se atrasasse. É por ser eu?, perguntei. Por ser eu, em especial, qualquer coisa minha? Ela praguejou em surdina e o rosto enrugou-se. *Não vale a pena. Ela*

acabaria por dizer alguma coisa que te magoaria, e eu não seria capaz de suportar isso.

O vestido. Observei-a a tirá-lo do cabide e a vesti-lo. Um dispendioso vestido cinzento de cerimônia, que tinha trazido de Londres, num saco. Tinha um casaco elegante, brincos de pérola e um colar a condizer. Nunca a tinha visto com roupas tão conservadoras. Foi desconcertante assistir àquela transformação.

— Os meus trapos de travesti — disse ela, tentando fazer uma piada.

Pensei, *Não sei nada de ti.*

Enquanto Alice esteve fora, nesse dia, senti demasiado a ausência dela, irracionalmente, andando de um lado para o outro no pequeno estúdio, sentindo-me como um cão à espera de que o dono chegue a casa. Regressou ao fim da tarde, e eu arranquei-lhe o vestido cinzento, ainda à porta. Depois, ela agarrou-se a mim de uma maneira que parecia desesperada, descontrolada, com uma carência que condizia com a minha. Agarrámo-nos um ao outro, enquanto as longas sombras de verão caíam sobre a cama, e depois sentámo-nos nus à mesinha quadrada, brilhantes de suor, a beber vinho, enchendo os copos até que as derradeiras arestas vivas foram amaciadas. Vi que uma coloração alérgica surgia no rosto e no pescoço dela enquanto acendia um cigarro e me descrevia como tinha sido a missa, com toda a gente a mostrar-se muito pia diante da avó, pondo as expressões mais beatas, ao ir receber a comunhão. Ao almoço, todos tinham lisonjeado a velha, dizendo-lhe que estava com um ar extremamente saudável, que dava mostras de uma grande energia. Contaram as proezas dos filhos, tentando derreter-lhe o coração. Alice fez uma voz

esganiçada: *Veja, compuseram uma cançãozinha para si, Bà. O Charles descobriu uma pastelaria que faz aqueles bolos de que gosta.* Depois baixou a cabeça e recolheu as mãos no colo, para me mostrar como se tinham sentado em silêncio, enquanto a avó falava, percorrendo a mesa para recordar a cada um as suas falhas. Aparentemente, tratava-se de uma coisa normal, quase um ritual. Ninguém podia replicar, embora ela dissesse coisas terríveis. A uma tia disse que devia considerar a hipótese de fazer uma cirurgia plástica, e a um tio que tinha sofrido um revés financeiro chamou parvo, falhado.

— E quais são as tuas falhas?

— Não cuido da minha aparência e, portanto, nunca vou atrair nenhum homem. Que tenho má cara e a devia lavar mais vezes, porque é menos clara do que a da minha irmã.

— É um monstro.

— Nem imaginas. Chega a responsabilizar a minha mãe pela morte do meu avô, que tinha cancro. Atira-lhe com isso à cara, acredita. Voltou a falar nisso hoje. Disse que a minha mãe tinha provocado o cancro do meu avô, com os problemas que arranjava, e toda a gente teve muito cuidado em não olhar para mim e para a minha irmã.

Ainda não percebia por que razão a avó era tão poderosa, porque não se limitavam a ignorá-la. Alice disse que, se a ia obrigar a explicar a família dela, então tinha de estar pedrada. Deitámo-nos e, enquanto eu fazia um charro, contou-me como o trisavô tinha comprado uma mina qualquer, uma mina de pedras preciosas, era o que ela pensava, nas montanhas, numa zona que haveria de se tornar parte da China.

Enriqueceu e mudou-se com a família para a antiga capital imperial vietnamita, onde começou a comprar outro tipo de negócios. Enquanto ricos industriais e devotos católicos, os filhos aproximaram-se das autoridades coloniais francesas, mas depois da guerra e da ocupação japonesa, a família mudou a sua lealdade e tornou-se apoiante do governo nacionalista de Ngo Dinh Diem. Houve um golpe, e Diem foi assassinado. Sem a proteção dele, as coisas começaram a ficar perigosas para a família. Um dos tios, funcionário superior, foi assassinado. Os avós de Alice fugiram para Paris, levando as quatro filhas com eles.

Em Paris, a mãe de Alice cresceu num meio de ricos emigrantes vietnamitas, que se sentavam nas salas de estar imaculadas uns dos outros, resmungando contra o comunismo e congeminando esquemas para recuperar os bens perdidos. Ela era a filha mais nova e a rebelde da família. Os pais mandaram-na para um colégio interno e tentaram, sem êxito, pô-la a salvo do espírito corruptor da época. Acreditando nos rumores que lhe chegavam aos ouvidos sobre a liberdade, fugiu com um hippie que conheceu enquanto ele atuava num dos *quais*. Este era o pai de Alice. Não era um verdadeiro hippie, apenas o filho medianamente boémio de uma família da alta-burguesia que tinha resolvido levar uma vida de pândega antes de se dedicar a uma carreira. Mais tarde, Alice mostrou-me uma fotografia dos dois numa villa, na Côte d’Azur — a mãe, com um apertado *ao dai*, o pai, com uma camisa às flores e calças de linho brancas, sentados numa grande cadeira de junco, gente bonita da década de 1970. Mantiveram-se juntos durante alguns anos, o tempo suficiente para terem duas filhas, Alice e a irmã mais velha dela, Carine.

Depois separaram-se.

Sem nunca ter trabalhado, e não fazendo a menor ideia de como se procurava emprego, a mãe de Alice foi obrigada a ficar à mercê dos pais. O pai estava doente e a mãe exigiu-lhe uma abjeta rendição incondicional. Tinha desonrado a família ao fugir de casa, e, de novo, quando dera origem a duas crianças euro-asiáticas, mas, pior do que tudo, quando se divorciara, circunstância que a punha em estado de pecado mortal e a impedia de receber os sacramentos.

— Tens medo da tua avó? — perguntei-lhe, deitados na cama.

Estávamos a falar em sussurros, como as crianças quando falam de bruxas.

— Provavelmente, menos do que os outros, porque não quero nada dela. Se me deserdar, será um alívio.

— Porquê? Se tiveres dinheiro, podes fazer o que quiseses.

— Têm vergonha de mim, mas isso não os impede de querer controlar a minha vida. Estão apenas à espera que termine o curso na Courtauld, depois a minha mãe vai arranjar-me casamento. Tem uma lista de rapazes na contracapa do bloco de notas. Acha que, se eu casar com um vietnamita, a mácula dela se desvanecerá. Numa ou duas gerações, é como se nunca tivesse acontecido.

— Não vou deixar.

— O quê?

— Que te casem com um vietnamita.

— E como é que vais fazer isso?

Quando chegou a altura de deixarmos Paris, a mãe de Alice insistiu em acompanhá-la à estação, de modo que ela teve de se apresentar na linha do Eurostar para

Londres e depois escapulir-se para se encontrar comigo noutro cais de partida. Mesmo depois de o comboio ter saído da estação, ainda demorou algum tempo até conseguirmos descontrair. A tensão tinha-se acumulado, e tivemos uma espécie de pequena discussão que nos deixou incapazes de falar um com o outro durante uma ou duas horas de viagem.

Aqueles dias tinham alterado qualquer coisa de uma maneira que não era saudável para nenhum de nós. Era como se eu tivesse recebido por osmose a infelicidade dela, tornando-a parte de mim. Depois disto, os nossos papéis ficaram definidos. Éramos amantes condenados ao infortúnio, a fugir pela Europa, olhando sentimentalmente pela janela, para o campo fugidio, enquanto considerávamos os problemas insolúveis das nossas vidas. Ainda continuávamos obcecados um pelo outro, mas, de um modo quase impercetível, uma moldura estava a cair sobre a nossa relação, um tom trágico e lúgubre que, de uma ou de outra maneira, conjurávamos ou tornávamos realidade, com os filamentos enredados, a endurecer e a crescer, até que acabássemos por dar por nós encurralados.

No comboio, as horas iam passando. Comemos sanduíches. Desenhei. Alice escreveu notas nas margens de um livro de aspeto impressionante. E acabámos por nos enfiar na minúscula casa de banho, na extremidade da carruagem, para esmagar e snifar uns comprimidos contra a ansiedade que ela tinha tirado do armário dos remédios da mãe. De regresso ao compartimento, tombámos um sobre o outro, com a sensação de estarmos embrulhados em algodão, alheados dos olhares desaprovadores do casal de meia-idade sentado à nossa frente. Fomos acordados aos safanões por um

revisor, para descermos do comboio numa pequena estação rural, com flores em cestos pendurados e um cão a dormir no cais. Alice olhou ao redor, hesitantemente, fazendo um arco com lentidão, como se estivesse à procura de alguma coisa. Perguntei-lhe se estávamos no lugar certo. Ela anuiu e disse que tinha de telefonar ao pai, para lhe dizer que estávamos ali.

Tonto e com a boca seca, sentei-me a uma pequena mesa metálica, no exterior de um bar, enquanto ela telefonava. O empregado trouxe-nos umas garrafas bojudas de Orangina. A nossa bagagem — a minha mochila e a elegante mala rígida dela — estava pousada ao nosso lado, no solo poeirento. Ela voltou para a rua, fumámos uns cigarros e esperámos à sombra, observando como o forte sol incidia sobre a escultura dedicada à guerra, que havia na praça.

— Jay — disse ela —, não esperes muito dele. E faças o que fizeres, não o leves a sério.

— Achas que não vai gostar de mim.

— Não sei. *Ela* vai gostar. Vai fazê-la sentir-se progressista.

— O que é que vai fazer?

Ela pareceu ficar envergonhada e semicerrou os olhos para ver se via chegar algum carro, ao longe.

— Vai acabar por aparecer. É uma daquelas pessoas por quem se tem sempre de esperar.

No caso, foi a madrastra de Alice quem nos veio buscar, acenando pela janela, enquanto parava calmamente um rústico Deux-Chevaux. Isabelle era uma avantajada mulher, com cerca de trinta anos, que derramava energia social. Pareceu-me velha, na altura, parte de outra geração. Avançou para Alice, e trocaram beijos de forma bastante comedida. Isabelle trazia uma

espécie de longo vestido tingido, muito colorido, vermelho e cor de laranja. Foi divertido ver a angulosa Alice envolvida no abraço dela, como uma vareta num copo de cocktail.

Alice sentou-se no banco de trás, com a bagagem, e eu encolhi-me no lugar do morto. Isabelle conduziu até à casa, sem parar de fazer perguntas a Alice, que pôs os óculos escuros e respondeu por meio de resmungos e monossílabos. Isabelle acabou por se aborrecer e voltou a sua atenção para mim, fazendo-me perguntas pessoais, num inglês excêntrico. Virou o carro para o caminho de acesso e saímos no meio do aroma de ervas e resina e do zumbido de insetos. Diante dos olhos tinha umas paredes de calcário e uma fila de janelas de persianas.

— Chérie!

O pai de Alice apareceu, vindo da parte lateral da casa, de roupão, chapéu de palha amarrotado e minúsculos calções amarelos por cima de uma próspera barriga projetada para diante como a proa de um barco. Alain comportava-se com a presunçosa inconsciência que eu associava aos homens da geração dele. Tinha o cabelo grisalho comprido, e o bronzeado carregado que ostentava contrastava com um tufo de pelos cinzentos no peito. Foi simpático, quase tão efusivo como a mulher, apertando-me a mão e dando-me as boas-vindas. Parecia não ter importância que Alice tivesse surgido do nada, com um rapaz atrelado. Sentámo-nos no exterior, junto da piscina, sob uma latada que nos propiciava sombra. Isabelle preparou Camparis bem fortes para todos, e Alain contou-nos os planos que tinha de construir uma casa para as visitas, num terreno mais ao fundo da colina, com a família atenciosamente

a falar na sua segunda língua, para me incluir. Mais tarde, ao jantar, uma refeição descontraída que parecia ainda mais sofisticada por ter sido improvisada, feita com o conteúdo do frigorífico. Estava fascinado com Isabelle e Alain, embora fosse capaz de sentir a resistência de Alice, o seu escrutínio hostil quando me ria com as piadas do pai.

— Com que então um artista? Acho sempre que a minha filha dará uma musa perfeita.

— Papá, não sou um naco de carne.

— Claro que não és. Quem disse isso?

Queria dizer-lhe que devia levar a filha a sério, que era a pessoa mais inteligente que conhecia, mas não o fiz. Parecia mais fácil não o antagonizar, por isso, ri-me parvamente, e nessa noite Alice virou-me as costas, na cama estreita, e fiquei acordado, infeliz, submetido às radiações emitidas pelo frio campo da ira dela.

As memórias mais nítidas que tenho da casa do pai de Alice estão relacionadas com a piscina, de ladrilhos de um turquesa vivo, quase sem cloro e salpicada de insetos à superfície. À noite, os morcegos desciam em voo picado para beber, sombras negras que tocavam rapidamente na água. Nadei, de uma ponta à outra, vinte, trinta, quarenta vezes. Nunca tinha estado numa casa com piscina. Deslizar debaixo de água e submergir para ver pinheiros e a casa a brilhar ao sol — isto continha um valor para mim que não sou capaz de transmitir a pessoas para quem estas coisas são normais. Nadar tinha sempre sido na fria água do mar inglês, ou a experiência em massa dos banhos municipais. Aquela piscina, em retrospectiva pouco notável, mesmo rasca, perdurou na minha memória quando tanto se tinha desvanecido. Enquanto eu

nadava de uma ponta à outra, Alice deitava-se numa espreguiçadeira e lia. Às vezes, Isabelle e Alain juntavam-se a ela e eu saía da água, sentava-me na borda, vendo que eles, quietos como lagartos, me observavam como se eu estivesse a dar um espetáculo.

Ficámos duas semanas, e as boas-vindas foram-se gradualmente esgotando. Um dia, pedimos o carro para ir a um rio ali perto, e Alice passou por cima de uma pedra, avariando a direção. Deitávamo-nos e levantávamo-nos tarde, o que irritava Isabelle, que também não gostava de dar connosco a remexer na cozinha a horas inusitadas. Uma noite, dei por mim lá fora, com Alain, que tinha aberto uma terceira garrafa e queria companhia. À nossa volta, os insetos faziam grande barulheira. A noite estava muito agradável e perfumada. Sentia-me bem, confiante no meu lugar no mundo. Tinha privadamente concluído que a avaliação que Alice fazia de Alain era excessivamente áspera. Era, segundo a advertência que ela me tinha feito, um cínico. Tinha esperado viver à custa da mãe de Alice, que tinha sido criada como uma princesa, e ficara desanimado ao descobrir que tanto a família dela como a dele não aprovavam aquela relação. Estes imigrantes, embora não fossem propriamente *boat people*, deveriam ter ficado radiantes ao ver que a filha estava a subir na escala social. Em vez disso, o avô de Alice tinha tornado claro que, para obter a aprovação dos parentes por afinidade, Alain deveria fazer alguma coisa de si próprio, que era precisamente aquilo que tinha tido a esperança de evitar. Quando os fundos esperados não apareceram, foi-se embora.

Seduzido pelo charme e sofisticação dele, não percebi nada disto. Nessa noite, decidi que queria

mostrar-me a coleção de máscaras africanas e levou-me ao escritório dele, onde as tinha, penduradas nas paredes. Tinha feito, contou-me, uma viagem de jipe pelo território dos Dogon, com a segunda mulher. Muito boas recordações. Não tinha achado que o povo fosse de forma alguma primitivo. Alice tinha referido a segunda mulher, cujo pai era membro do conselho de administração de um dos grandes bancos franceses. O dinheiro dela tinha permitido que Alain se lançasse numa carreira fortuita de investimentos e aventuras empresariais. Após alguns anos de turbulência e um segundo divórcio, Isabelle tinha entrado em cena, subtraindo-o para uma vida na província. As máscaras Dogon tinham rostos compridos, com olhos feitos de ranhuras e círculos. Olhavam-nos do alto, com ar crítico.

— Então — disse ele, dando a volta à secretária —, a Alice diz que és africano, um pouco.

— O meu pai era jamaicano.

— Ah, sim, Bob Marley. *Funky reggae party!*

— Não cresci lá.

— Talvez seja por isso que a tua pele é tão branca.

— Tenho de me ir deitar, Alain.

Fez um gesto de desconsideração pela minha sugestão.

— Diz-me uma coisa, gostas da minha filha?

Respondi que era óbvio que sim. Anuiu e pousou a mão nas costas de uma cadeira, para se equilibrar. Estava mais bêbedo do que eu julgava.

— É boa?

— Em que sentido?

— Sempre senti curiosidade. Olho para ela e não sou capaz de perceber. Talvez seja um pouco fria.

Não fiquei muito certo quanto a tê-lo compreendido corretamente. Deu-me uma palmada cordial nas costas.

— Vá lá, podes contar-me. Somos homens.

Não sabia o que procurava ele. Talvez provocar uma reação.

— Parece-se com a mãe, sabes? Quando era nova. A rata dessa miúda era tão apertada. Olha, era como estar dentro de um punho.

Sorriu, mostrando os dentes, e notei na cara dele uma coisa verdadeiramente debochada, uma coisa que eu não queria acarear. Saí do escritório. Na última visão que tive dele, estava esparramado na cadeira do escritório, a observar as mãos, rodando-as, as palmas, as costas, como se procurasse nelas alguma coisa.

No andar superior, na torre, disse a Alice que queria ir embora. Não disse porquê, mas pareceu-me que ela tinha percebido que acontecera qualquer coisa. Na manhã seguinte, Isabelle levou-nos à estação. O ambiente no carro era gelado. Deu-nos a entender, com poucas palavras, que a tínhamos desiludido. Não éramos aqueles jovens inteligentes que esperara que fôssemos. Alain não apareceu para se despedir. Sentia-se mal, disse Isabelle. Precisava de descansar.

JULGAVA QUE O FACTO DE TERMOS VIAJADO JUNTOS tinha selado alguma coisa, mas, quando chegámos a Saint Pancras, Alice disse que voltava para Knightsbridge, para dormir. Fiquei a vê-la a arrastar a mala de rodas cais abaixo, em direção à praça de táxis, depois sentei-me no metro, para seguir na direção oposta, a pensar se tinha feito alguma coisa de mal.

Quando nos apaixonamos na juventude, pensamos que o objeto do nosso desejo é tanto finito quanto infinito, uma criatura mágica e insondável que seremos também capazes de conhecer completamente. Eu queria abrir Alice como um geodo, expor todos os cristais, todas as estrelas dela. Era difícil aceitar que havia alguma coisa da vida dela que não me dizia respeito, e não fazia qualquer diferença que também eu estivesse a esconder-lhe coisas. Não me tinha apresentado na Segurança Social, e o dinheiro deixara de vir. Tinha sido divertido ter no bolso as notas de cem francos dela, mas a minha realidade não era essa. Passei uma manhã a olhar para uma zona gasta da alcatifa do gabinete do subsídio de desemprego, à espera de que me atendessem. contei uma história qualquer ao funcionário. Tinha estado doente. Não, não tinha atestado médico. Observou-me através das lentes sujas e ajustou a gravata. Era cansativo andar à cata de dinheiro, e não queria que Alice se visse envolvida nessa dimensão da minha vida. Ela pertencia a outro lado — janelas de comboio, a piscina azul-celeste —, uma coisa valiosa que eu queria proteger de

contaminação. Por isso, embora imaginasse uma espécie de união total entre nós, sentia que tinha de adiar isso até que me pudesse apresentar como realmente era, como o pobre que revela, no final da história, que é, na verdade, um príncipe.

Apesar das minhas preocupações, nesse ano estivemos no nosso melhor. Começamos a sair, vogando numa discreta corrente de dinheiro de Alice. Conheci os amigos dela, e ela os meus. Foi nessa época que as pessoas diziam os nossos nomes juntos, que recebíamos convites em comum para inaugurações e festas privadas, antes de nos fecharmos. Tinha um amigo com um estúdio, no último andar de um edifício, em Regent's Canal. Subíamos ao telhado e olhávamos para o futuro de Londres e para o seu passado vitoriano, para os gasómetros esqueléticos, ao longo do canal, para os distantes aglomerados de edifícios bancários, nas Docklands e na City. Passámos muito tempo num bar, na cave de uma loja de artigos elétricos. Passava-se por um mostruário de frigoríficos e máquinas de lavar loiça, antes de descer umas escadas. Era muito ruidoso e estava sempre apinhado, e ninguém ligava se se estivesse num canto a curtir ou snifar coca de uma chave. Uma noite, estávamos na pista de dança, salpicados por uma espécie de uma iluminação desorientadora, e a minha visão começou a comportar-se de forma estranha, a acender e apagar, como o efeito de obturação no cinema. Alice estava a sorrir para mim, e eu gritava que a amava, confiando que ela não fizesse a menor ideia do que lhe estava a dizer. Fez uma concha com a mão no ouvido e encolheu os ombros, fingindo que não conseguia ouvir nada.

O mundo artístico de East End era pequeno, nessa

época, e fortemente concentrado. Havia três ou quatro pubs a que «toda a gente» ia e dúzias a que não ia. Num desses pubs escolhidos, a proprietária tinha um círculo de preferidos, essencialmente jovens artistas conhecidos, à volta dos quais se atarefava com travessas de aperitivos. Uma noite, encontrámos Rob no bar. Aparentemente, era um dos eleitos, pois, apesar de ser sexta-feira à noite e o pub estar apinhado, estava sentado a uma mesa junto da lareira, a fazer conversa com algumas caras locais, diante de um prato de rolinhos de salsicha.

Sandra, a dona, correu com algumas pessoas das cadeiras, e juntámo-nos à mesa de Rob. Fiz as apresentações e ele observou Alice de cima a baixo. Notável, disse ele, acenando aprovadoramente com a cabeça. Percebi que Alice tinha considerado o comentário ofensivo. Quase de imediato, outro homem inclinou-se para diante e iniciou uma conversa com ela. Fui para o balcão, para não ter de o ouvir a namoriscar.

Estava a ficar habituado aos desafios particulares de andar com Alice. Onde quer que fôssemos, havia sempre um rapaz taciturno a lançar-lhe olhares infelizes e a tentar levá-la para a rua, para conversar. Mesmo de calças de fato de treino, cabelo por lavar e cigarro ao canto da boca, os homens observavam-na e assobiavam-lhe, quando passava. Alice atravessava o mundo como uma promessa e uma disrupção, e para mim, mal saído da adolescência e possuído por uma espécie de magnanimidade cavaleiresca, era tanto empolgante como ameaçador ser o homem dela, alguém de quem se esperava que se preocupasse o suficiente com os outros homens mas não demasiado, que soubesse gerir todas aquelas reações. «Não te incomodes com ele», dizia

Alice, quando se libertava de algum admirador. E eu assim fazia, ou pelo menos tentava. Tentava confiar nela, e — o que era mais difícil — em mim, sentindo-me sofisticado e um pouco inexpressivo, como uma personagem dos filmes da Nova Vaga.

— A propósito, o teu amigo pensa que eu sou uma cabra.

Nessa noite, mais tarde, estávamos a jantar num café turco, em Dalston.

— O Rob? Não. Porque haveria de pensar isso?

— Porque não tapo a boca quando me rio nem fui na conversa dele. Mas sente-se impressionado contigo. Acha que estiveste bem ao sacar uma... como hei de dizer... lasca destas.

— Não, ele não é assim. É um tipo fixe, acredita. É o feitio dele.

— Vais contar-lhe como é foder comigo?

— Não. É claro que não.

— Porque não?

— Desculpa. Não quero que te sintas... — Procurei as palavras certas. — Vou dizer-lhe para não se meter contigo. Não gosto.

— Mas não te importas que ele tenha ciúmes.

— Estás comigo. O que ele pensa não é importante.

Numa outra noite, Alice e eu fomos ao pub de Sandra, que estava a abarrotar, como acontecia todas as quintas-feiras. Rob estava a contar uma história dramática a um grupo que incluía uma artista da White Cube cuja obra estava a ser vendida por centenas de milhares de libras. Ela estava a rir do que ele lhe estava a dizer, torcendo a boca num sorriso contrafeito. Acenei a um par de outros amigos. Numa das extremidades do balcão, vi Jago a bebericar uma caneca de cerveja e

um grande copo de brandy.

— O que lhe aconteceu? — perguntou-me Alice.

Encolhi os ombros. Fosse o que fosse, não tinha aspeto de ser boa coisa. Tinha um olho negro e a cara ferida e inchada. Por cima da ponte do nariz, tinha um penso.

Jago e eu tínhamo-nos tornado amigos, ultrapassando a relação entre artista e galerista. Tínhamos coisas em comum. Éramos ambos pessoas aplicadas, sempre receosos de acabar por voltar ao lugar de onde tínhamos vindo. A pronúncia impecável e o estilo bota de elástico de Jago, sinais no complexo semáforo do sistema de classes inglês, não era tão genuíno como parecia. Ele deixava que toda a gente pensasse que era um janota a vadiar por East End, mas, na realidade, era um rapaz da classe média baixa, que frequentara um colégio privado menor, com uma bolsa de estudos, e a sua *persona* tipo *Brideshead* era suportada unicamente por um par de fatos de tweed e um ar vencedor. A sua apresentação conservadora escondia qualquer coisa de agreste e autodestrutivo, um negrume que eu compartilhava. Costumávamos sentar-nos a altas horas da noite, no pequeno estúdio dele, esparramados em almofadas à volta de uma mesa baixa de café, para consumir drogas e falar sobre arte, ou às vezes apenas consumir drogas, tentando teimosamente apanhar uma pedrada com o que estivesse à mão. Tinha pintado todo o espaço de um cinzento-claro. Paredes, soalho, até o teto. Era regra dele nunca viver com objetos que não considerasse belos, e todo o dinheiro que tinha ia parar à galeria; por conseguinte, tinha muito poucos pertences. Era uma estranha dupla existência, uma vida rigorosa, quase espartana, que

incluía todo o tipo de deboches e excessos.

Dei-lhe uma palmada no ombro.

— O que te aconteceu?

Percebi que já estava bastante entrado na bebida. Estava premeditadamente recostado no balcão, como se estivesse decidido a aguentar a máximo de tempo possível.

— Oh, olá, Jay. É que caí pelas escadas abaixo.

— Foste assaltado?

Assentiu.

— Nos armazéns vitorianos.

— Que raio andavas a fazer lá?

Deu uma pancadinha no lado do nariz.

— O melhor é estar calado. Digamos apenas que foi um prazer, até àquele ponto.

— Mas estás bem?

— Oh, claro que sim, companheiro. Só tenho o orgulho ferido. A propósito, se andas à procura de falar com alguém que te possa servir, ele está ali.

Apontou para um bebedor mais velho, de sobretudo, que falava com outro, perto da porta. Eram-me ambos vagamente familiares. Não ia perder a oportunidade de arranjar algum material, mas, nessa altura, lembrei-me de que não tinha dinheiro. Teria de pedir algum emprestado a Alice. Ela entregou-me o cartão e eu dirigi-me para a estação de Liverpool Street, onde havia uma máquina.

Sandra não via com bons olhos que se traficasse no pub dela, de modo que o do sobretudo e eu fomos dar um pequeno passeio. Quando regressámos, Alice disse-me que queria ir para casa.

— Tens a certeza? É que consegui isto tudo.

— Tu e Jago não precisam de mim esta noite.

Saímos para arranjar um táxi. Quase instantaneamente, os poderes mágicos de Alice conjuraram um saído do seio da noite. Deu-me um beijo e entrou. Enquanto regressava ao pub, descobri que ela tinha metido o cartão no meu bolso.

Nessa noite, à volta da mesinha de café de Jago, chegámos ao ponto em que revirávamos os olhos e rangíamos os dentes, e a nossa conversa degenerou até à conversa oca e a exclamações desligadas. Jago tinha a teoria de que para se singrar no mundo da arte era preciso ser um ator.

— A coisa é que, companheiro, eu sei que personagem represento, mas não sei que personagem representas tu.

— Não represento ninguém.

— Tretas. Só não queres admitir.

Continuou com aquilo — fulano e sicrano eram personagens românticas, aquele e o outro eram bobos —, e para mudar de assunto, perguntei-lhe como tinha sido o assalto.

— Viste quem foi?

— Não. Acho que me bateu com um tijolo. Houve alguém que me encontrou e chamou uma ambulância.

— Credo, Jago!

— Oh, estou bem. Tiraram-me umas fotografias, meteram-me numa daquelas engenhocas, sabes, um grande tubo metálico, para ver se tinha algum inchaço.

— Há quanto tempo foi isso?

— Há uns dias. Parece que tive sorte por ele me ter batido na cara, em vez de na nuca. O meu pobre nariz protegeu-me, e o cérebro não foi afetado.

— E devias estar a tomar esta coisa toda?

— Agora que falas nisto, disseram-me para não

abusar durante uns tempos.

— Não consigo perceber o que estavas a fazer naquele sítio. Estavas bêbedo?

— Bom, sim. É claro que sim.

— E andavas apenas a cirandar por lá?

— Se queres saber, eu estava num «lambe-suga».

Era, segundo explicou, uma espécie de pacote completo: por vinte libras, conseguia-se uma passa num cachimbo de crack e um broche. Fiquei sem palavras. Jago tinha uma espécie de *vibe* Dirty Mac¹, mas julguei que fosse uma coisa irónica, parte da sua representação, como apostar nas corridas de cães ou tomar o pequeno-almoço todos os dias na mesma espelunca, em Bethnal Green Road. Sabia que à hora do almoço era um frequentador habitual de um bar de striptease em Brick Lane e que tinha, cuidadosamente arquivada, numa caixa que havia na sala de estar, uma coleção de pornografia vintage, mas isso não o diferenciava de uma data de artistas que eu conhecia. Costumava defender Jago quando as mulheres diziam que ele era sórdido, dizendo-lhe que era muito tímido, que era difícil para ele estabelecer relacionamentos. Apesar do seu encanto, havia nele um qualquer bloqueio, qualquer coisa de furtivo e contido. Não era um homem feio, e muitas mulheres haveriam de estar interessadas, mas, de alguma maneira, ele achava que isso era impossível. Afirmava que o motivo por que dormia com prostitutas era porque não tinha vergonha de lhes pedir que o acariciassem.

— Porquê, Jago? Porque não arranjas uma namorada?

— Escola — disse, como se eu tivesse obrigação de compreender.

¹ The Dirty Mac é uma banda criada em 1968 por John Lennon, com Keith Richards, Eric Clapton e Mitch Mitchell. (*N. da R.*)

CONSIGO VÊ-LA, PAIRANDO AO LONGO DOS ANOS, pendurada no ar, como o sorriso do Gato de Cheshire: a expressão de Rob, quando olhava para Alice. A sombra de desejo que lhe subia pelos cantos da boca, o chão a mover-se debaixo dos meus pés.

Estávamos enfronhados num daqueles deprimentes invernos londrinos, quando a luz do dia desaparece a meio da tarde e a cidade parece estar embrulhada em desespero. Alice tinha ido a Paris para passar as férias de Natal, e eu estava a dedicar bastante tempo a cismar, interrogando-me se teria alguém lá, algum antigo amante, um sedutor imaginário que imaginava como o ator Jean-Pierre Léaud, irritante estrela de muitos dos filmes franceses que tínhamos visto juntos. Num dia gelado, enquanto seguia de bicicleta Hackney Road abaixo, respingado pelos carros que passavam, alguém gritou o meu nome. Rob estava enroupado num enorme mas bastante sujo casaco de penas. Parecia um explorador polar desonesto. Dando-me um abraço apertado, disse-me que havia uma coisa muito especial que queria que eu visse, e pediu-me para me encontrar com ele mais tarde, numa morada no canal.

Já estava a ficar escuro quando dobrei a esquina de uma rua secundária, com as rodas da bicicleta a trepidar em trechos mais antigos da calçada. Seguindo as indicações de Rob, dei com uma pequena fábrica do tipo das que havia por todos os lados, nessa zona de Londres, do tempo em que os operários produziam têxteis e objetos de ferro, vidro e artigos de borracha,

todas as inumeráveis necessidades da metrópole imperial. A desindustrialização tinha esvaziado a maior parte desses edifícios, e embora muitos estivessem a ser convertidos em estúdios ou apartamentos, alguns continuavam devolutos, providenciando abrigo a várias atividades marginais. Este tinha um aspeto pouco prometedor. Pendia para a água, com paredes inclinadas, escurecidas por um par de séculos de fuligem, as janelas do rés do chão entaipadas com contraplacado bolorento. Contra a parede havia uma velha estrutura de cama e um monte de entulho. Um letreiro de madeira por cima da porta tinha apodrecido parcialmente, tornando ilegível o nome do proprietário. Apenas se conseguia ler ARTIGOS DE FANTASIA.

À frente do edifício havia um enorme buraco cheio de água lamacentas. Alguém tinha colocado uma tábuas até à porta. Conduzi a bicicleta por esta improvisada ponte levadiça e abri a porta. No interior, a única iluminação provinha de um candeeiro de pé, do género dos que se encontram habitualmente nas salas de estar das pessoas, um poste de madeira encimado por um abat-jour cor-de-rosa enfeitado com borlas. No ténue círculo de luz amarelada estava um homem de cabelo comprido e fato-macaco a atacar um chão de cimento desnivelado com um esmeril, fazendo voar faíscas que cruzavam a escuridão. No momento em que encostei a bicicleta à parede do lado da porta, Rob surgiu da penumbra, com uma lanterna na testa, a cambalear sob o peso de dois sacos de plástico pretos, cheios de entulho do edifício. Peguei num e despejámos-os no monte ao lado da estrutura da cama.

— O que te parece? — perguntou-me. — Não é bonito?

Rob estava a ocupar ilegalmente o edifício com outros artistas, sendo que eu não conhecia nenhum deles. Tinham forçado a entrada e depois feito um acordo com o proprietário, prometendo que, quando ele quisesse iniciar a renovação, que não estava agendada antes de pelo menos dois anos, sairiam. No ínterim, conquanto não causassem danos à estrutura, ele concordara em não os incomodar. O plano deles era viver no piso superior e usar os outros dois pisos para fazer exposições. Rob deu comigo a volta ao edifício, quase com uma espécie de orgulho cómico. Cheirava a madeira em decomposição e água do canal. Compridos dedos de ar frio infiltravam-se, vindos do canal, pairando por cima do cimento gelado. Conduziu-me por um lanço de escadas que rangiam, com falhas nas travessas e sem corrimão, grosseiramente reparadas com tábuas. Nos dois pisos superiores, janelas com molduras de aço cortavam as paredes. As janelas estavam preenchidas de tijolos de vidro, tornados opacos por décadas de sujidade urbana, e a luz do dia que filtravam não passava de um brilho anémico. Pode subir-se ao telhado, disse Rob, se se fizer isso com cuidado.

Tinha passado horas de ócio no meu estúdio, a ouvir música e a fazer desenhos medíocres, diagramas, de facto, mapas abstratos que acabavam todos por ser sobre Alice. Tinha a ideia de que podia fazer uma espécie de esquema da nossa relação, transformando as aquelas emoções amorfas em qualquer coisa tranquilizantemente técnica. Sabia que estava a ser autoindulgente, mas, de certo modo, comprazia-me ansiar por ela. Queria definhar, fumar na cama e ter pensamentos lúgubres, enquanto esperava que ela

voltasse, mas não é possível estar parado senão durante algum tempo. Enquanto Alice estava em Paris, acabei por passar a maior parte do tempo com Rob em Artigos de Fantasia, ajudando a reparar as escadas partidas, descascando as tiras irregulares de merda de pombo que tinham solidificado nas tábuas do soalho do andar de cima, assinatura de gerações de aves que se tinham empoleirado nos tubos e canalizações suspensos. Passei o fim do ano sentado ao redor de um aquecedor a gás, com amigos de Rob. Embebedámo-nos, e, durante um serão, imaginei que nos poderíamos tornar um daqueles coletivos lendários de artistas: um dia, haveria de ser uma cara sobre a qual jovens artistas se debruçariam, da mesma maneira que eu me debruçava sobre as caras que estavam nas velhas fotografias de grupo de surrealistas ou situacionistas, para tentar adivinhar qual a sensação de ter pertencido a uma qualquer notável parceria criativa com outros.

Quando Alice regressou, quis saber como tinha eu passado o tempo, e levei-a a Artigos de Fantasia, para ver como era. Esperava que achasse tudo demasiado sujo e desorganizado, o que mostra até que ponto não a conhecia. Enquanto observava Rob e os amigos a descarregar placas de gesso cartonado de um camião, os olhos dela brilhavam. Envolveu-se de imediato numa conversa sobre os materiais. O plano era pendurar calhas de iluminação nas vigas do piso inferior, mas a única eletricidade vinha de uma duvidosa ligação a um edifício vizinho, que estava sempre a falhar. Quando isto acontecia — se alguém tentasse usar um utensílio elétrico ou ligar o forno de Rob —, era preciso forçar a entrada, o que implicava atravessar o telhado e descer por uma claraboia para voltar a ligar o fusível que

tinha disparado. Para surpresa minha, Alice disse-lhes que podia ajudar. E fê-lo. Dentro das limitações impostas pelo nosso reduzido orçamento, ela descobriu dois polacos que renovaram a instalação elétrica do edifício. Um deles, Filip, veio a ser o habitual técnico de Artigos de Fantasia, parte do grupo que se reunia para cozinhar grandes panelas de massa no fogareiro a gás. Filip e o amigo, cujo nome desapareceu da minha memória há anos, esticaram os fios ao longo do edifício, montando, em cada piso, algumas tomadas. Alice também solucionou o problema mais grave, persuadindo a empresa de eletricidade a retomar o fornecimento, de modo a que a nova ligação viesse diretamente do cabo principal. A nossa instalação não era bonita — nem legal — e não seria capaz de suportar grande esforço, mas pelo menos podíamos usar uma broca sem lançar o espaço na escuridão.

Alice chegou até a arranjar algumas calhas em segunda mão. Pedi emprestada uma carrinha a um amigo e fomos juntos recolhê-las a uma propriedade industrial junto do estuário do Tamisa, perto do lugar onde cresci. Sentia estranheza por ver Alice naquela paisagem plana que me era familiar, com campos, pauis e urbanizações de telhados vermelhos. Lembro-me de que o vendedor namoriscou com ela e lhe fez chá, no escritório, enquanto eu carregava as luzes. De regresso a Artigos de Fantasia, Filip e o amigo montaram-nas e, repentinamente, o rés do chão, que parecia uma masmorra, tornou-se um lugar onde se poderia mostrar arte. Alice transformou-se na heroína, na Marianne, na Joana d’Arc.

Havia algo de muito intencional na maneira como Alice se integrou na vida do coletivo de Artigos de

Fantasia. Responsabilizava-se pelas piores tarefas, aquelas que as outras pessoas tentavam evitar. Sentava-se ao telefone e pedia materiais a construtores e fornecedores de artigos de arte. Quando o senhorio apareceu, fez-lhe café e mandou-o embora, com ele a prometer que avisaria com três meses de antecedência se tivesse de tomar posse do edifício.

Preocupava-me que ela estivesse a ser explorada, e disse-lhe que — na minha opinião — estava a fazer mais do que lhe competia, tendo recebido uma das típicas respostas de Alice, uma posição teórica pormenorizada que parecia estar apenas tangencialmente relacionada com aquilo que, de facto, estava a acontecer. A arte, disse ela, era tanto sobre relações sociais como sobre objetos, muito pouco (disse esta frase com um desdém que a fez permanecer na minha cabeça) sobre *prazer retiniano*. As galerias e os estúdios eram lugares de experimentação, onde os artistas podiam fazer coisas que ela parecia pensar serem uma espécie de conserto social, um modo de renovar os laços entre pessoas, através de experiências partilhadas e dádivas de presentes. Concebia Artigos de Fantasia como uma sorte de laboratório utópico. Era uma visão que eu considerava tocante, embora não tivesse a certeza de que o grupo de pessoas que Rob tinha reunido estivesse interessado em pôr isso em prática.

Agradou-me que Alice e Rob estivessem a tornar-se amigos. Agora parece ridículo que os tenha juntado, mas quase exigi que ultrapassassem a aversão inicial que sentiam um pelo outro. Nesse ano, passámos os três muito tempo juntos. Recordo-me de um piquenique numa das praias da costa sul. Rob levou-nos até lá num

carro emprestado, espreitando pelo espelho retrovisor as brincadeiras que Alice e eu estávamos a fazer no banco de trás. Com comprazimento, imaginei-me a charneira, o fulcro ao redor do qual o nosso pequeno sistema girava.

O tempo começou a aquecer. Com um pouco de lubrificante e um pé-de-cabra, conseguimos abrir as janelas do piso de cima, agitando a bafienta atmosfera invernal com um fio de ar fresco. Rob arranjou uma residência e, enquanto ele esteve ausente, Alice e eu vivemos no quarto dele. A habitação ilegal tinha de estar sempre ocupada, não fosse dar-se o caso de o senhorio mudar de ideias ou outro grupo decidir tomá-la de assalto. A outra pessoa que habitualmente estava lá também tinha ido de viagem, por isso, concordámos em substituir os dois. Era a nossa primeira experiência de coabitação.

Rob tinha coberto as paredes do quarto com papel vermelho-escuro a imitar tecido, que tinha comprado no mercado de Brick Lane. Era, disse, o material que costumavam vender aos restaurantes indianos. Tinha feito uma espécie de estúdio de filmagem, com candeeiros fora de moda e marinhas compradas em lojas de beneficência, por cima das quais tinha pintado as suas próprias figuras. Parecia uma aventura dormir no berrante quarto de Rob, mas subestimei a estranheza de estar sozinho de noite num edifício tão grande e barulhento. A única retrete ficava no piso inferior, uma jornada épica através de uma escuridão primeva. Rob tinha uma barra de ferro ao lado da cama. Acordei mais do que uma vez à procura dela, pensando que alguém tinha forçado a entrada.

Teria sido mais fácil habituar-me ao ranger, chiar e

chocalhar se não houvesse, à mistura, outros ruídos que provinham das correrias e saltos das ratazanas. Quando acordávamos, tínhamos muitas vezes de limpar fezes da mesa e do fogareiro a gás, antes de podermos fazer chá. Por fim, alguém levou um gato resgatado, um velho gatarrão amarelo, e durante algum tempo a situação melhorou, mas o animal foi atropelado, e ao fim de uma semana as ratazanas regressaram, roendo invólucros e sacos de plástico, coçando-se e fazendo ruídos por cima de mim, enquanto tentava dormir. Fiquei aliviado quando Rob regressou.

Foi então a minha vez de viajar. Tinha uma exposição numa galeria pública em Viena, a primeira fora do Reino Unido. Estava excitado e esperançoso de que Alice fosse comigo, mas disse-me que havia demasiadas coisas para fazer em Artigos de Fantasia. A viagem a Viena acabou por ser importante, não pelo que tenha ocorrido lá, mas pela própria deslocação. Nunca tinha estado num avião, e não me sentia preparado para voar. Não era exatamente ter medo, e mais tarde andei de avião sem incidentes, mas uma viagem ao estrangeiro era ainda uma coisa muito nova para mim, e queria ter essa experiência física, sentir as mudanças quando passava de um país para outro, em vez de saltar instantaneamente, que era como ingenuamente imaginava as viagens de avião. Originalmente, queria caminhar até Viena, mas abandonei essa ideia, por ser impraticável. A solução de compromisso era atravessar o Canal da Mancha, depois apanhar um comboio noturno na Bélgica, que atravessaria a Alemanha e me levaria à Áustria. Por causa do Acordo de Schengen, logo que saísse da Grã-Bretanha deixaria de haver fronteiras e funcionários a

atravessar a carruagem e a consultar os passaportes. Estava à espera de uma coisa diferente, de versões de uma sequência de filmes antigos, da porta do compartimento a deslizar, de passageiros a apresentar os seus documentos a um homem fardado de ar carrancudo. Tendo os países acordado acabar com as fronteiras, dei por mim a cogitar sobre que tipo de existência tinham tido essas fronteiras. Tornavam-se realidade sempre que uma identidade era verificada, e depois voltavam a desaparecer. Tinha estado a ler sobre administradores coloniais que marcavam fronteiras em mapas, a linha Sykes-Picot, a divisão da Índia. Tantas linhas imaginárias traçadas a lápis. Não sabia o que queria fazer com estes pensamentos. Em Viena, houve uma pessoa que me deu um autocolante de um grupo de ativistas chamado *Kein Mensch ist illegal* — ninguém é ilegal. Colei-o em cima do logo do meu portátil.

Tinha sido convidado a fazer uma performance que intitulei «Ritmo Natural». Os meus braços e pernas estavam amarrados com cordas que se ligavam a um sistema de roldanas. Tocava um solo numa bateria, com os movimentos dos braços a esticar as cordas, fazendo subir e descer pesos enquanto tentava manter-me no tempo marcado por um metrónomo com o som amplificado, num ritmo que aumentava cada vez mais, até se tornar brutal, impossível de seguir. O público austríaco assistiu atentamente, enquanto eu me retesava e esticava como um boneco humano, avançando para um estado de frenesim que atingia o clímax quando eu destruía o equipamento e me retorcia no solo, enredado nas cordas.

No caminho de regresso a Londres, parei em Berlim, onde de novo fiz a performance da bateria, num espaço

dirigido por artistas, em Kreuzberg. Permaneci lá alguns dias, tendo acabado por me juntar a umas pessoas que estavam a fazer graffiti num dos edifícios devolutos da antiga linha do Muro. Para entrar, tínhamos de trepar uma cerca encimada por arame farpado. Os meus novos amigos cobriram o arame com um bocado de carpete velha e subiam usando uma fateixa e uma corda, como piratas a abordar um barco. Era impressionante, e depois comecei a interessar-me por praticar escalada, pelo ato físico de superar barreiras. Quando passava por um muro alto, procurava instintivamente apoios para os pés.

Número cinco de *Sentences on Conceptual Art*, de Sol LeWitt: *os pensamentos irracionais devem ser seguidos de forma absoluta e lógica*. Número seis: *se o artista mudar de opinião a meio caminho da execução da peça, compromete o resultado e repete resultados passados*. Tinha pregado estes dois aforismos na parede do meu estúdio. Gostava do tom científico deles. Nessa época, os meus heróis vinham todos do mesmo momento das décadas de 1960 e 1970, quando os artistas produziam listas de instruções datilografadas e levavam a cabo ações que exigiam com frequência que se suportasse dor e tensão. Por essa altura, tentava realizar performances em público, pequenos gestos estranhos ou disruptivos. Rastejava ao longo de uma rua, desenhando uma linha reta com um pedaço de giz, separando um lado do outro. Erguia espelhos diante de transeuntes, a quem pedia uma autodescrição. Às vezes, recrutava amigos para segurarem numa câmara e documentarem as reações. De vez em quando, tanto Alice como Rob me ajudaram. Ocasionalmente, as reações das pessoas ao que eu fazia eram negativas,

mesmo violentas. Fui revistado por polícias na estação de Liverpool Street, quando estava de pé, numa caixa, de fato e gravata, como um funcionário, com uma pasta na mão e um antiquado chapéu com orelhas de burro na cabeça. Disseram-me que estava a portar-me de forma antissocial e que, se voltasse a fazer aquilo, seria preso.

A atuação em Liverpool Street era, tal como a performance da bateria, sobre a vergonha e o desconforto. Queria explorar o modo como me tinham feito sentir em criança, sobretudo Douglas e Patricia.

A performance na Jago Purvis, na qual me mantinha ereto a olhar para uma parede, tinha sido uma reconstrução de um dos mais traumáticos acontecimentos da minha adolescência, quando Douglas me fechou na varanda da casa que partilhava com Patricia e os gémeos. Estava com treze anos, já a viver com a minha avó, mas tinha ido almoçar com eles, num domingo. Ele e eu tivemos uma discussão qualquer, e pôs-me na varanda, como castigo. Era um terraço absurdamente pequeno, com um par de vasos de plantas e um parapeito ferrugento e baixo, um simples espaço raso por cima do vão da sala de jantar. Estávamos em fevereiro e nevava. Estava tão irritado, que não me mexi. Não andei de um lado para o outro nem dei pancadas nas portas de vidro. Não queria dar a satisfação a Douglas de me ver mostrar qualquer emoção. Fiquei lá, de costas para a porta, a tremer descontroladamente, enquanto olhava para as águas escuras do Estuário. Por fim, Patricia apareceu e deixou-me entrar.

— Ele saiu — disse ela.

Meteu-me na banheira com água quente e deu-me

leite com brandy, mas, tanto quanto saiba, nunca protestou com ele, nunca lhe fez frente pelo que me tinha feito.

Nessa altura, quando vivia com Alice, a minha arte era uma espécie de autoterapia, uma maneira de mapear os canais peculiares da minha infelicidade. Não fazia aquelas peças porque achasse que as minhas experiências eram especiais ou de particular interesse para as outras pessoas. Chamar-lhe compulsão também não seria correto. Era apenas para onde parecia que eu estava a ir, a estrada que estava a percorrer. Fiz *Ritmo Natural* na galeria de Jago e numa série de outros espaços. A ideia de estar constrangido ou perante obstáculos era algo com que jogava. Havia um ato artístico japonês dos anos de 1950 em que um artista se debatia numa poça de lama, travando uma batalha impossível de vencer, até ficar exausto. Sentia admiração por isso. Queria fazer arte a partir da luta, da luta por me manter vivo em cada dia que passava. Pensava bastante em afogamento, asfixia.

Quando regresssei a Londres, percebi que havia uma mudança subtil em Artigos de Fantasia. Antes de partir, tinha dito que não queria apresentar nenhum trabalho na primeira exposição. Rob persuadiu-me e acabei por concordar em pregar um dos meus diagramas relacionais na parede. As razões da minha ambivalência eram complicadas, e é-me difícil reconstruí-las. Acho que era por não gostar de alguns dos outros trabalhos. Havia um par de amigos de Rob que fazia aquilo que eu pensava ser «arte decorativa», grandes telas abstratas vistosas, para captar o olhar de coletores pouco sofisticados. Esse tipo de cinismo causava-me repulsa e não me parecia um bom contexto para o que queria

fazer. Imaginava-me parte do coletivo AF, mas a minha negatividade tinha sido notada. Embora tivesse estado ausente menos que duas semanas, foi como se um círculo se tivesse fechado, e vi-me do lado de fora.

Alice, pelo contrário, estava a divertir-se. Incomodava-me que Rob e os amigos parecessem arrastá-la para a execução de tarefas secundárias — como organizadora, assistente, escoteira-chefe. Estava já sentir-me excluído do grupo de Artigos de Fantasia, e assustava-me com os sorrisinhos que surgiam nos lábios de Rob quando Alice estava por perto, como se tivessem partilhado uma intimidade qualquer durante o tempo em que estive fora.

Uma tarde, estávamos no andar de cima de Artigos de Fantasia. Estava a ajudar a enviar convites para a primeira exposição, à espera que Alice acabasse para podermos ir ao cinema. Lembro-me de que queria afastá-la do grupo durante algum tempo, para a ter para mim. Estávamos lá cerca de uma dúzia, a conversar, a ouvir música, enquanto trabalhávamos. Deve ter sido umas semanas antes da inauguração.

Rob dirigiu-se a Alice e fez uma piada sobre a coleção de porcelana da tia dela, sobre como ela era a rapariga que vivia num museu. Tinha-a ouvido falar sobre esta coleção, que estava em prateleiras de vidro e tinha de ser tratada com enorme cuidado, mas nunca a tinha visto, porque ainda não tinha estado no apartamento dela.

— Desculpa, Rob, mas a Alice levou-te ao apartamento dela?

— Levou. Porque perguntas?

Senti uma humilhação brutal. Incapaz de pensar numa resposta, levantei-me e saí. Esperava que Alice

me seguisse para explicar o que se estava a passar, mas ela não o fez, e depois de dez minutos a andar, furioso, de um lado para outro, fui forçado a entrar. Como os outros membros do grupo evitavam trocar olhares comigo, peguei no meu saco e murmurei uma desculpa sobre ter de ir para casa. Estava a levar a bicicleta para a rua quando Alice desceu e me perguntou por que razão estava «de tão mau humor». Não sei se queria provocar-me, mas o tom de voz dela enfureceu-me.

— Levaste-o ao teu apartamento, mas a mim não? Trataste esse assunto... Bem, trataste isso como se fosse a porra de um segredo de estado.

— Não dramatizes.

— Não me digas como me devo comportar.

— Não façamos isto aqui. O som chega lá acima. Conseguem ouvir-nos.

Caminhámos até à rua principal. Acabámos por encontrar uma paragem de autocarro e sentámo-nos em silêncio no banco de plástico torto.

— Não te percebo. Estás a fazer com que me sinta um bacoco.

— Um quê?

— Um parvo, um idiota. Julgava que estava a respeitar a tua privacidade. É... quero dizer, onde é que os dois... Isto é, levaste-o mesmo ao teu apartamento?

— Levei.

— Bom, isso é mesmo fixe.

— Jay, pára. Não tem importância nenhuma. Porque há-de fazer um drama disso?

— Encontraram-se por acaso, do outro lado da cidade, e tu meteste-o no esconderijo secreto que eu nunca vi, para que o Rob... o quê? O que estiveram a fazer?

— É apenas um apartamento. Um apartamento horróroso, abafado, com uma alcatifa de parede a parede e jarras velhas e poeirentas em prateleiras.

— Mas como raio isso aconteceu?

— Aconteceu, pura e simplesmente. Encontrei-o numa coisa.

— Que coisa?

— Pára com o interrogatório, Jay.

— Não te estou a interrogar. É uma simples pergunta.

— Não tenho de te contar tudo.

— Pois então acho que tens mesmo alguma coisa que queres esconder.

— Oh... Cresce, mas é.

— Cresço?

— Recua, está bem? Não me deixas respirar.

Ela estava a perscrutar a parte superior da rua, e segui-lhe o olhar. Vi que um táxi se aproximava de nós, com a luz amarela ligada, como se ela o tivesse conjurado. Levantou-se e fez-lhe sinal.

— Então é assim? — perguntei.

Deu-me um beijinho sarcástico na face. À medida que a via afastar-se, senti-me totalmente desalentado. Interroguei-me sobre se teríamos acabado de cortar um com o outro. Fui para casa e embebedei-me até adormecer, diante do televisor, onde estava a passar um episódio sobre adolescentes com superpoderes.

ALICE ACABOU POR ME LEVAR AO APARTAMENTO DELA. Depois da nossa discussão em Artigos de Fantasia, houve vários dias de silêncio atroz, até que me telefonou. Levei o telefone para o meu quarto, fazendo passar o fio debaixo da porta, que fechei, para que os meus companheiros de casa não pudessem ouvir.

— Vem ter cá a casa.

— Onde?

— Jay, vem. Só isso.

— Porquê?

— Queres que desligue?

— Tens de me dar a tua morada.

E foi assim que apanhei o metro para Knightsbridge e caminhei ladeado de blocos de mansões e moradias impecáveis, com empenas ornamentadas e portas pretas ameaçadoras. Dei com o edifício de Alice e carreguei na campainha que havia numa placa de latão muito bem polida. Depois de um intervalo, ouviu-se um ruído estático e um clique. Empurrei a porta e vi-me num vestíbulo recoberto a mármore branco e negro. Entrei num elevador que subia aos solavancos, com uma porta pantográfica que fazia barulho quando abria e fechava. Subi vários andares. Quando saí do elevador, fui envolvido por um silêncio abafado. Uma passadeira persa cobria um corredor sombrio com gravuras de caçadas nas paredes. Notava-se um vago odor a produtos de limpeza, o que começou a deixar-me ligeiramente nauseado, como se o meu corpo estivesse a tentar alertar-me para qualquer coisa. Encontrei o

número, carreguei noutra campainha e, alguns momentos depois, ouvi um ferrolho a correr. Alice abriu a porta.

— Deixai toda a esperança¹ — disse, sorrindo desajeitadamente.

Quando entrei, os meus pés enterraram-se no espesso tapete do vestíbulo e uma coisa metafísica fechou-se ao meu redor, uma sensação de que a minha realidade tinha acabado de se dividir, tendo a vida em que não tinha atravessado aquela soleira passado a ser perfeitamente irrecuperável. Talvez fosse da má acústica do apartamento. Tudo tinha vidros duplos, era acolchoado, quieto e amortecido. Fiz de conta que não me sentia nervoso, que não achava ter entrado no inferno. Cheguei a dar os parabéns a Alice por aquele silêncio. Que agradável, disse, com uma das banalidades da minha mãe a sair-me da boca, que não se ouça o trânsito. Se soubesse como aquele lugar me destroçaria, teria fugido logo.

Mesmo com as janelas abertas, o apartamento era abafado. O ar não conseguia circular. Tenho a certeza de que se trata de um truque da minha memória, mas revejo o espaço todo com uma única tonalidade de cinzento, a cor da decadência. Na primeira tarde, sentámo-nos em cadeiras de madeira de costas altas e bebemos chá por chávenas esverdeadas. Esparramada no seu trono, como a princesa descontente de um trono subaquático, Alice abriu os braços, num irónico gesto de boas-vindas. Quase esperava que se lhe abrissem umas guelras na garganta, para que pudesse abanar a cauda e nadar até à superfície, deixando-me a morrer de asfixia, no fundo do mar.

— Vou mostrar-te a casa — disse. — Ficas a saber

como é, exatamente.

Levou-me para o pequeno quarto de vestir que usava como estúdio, um espaço estreito, dominado por uma ameaçadora fileira de armários com espelhos nas portas. Tinha lá enfiado uma mesa de aspeto pouco sólido com um tampo de plástico branco e uma cadeira giratória. Em cima da mesa havia um candeeiro de leitura e muitas pilhas de livros. A divisão estava muito bem arrumada, perfeitamente organizada, de uma maneira que sugeria cuidado e concentração, mas, olhando em redor, senti pena de Alice. Não havia um único lugar onde se pudesse pendurar um desenho, onde fazer uma marca descontraída. Era uma vida inibida. Podia empacotar tudo em meia hora, que depois não se encontraria qualquer traço da presença dela.

— Vem cá às vezes, a tua tia?

— Já não vem há bastante tempo. Costumava vir a Londres para jogar, mas acho que o clube de que gostava fechou. Agora visita habitualmente Macau.

— Então quem vive aqui?

— Ninguém. Quando cheguei, tive de deitar fora a comida que havia nos armários. As especiarias, tudo. Tudo tinha prazos de validade, tipo, dos anos de 1980.

Segui-a até ao quarto, que era sóbrio e desleixado, mas menos atafalhado do que o estúdio. A cama estava por fazer, e havia um monte de roupa no chão. Quando olhei em volta, percebi porque nunca me tinha levado ali. Não era um *boudoir*, nem nenhum santuário privado. Alice não estava a esconder-me nada. Não havia nada naquele apartamento que ela pudesse mudar ou fazer seu. Não havia nada para revelar, a não ser o vazio, a falta de autonomia dela. Mais tarde, nus,

fumámos à janela, despejando a cinza para um pátio interior sombrio, vários pisos abaixo.

A PRIMEIRA INAUGURAÇÃO FEITA EM ARTIGOS DE FANTASIA teve lugar numa noite quente de verão. Apareceram centenas de pessoas, que ocuparam também a rua. Havia tantos corpos no andar superior que se podia notar que o soalho estava inclinado com o peso. No piso inferior, um monte de amplificadores e uma confusão de cabos ocupavam o meio do chão. Tínhamos bandas a tocar *art punk* e *electropop*; quando a primeira ação começou, todo o edifício estremeceu. Tínhamos montado um grelhador e estávamos a vender hambúrgueres e espetadas de carne: durante os dias seguintes, o edifício cheirou a carne queimada, cheiro que se misturava com o da tinta branca que tínhamos usado para pintar as paredes. Queria ajudar, para melhorar as relações com o resto da equipa, por isso, ofereci-me para gerir o bar. Passei a noite a preparar bebidas em copos de plástico e a tirar latas de cerveja de uma arca frigorífica, tentando não pensar no colapso da estrutura e no perigo de um incêndio.

Apesar de um comunicado idealista à imprensa, escrito por Alice, que referia uma *experiência participativa* e a *busca de uma relação alheia aos modos de troca capitalistas*, era, em muitos aspetos, uma mostra concebida para vender arte a colecionadores. Na minha opinião, o sentido daquilo era uma baralhada. À última hora, muitas mais pessoas foram convidadas a participar, o que tornou difícil identificar um fio coerente que unisse tudo aquilo. O rés do chão tinha uma data de obras pequenas: um pequeno monte de

berlindes coloridos a um canto, desenhos em folhas rasgadas de bloco de notas presas de forma aleatória a uma coluna. No andar de cima havia várias pinturas manhosas da autoria dos artistas «decoradores» amigos de Rob. Este estava a expor as suas marinhas, que tinha comprado em lojas de beneficência e por cima das quais tinha pintado. Tinha-as montado numa estrutura que fizera com mobiliário velho, aquele tipo de mobília castanha e pesada que as pessoas estavam a deitar fora, nessa época. Era uma espécie de cabana, como uma choça ou barraca de praia, engrinaldada com pinturas. Era, sem dúvida, o melhor trabalho da exposição.

Jago tinha trazido colecionadores, um abismado casal mais velho, que ajudou a sair de um táxi, escoltando-os solicitamente através da multidão de andrajosos que bebia. Reconheci um par de outros negociantes mais jovens, também com clientes, gente vestida com roupas caras, que sobressaía no meio da aglomeração. Começou a circular o rumor de que um célebre colecionador tinha aparecido, uma figura lendária que tinha a reputação de ter o poder de sozinho fazer a carreira de um artista. Veio a confirmar-se que era verdade. Esteve lá apenas pouco tempo, com um carro à espera, enquanto analisava as marinhas de Rob. Era um homem grande e desajeitado, e observei-o a olhar para as instáveis escadas desconfiadamente. Quando a primeira banda começou a tocar, foi-se embora, sem tentar a subida. Os «pintores decorativos», cujo trabalho não viu, ficaram destroçados.

Da minha posição atrás do balcão, vi que Alice conversava com um jovem chique, de fato de seda azul. Era conspicuamente atraente, e, se não fosse rico, certamente que se vestia como tal. Quando vieram

buscar bebidas, ouvi-os falar em francês, rindo de uma piada qualquer. Apresentou-mo como sendo um galerista parisiense. Vamos jantar, sussurrou, com excitação, quando o seu novo amigo estava momentaneamente distraído. Acho que quer que seja curadora de uma exposição. Mais tarde, veio despedir-se.

— Podes juntar-te a nós — disse o galerista, num tom de voz que insinuava o contrário.

— Adoraria — disse.

Alice lançou-me um olhar feroz.

— Ligo-te amanhã, está bem?

Como era costume, tentei não sucumbir aos ciúmes. Ela ia estar num jantar profissional, nada mais. Fiquei em Artigos de Fantasia até a festa esmorecer, e depois continuei em casa de Jago, numa farra que se prolongou até ao dia seguinte: a melhor maneira que eu conhecia de evitar duras confrontações. Quando voltei a ver Alice, um par de dias mais tarde, não quis falar sobre o jantar nem sobre o galerista. O silêncio dela tinha uma veemência amarga, do que deduzi que o homem a tinha tentado engatar, em vez de lhe oferecer trabalho.

Tinha começado a acumular pequenos ressentimentos contra Alice. Quando estávamos juntos, sentia como se estivesse sempre a reter a respiração. Não queria desencadear uma discussão, porque ela era melhor nesse particular, mais empenhada quanto às suas posições, sempre capaz de me enrolar. Dos dois, sabia que era eu quem mais precisava da nossa relação, e receava desregular o seu delicado mecanismo. Tinha atribuído a mim próprio um papel ridículo, uma espécie de gerente intermédio, adaptando-me a cada

nova crise, correndo de um lado para o outro e enviando memorandos para outros departamentos, a fim de manter a empresa a funcionar. Em nada disto vi Alice. Estava tão preocupado em tentar manter o nosso caso amoroso que, de certo modo, me esqueci de o ter.

Aquela exposição em Artigos de Fantasia mudou as coisas para bastantes participantes. O célebre colecionador comprou a instalação de Rob, que, de um momento para o outro, passou a ser um artista sob observação, no radar de pessoas que podiam enriquecer pintores. Jago vendeu o meu diagrama ao casal de olhos pasmados, insinuando que devia fazer mais daquilo. É claro que aquilo me fez jurar que não iria fazer nada igual. Houve outros artistas que também atraíram a atenção das pessoas e, durante o curto espaço de tempo que o fenómeno durou, Artigos de Fantasia reivindicou ser o espaço londrino gerido por artistas mais importante ou, pelo menos, mais na moda.

No final do ano, fiz outra performance na galeria de Jago Purvis, parte do que Jago descreveu como um cabaré artístico. Toda a gente associada à galeria participou de alguma maneira. Era suposto ser algo improvisado, amador, uma parte Dada, outra parte teatro de revista. Cantei um cântico de Natal, com um saco de plástico de supermercado enfiado na cabeça. O cântico era um dos preferidos de Douglas, e lembrava-me a horrível atmosfera que se abatia sobre a casa deles, nas férias de Natal, quando ele bebia mais do que o habitual e ficava propenso a cogitar sobre as frustrações e indignidades do ano que morria. Tinha feito batota para poder respirar, mas, visualmente, teve o efeito pretendido. Parecia estar a sufocar enquanto me esforçava para cantar, com o plástico apertado

sobre a boca. O público estava perturbado, batendo palmas indecisamente, ansioso por passar ao ato seguinte, um famoso escultor decrépito, que recitava um poema cheio de referências desagradáveis a outras pessoas que estavam na sala. Posteriormente, para espanto meu, Jago foi contactado pela curadora de uma das mais prestigiosas galerias londrinas, que queria realizar uma exposição individual minha. Era uma instituição conhecida pela sua posição radical, que remontava aos anos de 1970, quando tinha apoiado vários tipos de performance art de conflito. A curadora disse-me que tinha seguido o meu trabalho e acreditava que eu pertencia a essa tradição. Tinham muitas expectativas em relação ao que eu iria fazer.

Era um furo, um salto de muitos degraus na escada da arte. Alice ficou excitada e encorajou-me a pensar de forma conflitual. Nessa época, lia muito e estava inflamado por ideias políticas. A maior parte dos meus amigos artistas não se interessava por política, mas eu estava a ficar apreensivo com as causas da esquerda da década de 1990 que se intersetavam: zapatistas, marcas empresariais, globalização, comportamento predatório do Fundo Monetário Internacional. Parecia possível que estivéssemos na cúspide de uma mudança — o milénio aproximava-se, e todos os tipos de ideias utópicas estavam em jogo. Nesse verão, Alice e eu participámos numa enorme manifestação de protesto, em Londres, um desfile de máscaras que se transformou numa batalha quando a multidão tentou tomar de assalto o London Futures Exchange. Lembro-me de grupos de samba e sistemas de som móveis, manifestantes vestidos de palhaços, fazendo pouco das fileiras da polícia de choque, com as suas sinistras armaduras

pretas.

Tinha tudo isto na minha cabeça, enquanto preparava a minha grande exposição. Queria que fosse uma declaração sobre o capitalismo, sobre o dinheiro sujo que circulava no mundo da arte. O problema é que detestava grande parte da arte de protesto. Marionetas gigantes e teatro de rua pareciam-me coisas constrangedoras, ingénuas. Em vez disso, decidi fazer o diagrama das diversas conexões da instituição anfitriã, tornando evidente a rede de obrigações culturais e comerciais que subjaziam ao seu pretenso radicalismo. Quando apresentei isto à curadora, ela derramou um balde de água fria sobre a ideia, dizendo que a crítica institucional já tinha sido completamente explorada. Ela achava que eu poderia ser mais eficaz se adotasse outro género de abordagem. Depois de uma das reuniões na galeria, fiquei sozinho no gabinete e roubei alguns papéis, incluindo correspondência trocada com a agência que fornecia o pessoal de limpeza. Descobri que os trabalhadores de limpeza recebiam menos que o salário mínimo. Comecei a entrevistar trabalhadores que realizavam tarefas menores e membros do «conselho de mecenas», uma comissão de colecionadores que ajudava a orientar a instituição, incluindo as mulheres de investidores com interesses em armas e energias fósseis.

Em vez de fazer uma performance, exposição ou instalação, imaginei um palco e um microfone, uma plataforma para todas as pessoas cujas vozes o público não ouvia habitualmente: pessoal de limpeza, seguranças, instaladores e equipa técnica, funcionários, bem como as pessoas cujo dinheiro fazia girar a engrenagem — se alguma delas aceitasse participar.

Seria um gesto democratizador, empregados de cafetaria e ricos mecenas levantando-se e dizendo o que era para eles a arte. O único elemento visual seria um cartaz que tinha resgatado da manifestação no verão, que apanhei do chão, na sequência da carga policial. A *Terra é um tesouro comum a todos*, era que tinha inscrito, uma citação do líder dos Diggers, radicais do século XVII que tinham tentado estabelecer uma comunidade em terras desocupadas, no condado de Surrey.

Quando os responsáveis da galeria descobriram o que eu pretendia fazer, em especial a minha intenção de partilhar informação sobre a exploração do pessoal de limpeza, perderam a cabeça. Durante uma reunião, o diretor desatou aos gritos comigo, chamando-me (a expressão ficou-me gravada na mente) «trotskistazinho arrogante». A curadora baixou a cabeça, envergonhada, quando o chefe dela deu a volta à mesa de reuniões, com ar de me ir atacar fisicamente. Quando tentei fotografá-lo, ele deu uma palmada na máquina, que se partiu contra a parede. A exposição foi cancelada e tentaram obrigar-me a assinar um documento em que estava escrito que não falaria com a imprensa. Recusei e fiz de imediato uma declaração online, com uma imagem da máquina quebrada. Alguns artistas fizeram circular uma carta aberta, e a controvérsia chegou às páginas do *The Guardian*. Pouco depois, um jovem jornalista de um tabloide apareceu à minha porta, agarrando o colarinho seboso e fazendo perguntas indutoras. Se eu era anarquista, queria ele saber. Defendia que se reagisse com violência à polícia?

Durante uma ou duas semanas, enquanto o drama evoluía, senti-me bem. As pessoas davam-me os parabéns pela minha posição intransigente, discutindo

as questões que havia tido a esperança de levantar — sobre equidade no mundo da arte e utilização da cultura para lavar dinheiro e reputações. Depois, quando o escândalo chegou ao fim e a atenção se desviou para outro assunto, dei por mim a pensar no que tinha feito. Várias pessoas me disseram que tinha sido estúpido. O diretor da instituição tinha muito poder e haveria de fazer tudo para me bloquear de todas as maneiras que tivesse ao seu alcance. Embora tivesse negado todas as minhas reclamações sobre o que tinha acontecido na reunião, incluindo ter-me partido a máquina fotográfica, as revelações sobre os pagamentos tinham causado graves danos à reputação da galeria, tendo ele próprio saído da situação bastante afetado. Atirou as culpas para cima da agência de emprego, com o discurso do costume — estava em choque, ninguém da administração sabia que havia quem recebesse menos do que o salário mínimo, não era culpa da instituição, porque o pessoal de limpeza não tinha uma relação contratual direta com ela —, mas estava enterrado na lama, e houve mesmo pedidos de que se demitisse.

Fingi encarar isto despreocupadamente, mas estava nervoso. O que tinha esperado alcançar? Tinha simplesmente destruído a minha carreira? Tinha chegado a um ponto estranho e difícil no meu trabalho, onde encontrara mais questões que respostas, e comecei a recuar, passando muito tempo sozinho, recusando todas as propostas. Por volta desta época, aconteceram outras coisas, uma confluência de acontecimentos que giraram em turbilhão, exercendo uma força gravitacional na minha relação com Alice, um poço do qual nenhuma da nossa luz escapava.

A primeira coisa foi o encerramento prematuro de Artigos de Fantasia. Embora o senhorio tivesse prometido que não renovaria o edifício durante pelo menos dois anos, este plano foi alterado, e ele informou o coletivo de que tinha de sair. Alice ficou amargurada e desapontada. Houve algumas conversas sobre a possibilidade de arranjar um financiador que permitisse mudar o projeto para um espaço comercial, mas ela era realmente a única que queria tentar. Depois da venda ao poderoso colecionador, Rob tinha arranjado quem o representasse, um jovem rival de Jago, que abriu uma galeria em Clerkenwell. Ele ficou contente por mudar para lá. Um a um, os outros artistas desvaneceram-se.

Depois, Alice teve um acidente de bicicleta. Alguém a abalroou, quando seguíamos por Old Street, e ela quase foi atropelada por um autocarro. Eu ia à frente e, por isso, não vi o que se passou. Quando me apercebi de que não estava atrás de mim, dei meia-volta e pude observar uma cena caótica, com condutores a saírem dos carros e Alice esparramada no asfalto, como uma boneca quebrada. Chegou uma ambulância, que a levou para o hospital Royal London, com uma concussão e, como se veio a saber, os dois pulsos partidos com gravidade. Senti-me horrivelmente mal. Tinha sido eu quem a persuadira a andar de bicicleta, coisa que não fazia desde a infância. Ela tinha ficado nervosa, mas também orgulhosa, gozando a liberdade e a ligeireza de circular em *slalom* no meio do trânsito londrino.

Alice não contou à família que tinha tido o acidente, porque estava com receio de que daria à mãe um pretexto para a fazer regressar a casa ou, o que seria igualmente mau, vir ela ter com a filha e começar a meter-se na vida dela. Quase não conseguia lavar-se e

vestir-se sozinha, pelo que comecei a ficar no apartamento dela em Knightsbridge, onde cozinhava, lhe cortava os alimentos, tentando evitar que caísse numa depressão demasiado profunda. Ainda que tivesse dores, para as quais lhe tinham receitado medicamentos fortes, gostava que eu tratasse dela, e eu gostava de o fazer. Fez fisioterapia, apertando bolas de squash e esticando fitas elásticas. Pouco a pouco, foi melhorando.

A minha situação financeira era má. Não estava a produzir nada que fosse vendável por Jago e, desde o fiasco com a instituição artística, não tive mais nenhum outro tipo de rendimento. Não conseguia pagar a renda, e os meus companheiros acabaram por se fartar dos meus problemas e pediram-me para sair. Em vez de arranjar logo um novo sítio para ficar, Alice disse que podia viver com ela. Nem ela nem eu queríamos estar com outras pessoas, e havia imensos filmes que podíamos ver diariamente. Tínhamos o cartão de crédito de Alice para nos manter, e como quase não havia obrigações a cumprir, começámos a passar o tempo pedrados. Sempre tinha gostado de drogas, e Alice, apesar de não tolerar muito bem o álcool, também as apreciava. O círculo de amigos parisienses dela era muito rígido, mas, em Londres, ela começou logo a gravitar à volta da cena festiva, e a dor persistente causada pelo acidente de bicicleta implicava que se sentisse frequentemente mais confortável quando estava pedrada.

Inicialmente, foi apenas por puro divertimento, mas depois evoluiu como se fosse um plano. Quando tenho uma contrariedade, o meu instinto faz-me esforçar-me ainda mais. Como as coisas tinham corrido mal com a

minha carreira artística, a resposta era tornar-me melhor artista. No passado, quando era ainda pintor, teria tentado trabalhar no meu ofício, desenvolvendo uma capacidade qualquer — linha, cor ou composição. Escondido no apartamento de Alice, queria avançar, mas, se a técnica ou o ofício não era o que tornava alguém um bom artista, então o que era? A resposta convencional era que um bom artista era alguém com boas ideias. Queria realizar experiências, abrir um mundo intelectual mais rico para mim. Se tivesse um acesso melhor ao meu subconsciente, talvez pudesse produzir imagens de que outros não eram capazes, ou, se não fossem imagens, então configurações, justaposições, sequências de pensamentos. Alice não sentia os mesmos entusiasmos, mas ficava feliz por me acompanhar na viagem. Havia um menino bem com um estilo de vida alternativo, em Notting Hill, que estava, de certo modo, ligado à cena *Goa trance*, e Alice conhecia, não tenho a certeza de que maneira, uma mulher que geria uma espécie de agência e fazia visita ao domicílio, levando uma pequena pasta. Entre estes dois, tínhamos acesso a uma sopa de letras de químicos, muitos deles relacionados de uma forma ou de outra com MDMA. Tomávamos MDEA e MDA e 2C-B e 2-CE e, numa ocasião, uma coisa chamada DOM cujos efeitos eram tão prolongados que comecei a temer que tivéssemos feito alguma coisa irreversível com os nossos miolos. Fumávamos sálvia e comíamos cogumelos, e fazíamos tripes de ácido que nos enviavam para um paraíso à Blake, de céus refulgentes e emanações proféticas.

Tentei explicar a Jago o que estávamos a fazer, como estávamos a tentar aguçar a nossa percepção.

Mostrou-se cético. Na opinião dele, o mundo já era suficientemente expressivo. Achava que eu estava confundido. A arte era sobre estruturas. O que tinha a alienação dos sentidos que ver com o que quer que fosse?

— Porque não me fazes uns quadros e deixas de viver à custa da tua namorada? — disse ele.

Eu estava deitado no soalho dele, meio colapsado, com restos de pó colados ao redor das narinas. Ri com tanta força que quase vomitei.

O que resultou das nossas experiências? Sexo e copos partidos. Lembro-me de estar dentro de Alice, mas incapaz de a olhar no rosto, porque este se enchia de olhos e bocas. Lembro-me de partir copos de vinho e tentar arranjar coragem para percorrer o chão da cozinha descalço, como um praticante de ioga. Submersos no banho, olhávamos um para o outro como crocodilos, e ela segurava-me a mão, enquanto eu me passava tanto que me esquecia do meu nome, não sabendo que era o tipo de coisa que tinha um nome. Fumávamos DMT e regateávamos com entidades que não partilhavam características humanas connosco, formas de vida inorgânicas que pareciam ter existência independente, em cujo mundo tínhamos caído sem sermos anunciados, como seres alienígenas desajeitados que aterram num centro comercial cheio de gente. As entidades acharam-nos curiosos, mas inconsequentes, e, durante o curto período em que estivemos com elas, pareceu-nos que a droga nos tinha transportado para outro lugar.

Tentávamos gravar algum deste material, mas os resultados eram decepcionantes, polaroides desfocados de partes de corpos, páginas de garatujas sem sentido

que já não contemplavam a chave de todas as mitologias. Quando recuperou a força nos pulsos, Alice mostrou-me umas ilustrações de um livro sobre Brion Gysin e eu construí uma máquina de sonhos com uma lâmpada e um gravador, uma engenhoca que fazia pulsar luz nas nossas pálpebras cerradas enviando-nos para um estado de transe. Ela tinha lido algures que o mundo era incolor. A cor está na tua cabeça, disse-me. Tentei imaginar isso, mas assustou-me a ideia de que lá fora não havia senão um tempestuoso mar eletromagnético.

Durante vários meses, não houve ocasião nenhuma em que não estivéssemos pedrados. Fumávamos erva desde que acordávamos de manhã, movendo-nos no nosso mundo submarino verde-claro, como fantasmas em desassossego. Ocasionalmente, havia uma intrusão do mundo real, mas normalmente dava a impressão de deslizarmos pelas fendas, e a diferença entre espaço interior e exterior colapsava, até que a realidade se tornava uma mera função do que tínhamos ingerido nesse dia. No início, pareceu-nos excitante, como se tivéssemos descoberto uma verdade ilícita, um portal para um lugar inacessível às pessoas comuns, mas gradualmente os retornos diminuíram, e, em vez de beleza e prodígio, o nosso paraíso artificial começou a ser uma espécie de armadilha. Os quartos vazios cheiravam a mofo. As paredes geravam manchas e descolorações que podiam ou não ter sido ardis mentais. Dava com Alice a esfregar molduras de portas ou porções de alcatifa, por estar convencida de termos causado danos que a tia notaria.

Dormíamos erráticamente, ficando às vezes acordados durante dias, saindo apenas para comprar

comida ou droga. Em certas ocasiões, deixava de aguentar e saía para trepar uma parede de escalada e agarrar-me a apoios bem acima do chão, com um suor químico a dar lustro ao meu corpo, mas estava frequentemente demasiado pedrado ou apático para fazer esse esforço. Alice também estava a deslizar para o fundo. Deixou de lavar o cabelo. Cedo ou tarde, há de lavar-se sozinho, dizia. Raramente mudava de roupa. Deixei de me preocupar em fazê-la comer. Eu fazia a minha comida e deixava pratos de restos no frigorífico, para ela ir buscar. Às vezes, ela punha uns óculos escuros enormes e apanhava um táxi para ir a um supermercado vietnamita em Soho, onde comprava grandes travessas de papel de alumínio com rolinhos primavera, de modo que, durante vários dias, sobrevivíamos com isso, até já não sermos capazes de suportar o gosto do glutamato monossódico e termos de pensar noutra coisa qualquer. Depois de uma destas expedições, ela cortou o cabelo todo, agachando-se na casa de banho para rapar a cabeça com uma lâmina de barbear. Um tipo tinha-lhe assobiado. Disse que não queria que continuassem a olhar para ela. Mais tarde, ficou a soluçar na cama, enroscada como um inseto.

— Ainda me amas? — lamuriou-se. — Achas-me repugnante?

Disse-lhe que estava ótima. Não queria que ela me repelisse. Queria amá-la, desejá-la, mas, de certa maneira, isso estava a perder-se. Estava dolorosamente magra. As ancas sobressaíam, duas asas ou dois tocos que lhe emolduravam a concavidade do estômago. Usava umas calças de fato de treino velhas e descoloridas e sempre a mesma T-shirt, a mesma T-shirt suja, com a imagem do alienígena do desenho animado.

Tinha a pele gordurosa. Cheirava a tabaco. Não queria tocar-lhe. Tentei controlar o meu nojo, na esperança de que se dissipasse por vontade própria, para não ter de admitir que o meu amor por ela era menos do que perfeito.

Algum tempo depois, desisti da ideia de aguçar a minha percepção. Jago tinha razão. O mundo podia cortar-nos, pelo que o melhor seria reduzir o efeito disso. Fumávamos heroína e víamos filmes, rodeados por restos de papel de alumínio queimado. Quando estávamos pedrados dessa maneira, a trama não fazia qualquer sentido. Não conseguíamos acompanhar as falas. Do que gostávamos era das imagens, dos cortes, dos acontecimentos súbitos e violentos. No final de *Pierrot le Fou*, Jean-Paul Belmondo envolve a cabeça com dinamite e fá-la rebentar. Rebobinávamos a cena para a passar repetidamente, saboreando de que modo espelhava a nossa própria calma. Apesar das suas tentações, a heroína nunca nos consumiu, como aconteceu com alguns amigos nossos. A droga pela qual nos apaixonámos foi a cetamina. Inalávamos as linhas e sentíamos que estávamos a sair dos nossos corpos, que éramos presenças imateriais que olhavam com desprezo para as marionetas esparramadas em baixo.

O nosso estado mental tornou-se mais frágil. Alice colapsava no sofá, a chorar e a dizer que queria suicidar-se. Dizia-lhe para se calar, porque estava a tentar trabalhar. O meu trabalho era voltar a ordenar as coisas que havia em cima da mesa e olhar para as páginas vazias do meu caderno de esboços. Começámos a tomar a mesma droga, ao mesmo tempo. Depois, deixámos de estar sincronizados, tomando isto ou aquilo sempre que nos apetecia. Às vezes, eu entrava na

sala de estar e encontrava-a num dos estados de tristeza que a afetavam, a fumar um cigarro e a olhar para o ar. Virava-se, com uma expressão de irritação, que não me era dirigida, ou não me era dirigida em especial, mas a alguma coisa que eu lhe recordava, um qualquer facto aborrecido da vida dela. Tentava perceber o que teria ela tomado. Desenvolveu-se uma suspeita entre nós, a necessidade de avaliar e interpretar, antes de sermos capazes de interagir. O cabelo cresceu-lhe lentamente. Parecia um rapaz esquelético.

Arranjar a droga era trabalho meu, o que me obrigava a percorrer toda a cidade. Colocava uns auscultadores e fazia-me ao mundo. Jago pôs-me em contacto com um tipo de Green Lanes chamado Emir, e havia um praticante de culturismo, do Bangladesh, chamado Mukul, que vivia em Limehouse, numa espécie de bairro social novo, onde nunca se via mais ninguém. Às vezes, quando não conseguia obter o que queríamos através dos meus fornecedores habituais, procurava outras soluções — o tipo que ficava sentado no BMW, no estacionamento de um supermercado em Shepherd's Bush, ou Bodie, que vivia numa casinha com terraço em Walthamstow, onde todo o piso inferior da sala de estar era ocupado por um jacuzzi e metade do andar superior era um espaço de cultivo, com as paredes cobertas a papel de alumínio. Havia várias pessoas que eu conhecia acidentalmente do mundo artístico, como o homem do sobretudo e um tipo com quem me encontrei apenas duas vezes, porque vivia do outro lado de uma barricada improvisada, montada depois de alguém lhe ter rebentado a porta. Na segunda vez que lá fui, obrigou-me a ficar de pé numa cozinha minúscula, durante meia hora, enquanto estava a ser

reabastecido pelo fornecedor dele, já que não seria muito saudável para mim ver a cara dele.

Arranjar droga era um pretexto para estar longe de Alice. Depois de fazer negócio, dava umas voltas a pé, bebia um café ou sentava-me para beber uma caneca de cerveja. Uma noite, Jago fez uma inauguração. Alice não quis sair de casa, embrulhada num cobertor e num reality show televisivo. Tentei esconder o meu alívio e dirigi-me para oriente. Nessa noite, Jago envolveu-se numa luta com um provocador russo que tinha o hábito de perturbar eventos artísticos. Consta que tinha passado tempo na prisão, nos Países Baixos, por pintar a spray um símbolo de dólar num quadro de Malevitch. Ele e a companheira, que julgo que era alemã, costumavam aparecer para gritar palavras de ordem e, às vezes, atirar coisas. Ela distraía frequentemente as pessoas, enquanto ele baixava as calças e cagava no soalho. Era o truque dele nas festas, uma declaração sobre arte e dinheiro. Muitos galeristas sabiam antecipar a chegada deles, mas às vezes conseguiam, mesmo assim, escapar à segurança. Na inauguração de Jago, a mulher subiu para uma cadeira e desatou aos gritos contra o neoliberalismo, enquanto o amigo se dedicava a atingir as pessoas com o cinto. Jago e um amigo agarraram-no pela cintura e atiraram-no para a rua. Tentou voltar a entrar, mas Jago defendeu a porta, espetando-o com um chapéu de chuva de golfe às riscas, que brandia como um esgrimista.

Parecia uma cena de uma animada comédia londrina. Foi também a última vez que vi Jago com vida. Soubemos da terrível notícia através de Rob, o único amigo que alguma vez nos foi visitar a Knightsbridge. Aparecia e tentava convencer-nos a sair

de casa, sendo que os três fazíamos coisas simples, como ir ao cinema ou dar um passeio em Hyde Park, e ficávamos sempre gratos e emocionados quando nos visitava, porque nos salvava um do outro. Normalmente, telefonava, mas nesse dia surgiu inesperadamente, tendo-nos encontrado no meio dos habituais cinzeiros e caixas vazias de piza. Como era costume, os cortinados estavam fechados e o leitor de cassetes a funcionar. Sem qualquer preâmbulo, Rob sentou-se e contou-nos porque estava ali. Ninguém tinha visto Jago durante vários dias. Tinha faltado a reuniões e a galeria tinha as persianas descidas. Alguns amigos tinham convencido o senhorio a abrir a porta e deram com ele caído no chão da sala de estar.

Acabaram por lhe fazer uma autópsia, o que permitiu descobrir que tinha morrido por asfixia. Tinha tomado GHB e deixado de respirar. Constatou que a polícia tinha descoberto provas de que mais alguém estaria com ele. Copos sujos, coisas desse género. Parecia que, quando Jago entrara em coma, teria sido abandonado. Não sei o que considerei pior, se a ideia de ter sido deixado a morrer, provavelmente por pessoas que conhecia, ou o ter estado sozinho quando tomou aquela droga de merda. Jago era um homem solitário, e os planos dele tinham sido sempre conseguir reunir pessoas à sua volta. Quer estivesse sozinho ou acompanhado, tinha sido uma morte horrorosa.

O funeral foi uma coisa muito à maneira de Jago. Alguns amigos decoraram o caixão, e eu ajudei a transportá-lo pelas ruas perto da galeria, seguido por uma multidão heterogénea de artistas e uma banda filarmónica do Exército de Salvação. A imagem que tento guardar dele é de quando o vi a impedir que o

chão da galeria fosse conspurcado pelo russo cagador, o espadachim com o chapéu de chuva, e não o homenzinho furtivo nos armazéns vitorianos, na escuridão de East End.

¹ «Deixai toda a esperança, vós que entraís» é um verso do Canto 3 de «Inferno», de *A Divina Comédia*, da autoria de Dante Alighieri, publicada pela Quetzal, com tradução de Vasco Graça Moura. (*N. da R.*)

EU E ALICE TIVEMOS UMA HORRÍVEL PASSAGEM DO MILÉNIO. A morte de Jago pairava sobre nós, e provavelmente não teríamos aguentado o caos da cidade se não tivéssemos sentido necessidade de algum consolo mútuo. Estava zangado e também desesperadamente preocupado com Alice. Queria recompor as coisas, regressar ao que era quando nos conhecemos, quando estar com ela era uma espécie de bênção, mas não sabia como fazer isso. Por isso, vestimo-nos a rigor e fomos a um grande jantar que um amigo de Rob estava a dar, no estúdio dele. À meia-noite estávamos num telhado, a olhar para Londres, tentando identificar sinais do fim do mundo. Iria o vírus do milénio avariar todos os computadores? Cairiam os aviões do céu? Nada parecia diferente. Para minha surpresa, Alice disse que gostaria de se misturar com a multidão. Rob disse que também iria. Acabámos por ir parar os três à ponte de Blackfriars. Um espetacular fogo de artifício tinha sido planeado para a ocasião. Um famoso artista chinês iria enviar uma espécie de dragão de fogo de artifício Tamisa abaixo, ou por cima do rio, ninguém sabia ao certo, mas, em qualquer caso, tinha havido um erro técnico, e a coisa não tinha acontecido. Não houve dragão, apenas montes de gente bêbeda, excitada, que enchia a estrada estreita, tão compacta que às vezes os nossos pés deixavam de tocar no chão. Estava na fronteira entre a alegria e o terror, e lembro-me de segurar Alice, tentando protegê-la, enquanto Rob fazia o mesmo do outro lado, com os dois a agarrar os nossos braços para

formar uma espécie de anel ao redor dela. Guardo uma imagem muito intensa do rosto de Alice, com a boca aberta, os lábios repuxados sobre os dentes, a rir ou a gritar. Já não me lembro de qual das duas coisas.

Em casa, deixámos de nos tocar. Movíamos-nos furtivamente, e se um de nós tocava no outro acidentalmente, encolhíamos-nos. O futuro parecia vazio, sugado de serotonina. Os dias emergiam e dissipavam-se como bolhas num tanque. Um dado dia, Alice saiu e gastou mil libras num feio vestido de cerimónia, uma espécie de túnica, com uma guitarra bordada na parte da frente. Vestiu-o durante um dia ou dois, enquanto víamos filmes. Depois, adormeceu com ele vestido, enquanto fumava um charro, e fez-lhe um buraco à frente. Viveu durante algum tempo amarrotado no chão da casa de banho. Um dia, desapareceu. Acho que o deitou para o lixo.

Rob continuou a visitar-nos, aparecendo à nossa porta como um mensageiro do mundo superior, uma lembrança de vida. A nova galeria dele tinha decidido lançá-lo com uma exposição individual, e um dia apareceu para nos entregar um convite. A mostra intitulava-se *Negócio*, e o convite reproduzia uma pintura, feita em esbatidas tonalidades morandianas, do interior de uma loja de sapateiro, uma confusão de pedaços de cabedal e máquinas. Era evidente que teríamos de estar na inauguração, embora tudo em mim se opusesse. Nesse dia, convenci-me de que não me sentia bem. Só quando vi Alice a preparar-se para sair, maquilhando-se e experimentando roupa ao espelho, resolvi separar-me do sofá. Sabia que me sentiria pior se ficasse a cogitar no que ela estaria a fazer do que a falar com os nossos amigos, a maior parte dos quais não

via desde o cancelamento da minha exposição no instituto de arte. Temia as perguntas inevitáveis sobre o que estava a fazer e onde seria a minha próxima exposição. A maioria dos artistas de Jago tinha-se mudado para outras galerias. Ninguém me tinha contactado.

Alice apareceu, informalmente bonita, vestida com um blazer e jeans. Disse-lhe que estava maravilhosa e ela agradeceu delicadamente. O tom de voz formal que usou irritou-me. Queria acariciá-la, beijá-la. Aquela era a rapariga com quem eu estava, não a criatura gasta da T-shirt manchada. No metro, pus o braço à volta dela, mas libertou-se, fingindo estar absorta no livro que lia. Cheguei à inauguração a sentir-me irritado e triste.

A rua da galeria estava cheia de bicicletas presas a todos os candeeiros e grades. E havia a aglomeração habitual de pessoas com garrafas de cerveja nas mãos. Sorri e acenei a pessoas que conhecia, tentando não ficar apanhado em conversas. Juntos, Alice e eu abrimos caminho até ao interior. Estava demasiada gente para poder ver a exposição adequadamente, mas peguei num comunicado à imprensa que havia no balcão e li-o, enquanto Alice conversava com uma amiga. *Rob Darke pinta onde os pobres compram*, começava assim. E uma coisa sobre a maneira como ele *se inseria na contextura da classe dos desfavorecidos*, e outra coisa ainda sobre o modo como *transformava a abjeção em pequenos momentos de transcendência*. A mostra consistia numa dúzia ou isso de pinturas mais ou menos grandes do interior de diversas lojas de Hackney, com a ênfase nas antiquadas, o género de negócios que estavam a ser rapidamente substituídos pelas pessoas que se amontoavam na galeria. Além da

loja de sapateiro, lembro-me de um quadro da loja de *bagels* aberta vinte e quatro horas, em Brick Lane, de uma loja dos trezentos e de uma peixaria.

Olhei para os convidados que conviviam diante das pinturas, com as vidas dos outros transformadas, não, como dizia o comunicado à imprensa, em pequenos momentos de transcendência, mas em troféus para pessoas que nunca sonhariam entrar nos lugares ali representados. Era nauseante, um safari à pobreza. Não é que a pintura fosse tecnicamente má. Muito pelo contrário — Rob tinha sempre sido um bom pintor, e o texto tinha sido certamente escrito pelo galerista. Suspeitava que os temas não eram particularmente importantes para Rob; ter-se-ia contentado em fazer um quadro sobre aquilo que tivesse diante de si — uma imperial, uma fatia de bolo. O amor que sentia pela pintura era simples e ardente. Gostava de tudo, do cheiro dos diluentes, do som áspero do pincel na tela. O outro lado, o lado que me interessava, as lutas com a política, as questões sobre o propósito da arte, eram coisas que nada significavam para ele. Se os costumes tivessem sido diferentes ou ele tivesse nascido um século antes, ter-se-ia sentido satisfeito a pintar retratos do aristocrata local ou a levar o cavalete para o campo, a fim de captar a maneira como a luz da tarde caía sobre uma montanha vizinha.

Alice encontrou Rob e ele pôs os braços à volta dela, cumprimentando-a com um grito de alegria. Beijou-a em ambas as faces e ela irradiou alegria, sorrindo de uma maneira que eu não tinha visto durante meses. A ideia involuntária que me atravessou a mente é que ficavam bem um junto do outro. Ele espregueitou por cima do ombro dela e acenou-me. Retribuí a saudação,

abanando um maço de tabaco, como se fosse fumar para a rua. Fiquei no exterior durante algum tempo, a falar desinteressadamente com vários conhecidos. Fui-me embora depois disso, recuperando a desculpa de que me sentia adoentado. Alice ficou, para ir ao jantar da galeria. Não regressou a casa nessa noite.

Pouco tempo depois, Alice contou-me que Rob lhe tinha pedido para ser modelo dele. Recordo-me de que estava na sala, em roupa interior, a preparar o cachimbo para a minha dose matinal. Ela apareceu, perfeitamente maquilhada, vestida para sair. Quando me disse que ia para o estúdio de Rob, senti uma ponta de ciúme, que me esforcei por suprimir.

— Tens alguma coisa contra eu fazer isto? — perguntou.

— Não, porque haveria de ter?

— Não sei. Pensei que talvez não quisesse.

— Não me importo.

— Não vou, se não quiseses.

Foi a minha oportunidade. Em retrospectiva, era extraordinariamente óbvio. Estava a dizer-me o que iria acontecer e a perguntar-me se queria impedir que acontecesse. Foi a minha oportunidade, e não a agarrei.

— Vai — disse. — Dá um abraço meu ao Rob.

Durante as semanas seguintes, Alice visitou com regularidade o novo estúdio de Rob, em Hoxton. Regressava a casa bem-disposta, disponível para ser simpática comigo. Isto dava-me alegria e, em troca, eu tentava fazer melhor, limpando, cozinhando, procurando emendar o meu comportamento prévio. Deixei de ficar pedrado durante o dia, e as coisas pareciam correr melhor entre os dois. Convenci-me de que estávamos a entrar numa nova fase, que podíamos

começar a tratar-nos como queríamos ser tratados. Ia propor-lhe que tentássemos encontrar outro lugar onde pudéssemos viver. Ela poderia manter uma falsa presença no apartamento de Knightsbridge, para satisfazer a família, mas iniciariamos, por fim, a vida que eu queria que tivéssemos, como um casal de artistas de East End.

Perguntava-lhe como estava a andar o retrato, mas ela dava-me respostas vagas. Disse-lhe que tinha curiosidade em vê-lo, sugerindo mesmo acompanhá-la a uma sessão, mas ela disse-me que Rob não gostava de ter ninguém presente, quando estava a pintar. Achei estranho, já que tinha estado várias vezes no estúdio dele e, tanto quanto me lembrava, não me pareceu que sentisse algum constrangimento por ter gente a assistir. Conteí a Alice quais eram os meus planos para o nosso futuro, mas fiquei desapontado com a falta de entusiasmo dela. Disse que talvez fosse boa ideia eu mudar de casa, mas não se comprometeu com o resto, e esse resto era ela acompanhar-me. De uma maneira ou de outra, passei por cima disso. Disse a mim próprio que ela reconsideraria.

A minha curiosidade começou a tornar-se ansiedade. De quando em vez, perguntava-lhe se o retrato estava acabado. Alice respondia de forma equívoca, e porque parecia querer esconder-me o que se passava, a situação passou a ter cada vez mais importância para mim. Algures, indistintamente, eu sabia o que estava a acontecer, apenas precisava de confirmar as minhas suspeitas. Assim, um dia, apareci à porta do estúdio de Rob e toquei à campainha.

Pareceu ficar surpreendido quando me viu, um pouco nervoso.

— Não estava à tua espera. Tínhamos combinado alguma coisa?

Não, não tínhamos. Estava só de passagem. Fez-me entrar num espaço luminoso e impecável, com paredes brancas pintadas de fresco e claraboias no teto. Lembro-me de que era um belo estúdio. O contraste com a obscuridade submarina do apartamento de Knightsbridge não podia ser maior.

— Queres um chá? Uma cerveja? Tenho umas duas no frigorífico, acho.

Na outra ponta, um assistente estava a esticar telas.

— Aquele é o Carlo.

Cumprimentei Carlo com um aperto de mão. Bebemos chá e observei o quadro que Rob estava a pintar. Era uma tela enorme, com mais de três metros e meio de comprimento, muito mais grandioso do que qualquer outra coisa que tinha visto dele. Estava apenas no início. Havia umas figuras toscamente esboçadas e uma espécie de fronteira, como um arco de proscénio num teatro. Perguntei-lhe por que razão escolhera aquelas dimensões e respondeu-me que fora sugestão do galerista.

— Também vou fazer algumas versões mais pequenas, para que possa ter várias possibilidades de preço.

Não comentei. Ao ver o meu ar de desgosto, franziu o sobrolho e encolheu os ombros.

— Perguntava-te a tua opinião, mas ainda não há muito que se veja.

Tentei fazer ruídos favoráveis, murmurando qualquer coisa sobre o facto de a composição me parecer prometedora. Desconsiderou o comentário e perguntou-se se me estava a sentir melhor.

— Melhor?

— Não apareceste no jantar, depois da inauguração.

— Pois não. Não estava a sentir-me bem.

— A propósito, a exposição vendeu-se.

— Os quadros das lojas?

— Sim. As pessoas gostaram mesmo. Já fiz mais alguns. Carlo?

O assistente trouxe alguns exemplos. Encostou-os à parede, para que os pudéssemos ver. Havia uma loja de empadas e um talho. Fiz o meu melhor para ter uma reação, mas não fui capaz de esconder a minha impaciência.

— O que quero mesmo ver é o retrato da Alice.

— Queres? Não sei se funcionou, para ser sincero.

— Quero vê-lo, Rob.

— Não acho que esteja pronto para ser mostrado.

— A Alice disse-me que estava acabado.

— Bom, o quadro é meu, e não dela.

— E ela é a minha namorada.

Suspirou.

— Carlo, tira dez minutos e vai beber um café.

Carlo saiu e Rob puxou a pintura de um suporte e pô-la num cavalete. Lembro-me de que não foi capaz de olhar diretamente para mim. Deu um passo atrás e acendeu um cigarro.

Rob tinha pintado Alice da cintura para cima. Estava sentada de lado, no que parecia ser uma cama, com a cabeça virada para o observador. Estava envolta num lençol branco, segurando-o ao redor do corpo com uma mão, de modo que os ombros nus estavam expostos. O tecido descaía na zona das costas, mostrando que, por baixo, não havia roupa. Ele tinha prestado particular atenção à delicada linha das

clavículas, à nuca. Alice mostrava uma expressão de espanto incomum, de olhos arregalados, que fazia com que parecesse outra pessoa: entendi que isto seria invenção de Rob, a maneira como queria vê-la. As faces dela estavam coradas e tinha a boca ligeiramente aberta, com uma cor púrpura intensa nos lábios. Pareciam inchados, quase pisados. Não havia nada da energia satírica que Rob costumava transmitir nas suas figuras. Era um retrato inquestionavelmente sexual, o retrato de uma amante.

— Estou a ver — murmurei.

Que outra coisa poderia dizer? Era a confirmação de todos os meus mais terríveis receios.

Rob fez um pequeno gesto de indiferença com o cigarro e depois apagou-o no chão. Observei a pintura durante mais algum tempo. Quando me virei, ele recuou involuntariamente.

— Estou a ver — repeti. — Estou a ver como é.

Saí roçando nele. Quando cheguei a casa, Alice pareceu-me nervosa. Calculei que ele lhe tivesse telefonado, para a avisar. Não disse nada, tentando comportar-me como se tudo estivesse dentro da normalidade. Tinha trazido ingredientes para fazer uma refeição, por isso, atarefei-me na cozinha, preparando um prato que sabia ser do gosto dela. Comeu um pouco e empurrou o prato para o lado.

ESCOLHERAM O MOMENTO CUIDADOSAMENTE. Tinha sido convidado para fazer uma conferência em Newcastle, e a galeria reservara-me um quarto num hotel, de modo que ela sabia que eu estaria fora nessa noite. Estava animado. Há muito que não me pediam para participar numa coisa do género, e pareceu-me um bom prenúncio. Recordo-me de que, quando me despedi de Alice, quase não obtive reação, mas isso não era incomum. Já no comboio, tive uma profunda sensação de alívio por estar a afastar-me da minha vida em Londres. Enquanto observava a paisagem pela janela e sentia os sacões causados pelos carris de alta velocidade, tomei algumas notas num caderno, um esboço para um projeto, uma lista de tarefas motivacionais que queria realizar quando regressasse. *Mexer-me, parar com as drogas, ir à rampa de parede duas vezes por semana...* Depois do painel, fui a um restaurante indiano com os curadores e os outros artistas participantes. A diretora da galeria disse-me que estava interessada em trabalhar comigo, lançando a ideia de uma encomenda. Deitei-me feliz, e, na manhã seguinte, enviei do comboio uma mensagem a Alice, para lhe dizer que em breve estaria em casa. Perguntei-lhe se queria jantar fora nessa noite. Convidava eu. Não respondeu, e lembro-me de que me senti desiludido, mas sem lhe atribuir uma importância excessiva.

Quando regresssei ao apartamento, percebi logo que havia diferenças. Os sapatos de Alice não estavam no lugar habitual, ao lado da porta. Não era apenas um par

que faltava, mas vários. Olhei em volta e vi que faltavam outras coisas: roupas, o computador portátil. Liguei para o telemóvel dela, esperei uns minutos, voltei a ligar. Enviei uma mensagem. *Onde estás? Liga-me.* Nessa noite, telefonei a alguns amigos dela, para lhe perguntar se a tinham visto. Nenhum parecia saber dela. Quando falei com Charlie, esta mostrou-se evasiva, dizendo que estava ocupada e não era uma boa altura para falar. Passou-me pela cabeça ligar a Rob, mas achei que seria uma humilhação ter de lhe perguntar onde estava Alice, pelo que esqueci a ideia.

Deitei-me tarde. Alice continuava a não atender. No dia seguinte, liguei novamente a Charlie. Disse-lhe que sabia que estava a acontecer alguma coisa e que ela tinha de me contar o que era. Disse-me que não se queria envolver no assunto. O que é que queria dizer? Onde estava Alice? Disse-me que talvez devesse falar com Rob.

Nestas situações, as pessoas costumam tomar partido. Ninguém parecia querer ser o primeiro a dar a notícia, e deixei uma data de mensagens que não tiveram resposta. Por fim, uma amiga comum teve pena de mim. Sentámo-nos num pub e ela explicou-me que Alice e Rob estavam juntos, na Grécia. Tinham ido passar uns tempos com uma amiga de escola de Alice. Achava injusto que nenhum deles tivesse arranjado coragem para me enfrentar.

Sabia a que lugar se estava a referir. Às vezes, Alice falava desta amiga, cuja família tinha uma casa maravilhosa, numa ilha perto do continente, uma estância de férias frequentada pelos atenienses ricos. Tinha descrito a casa, que ficava numa colina sobre o mar, as paredes caiadas de branco, a buganvília que

pendia para a porta. Imaginei-a em termos de pigmentos de cor. *Branco de titânio. Vermelho de cádmio. Azul-cerúleo.* Alice adorava esse lugar, mas tinha sempre dito que não o poderíamos visitar, porque a mãe dela e a mãe da amiga se conheciam, pelo nunca lá poderia estar com um amante. Aceitei essa explicação como mais outra limitação imposta pelo carácter secreto da nossa relação. Sempre considerei uma humilhação o ser mantido em segredo. Portanto, descobrir que ela tinha ido despreocupadamente para a ilha com Rob tornava difícil negar o que sempre suspeitara — Alice tinha-me imposto limites que não eram aplicáveis a mais ninguém.

Posteriormente, quando cogitava sobre as razões que a tinham levado a ir-se embora, responsabilizei-me. Ela tinha-me mais ou menos solicitado que a impedisse de posar para Rob, e eu não tinha feito nada. Tinha sido porque não a amava o suficiente? Tinha sido demasiado fraco e patético para lutar por ela? Durante as semanas seguintes, a casa na ilha foi mais real para mim do que o lugar onde estava. Sobrepondo-se às ruas desvalorizadas de Knightsbridge, via fragmentos da Grécia, país que nunca tinha visitado. Paredes brancas. Um céu de um azul duro como esmalte. Imaginei Alice a abrir persianas de madeira, com os pés nus no chão de ladrilhos de terracota; Alice à luz matinal, com o sol a entrar pela janela, a olhar para trás e a sorrir, mas não para mim. Torturei-me com vívidas imagens de sexo e, coisa quase tão dolorosa, com cenas românticas, jantares em tabernas de portos, passeios entre ruínas antigas. Por fim, liguei para o número de Rob e deixei-lhe uma mensagem incoerente e furiosa, fazendo ameaças e chamando-lhe nomes.

Depois disso, deixei-me desmoronar. Ingeri o resto dos cogumelos que tinha no frigorífico e passei por uma horrível trip de pesadelo, a maior parte dela passada na casa de banho, a ouvir Douglas, que se ria de mim, do outro lado da porta. Analisei várias maneiras de me suicidar, conjurando Jago das trevas. Imaginei cenários dramáticos de denúncia e vingança, nos quais Alice e Rob descobriam o que tinham perdido por me terem abandonado. O que realmente queria era desaparecer, transformar-me em nada. Imaginei esticar-me até me tornar uma fina película e, depois, desfazer-me em pó, de modo que a experiência pudesse passar por mim sem me tocar, como um cometa que viaja através do sistema solar.

Uma tarde, bateram à porta. Ignorei o ruído, até que acabei por ouvir uma chave a rodar na fechadura, e uma mulher que parecia uma versão mais dura e arrogante de Alice entrou na sala, com uma mala de marca à frente dela, como se fosse um mandado de busca. Não havia que enganar. Tinha estado deitado no sofá, numa espécie de ninho que fizera com as roupas velhas de Alice, a consumir drogas e a ver comédias a preto e branco. O apartamento estava uma sujeira. Eu cheirava a erva e a negligência.

— O que está aqui a fazer? — perguntei.

A mulher ignorou-me, começando a cirandar e a examinar as coisas. Calculei que fosse Carine. Na versão de Alice, a irmã dela era uma espécie de valquíria, cujos passatempos eram competir em corridas Iron Man e ler relatórios trimestrais de lucros. Não tinha, de facto, o ar de quem acredita em gestão emocional desnecessária.

— Tem de sair — disse ela, sem se incomodar a

apresentar-se. — Já disse ao porteiro que estaria fora daqui até ao fim de semana. — Abri a boca para dizer qualquer coisa, mas ela ergueu um dedo. — Não diga nada, se faz favor. É que nem sequer paga renda. E será melhor limpar tudo antes de sair. Está com sorte porque a minha irmã me telefonou. Se o agente da minha tia o tivesse apanhado aqui, encarregava alguém de lhe dar uma tarefa e pô-lo na rua.

— Falou com a Alice?

— Quer que saia daqui, foi a única coisa que me disse. Também me transmitiu a ideia de que lhe devia dar algum dinheiro. Disse-lhe para não ser estúpida. Quanto é que já lhe sacou? — Não soube o que responder. Ela fez um gesto com a mão. — Nem se incomode a responder. Não me interessa. Pode deixar as chaves na caixa do correio. Se faltar alguma coisa, não hesitarei em chamar a polícia. — Voltou a olhar à volta. — Na sexta-feira, virá alguém para ver como está o apartamento. Se ainda estiver cá, a coisa vai correr mal para si.

Deu meia-volta e dirigiu-se para a porta.

— Diga olá à Alice — disse-lhe. — Diga à Alice que o namorado negro dela lhe manda cumprimentos.

Depois de Carine ter saído, deitei-me outra vez no sofá e tentei calcular quantas horas de visionamento havia numa semana, quantas cassetes teria de alugar até chegar ao fim.

UMA MANHÃ, POUCO DEPOIS DE TER COMEÇADO a perder a noção do tempo, acordei no celeiro com uma terrível dor de cabeça. O vento gemia nas copas das árvores, era o início de uma tempestade de verão. Tinha a boca

seca e o peito cheio de mucosidades. Sentia-me tonto e com falta de ar. Bebi água e deixei-me cair na cama. Durante horas, entrei e saí do sono enquanto o quarto do sótão aquecia lentamente e uma mosca, ou abelha, uma coisa pesada e sonolenta, batia irregularmente contra os vidros de uma janela.

Durante todos os dias que passei no quarto do sótão, o mundo exterior foi-se tornando cada vez mais distante e insubstancial. Sabia que me estava a deixar transformar na presa de qualquer coisa: um sonho de tranquilidade e suavidade; uma armadilha. Enquanto estive na cama, com a febre a surgir em vagas como a rajadas de vento que abanavam os ramos das árvores no exterior, descobri que Alice estava sentada à mesinha, a trabalhar num portátil, com uma pilha de folhas no chão, ao lado dos pés. Observei-a com os olhos semicerrados. Como era costume, estava de fato de treino. Tinha a máscara puxada para o queixo. Teclava no computador, pegando de vez em quando num documento, acompanhando com um dedo colunas de números. Parecia ansiosa, como se não gostasse do que estava a ver. Olhei para aquele rosto que tinha achado deslumbrante nos meus vinte e tal anos, identificando o que tinha mudado e o que continuava igual, sentindo-me maravilhado por ela estar mesmo ali presente, por franzir o sobrolho enquanto olhava para o ecrã daquela maneira que ela sempre tinha tido de olhar para ecrãs, e por esta expressão ter persistido ao longo de todo o tempo em que não nos vimos.

Entre num sonho, e a minha mente captou um eco ou rima quando saí da estrada pública para virar para onde quer que fosse que estava, aquele mundo verde de Alice, e senti, de uma forma bastante nítida, o cheiro

do velho carro de Isabelle, o leve odor de gasolina e plástico, a viragem para outro caminho de acesso, o ruído de cascalho. Encontrei Alice a dormir no quarto da infância, com roupas lavanda e cor-de-rosa que pareciam singularmente sem vida e antiquadas. O toucador tinha rosetas presas na moldura do espelho, prémios de competições hípicas. Havia bonecas de porcelana e uma gravura tintada do Sagrado Coração. Por cima da cama, estava um bordado emoldurado. *Aimer c'est vouloir le bonheur de l'autre.* A mala dela estava aberta no chão, com T-shirts e roupa interior espalhada pelo tapete. Disse que me parecia que a mala estava fora do sítio, e Alice respondeu que não era de surpreender, porque estávamos no quarto da mãe. Tinha sido ela quem ganhara os prémios nos concursos hípicos. Ela era a leitora da fileira de clássicos infantis.

Abri os olhos. Tudo estava próximo e tranquilo. As vigas do teto traçavam faixas duras na minha visão. Devia ser ao fim da tarde. Fiquei deitado, a suar, inspirando pequenos sorvos de ar, tentando encher os pulmões. Virei-me de lado. Alice estava inclinada para mim, um anjo da guarda. Estava muito perto, com o cabelo solto a roçar-me a cara. Estava a perguntar se me sentia bem, se precisava de alguma coisa. Sim, disse, sim, mas esqueci-me do que precisava. Esquecia-me sempre, com Alice. Ela esticou-se para abrir a janela, e a luz entrou a escorrer no quarto, como um xarope. A minha respiração acalmou e reclinei-me na cama. Fechei os olhos. Quando voltei a abri-los, Alice tinha-se ido embora. A tempestade terminara. Tinha deixado uma janela aberta, permitindo que uma brisa circulasse. Era apenas suficientemente forte para agitar as folhas de um livro que estava na mesa, um ténue

movimento numa cena que, a não ser por isso, estava paralisada.

Levantei-me. Sentia-me forte e esfomeado. Comi uma maçã e um pedaço de pão seco, depois, uma taça de cereais. Lá fora, ouvia o canto de pássaros. Subitamente, já não podia continuar a esconder-me no celeiro. Tinha de sair. Estava a asfixiar, a sufocar. Precisava de respirar ar fresco. Por isso, que importava se houvesse câmaras de filmar nas árvores? Talvez ainda estivesse com febre. Certamente, não estava a pensar com clareza. Não é que me tivesse esquecido do aviso de Alice, era mais uma questão de não me importar. Tudo aquilo deixara de ser relevante. Vesti-me e calcei um par de sapatos. Pus-me à escuta, para tentar perceber se havia alguém a subir a vereda. Depois, saí para a luz.

O Bosque Encantado



PODERIA MUITO BEM ESTAR SOZINHO naquele gigantesco parque. Era como uma daquelas fantasias sobre o último ser humano na terra. Segui o caminho que subia suavemente a colina e em breve me vi perdido no mundo verde da mata. O trilho de gravilha terminou e os meus pés enterraram-se no flexível musgo. Tinha a sensação de caminhar sobre as costas de uma criatura antiga que, adormecida, respirasse ponderosamente. A vereda subia gradualmente, pelo meio de bétulas com os troncos esguios envolvidos em casca branca e fina como papel. Preocupava-me poder estar a esforçar-me demasiado, mas, inicialmente, senti-me bem, como há muito não sentia. Queria arranjar um ponto de observação, um sítio de onde pudesse ter uma ideia da propriedade. Não me parecia possível que a casa de campo de Alice fosse o único edifício em tamanha extensão de terreno. Pensei que seria uma casa para acolher visitas, um complemento de uma casa maior, que ficaria noutro lugar.

A subida era extenuante, pelo que comecei a ter consciência das minhas limitações. Dei com uma árvore tombada e recostei-me nela. Queria desfazer-me, desintegrar-me em pó. Imaginei-me como um daqueles esqueletos encontrados por um herói numa demanda, em histórias de aventuras, um sinal de aviso, os restos da última pessoa que chegara até lá. Não seria uma experiência angustiante. Sentia-me preparado, mesmo feliz, por pousar o meu fardo. Depois de algum tempo, uma força ou corrente qualquer reanimou os meus

membros e voltei a levantar-me.

Retomei a caminhada mais devagar, o que levou a que a cadência de batimentos do meu coração diminuísse. Ao fim de cerca de dez minutos, dei por mim num espaço aberto e parei repentinamente, confrontado com uma coisa que a minha mente considerou ser impossível de processar. Era como se tivesse chegado a um portal, um ponto onde o mundo era tocado por outra realidade próxima. A clareira entre as bétulas parecia ter sido fendida como uma adufa vertical, com a filigrana de ramos e luz sarapintada sobrepostas a uma versão dela quase idêntica, segmentos ou fragmentos de uma segunda mata transpostos ou a rimar com a primeira, ou — era isso — refletidos.

À medida que os meus olhos se adaptavam, descobri que estava a olhar para uma instalação de placas espelhadas enterradas no solo, com as superfícies a refletir as árvores em volta. Experimentei uma estranha mistura de deceção e alívio. Quando, por um breve instante, se suspeita de se ter atingido a borda da realidade, descobre-se qual é a verdadeira sensação que se tem em relação ao mundo. Uma vez, consumi ácido e observei como se abria um orifício na parede de ladrilhos de uma casa de banho. Para lá dela, havia um reino mágico tipo banda desenhada, tudo cores primárias e nuvens fofas, repleto de criaturas divertidas, mas também ligeiramente sinistras, que me convidavam a atravessar e a juntar-me a elas. Disse-lhes que preferia ficar onde estava e, embora sentisse uma dor de tristeza quando o buraco se voltou a fechar, não foi uma decisão difícil de tomar. Estava nas Belas-Artes, havia uma festa a decorrer no andar de baixo e, em

geral, a minha vida parecia cheia de potencial. Ali, na clareira, as coisas eram diferentes. Percebi que o meu desejo de partir era muito forte. Teria alegremente atravessado para outro mundo, por mais estranho e agreste que fosse.

Passei bastante tempo a inspecionar a instalação, observando-a a partir de todos os ângulos. A clareira espelhada era um gesto puro e perfeito. Se estivesse a percorrer uma galeria, à espera de ser impressionado, poderia não ter um efeito tão poderoso. Dar com ela sem esperar era uma coisa avassaladoramente emotiva: sentia os olhos cheios de lágrimas. Lentamente, apercebi-me de como tinha sido feita. Cada pilar tinha três faces. Havia vinte, colocados numa espiral. Até a minha profunda ambivalência sobre tudo que tinha que ver com arte era incapaz de rasurar o prazer que me dava.

Sentei-me na clareira durante muito tempo e depois subi a colina, pelo meio das árvores. Então, dei com uma escultura monumental de aço, uma rosca vermelha gigante que não tinha mais interesse que a sua dimensão. Parecia pesada e inerte, pelo que passei por ela sem parar. Mais acima, trepei entre raízes nodosas e lajes de pedra, atingindo finalmente o cimo, onde havia uma alta cerca de rede. Alcançar esta fronteira foi quase um alívio. Tinha começado a fantasiar que os domínios de Alice eram intermináveis. Segui a cerca, procurando um intervalo nas árvores. Em determinado ponto, era interrompida por um íngreme monte de pedras, um promontório que constituía uma barreira natural. Subi-o, sem me sentir minimamente fatigado, e pus-me a observar a copa das árvores, uma onda verde que descia e se afastava pelo vale, uma taça quase

perfeitamente redonda, com o lago, ao fundo. Consequia ver a casa de campo no lado mais afastado, a casa dos barcos, o pontão, uma fatia de relvado, mas nada mais, nenhum sinal da mansão que devia existir lá.

Apercebi-me de que tinha decidido referir-me à casa como casa de campo. Se a tivesse visto numa rua citadina, ter-me-ia parecido aquilo que era, um grande edifício, com muitos quartos, mas, naquele sítio, estava completamente perdido, sendo o relvado uma pequena fatia domesticada de um bosque que, visto de cima, parecia quase primevo. É difícil transmitir como é olhar para um espaço como aquele e perceber que é tudo terreno particular, quando se tem vivido apenas a algumas horas de distância, numa cidade onde as pessoas se pisam umas às outras e respiram o mesmo ar.

Era como se, caminhando, a minha energia bloqueada tivesse começado a fluir. Sentia-me bem, exaltado, disposto a dedicar o resto do dia a explorar. Aventurei-me a descer até perto do lago e cheguei a correr o risco de atravessar uma faixa mais elevada, a descoberto, nas traseiras da casa. Não vi indícios de câmaras. Devia ter sido mais cauteloso. Estava a percorrer devagar uma vereda quando uma figura apareceu à minha frente.

— Não te mexas. Levanta as mãos. Disse-te para levatares as mãos, cabrão.

A arma era uma carabina militar, uma AR-15, ou coisa do género, uma dessas armas de matar em massa, vendidas aos americanos como motas ou uísque de lote, manifestações de uma independência grosseira. Inicialmente, conseguia ver apenas a carabina, o vulto

negro tornado maior pelo meu medo, com a boca a tremer ligeiramente, enquanto apontava para o meu peito. O homem que a segurava era de baixa estatura, com uma barba pandémica e uma grenha castanha encaracolada. Tinha óculos escuros e uma máscara N95: o efeito era simultaneamente futurístico e ligeiramente obsceno, com a bolsa branca aninhada na barba púbica e as lentes espelhadas que tornavam difícil discernir um rosto humano. O homem estava enfiado numa espécie de armadura, um colete preto com fitas de velcro firmemente apertadas sob o queixo. As roupas que trazia por baixo não eram militares, eram chinos, com as pernas enroladas, e uma espécie de túnica de linho branca que esvoaçava debaixo do colete justo. Parecia nervoso, excitado. Fiquei muito quieto e levantei as mãos.

— Agora, vira-te e põe as mãos atrás das costas.

— Quem és tu?

— Obedece ou não hesitarei em disparar.

Com relutância, fiz o que ele disse. O homem parecia instável, talvez pedrado. Senti que estava à procura de uma desculpa para disparar. Comecei a ponderar a possibilidade de poder morrer.

— Há uma hora que te tenho debaixo de olho, cabrão.

— Está bem. Calma. Acalma-te e fala comigo.

Conseguia sentir que ele se movia nas minhas costas, respirando de forma áspera e irregular.

— Quem és? — perguntei.

— Quem sou? Pensas que podes entrar aqui à socapa, cabrão de vagabundo miserável? Pensas que se safavas a assaltar a casa? Aposto que sim. Grande sacana. Vou arrumar-te de uma vez por todas.

Olhei para o céu. Disse a mim próprio que estava tudo bem. Naquela altura ou noutra qualquer. Se fosse naquele momento, aceitava. Senti-o atrás de mim, e depois os pulsos amarrados com abraçadeiras. Quando as apertou com força, cortando a circulação nas minhas mãos, a minha calma vacilou. Era difícil não ter medo. Tentei concentrar-me nas árvores, capturar todos os pormenores das folhas, a maneira como estremeciam quando o vento fazia oscilar os ramos.

— Isto é uma propriedade privada, sacana. Vou chamar a polícia.

A polícia. Não me ia executar. O alívio que senti quase abafou a minha capacidade de falar. A minha voz, quando veio, foi um crocito grave.

— Não tens de fazer isso.

— Ai, não? Agora já estás preocupado?

Olhei de esguelha e vi que estava a mexer no telemóvel. Espantado pelo meu movimento, voltou a erguer a carabina.

— Deves ser o Marshal.

— Como sabes o meu nome, parvalhão?

— Palpite.

— Cala-te.

Estremeci.

— Marshal, não é preciso que me apontes a arma. Sou amigo da Alice. Chamo-me Jay. A Alice sabe que estou aqui.

— Ela quê?

— Ela deixou-me ficar no celeiro.

— Tretas. Não há ninguém na propriedade a não ser nós.

— Eu sei.

— Quero dizer, sou eu e a minha gente. Uma data

de tipos. Porra, não estou a conseguir rede.

— Basta que me leves até à casa. A Alice explicará.

— Tu não conheces a Alice.

— Leva-me apenas à Alice.

— Tu não a conheces.

Voltei a olhar para ele. Estava a agarrar a carabina descontraidamente com uma mão e tinha o telefone encostado ao ouvido. Ponderei fugir. Estávamos rodeados de árvores. Duvidava de que ele tivesse grande treino no uso da arma, mas, mesmo assim, não me parecia que tivesse grandes hipóteses. Até onde conseguiria realmente chegar?

— Marshal, vamos até à casa. A Alice vai explicar.

Os ombros dele descaíram um pouco. Mesmo com a máscara e os óculos escuros a obscurecerem-lhe a cara, percebi que não estava seguro de si. Estava sob tensão e exausto. A situação em que nos encontrávamos não era coisa para a qual estivesse treinado. Enfiou o telemóvel num dos bolsos do colete e fez-me sinal para começar a andar à frente dele.

— Não te armes em esperto — disse.

Avançámos em direção à casa.

O nosso progresso pela mata foi doloroso e lento. As abraçadeiras enterravam-se dolorosamente nos meus pulsos e tropeçava frequentemente, incapaz de me endireitar sem me torcer e cambalear. Ouvi Marshal sussurrar imprecações várias vezes. Não me parecia ser do género de ter uma boa disciplina quanto a carregar no gatilho, e preocupava-me que pudesse tropeçar e disparar a arma. Seria demasiado estúpido morrer acidentalmente, atingido por um tiro nas costas. Olhava para os pés, tentando estar seguro do terreno que pisava. Fiquei aliviado quando vi a casa aparecer à

nossa frente. Estávamos a aproximarmo-nos dela pela parte de trás, tendo passado pela tampa de betão de uma fossa cética e por uma fileira de aparelhos de ar condicionado que zumbiam ruidosamente dentro de compartimentos de madeira. Um pequeno lanço de degraus de madeira conduzia ao estrado. À medida que nos aproximávamos da casa, Marshal começou a gritar os nomes de Rob, Alice e Nicole. Eram eles a tal *gente* dele. Ri-me, emitindo um som que saiu como um latido, um espasmo de tensão incontrolável. Marshal mandou-me subir para o estrado e ajoelhar.

— Não me vou ajoelhar.

— Cala-te e obedece. Rob! Estás em casa?

Subi relutantemente as escadas para o estrado. Marshal seguiu-me de perto. A primeira pessoa a aparecer foi Alice, que deu um grito e correu para dentro de casa. Ouvi o som de uma janela do andar de cima a abrir-se.

— Marshal? Que raio estás a fazer?

— Apanhei um intruso!

A mulher à janela parecia ter uns vinte e tal. As feições dela eram regulares e vincadas, com um nariz direito e comprido, uma boca cheia, pele de um negro azulado e uma massa de cabelo fortemente encaracolado puxada para trás com uma fita.

— Marshal, por que razão estás vestido dessa maneira?

— Não interessa. É preciso chamar a polícia.

— Marshal, querido, sentes-te bem? Que estás a fazer com essa arma? Estás zangado com alguma coisa?

— Nicole, liga para o 112, está bem? Não te aflijas. Tenho-o totalmente controlado.

A mulher desapareceu. Depois de alguns instantes,

vi que Alice estava a espreitar nervosamente numa das esquinas do edifício. Vá, Alice, pensei. Agora seria uma boa altura para dizer alguma coisa.

— Não há problema — gritou. — Eu conheço-o.

Marshal virou-se para ela.

— A sério?

— Marshal, estás a assustar-me.

— Este tipo é teu amigo?

— Alice? — gritei. — Desculpa isto.

— Jay, eu resolvo isto. Marshal, importas-te de pousar a arma e libertá-lo?

Marshal baixou finalmente a carabina e prendeu-a numa correia presa ao colete balístico. Tirou os óculos e limpou a cara com uma bandana, retirando a máscara para poder limpar o queixo. O dia estava quente e ele transpirava profusamente.

— Recebi um telefonema sobre ele, esta manhã, e resolvi sair em reconhecimento.

— Saíste em quê?

Era Nicole, que tinha aparecido ao lado de Alice.

— Mas que raio, Marshal? Onde arranjaste toda essa treta militar?

— Tenho um esconderijo, Nicole. Já te falei do meu esconderijo. Chamaste a polícia?

— Não. É claro que não.

— Por que diabo não cumpriste as minhas indicações?

— Porque não quero que a polícia venha cá.

Alice aproximou-se. Trazia um avental polvilhado de farinha. Observou-me com ar de ansiedade e depois olhou para Marshal.

— Já te disse que é meu amigo. Solta-o.

Dei meia-volta e mostrei-lhe os pulsos amarrados.

— Importas-te de lhe pedir para me tirar estas coisas?

— Oh, meu deus! Marshal, ele tem as mãos roxas.

Marshal continuava a parecer cético. Alice subiu o tom de voz.

— Marshal! Já disse que o conheço, não disse? Solta-o! Imediatamente!

Separando duas tiras de velcro, Marshal abriu um dos bolsos do colete e tirou uma faca de caça com lâmina de serrilha. Pôs-se atrás de mim e cortou as abraçadeiras. Enquanto massajava as mãos inchadas, senti-me repentinamente frio. Comecei a tremer, primeiro levemente e depois violentamente. Observei o fenómeno como se fosse de uma grande distância, sentindo-me completamente desligado do corpo que estava a vibrar tão descontroladamente. Alice apressou-se a chegar a mim e pôs um braço por cima dos meus ombros.

— O melhor é entrares.

Marshal barrou-me o caminho.

— Queres levá-lo para dentro de casa? Estás louca? Pode estar infetado.

— Não está.

— Como sabes?

— Porque já cá está há mais de duas semanas.

Nicole olhou para Alice.

— Não estou a perceber o que está a acontecer aqui.

— Eu explico. Vem, Jay. Não, tu não, Marshal. Tens de deixar primeiro essa coisa na rua. Não a quero dentro de casa.

— Esta «coisa» é para tua proteção.

Alice perdeu a paciência.

— Livra-te da arma já e deixa de agir como um

idiota!

— Devias agradecer-me, Alice.

Ouvi a discussão como se estivesse a decorrer na televisão, uma coisa em que tinha algum interesse, mas que, fundamentalmente, não me dizia respeito. Enquanto Marshal continuava a falar, justificando a arma com uma espécie de metáfora ampliada acerca de lobos e cães pastores, Alice conduziu-me para a cozinha e sentou-me numa cadeira de espaldar alto, à cabeceira de uma comprida mesa de madeira. Observei com olhar vago a ampla sala. Por cima de uma lareira, havia um confuso quadro figurativo que, mesmo no estado de dissociação em que me encontrava, reconheci como uma obra de um famoso neoexpressionista da década de 1980. Distraidamente, absorvi outros pormenores. Uma bateria de painéis de cobre estava pendurada em ganchos por cima de um gigantesco fogão de aço inoxidável. Numa ilha com tampo de mármore, havia um iPad pousado num descanso, aberto numa página de receitas do *New York Times*. Na superfície coberta de farinha diante do iPad estava uma bola de massa. Alice, estavas a fazer pão.

Nicole apercebeu-se de que eu estava a tremer.

— Queres um brandy, ou outra coisa qualquer?

Assenti, e ela começou a abrir armários. Olhei para as minhas mãos, na superfície de madeira da mesa, e elas não me pertenciam. A ideia de pertença não me pertencia. Marshal sentou-se, de mau humor, na extremidade da mesa, ainda com a máscara N95 posta.

— Ficava mais descansado se ele pusesse uma máscara — disse, sem se dirigir a ninguém em particular.

Alice estava perto dele e, por momentos, pensei que

o ia agredir.

— Estás a falar de te sentires descansado? Estás mesmo a falar a sério sobre o teu conforto?

Marshal encolheu os ombros.

— Estou só a falar.

— Ele é o Jay. Estás a ver o celeiro, do outro lado do lago? Ele está albergado lá.

Marshal olhou para ela, com ar ríspido.

— O que queres dizer com estar albergado lá?

— O que acabei de dizer.

— Alice, tínhamos um acordo. Tinha um acordo com o Greg. Percebes o que estou a dizer? Ele é muito rigoroso.

— O Jay... é meu amigo. Foi uma emergência.

— Uma quê? Mais ninguém na propriedade, foi isso que prometi ao Greg. Mais ninguém.

Nicole passou-me um copo.

— Julguei ter visto alguém lá, uma vez, quando estava a correr.

Beberriquei o brandy, sentindo-o preso no fundo da garganta.

— Era eu.

— Mas porquê? — Marshal estava quase apoplético, gesticulando diante de Alice. — Porque haverias de o convidar a ficar lá sem me dizeres? O Greg ligou-me. Fazes ideia de quantos sistemas ele instalou aqui? Detecção de movimento, infravermelhos. Se não lhe telefono em breve, sabe Deus quem vai ele mandar para tratar do assunto.

Nicole franziu o sobrolho.

— O que queres dizer com isso?

— Um grupo de seguranças, Nic — respondeu, soltando um suspiro exasperado. — Tem agentes de

operações especiais reformados a trabalhar para ele. Esta pessoa, quem quer que seja, deve sentir-se feliz por ter sido eu a apanhá-lo. — Virou-se para mim. — Eles ter-te iam limpado o sebo, companheiro. — Apontou um dedo para mim. — Limpado o sebo.

Olhei para ele, sem expressão. Nicole abanou a cabeça, em sinal de discordância.

— Porque estás a falar dessa maneira?

— Desculpa. — Alice estava a tentar amenizar a situação. — Não era esta a minha intenção. Percebo o que estás a dizer e, se houver algum problema com o Greg, basta que lhe dêes o meu número de telefone. Diz-lhe que a culpa é minha.

— Sou eu quem tem de lhe responder, e não tu, Alice. Eu e ele temos uma relação financeira.

— Eu falo com ele.

— E deixa que te lembre que é uma relação da qual todos nós beneficiamos. Direta ou indiretamente.

— Marshal, eu percebo. Mas também vamos ter de falar sobre a arma.

— Não concebo que o tenhas escondido no celeiro. Como podes ter sido tão estúpida? De onde é que o mandaste vir? — Virou-se para mim. — De onde vieste?

— É um velho amigo meu, dos tempos de Londres. Estava a entregar comida.

Observou-me atentamente.

— E estavas a fazer entregas de quê? Piza? És um velho amigo dela, de Londres, e apareceste com uma piza?

— Artigos de mercearia.

— E ela acreditou nessa tretas?

Encolhi os ombros.

— Pois claro que sim. Peço desculpa. Alice,

conheces o gajo das entregas? O teu velho amigo que caiu aqui de paraquedas? Mas eu estou enfiado na porra de um filme porno? Isto é o argumento de um filme porno, foda-se.

— Tem tento na língua, Marshal.

— Oh, desculpa, Alice. É que acho ridículo que o gajo das entregas tenha estado escondido no celeiro durante semanas.

— Marshal, por que raio tens aquela arma?

— Para situações destas. Quando progressistas ingénuos mostram que não têm um mínimo de bom senso.

— É meu amigo. Podias tê-lo matado.

— Estamos a viver uma pandemia global. Estamos à beira de um colapso social. E tu pareces achar que estás de férias. Não sei por onde começar. Foi incrivelmente irresponsável não nos teres contado.

— Ele não é uma ameaça.

— É suposto eu acreditar na tua palavra, quando engoles a história da treta de ele ter aparecido por acaso? Uma piza? A sério, Alice, vive no mundo real.

— Eram artigos de mercearia.

— Fosse lá o que fosse.

— Então, o que estás a dizer?

— Que tem os seus próprios motivos? E porque estamos a falar como se ele não estivesse aqui? Está na altura de falar, companheiro.

— Não vês o estado em que ele está?

— O quê? Que estado? Ei, estás num estado?

Estava farto dele.

— Vai-te foder — murmurei.

— Vou-me foder? Muito bonito. — Voltou a virar-se para Alice. — Muito simpático, este teu amigo. Este teu

amigo, que nos está a expor à porra da praga. Concordámos que não poríamos o grupo em risco. Fomos muito estritos quanto a isso. Isto é... não sei. É egoísmo. É isso que me irrita. Não sei o que te diga.

— Não vos pus em risco.

— Porque o teu amigo está cá há semanas.

— Pois está.

— Mas estiveste exposta a ele, quando chegou.

— Tivemos cuidado. Ele já tinha tido Covid. Não contagiava.

— Como podes dizer isso? És médica? Foda-se, Alice, és médica?

Alice gritou.

— Marshal, por que razão andas por aí a cirandar com uma arma na mão?

— O que é que se passa?

Aquelas vogais nasais de Manchester ainda intactas, depois de tantos anos na América.

Rob nunca foi um frequentador de ginásios, e tinha um corpo atarracado, que o fazia parecer mais pesado do que era, mas, quando o conhecera, éramos ambos jovens, e o resultado das nossas noites de bebedeira e dias de comida de plástico era normalmente perdido numa pista de dança qualquer. De vez em quando, punha-se diante do espelho, para se observar, e mostrava não gostar do que via, o que o levava a entregar-se a uma espécie de farra ao contrário. Durante algumas semanas, dedicava-se à prática de levantamento de pesos e à ingestão de alimentos saudáveis, sendo que em breve apresentava um ar se não em forma — tinha uma tez pálida e cabelo arruivado e transmitia sempre qualquer coisa levemente crepuscular, qualquer coisa hostil à luz do

sol —, pelo menos não ativamente adoentado. Na ombreira da porta, vi um homem possante, de ombros arredondados. Tinha barba cerrada e, como muitas pessoas naqueles primeiros meses de pandemia, precisava de cortar o cabelo. Com roupas de pintura, ficou parado à porta, a limpar as mãos num trapo. Olhou ao redor da cozinha, para Marshal, ainda com as roupas militares, e depois para mim. Durante uns instantes, mostrou uma expressão vazia. A seguir, franziu o sobrolho, enquanto tentava situar a cara.

— Viva, Rob — disse eu.

Necessitou de mais uns momentos. Depois, abriu muitos os olhos e deixou descair a boca.

— Julgava que tinhas morrido — disse, num murmúrio. — Toda a gente acha que morreste.

Marshal e Nicole faziam movimentos idênticos, com as cabeças a girar de um lado para o outro, como espectadores de um jogo de ténis.

— És tu, Jay?

— Sou.

Marshal tinha um ar quase lamentoso.

— Também conheces este tipo?

Rob ignorou-o.

— Por que razão estás aqui?

— Não sei, Rob. Não foi planeado.

Alice voltou a contar tudo, como eu tinha aparecido com os artigos de mercearia e me tinha deixado ficar no celeiro. Deixou de fora a parte relativa a eu viver no meu carro. À medida que ela falava, Rob olhava fixamente para mim, como se estivesse a tentar desenterrar alguma coisa, a escavar sob a superfície com os olhos. Alice terminou a explicação.

— Vieste cá para nos matar? — perguntou.

A divisão ficou em silêncio absoluto, como se alguém tivesse desligado o áudio. Toda a gente se pôs a olhar para Rob. Em primeiro lugar, percebi que a pergunta era a sério, e em segundo, que estava pedrado. Tinha os olhos raiados de sangue e as pupilas dilatadas. Torcia compulsivamente o trapo da pintura, com as mãos.

— Não — respondi. — Não tens de te preocupar com isso.

— Isto é muito esquisito — disse Nicole.

Marshal levantou-se.

— Rob, este homem é uma ameaça para ti? Porque haveria de te querer matar?

— Não quero matar ninguém.

Alice suspirou.

— Senta-te, Marshal. Fomos namorados. Há muito tempo. O Rob está apenas preocupado com a hipótese de se tratar de uma vingança.

— Namoraste com o gajo das entregas?

— Nem sempre foi gajo das entregas.

— Estiveste sempre com o Rob, desde que te conheço.

— Isto foi antes. Há muito tempo. Em Londres.

— Espera aí. — Os olhos de Marshal estreitaram-se.

— Eras artista?

Assenti.

— E eras amigo destes, nos anos 90?

— Era.

— Oh, meu Deus! Acho que sei quem tu és. — Virou-se para Nicole. — Sabes quem ele é?

— Não.

— Jason qualquer coisa. Gaines. Gates.

— Quem?

— Foi ele quem fez aquelas performances chamadas... Como era o nome? Derivas, uma coisa assim. Depois desapareceu. Desvaneceu-se.

— O tipo da década de 70? O holandês?

— Não, mais tarde. Meu Deus. Alice, isto é espantoso.

Sentia-me desorientado. Tinha vivido durante anos afastado do meio artístico, e agora este homem que nunca tinha visto, um galerista nova-iorquino, estava a dizer o meu nome como se alguém devesse saber quem eu era. Nunca tinha exposto em Nova Iorque. Quando era mais novo, tinha conhecido alguns artistas americanos, sobretudo pessoas que vinham a Londres para expor ou estudar, mas nem sequer tinha visitado os Estados Unidos, a não ser muito mais tarde, quando era, quase em sentido literal, outra pessoa. Os documentos que usava tinham outro nome, outro lugar de nascimento. Tinha deixado de ser Jason Gates há mais de uma década.

— Vou-me embora — disse, dirigindo-me a Rob. — Não tens de te preocupar. Não estou aqui para criar problemas.

— Não, não vais — disse Alice.

— O quê?

— Vais ficar cá.

Rob parecia confuso.

— Aqui? Na casa?

— Pode voltar para o celeiro.

Rob virou-se para mim.

— Por que razão eras tu quem tinha os nossos artigos de mercearia?

— É o meu trabalho.

— Entregar artigos de mercearia...

— Isso.

— Na América.

— Tal e qual.

— Não compreendo. Porque haverias de fazer isso?

Por causa de alguma gaja?

— Não. Apenas para ganhar dinheiro.

— Vives cá?

— Já cá estou há bastante tempo.

— Estás legalizado? — perguntou Marshal.

Rob observava-me com ar de suspeição.

— Como é que soubeste que estávamos aqui?

— Não sabia.

— Tretas. Isto não aconteceu por acaso. O que é que queres?

Marshal concordou, com um movimento de cabeça.

— Nem mais! Foi o que eu disse.

— Não quero nada de ti, Rob.

— Pois...

— Como já disse, vou-me embora. Estava a sentir-me mal, e a Alice foi simpática, ao deixar-me ficar no celeiro. Mas já chega de lhe impor a minha presença.

Alice abanou a cabeça.

— Não vais a lado nenhum. Ainda tens de me dar uma explicação. Tens de me contar onde estiveste.

Rob continuava a torcer o trapo com pequenos movimentos espasmódicos, como se estivesse a torcer o pescoço a uma galinha.

— Alice, acho que temos de conversar. Isto... Não creio que isto seja aquilo que estás a pensar.

Levantei-me da mesa, meio a vacilar.

— Não quero nada de ti, Rob. Não te quero fazer mal. Não quero dinheiro teu. Não estou a preparar nenhum esquema. Nunca esperei voltar a ver-te.

Alice virou-se para o marido.

— Se ele for embora, eu também vou. Regresso à cidade. Podes ficar aqui, se quiseres, mas eu não consigo ficar mais tempo.

Rob fez um resmungo de desagrado.

— Mas que raio está a acontecer aqui? Não percebo.

Olhou para Marshal e pareceu dar conta, pela primeira vez, do colete.

— Porque estás com isso vestido?

— E também tem uma arma — disse Alice. — Obriguei-o a deixá-la lá fora.

— Que tipo de arma?

— É uma Sig Sauer MCX, com coronha retrátil.

— Uma quê?

— É o que se chama estar preparado, pá. Não sabemos até onde esta coisa pode ir.

— Que coisa? — perguntou Nicole.

— A pandemia. Vai tudo entrar em derrocada. São tempos de Armagedão. Do *boogaloo*¹.

— Oh, meu Deus. Que porra é essa, Marshal? Mas estás nessa merda de estar preparado para tudo?

— E tu não? Porque não levam isto a sério? Não percebo como é que não vos consigo fazer entender. Isto não é um treino.

Alice virou-se para mim.

— Acho que temos todos de conversar para decidir o que vamos fazer.

Voltei a sentar-me, pesadamente. Sentia-me exausto.

— Sentes-te bem? Se calhar, devias comer alguma coisa.

— Uma coisa doce — sugeriu Nicole.

Alice foi buscar uma bolacha de pepitas de chocolate, que me pus a mastigar. O chocolate doce

misturou-se com o brandy e comecei a sentir-me um pouco melhor. As outras pessoas à mesa olhavam umas para as outras, com Rob agarrado ao trapo como uma criança à sua manta preferida, e Marshal a arregalar os olhos para Nicole, fazendo igualmente gestos de mas afinal-o-que-é-que-se-está-a-passar-aqui.

— Porque não voltas para o celeiro e descansas? Depois vou lá ver como estás. — O tom de voz de Alice era muito hospitaleiro. — Podes jantar connosco e contar-nos o que andaste a fazer durante todos estes anos.

Voltei a levantar-me.

— Ei — disse Marshal —, eu, tipo, não sabia, está bem? Desculpa.

Assenti.

— És o Jason Gates, porra. É inacreditável. A sério.

Fiz-lhe um gesto de concordância com o polegar e saí. Quando iniciei o caminho para o celeiro, Marshal e Nicole vieram para o estrado, continuar uma discussão que teria começado dentro de casa. Elevavam a voz, discutindo sobre polícias, porque não os tinha ela chamado, porque achava ele que poderiam ter feito melhor. À medida que caminhava ao redor do lago, o som foi sendo abafado pela barreira de árvores.

¹ Referência a um movimento norte-americano de extrema-direita antigoverno e pró-armas, tipo milícia, que tem tentado iniciar uma segunda guerra civil nos EUA, o «*boogaloo*». (N. da R.)

REGRESSADO AO CELEIRO, DEITEI-ME NA CAMA. O meu corpo sentia-se como se tivesse descido as cataratas do Niágara dentro de um barril. Esvaziado de adrenalina, estava agitado e disperso. A perspetiva de ter de contar a minha história ao jantar estava a ser um fardo para mim. Na maior parte das vezes, era-me difícil, quase doloroso, falar de mim. No mundo em que costumava habitar, o mundo em que conhecera Alice, tudo era discutido e analisado. As pessoas eram eloquentes sobre as suas emoções: era uma espécie de moeda social. Muitos homens, em particular homens mais velhos, consideravam essas conversas intoleráveis, e esforçavam-se muito para as evitar. Trabalhei ao lado de homens durante semanas, às vezes meses, sem descobrir qualquer bocado de informação pessoal ou me ser perguntado o que quer que fosse sobre mim. O silêncio pode ser um tipo de cortesia, um pacto para não exercer pressão sobre ninguém ou extrair o mínimo possível, à exceção das mais básicas obrigações.

Ouvi a voz de Alice, que chamava por mim do fundo das escadas.

— Sentes-te bem?

— Sinto.

— Como estão os pulsos?

— Doridos. Estou todo dorido, para ser franco.

— Queres fazer um bocado de exercício? Pensei que podíamos dar um passeio.

É claro que uma coisa é não falar sobre os nossos sentimentos e outra ter medo deles ou agir sem

perceber porquê.

Subimos a colina. Sob as árvores, já estava fresco. A massa de folhagem verde murmurava e movia-se por cima das nossas cabeças. Somente na clareira espelhada se podia ainda sentir o calor do dia, o solo a exalar. Os pilares projetavam sombras gigantescas, com as faces viradas a ocidente a resplandecer de luz, como faróis, instrumentos de sinalização alienígenas.

Ela caminhou ao redor da instalação. Lascas de Alice multiplicadas. Desejava agarrar-lhe na mão e entrar no mundo espelhado.

— São lindos, não são? Ou talvez não te agradem...

— Porque não me haveriam de agradar?

— Eras sempre muito crítico em relação a coisas belas.

— Era? — Estava genuinamente confuso. — Julgava que era o maior apreciador da beleza.

— Tenho a certeza de que há coisas de que nos lembramos de maneiras diferentes.

— Lembro-me de que levava a beleza muito a sério.

— Levavas tudo muito a sério.

— Mas não penso... Quero dizer, não era contra a beleza. Nunca fui contra a beleza.

— Qual era aquele lema que costumavas repetir? Que se lixasse a beleza retiniana.

— Isso não era meu. Esse era o teu lema. Tirado de um dos teus livros sobre estética relacional.

— A sério?

Ri-me.

— Bem, enquanto te esgueiraste para vir ter comigo, o que estarão os outros a fazer?

Ficou a pensar durante alguns momentos.

— Acho que o Rob está deitado no sofá do estúdio,

em modo passivo-agressivo. Sabe que é isso que chateia mais os outros. O Marshal deve estar a falar ao telefone ou a preparar uma das suas estranhas bebidas saudáveis. Quanto à Nicole, não sei. Escondida algures. «A tratar de mim» é a expressão que usa quando não quer estar com os outros.

— Parece divertido.

— É horrível, se queres saber. Toda a gente está pelos cabelos. Quem me dera voltarmos para a cidade.

— E porque não voltam?

— Porque o Rob tem de pintar estes quadros.

— Porquê?

— Tem de ser. É assim.

— Porque há de alguém ter de pintar um quadro?

Olhou para mim com o sobrolho franzido.

— Jay, assim não dá. Não é que... a maneira como estás a falar... não seja importante. Mas não é sobre isso. Não ajuda falar dessa maneira.

— Que maneira?

— Como se se tratasse de arte. Ele tem de fazer os quadros porque o Marshal já lhe adiantou dinheiro por eles.

— Então, a arte não tem nada que ver com isso.

— Meu Deus, Jay. Apareces aqui como um fantasma e, subitamente, estamos outra vez a ter esta conversa. A mesma conversa de sempre.

— Não quis ser opinioso.

— Mas foste, está bem? O que não se compreende é por que razão ainda te incomodas.

— Porque não haveria de me incomodar?

— Não sei. Nem sei se, de facto, te incomodas. Ouvi dizer que, depois de nos separarmos, a tua vida estava a correr muito bem, estavas a fazer exposições, e depois

desististe. Deixaste de ser artista.

— Quem disse isso?

— Tu desapareceste, Jay.

— Desapareci. Essa é uma linda palavra, vinda de ti.

— Não é a mesma coisa. Nós mudámo-nos para Nova Iorque. Tu evaporaste-te.

— De um certo meio, talvez.

— Evaporaste-te. Houve pessoas que nos ligaram para saber notícias. Ninguém sabia onde estavas. Não ouvia dizer nada sobre ti, Jay, e isto durante anos. Há pessoas a escrever teorias sobre ti, na internet.

Era a primeira vez que ouvia aquilo. Ficámos em silêncio, a ouvir os ténues sons da floresta. Um pássaro piou queixosamente, na margem do lago, recebendo a resposta do parceiro.

— Então, ainda te dedicas a fazer arte — disse ela.

— Não disse isso.

— Está bem. És um artista que não faz arte.

— Talvez. Sei o que isso parece.

— Jay, onde é que estiveste?

O sol já quase tinha desaparecido. As extremidades dos pilares espelhados ainda estavam tocadas por luz alaranjada, pequenas gotas fundidas a ser gradualmente espremidas.

— Andei por aí. Estive na Ásia, e depois na Europa, durante muito tempo. E a seguir, vim para cá. Mas e tu? Realizaste os teus sonhos?

— Quais sonhos?

— Julguei que serias curadora. Diretora de museu ou de uma bienal.

— Tive uma galeria, durante algum tempo.

— Porque deixaste de ter?

— Oh, sabes como é. O Rob precisava de muito

espaço. Quando ele começou a vender, pareceu-me que a galeria não era a melhor maneira de usar o meu tempo. Uma data de dinheiro passa pelas mãos do Rob, mas ele tem muito dificuldade em controlá-lo. Alguém tinha de se encarregar disso.

— E então és tu.

— Sou eu. Apago fogos. Negoceio com o Marshal. Sou a enviada do Rob, no mundo dos mortais.

Viu as horas no telemóvel. Tinha de ir para preparar o jantar, disse. Se não fosse ela, ninguém se preocuparia com isso. Perguntou se desceria com ela, mas eu ainda não estava preparado para a casa. Disse-lhe que precisava de tempo. Depois de ela partir, regresssei ao celeiro e voltei a deitar-me, apenas para pensar nas coisas — como começar, o que dizer —, e devo ter adormecido, porque dei por mim a ouvir alguém a chamar-me, da rua. Espreitei, com olhos congestionados, e vi que Nicole estava debaixo da janela, com o cabelo envolto num cachecol e as mãos enfiadas nos bolsos de uma camisola com capuz. Apressei-me a descer as escadas e abri a porta do celeiro.

— Olá.

— A Alice disse que talvez tivesses adormecido.

— Faltei ao jantar?

— Oh, não, mas está quase pronto. Vim chamar por ti.

Demorei uns minutos a recompor-me. Lavei os dentes e vesti uma camisa lavada. Nicole ficou à espera em baixo, encostada ao carro, até que desci.

— Acho que estou pronto.

Ela apontou para o carro.

— É teu?

— Bestial, não é?

— Já vi pior. É capaz de levar uma pessoa de volta à cidade, por exemplo.

— Estás a pensar ir-te embora?

— Talvez. O Marshal tem as suas teorias, e consegue ser conflituoso, sabes? Mas nunca o vi assim. Assustou-me.

— Sabias que ele tinha uma arma?

Encolheu os ombros.

— Quero dizer, sabia que tinha qualquer coisa. Mas não aquela merda toda... O colete e o resto.

— Parece-me muito tenso.

— Bem o podes dizer. Ouve, temos de ir. A Alice está a fazer uma caldeirada.

— Que engraçado...

— O que é engraçado?

— A Alice nunca costumava cozinhar.

— Na verdade, ela é uma espécie de gastrónoma.

Descemos a colina em direção ao lago. O ar estava a perder o calor, e o céu por cima da copa das árvores tinha uma tonalidade tenuemente alaranjada. Enquanto caminhávamos, ela perguntou-me para que empresa tinha estado a trabalhar. Conhecia a aplicação, como funcionava, como os percursos eram atribuídos. Tive a impressão de que estava a ser posto à prova, com a minha história a ser polidamente verificada.

— Então és inglês?

Havia uma intenção implícita na pergunta dela. Era a razão por que estava ali, para me olhar de frente, para perceber quais eram as minhas intenções, fora de qualquer atuação que eu pudesse estar a fazer para os outros. Assenti.

— E conheces esta boa gente desses tempos

remotos?

Assenti de novo.

— Mas não seguiste o mesmo caminho.

Tendo crescido onde cresci, sem mais nenhuma pessoa negra por perto, vestia-me e falava como os meus amigos brancos, a maior parte deles góticos marginais do litoral. Usava sobretudos de lojas de roupa em segunda mão e calças de ganga pretas justas. Gostava de *synth-pop*. Quando cheguei a Londres, para iniciar o meu curso nas Belas-Artes, não tentei sequer esforçar-me por me integrar em nenhum dos grupos negros pelos quais passei, mas sempre odiei as suspeitas que causava, os sinais de não pertença que denunciava através da maneira como usava ou não usava as mãos quando falava, as palavras que não conhecia, as danças. Numa festa com vários DJ, uma rapariga disse-me que eu falava como um taxista. Queria dizer que falava como um branco, com aquela específica pronúncia da classe operária branca das zonas urbanas de Essex. Interroguei-me sobre a categoria em que Nicole me incluiria, na fraternidade da diáspora. Era óbvio que suspeitava que eu estava a preparar uma manobra qualquer.

Percorremos o caminho da ladeira até ao lago, chegámos à zona plana, onde a gravilha dava lugar ao macadame. Perguntei-lhe se era artista.

— Acho que sim. Quero dizer, sou. Tento ser. Mas também trabalho para o Marshal.

— O que fazes?

— A trabalhar para o Marshal?

— Não. Que tipo de arte?

Pareceu ficar embaraçada.

— É uma espécie de pós-internet. Quero dizer, não

tenho estúdio aqui. Limito-me a fazer coisas num *tablet*. Nada de importante.

— É importante para ti?

— É. Acho que sim.

— Então...

Retraiu-se.

— A coisa estranha é que o Marshal está muito excitado com a tua presença aqui. Não pára de falar de ti.

— E o Rob? Como está a reagir?

— Não muito bem. Depois de te teres ido embora, a Alice e ele envolveram-se numa discussão, e ele foi para o armazém.

— É no armazém que está a pintar?

— Se estivesse a pintar, o Marshal não estaria tão nervoso. Não. O Rob só para lá vai para ficar pedrado e ver porcaria no portátil.

Olhei para ela de esguelha. A cara dela tinha um ar estudadamente neutro.

— Há quanto tempo estão todos aqui?

— Há demasiado.

Passámos pela casa dos barcos e pelo pequeno cais, e começámos a subir a encosta para a casa. Podia ver o rés do chão iluminado e figuras que se moviam.

— Então, tu e o Marshal estão juntos há muito tempo?

— Por amor de Deus, não. Há uns seis meses. Esta coisa toda... a pandemia... fez-nos acelerar. Nem sequer estávamos a viver juntos, antes de virmos para aqui.

— A sério?

— Era uma relação tipo dia sim, dia não.

Percebi que estava desesperada por falar, que me

contaria tudo.

— Houve um jantar, e ele fez questão em se sentar ao meu lado. Trocar os cartões dos lugares, ser muito amoroso, e, claro, acabei por ir para casa dele.

— E ele propôs-te fazer uma exposição.

— És muito cínico. Não, não foi bem isso. Não é que não se preocupe comigo. Apresentou-me a uma data de gente.

As luzes brilhavam intensamente, e durante uns momentos permanecemos no exterior, a ouvir a seleção de música Bossa Nova de alguém, que saía por uma janela aberta. Nicole parecia tão relutante em entrar como eu. Olhou para mim de uma forma franca.

— Não me julgues, está bem? Quando a cidade fechou, não tinha nada. Tudo o que me dava alguma coisa secou. Há dois meses que não pago a renda. Vir para aqui com o Marshal não me pareceu ser a pior opção.

Abrimos a porta das traseiras.

Alice estava na cozinha, diante de uma grande panela, da qual saía um delicioso aroma de açafrão e tomate. Quando nos viu entrar juntos, franziu o sobrolho. Nicole perguntou-lhe logo se precisava de ajuda, e viu ser-lhe atribuída a tarefa de barrar com manteiga de alho um pão que presumi ser aquele que estava a fazer antes. Notava-se uma vivacidade na maneira como as duas mulheres tratavam uma com a outra, uma intensidade de constrangida delicadeza. Tinham sido reunidas por acaso, não havendo razões para que, de outro modo, convivessem. Estavam a tentar tirar o máximo partido da situação.

Alice serviu-me um copo de vinho, tocando ao de leve no meu ombro, quando se inclinou. Olhei ao meu

redor: vi o candelabro de vidro artesanal que pendia por cima da mesa, a fruta a amadurecer no balcão, numa grande taça de cerâmica artística, e tentei lembrar-me de quando tinha estado pela última vez numa divisão tão sobriamente luxuosa. Durante uns instantes, a calma imperou, mas depois Marshal entrou de rompante. Dirigiu-se imediatamente para a panela, levantou a tampa e começou a remexer com um garfo. Alice irritou-se.

— Marshal, estou a cozinhar.

— Eu sei, eu sei. Já te deixo em paz.

— Mas estamos quase a jantar.

— Sim, é que, bem, isto tem queijo?

— É uma *bouillabaise*.

— Onde arranjaste o peixe?

— Por amor de Deus, Marshal!

— Não. A pergunta é muito a sério. Não quero ter de fazer mais terapia de quelação.

— Ninguém quer isso. O peixe está limpo. Comprei o peixe na peixaria boa. Não há metais pesados neste peixe. E agora podes sair-me da frente? Tenho de escorrer a água das batatas.

Marshal segurava um frasco de aspeto militar que continha um líquido cinzento qualquer.

— Provavelmente, vou tomar isto, como precaução.

Alice fez um gesto na direção dele com um grande escorredor de duas asas, transmitindo de forma eloquente a pouca importância que atribuía às palavras dele. Marshal ignorou-a e sentou-se à mesa, ao lado de Nicole, esticando um braço por cima do espaldar da cadeira dela.

— Há vinho? Oh, já chegaste? Viva.

Quando Marshal me viu, a cara dele ficou com um

ar que parecia realmente de angústia. Era a primeira vez que o via sem máscara. Tinha traços pequenos, boca e nariz delicados, tudo distribuído muito junto, como se se tratasse de um pedaço de barro que alguém tivesse apertado com os dedos.

— Olha — disse ele. — Sinto-me mal pelo que se passou. Quero que recomeçemos do zero. — Apanhei Alice a rolar os olhos, enquanto deitava as batatas numa travessa. — Lamento mesmo muito. É o que te quero dizer. Desculpa. Não teria feito aquela abordagem se soubesse quem tu eras.

— Quem eu era?

— Quero dizer, és lendário. Como é que havia de saber?

— E foi isso que me salvou?

Riu-se, como se eu tivesse dito uma piada. Ao ver que eu não estava a sorrir, parou.

— Não ia disparar.

— Não? Já alguma vez tiveste alguém a apontar-te uma arma? E a atar-te os pulsos? Julguei que me ias assassinar no meio da mata.

— Claro que não. Vá lá.

— Parecia mesmo que o ias fazer. Estavas a imaginar como seria carregar no gatilho.

— Isso não é justo. Estava carregado de adrenalina, mas em perfeito controlo da situação.

Nicole virou-se para ele.

— Tens consciência de que o que dizes parece de um psicopata?

— Querida!

— Não me chames querida! Estou a falar a sério.

— Acabou por ser um falso alarme, e isso é bestial! Odeio ter de repetir isto, mas não estamos a viver

tempos normais. Sei que preguei um susto ao Jason, e lamento muito. Quem me dera poder voltar atrás, mas também me parece que estás a ser um bocadinho complacente.

Vi que passava pelo rosto de Nicole uma rápida sucessão de emoções, entre as quais era possível distinguir raiva mal controlada. Marshal pareceu não notar, já que estava completamente concentrado em mim.

— Estou muito feliz por podermos conversar — disse ele.

— Nunca mais voltas a apontar-me uma arma.

— Com certeza. Desculpa. Foi ignorância minha. Se pudermos, gostaria de começar tudo de novo.

Não reagi. Marshal bebeu um copo de vinho de um trago e voltou a enchê-lo. Ficámos silenciosos, a ouvir a música que saía de um sistema de som instalado no teto.

— Então vieste para cá diretamente da cidade.

Estive tentado a ignorá-lo, mas pareceu-me que isso não faria sentido. Estava num jantar, e as pessoas falam umas com as outras, quando jantam.

— Saí de lá há mais ou menos seis semanas.

— E estavas doente.

— Estava. Fui corrido do sítio onde vivia.

Nicole franziu o sobrolho.

— Porquê?

— Os meus companheiros de habitação... Bem, o senhorio. Ninguém queria correr riscos. Disseram-me que tinha de me ir embora. Não tinha muitas opções, e vim de carro para aqui.

— Enquanto estavas doente? — Marshal mostrou-se interessado pela situação. — Onde é que ficaste?

— Dormia no carro — respondeu Alice.

Marshal observou-me com a preocupação abstrata de um homem que ouve falar de fome ou de guerras longínquas.

— Então, na prática, és um sem-abrigo.

Observei as mãos, irritado por Alice ter falado naquilo. Afinal, o que estava a fazer ali? Não conhecia aquelas pessoas. Nem sequer conhecia Alice. Pelo menos, não de um modo que importasse. Era uma mulher que vestia roupas de ioga de marca, que cozinhava peixe vindo de uma boa peixaria. Era uma estranha.

Nicole pediu-me que lhe contasse como estava a cidade. Muitos dos amigos e familiares dela ainda lá estavam. Ela, pelo menos, parecia enraizada numa realidade que eu podia reconhecer.

— Muito vazia. Às vezes, parecia que estávamos a viver o fim do mundo.

— É exatamente o que a minha avó diz, embora ache que ela lhe dá um sentido mais literal do que tu. Diz que é um tempo de apocalipse.

Marshal voltou a encher o copo e abanou com a garrafa na minha direção.

— Quando trouxeram aquele navio, o navio-hospital, isso foi o sinal de alarme. Disse a esta miúda que fizesse a mala, porque íamos sair dali. Não queria de maneira nenhuma arriscar-me a ficar preso numa cidade dominada por uma praga.

— E há quanto tempo estão os quatro aqui?

— Há cerca de dois meses.

— Sem ver mais ninguém?

— Até tu apareceres. Fazemos uma visita ocasional ao supermercado, esse género de coisas. Por isso, não é

bem como se não víssemos outros seres humanos, mas, pondo as cartas na mesa, o que te queria dizer é que esta casa não é minha. E o dono foi muito estrito sobre quem queria na propriedade.

Alice interrompeu-o.

— Marshal, será que podemos evitar falar de coisas que devem ficar para depois?

Continuámos a fazer conversa de circunstância sobre a Covid, enquanto esperávamos que Rob aparecesse para jantar. Ajudei a pôr a mesa, enchendo um jarro com água, ao mesmo tempo que Alice dobrava guardanapos e Nicole tirava o pão de alho do forno. A comida estava pronta para ser servida. Marshal recostou-se na cadeira, erguendo o copo de vinho de modo a que pudéssemos trabalhar à volta dele. Quanto a ele, a «situação» iria ficar ainda mais negra. Era quase certo que a pandemia não fosse um acontecimento natural. Toda a «história sobre o mercado tradicional», por exemplo, era «uma treta óbvia».

A reação de Alice e Nicole era de quem já tinha ouvido aquilo.

— Basta fazer alguma pesquisa — disse-me ele, como se eu tivesse manifestado algum ceticismo. — Há lá um laboratório de tipo 4.

Perguntei-lhe o que era isso.

— É onde fazem as coisas mais perigosas. Digo-te que isto não aconteceu por acaso. Trata-se de uma arma bioquímica dos chineses.

Alice praguejou em surdina.

— Oh, por amor de Deus. Estás a ouvir-te a ti próprio? Foi por causa desse tipo de porcarias que quis sair de lá. Não é seguro andar na rua porque há atrasados mentais que ouvem essas teorias da

conspiração e pensam que os asiáticos estão a disseminar doenças.

— Teorias da conspiração? Lamento, mas é indispensável procurar a verdade, independentemente de onde isso nos leve.

— Mas que sabes tu sobre a verdade? Apenas lêes publicações no Facebook.

— Não conseguem censurar toda a gente.

— Atiraram ácido à cara de uma mulher.

— Isto sobrepõe-se a todos nós. Não se pode dizer às pessoas para não fazerem perguntas sobre um evento histórico de dimensão mundial. Na realidade, penso que vai piorar. Penso que vai acabar em guerra. É preciso que possamos discutir isto sem censura. É um dever cívico.

Antes de Alice poder ripostar, Rob entrou. Tinha o cabelo molhado e um aspeto desmazelado, como se tivesse tomado duche e não se tivesse secado devidamente antes de se vestir. Trazia uma camisa de linho branca e calças beges com cordão, cores que lhe sublinhavam a palidez pastosa da pele.

— Até que enfim — murmurou Alice.

— Desculpa, amor. Estou esfomeado. O que temos para jantar?

Parecia nervoso, com a bonomia espicçada, tenso. Estendeu a mão, mas, antes que lha pudesse apertar, retirou-a.

— Mudaste, companheiro — disse. — Não seria capaz de te reconhecer. Tens ar... — continuou, com uma voz que diminuía de intensidade. — Tens ar de quem passou muito tempo no exterior.

Puxou uma cadeira para se sentar, e Alice começou a servir a comida. Eu tinha perfeita consciência da

penumbra de dinheiro que nos rodeava, do peso dos talheres, do relógio de mergulho com complicações que Marshal usava no pulso, do corte impecável do macacão azul-escuro de Alice. Conversámos, de uma maneira dispersa, sobre coisas triviais, uma exposição que Marshal e Nicole estavam a preparar, do veado que Alice tinha visto pela janela, quando estava a fazer o jantar. Rob disse pouca coisa, concentrando-se na comida. De tempos a tempos apanhei-o a observar-me, com uma expressão azeda na cara. Não demorou muito a ficarmos em silêncio. Alice limpou a boca com o guardanapo e disse que sabia que tínhamos muito a discutir e que todos necessitavam de saber mais se é que queríamos tomar decisões devidamente informadas. Era, obviamente, a altura de eu falar.

— Bem, agora tens de me dizer por onde andaste — disse ela.

FOI UMA ESPÉCIE DE ENTREVISTA DE EMPREGO, em que os quatro me observavam do outro lado da mesa, com expressões que iam de interesse moderado a franca hostilidade. Disse para mim próprio que apenas Alice era importante. Não me interessava o que os outros pudessem pensar. Por isso, contei a Alice como, em retrospectiva, achava difícil desenredar as escolhas que fizera voluntariamente daquelas que me tinham sido impostas pelas circunstâncias. Descrevi a partida do apartamento da tia, a reunião de todos os meus poucos pertences, e de como me pus a limpar e a esfregar até a limpeza se tornar uma coisa compulsiva e, de certo modo, interessante para mim, a ideia de apagar a minha presença, não deixando qualquer sinal. Até ter começado a falar, tinha-me esquecido de como fora atirar as minhas coisas para o caixote do lixo da cave do edifício, a sensação de leveza, de terminar uma coisa.

Não fiz qualquer esforço para explicar o contexto a Marshal e Nicole. Nem Alice e Rob o fizeram. Eles tiveram de seguir a história da melhor maneira que puderam. Contei como tinha pegado num pequeno saco que continha as poucas coisas que quis manter e me mudei para o apartamento de renda mais barata que consegui encontrar, um estúdio com uma divisão, no décimo terceiro andar de uma torre, em Newham. Tinha uma áspera alcatifa modular cinzenta, do género que normalmente é usado em escritórios, e uma kitchenette numa ponta: uns armários lascados, um

balcão de fórmica e um fogão elétrico bambo. O vento gemia nas janelas, e do corredor exterior era possível ver toda a cidade, um arco de telhados e candeeiros que considerava uma paisagem relaxante: outras vidas, a uma distância segura de mim. Mantive o apartamento quase vazio, dormindo num futon, que enrolava de manhã e guardava num armário.

Aí, experimentei a renúncia. Deixei de consumir drogas, álcool e carne. Fazia jejum um dia por semana, bebendo apenas água. Tentei coisas mais extremas, como cobrir as janelas com plástico preto e viver na escuridão. Passei dias inteiros com auscultadores postos e tampões de cera nos ouvidos, tentando experienciar um mundo sem som exterior, a pura frequência da realidade. Procurava capturar-me a existir: é a melhor forma que tenho de explicar isso. Estava a tentar localizar o momento em que *eu* acontecia, engendrar uma maneira de esbarrar contra mim mesmo.

Para ganhar dinheiro, arranjei emprego numa transportadora de objetos artísticos, ajudando a embrulhar e despachar obras para galerias. Os outros transportadores também eram artistas que gostavam de trocar bisbilhotices e opiniões, para se sentirem mais perto da ação do que realmente estavam. Foi por eles que soube que Alice e Rob se tinham mudado para Nova Iorque. Não tinha a certeza de como me sentia. Fiquei livre da ansiedade de poder topar com eles, mas a ideia de Alice estar a embarcar numa nova aventura romântica convenceu-me de que também tinha de fazer alguma coisa drástica. Estava decidido a imitá-la, cortando com a pessoa que ela tinha deixado, separando-me de mim, em certo sentido, para começar de novo.

— Foi por causa de mim — Pareceu involuntário. Palavras não propriamente ditas por Alice, mas mais projetadas, como uma respiração.

Rob ficou a olhar para ela, por cima da mesa, com um olhar de fúria fria na cara. Ouvi a mesma coisa que ele ouviu, a intimidade chocante daquilo, a mulher e o anterior amante dela a prosseguir uma conversa que tinha sido mantida ao longo de semanas, sem o conhecimento dele.

— Não. Não é assim tão simples — disse eu.

Tinha começado, e agora teriam de seguir o caminho que eu determinasse. Conte-lhe que tinha apenas exibido uma peça durante este período. Era uma escultura, intitulada *O Nome do Arco É Vida*. Uma tira de metal flexível, com cerca de metro e meio, presa a uma parede, à altura do peito. Numa extremidade, estava fixada uma grande faca, mais parecida com um machete, uma coisa agrícola, grande e rude. A tira metálica estava mantida sob tensão através de um cordão de nylon cujas pontas estavam igualmente presas à parede, forçando-a fazer uma meia-lua malévola. A lâmina da faca estava encostada a esta corda de arco, apenas protegida por um pedaço de cartão, tão insubstancial quanto me atrevi a fazê-lo. Se o cartão fosse retirado — ou deslizesse — a faca cortaria o fio e precipitar-se-ia num longo e perigoso voo em arco pelo espaço da sala ou talvez se soltasse da tira de metal para se enterrar na parede oposta. Era uma forma de congelar o potencial de violência e integrá-lo numa galeria, para levar as pessoas a perceber como era viver sob ameaça. Um curador imprudente tinha posto a peça numa exposição coletiva, para depois ver, aterrorizado, como a

multidão na inauguração se acotovelava ao redor dela, a conversar e a beber. Foi retirada na manhã seguinte. Houve pessoas que me disseram que tinha sido a coisa mais aterrorizadora que alguma viram numa galeria.

A maior parte das obras que produzi nessa época não era destinada a ser vista. Fiz performances, formulando frequentemente normas que seguia durante um tempo determinado, sem dizer a mais ninguém. Parcialmente, era pura experimentação, o perceber qual era a sensação de me comportar dentro de certos limites ou seguir certas rotinas. Ia a um dado lugar, num dado momento do dia. Fazia qualquer coisa ou abstinha-me de a fazer. Às vezes, tirava fotografias, para tentar documentar a minha arte, mas outras vezes isso parecia-me uma traição a um processo que, para funcionar, devia ser completamente privado. Houve uma espécie de *koan* de Marcel Duchamp que escrevi e preendi na minha parede nua, uma linha sobre se era possível «fazer obras de arte que não são obras de arte». Foi a minha única tentativa de decoração e, embora não tivesse a certeza de a entender, parecia-me uma chave, uma seta que me apontava o caminho em frente. Num sentido muito preciso, sabia que tinha de trabalhar *em vão*, de uma maneira que não fosse sobre acumulação ou realização. Contudo, isso parecia muito difícil de fazer, talvez demasiado difícil.

Compreendi que o meu trabalho — e não só o meu trabalho, mas também o trabalho de toda a gente, o trabalho de todos os artistas — era um álibi para o desejo de emoldurar uma dada parte da vida, de declarar que, dentro da moldura, estava arte, e fora, não. O interior seguia certas normas, era merecedor de um certo tipo de atenção. Cogitava sobre o que seria

uma arte que não estivesse presa dentro de uma moldura, que sangrasse para fora, onde estavam a incerteza e a confusão da vida. Arte que não tivesse uma fronteira.

Porque nos desprendemos da pureza das nossas melhores ideias, a minha arte foi, durante um período, sobre fronteiras em sentido mais literal. Já tinha feito uma performance na qual tinha desenhado a giz uma linha, no meio de uma rua entre duas galerias, obrigando os visitantes a atravessar a minha fronteira arbitrária. Agora fazia uma quantidade de outras linhas, algumas públicas, outras privadas. Fiz fronteiras ao redor de edifícios administrativos, tribunais e esquadras de polícia. Fiz experiências com linhas que eram gradualmente apagadas pelo trânsito pedonal e linhas que se derretiam ou eram lavadas. Participei numa residência em Espanha, e fotografei-me nas montanhas, a transportar uma mala velha, primeiro de um lado e depois do outro da fronteira franco-espanhola. A seguir tirei uma terceira fotografia na qual figurava apenas o marco da fronteira. Eu tinha-me desvanecido, desaparecido por completo.

— Conheço esse trabalho — disse Marshal. — Estava no teu livro.

Tanto quanto sabia, não tinha nenhum livro. Alice disse que pensava ter visto as fotografias num número de *Artforum*, como parte de um ensaio sobre arte e desaparecimento.

— Havia outra — disse Marshal. — Um fotograma de um vídeo. Uma coisa sobre marinheiros.

Tinha atingido a ideia de que a minha arte era parte da minha vida interior e não algo que alguma vez tivesse tido existência independente. Para todos os

outros sentados à mesa, este género de conversa — sobre ideias, influências — era a coisa mais natural que podiam imaginar, mas eu tinha a sensação de ser esticado como um arame, como se o meu presente estivesse a ser cada vez mais enroscado, engatado de novo ao meu passado. Foram buscar mais vinho e contei-lhes sobre «Atravessar a Linha», obra em vídeo monocanal que tinha feito sobre praxes a bordo. Tinha filmado algumas coisas na linha do meridiano de Greenwich, um vídeo comigo a caminhar sobre ela com cuidado excessivo, de braços esticados, como um ginasta numa trave olímpica. Ao visitar o museu naval, com salas repletas de modelos de navios, fiquei interessado nos ritos de iniciação que era habitual ocorrer quando os marinheiros atravessavam o equador. Havia histórias de pessoas submetidas à tortura da água, barradas com alcatrão, arrastadas pelo mar e agredidas de várias outras maneiras brutais e carnavalescas por tipos vestidos de rei Neptuno ou Davy Jones¹. Tamanha violência para assinalar a passagem de uma linha imaginária. Tinha recriado uma destas cerimónias, comigo a fazer de infeliz marinheiro e os meus amigos de torturadores mascarados. Tinha sido filmado como um vídeo *camcorder* amador, trémulo e caótico, para criar um efeito de confusão e pesadelo.

Fiz outros filmes e outras performances, que documentei com maior ou menor rigor. Houve uma série em que trepei muros e cercas, inspirando-me nos meus amigos grafiteiros de Berlim. Houve um vídeo comigo a fazer um buraco em forma de homem, numa rede, com um alicate de corte. Produzi mapas de zonas com fronteiras sob disputa noutras partes do mundo —

a Zona Desmilitarizada da Coreia, a Linha de Controlo em Caxemira — com linhas de pontos vermelhos indicando rotas por onde podiam ser atravessadas a pé. Nalgumas, escrevi a stencil a expressão *passar para o outro lado*. A curadora de uma pequena galeria pública em Bristol veio visitar-me, sentou-se na alcatifa modular, a beber chá verde e a folhear as minhas imagens. Ao fim de mais ou menos uma hora, convidou-me a fazer uma exposição.

Passar para o Outro Lado foi uma espécie de redenção, e trabalhei arduamente para que fosse uma exposição tão boa quanto estivesse ao meu alcance. Rodeei a galeria com uma versão de uma *eruv*, um perímetro de arame que alguns judeus ortodoxos erguem ao redor dos bairros deles, dentro do qual certas proibições do Shabbat podem ser ignoradas. Ocupei o espaço com todo o trabalho que tinha estado a fazer: as fotografias, os mapas, com o vídeo «Atravessar a Linha» a ser reproduzido em *loop*, num grande ecrã instalado numa divisão às escuras. Foi um êxito de crítica, e, devido ao panorama político mais vasto — isto foi pouco depois do 11 de Setembro —, o assunto era muito atual. Foram-me dadas outras oportunidades. Vários galeristas contactaram-me para me proporem que trabalhasse com eles. A minha trajetória ascendente disparou quando foi anunciado que tinha sido nomeado para um importante prémio artístico, um dos poucos galardões que penetravam na consciência do público sem relação direta com arte. Subitamente, começaram a pedir-me que falasse nos meios de comunicação. Um jornal quis enviar alguém para me traçar o perfil. Uma colunista classificou-me espirituosamente como um «migrante ilegal da arte».

Comecei a contrariar esta história, a procurar formas de a curto-circuitar. Causei dificuldades aos promotores do prémio, recusando ser fotografado, acabando por condescender se usasse uma máscara com a cara de um dos famosos Jovens Artistas Britânicos, que cortejavam esse género de publicidade. Quando aceitava falar, evitava descrever o meu trabalho, dizendo que tinha de se afirmar por si mesmo. Falava honestamente sobre política, de uma maneira que os jornalistas entendiam ser irritante. Mas que tipo de declaração está a fazer?, perguntou um deles. Respondi que pretendia estar fora do espaço de declarações, para existir no espaço de acontecimentos. No artigo que escreveu, o jornalista descreveu-me como uma pessoa «pretensiosa e confusa». Por volta dessa época, encontrei uma nota que tinha escrito num caderno: *O único dever do ou da artista é tornar-se mais completamente ele próprio ou ela própria*. Risquei e escrevi: *O único dever do artista é esquecer-se de si próprio, esquecer-se de que alguma vez existiu*.

Na cerimónia de entrega do prémio, participei num longo e complicado jantar, no qual entabulei uma conversa hesitante com um célebre realizador de cinema que estava sentado à minha mesa. O prémio foi atribuído a outro dos artistas nomeados, e descobri, para vergonha minha, que fiquei desapontado. Esperava ter-me libertado, estar felizmente a salvo da distração. Em vez disso, tinha de aceitar que continuava a ter ambições, que ainda ansiava por reconhecimento.

A história do prémio interessou as outras pessoas que estavam à mesa. Enquanto falava sobre o trabalho que tinha feito, Nicole mostrou-se particularmente

atenta. Podia ver que a imagem que tinha de mim se ia alterando, com o meu estatuto a aumentar em tempo real. Marshal continuava a abanar a cabeça, como se não conseguisse acreditar no que estava a ouvir.

— Alegrou-me muito, saber o que estava a acontecer contigo — disse Alice. — Pensei escrever-te, mas achei que não gostarias de receber notícias minhas.

Subitamente, senti-me exausto. A minha personalidade era como um músculo que não tivesse usado durante muito tempo, facilmente cansado pelo normal serviço e devolução da conversa. Talvez fosse por causa do vírus. Talvez estivesse apenas exaurido pela violência e o medo desse dia. Subitamente, comecei a ter de me esforçar para seguir o fio da meada.

— Não me parece que consiga continuar com isto esta noite — disse. — Tenho de ir dormir.

— Bebe outro copo — disse Marshal. — Já estás em andamento.

— Não.

Devo ter falado de forma abrupta, mesmo agressiva. Fiquei subitamente inundado de vergonha, como se, por ter falado tanto, me tivesse traído, revelado alguma coisa que não devesse. Alice disse-me animadamente que compreendia, que devia ir descansar. Lembrou-me que agora todos sabiam que eu estava lá, pelo que não havia qualquer razão para me esconder no celeiro. Que viesse tomar com eles o pequeno-almoço. Ela, Nicole e Marshal desejaram-me as boas noites, como se eu tivesse sido um encantador convidado do jantar. Rob, que estava esparramado na cadeira, na outra ponta da mesa, fez-me um seco movimento de despedida com a cabeça.

1 Pirata lendário do século XVIII. (*N. do T.*)

NA MANHÃ SEGUINTE, BATI À PORTA DA COZINHA e Marshal deixou-me entrar. Estava a fazer um batido qualquer, com fruta fresca, numa tábua e recipientes de ingredientes esotéricos dispostos em filas no balcão. Perguntou-me se tinha dormido bem e ofereceu-me um copo.

— Olha, quero pedir-te desculpa novamente — começou ele, por cima do barulho do liquidificador. — Estava descontrolado. A Nicole está furiosa comigo. E tem toda a razão, é claro.

— Com certeza — respondi.

Não queria aprofundar o assunto. Durante a noite, tinha sido despertado por uma imagem do cano da arma apontado ao meu peito.

— Toma — disse ele. — Positividade em estado líquido.

Beberiquei. Sabia a banana.

— Estás a ver? — perguntou Marshal, assentindo vigorosamente. — Na verdade, acho que é ótimo que estejas cá. Vais transmitir-nos alguma perspetiva, porra. Temos estado completamente desligados... Bom, eu talvez menos do que os outros, porque faço a pesquisa. O que estou a dizer é que não me parece que estes tipos realmente entendam como é brutal lá fora. *Tu* sabes. Estiveste na linha da frente. Um trabalhador essencial.

Assenti.

— Penso apenas que tem de haver alguém aqui que trate da segurança.

— Claro.

— Porque, não sei como é contigo, mas quanto a mim...

Continuou a falar, enquanto olhava para mim de maneira significativa. Quando não mordeu o anzol, mudou de assunto.

— Seja como for, como estão os teus pulsos? Estão bem?

Disse-lhe que os meus pulsos estavam muito bem. Levámos as bebidas para o exterior e encontrámos Nicole, sentada de pernas cruzadas no estrado, com leggings e uma T-shirt dos Nirvana. Tinha o telemóvel encostado à cara.

— Não, avó, não tenho. Não há nenhum por perto. Não me parece que estejam sequer a garantir os serviços.

Quando nos viu aproximar, levantou-se e afastou-se.

— Não estou a arranjar desculpas nenhuma — disse ela, enquanto descia os degraus do estrado. — Estou só a dizer como é.

Vi que Marshal a observava. Calculei que ela tivesse menos uns dez anos que ele, embora não me parecesse que a idade fosse a principal responsável pela distância entre os dois.

Marshal fez uma careta, abanando a cabeça.

— Porra, ela é deslumbrante, pá, mas é difícil de aturar, sabes?

Como não respondi, começou a ver fotografias no telemóvel.

— Vê isto.

Virou o ecrã para mim e vi a imagem do convite para a minha exposição final. *A Deriva*, podia ler-se nas palavras compostas numa simples fonte não serifada. Depois, por baixo: *A única coisa que o artista deixou para*

trás foi a cena do seu desaparecimento.

— Descobri-o num *site* de leilões. Pediam bom dinheiro por ele.

Observei a imagem. Parecia-me estranha, sem ligação a mim. Marshal observava-me atentamente, como se estivesse a medir a minha reação.

— Isto deve ser esquisito para ti, acho. A circularidade.

Vi que Rob nos observava da porta da cozinha. Estava de roupão e tinha uma chávena de café na mão. Marshal acenou-lhe.

— Não tão esquisito como para ele — disse, em surdina. — Quero dizer, a Alice e tu viveram juntos? Parece que... Bom, tu percebes o que parece, ela ter-te escondido no celeiro.

Nicole estava a subir o caminho na nossa direção.

— Olá, querida — disse-lhe Marshal, em tom alegre.

— Olá, Marshal. Olá, Jay.

— A tua avó está bem?

— Está ótima, mas preocupada. Sabes como é.

Marshal explicou-me.

— A Nicole tem uma família bastante grande. São muito chegados.

— Não é assim tão grande.

Mudando de assunto, Nicole sentou-se à mesa connosco e perguntou-me onde eu tinha estado, na cidade. Respondi-lhe que em Jackson Heights, e Marshal desatou a falar de restaurantes indianos. Disse-lhe que tinha ido buscar comida para entregar num dos lugares que mencionara. Soltou uma risada de embaraço.

— Deves ser, acho, o único artista que sabe andar numa dessas bicicletas elétricas.

Nicole olhou para ele com ar de azedume.

— Ficarias surpreendido.

Ela virou-se para mim.

— Marshal é aquilo a que se poderia chamar um bebé artístico. O pai tinha uma galeria, e por isso ele cresceu a pensar que as únicas pessoas que produzem arte são aquelas que encontra nas festas.

— Isso não é justo. Dá a ideia de que sou um elitista.

— Mas tu és um elitista, Marshal.

— Por amor de Deus, Nicole. Ainda não bebeste café, pois não?

Explicou que o pai tinha sido *marchand* durante as décadas de 1980 e 1990: um mundo diferente, com homens que usavam laços e *blazers* com botões dourados e salas cheias de peças de mobiliário do século XVIII. Falou de artistas cujos trabalhos tinham sido vendidos pelo pai, e, mesmo sem querer, senti-me fascinado. Falou de famosos pintores do pós-guerra: Motherwell, De Kooning. E de como tinha sido crescer com aquele género de arte a fazer parte da vida de todos os dias. Disse-me que, durante alguns meses, tinha tido um Frankenthaler pendurado por cima da lareira do apartamento de oito assoalhadas, no Upper West Side.

Rob saiu de casa trazendo vestidas umas calças de trabalho e uma T-shirt. Reparei que estava a suar, embora o dia ainda não tivesse aquecido. Ficou a ouvir as reminiscências de Marshal durante algum tempo. Depois virou-se para mim.

— Acho que temos de trocar umas palavras.

Descemos o caminho em direcção ao lago. Quando já não éramos visíveis da janela da cozinha, Rob tirou um

maço de cigarros do bolso e ofereceu-me um.

— Não, obrigado.

— Como queiras — disse, enquanto acendia o cigarro e dava umas passas nervosas. — A Alice não gosta que eu fume.

Tive pena dele. Nas semanas que passei no celeiro, tive tempo para me preparar, para me equipar para o encontro com ele. Ele tinha estado completamente às cegas. Enquanto chupava o cigarro, parecia estar a tentar controlar-se, a reunir forças. Por fim, ergueu os olhos e lançou-me um olhar direto.

— Então, de homem para homem, porque estás aqui?

— Conteí-te a verdade. Foi puro acaso.

— Achas que nasci ontem?

— Não te censuro por seres cético. Nem eu acredito bem.

Deu mais algumas passas e depois deixou cair a beata na lama.

— Acho que o que quero saber é se estás aqui por causa dela ou de mim — disse, esmagando a beata com o tacão do sapato.

Disse-lhe que não percebia.

— Bem, se estás cá para tentar alguma coisa, avança. Seja lá o que for. Dá-me uma punhalada, porra, seja lá o que for que vieste cá fazer. Faz o que tens de fazer. Não aguento a espera.

— Não vim cá para te magoar.

— Então, é por causa dela.

— Também não vim cá por causa dela.

— É minha mulher. E vocês viveram juntos... Quanto tempo? Uns meses? Isso foi há vinte anos. Há vinte anos que estamos juntos. Sabes o que é que isso

significa? Vivemos toda uma vida, desde a última vez que te vimos.

— E ama-la?

— Com certeza.

— E és-lhe fiel?

— Não é coisa que te diga respeito. Ela é-me fiel? Talvez falar sobre isso seja uma conversa mais interessante. Qual é a tua opinião?

— Não me parece que seja feliz.

— Perfeito, foda-se. Isso é perfeito, porra. E calculo que lhe tenhas propiciado um ombro para ela chorar, na cabana. Olha, não sei qual é o teu objetivo. Para ser franco, não sei quem és. És o Jay Gates? Pareces-te com ele, ou és uma versão gasta dele, mas, não sei, talvez não sejas. Como posso ter a certeza de que não és um tarado qualquer que viu fotografias de festas nossas na internet?

— Sabes que isso não é verdade.

— Enganaste a minha mulher, mas isso não quer dizer que tenhas vencido.

— Não quero nada teu, Rob.

— Então, o que queres?

— Não quero nada, como estou farto de te dizer.

— Se é dinheiro, dou-to. Posso assinar uma folha de papel litográfico e ganhar vinte mil dólares. E depois outra e mais outra. Basta sentar-me a uma mesa para ganhar dinheiro. Que me dizes? A única coisa que tenho de fazer é assinar a porra do meu nome.

— Não quero nada teu.

— Tens a certeza? Nunca pensaste que eu seria o tal, pois não? O tal que teria a grande carreira.

— Não sei o que queres dizer com isso. Eras um bom artista.

— Mas achavas que eras melhor. Vá lá, admite.

— Estou a ver que já decidiste que sou mesmo eu e não um impostor.

— Julgavas-te melhor e agora não és nada. Por isso, porque não aceitas... Sim, porque não? Vinte mil. Aceitas vinte mil, metes-te no teu Uber, piras-te e deixas-me a mim e à minha mulher em paz.

Vinte mil. O meu valor tinha subido.

Perto do sítio onde cresci, havia uma ilha chamada Foulness, um nome em inglês antigo que significa qualquer coisa como «promontório de aves». Era propriedade do Ministério da Defesa, e às vezes o meu padraсто Douglas fazia exercícios de artilharia lá. Um dia, quando eu tinha dezassete anos, levou-me de carro até ao desolado lugar onde a passagem ligava a pequena ilha à grande ilha, um carreiro de pedra que apenas ficava à vista na maré baixa. Desligou o motor do carro no parque de estacionamento. As gaivotas esvoaçavam e guinchavam por cima de nós. Perto do caminho que conduzia à passagem, havia um letreiro com várias instruções e proibições, assim como uma bandeira vermelha a tremular num poste, um aviso sobre os exercícios que estavam a ser realizados.

— Dou-te mil libras se te fores embora — disse ele.

— Como?

— Ouviste o que eu disse.

— Mil libras?

— Sim. Para partires. Agora. Tenho essa quantia em notas.

— E porque haverias de fazer isso?

— Aceitas?

— O que é que isso importa? Eu nem vivo consigo. Vivo com a Nan.

- Ela deixa que tu a trates por Nan?
- O quê?
- É vulgar. Devias tratá-la por vovó ou avó.
- Irrita-o, não é verdade?
- Tem tento na língua.
- Mil libras.
- Em notas.
- Deve mesmo odiar-me.

Ficou a pensar durante algum tempo. Um estrondo seco que ecoou sobre as águas, vindo do campo de tiro, fez levantar uma nuvem de pássaros.

- Queres saber porquê?

Assenti.

— Porque sempre que olho para ti vem-me à cabeça que a piça de um preto esteve dentro da minha mulher.

Eu só tinha dezassete anos, e era capaz de ser duro, mas a fealdade daquelas palavras agarrou-se a mim. Interroguei-me se me iria magoar, e se assim fosse, até que ponto. Trazia umas luvas de condutor antiquadas, daquelas com as costas em croché. Abria e a fechava as mãos, como se estivesse a ensaiar o meu estrangulamento. Se o fosse fazer, queria que não perdesse tempo. Queria acabar com aquilo. Olhei pela janela do carro, para o paul ermo, e disse-lhe que ele não passava de um filho da puta de meia-tigela. Que poderia eu fazer com mil libras? Pagar a renda de uns meses? Disse-lhe que, se me oferecesse dez mil, me metia no próximo comboio para Londres e nunca mais me veria.

- Meu sacaninha.

Atirou-se a mim, esquivei-me e ele fingiu que queria apenas abrir a porta do lado do morto.

- Sai.

— Não os tem, pois não? Não ganha esse dinheiro.

— Rua!

— Apenas queria ver se eu aceitava.

Deu meia-volta, com uma chiadeira de pneus. Enquanto o Cortina se afastava, as rodas projetaram lama. Iniciei o longo caminho de regresso a casa de Nan.

Por isso, vinte mil era um degrau acima. Ao olhar para Rob, lembrei-me de todas as coisas que tive de lhe perdoar, quando éramos amigos. A arrogância, a preguiça moral. Depois de ele ter fugido com Alice, uma das maneiras que encontrei de ultrapassar o que acontecera — quão magoado estava, quão saudoso estava dele — foi remoer o lado mau dele. Em breve se tornou difícil lembrar o resto. Remontei aos tempos em que tínhamos sido uma dupla, divertindo-nos em todo o lado, apanhando pielas e dando espetáculo, sempre com um olho em quem pudesse estar a observar-nos. Uma vez, durante a época de Artigos de Fantasia, demos um salto a uma feira de rua de artistas, uma versão irónica do género de festividade de aldeia inglesa, com tómbola, barracas e tendas onde se podia até atirar esponjas molhadas ao vigário. Foi mais ou menos na altura em que saiu o filme *Titanic*, em que o sensual pintor boémio sofria na terceira classe e a rapariga rica da primeira classe se aborrecia à mesa do comandante. Apresentámo-nos de guarda-pós e boinas, e embebedámo-nos com horrível absinto checo que tinha a cor e o sabor de elixir bucal, para vender esboços de quem passava, por baixo de um letreiro que dizia *Pinta-me Como Uma das Tuas Raparigas Francesas*. Lembro-me de Alice a fazer poses patetas para nós e Rob a vomitar atrás de uns caixotes de lixo.

Por isso, interroguei-me se não estaria Alice a usar-me para se vingar de Rob. Seria eu a punição por ele a ter maltratado ou tê-la tomado como certa?

— Olá, está alguém em casa?

Dei conta de que me tinha deixado dominar pelas divagações. Rob ainda estava diante de mim, à espera de uma resposta para uma pergunta qualquer. Qual era?

Vinte mil.

— Não quero o teu dinheiro.

— Então, põe-te a andar. Deixa-me em paz. Tu e a Alice fizeram qualquer coisa. Devem ter-se divertido. Já tenho com que me coçar, por isso, não preciso disto. Se não queres dinheiro, não estou a ver o que é que possas esperar obter.

— Já fomos amigos.

— E depois? Já fomos amigos. Ou melhor, já fui amigo de um tipo chamado Jay. Talvez sejas ele, mas também pode ser que não. Talvez tenhas sido ele. Não me interessa.

— Vou ficar. Pelo menos, por agora.

— Ah, isso é que não vais.

— Na verdade, não é a ti que cabe decidir, pois não?

Avançou um passo na minha direção, mas depois reconsiderou. Afastei-me dele, entrando no pequeno pontão de madeira que conduzia ao lago. Pouco depois, ouvi os passos pesados de Rob de regresso a casa. É claro que ele tinha razão. As pessoas cujos nomes carregávamos há muito que não existiam. E talvez fosse a altura de partir. Alice tinha feito as suas escolhas há muito tempo, e eu as minhas. Nada iria mudar.

— Jay?

Ela estava atrás de mim, no pontão, com o cabelo

caído sobre os ombros e as mãos enfiadas nos bolsos de umas calças com cordão.

— O que queria o Rob? Apanhei-o a esgueirar-se para o estúdio.

— Oferecer-me dinheiro.

— O que é que disse?

— Que te estava a enganar. Ofereceu-me dinheiro para me ir embora.

— A sério? Ofereceu-te dinheiro? Não tem o direito de fazer isso.

— Não o censuro por ser desconfiado.

— Não tem o direito de fazer uma coisa dessas. E não está em posição de dar lições a ninguém sobre guardar segredos.

Interroguei-me sobre o que seria eu para Alice. Para quem estava ela a correr, quando fazia o percurso até ao celeiro? Como seria regressar à casa e sentar-se na cozinha, com o marido e os amigos? Em que pensaria quando os ouvia conversar?

— Em que estás a pensar?

— Sabes como é... Nos velhos tempos.

— Ah, nisso.

— Não te censuro. Quero que saibas isso. Não te acuso do que se passou connosco. Não te tratei bem.

— Não, não trataste.

Na copa das árvores, uma ave piava, fazendo grande algazarra. Olhámos para o alto, a tentar perceber o que se passava. Alice suspirou.

— Sei que me portei covardemente quando terminei contigo daquela maneira. Mas eras tão intenso. Tive medo da tua reação.

— Nunca te teria magoado.

— Eu sabia disso. Estava mais preocupada com o

que pudesses fazer a ti próprio.

Sentámo-nos na borda do pontão. Alice tirou os sapatos e molhou os pés.

— Olha, já que estamos a falar, preciso que compreendas uma coisa — disse ela.

— O quê?

— Sempre pensei que te tinhas matado. Ninguém tinha notícias de ti, depois de teres partido. Ninguém sabia nada, por isso, as pessoas presumiram o pior. E isso deixou-me muito zangada.

— Porquê?

— Pensei que fosse por minha causa.

— Não faria uma coisa dessas.

— Como é que haveria de saber? Carreguei esse fardo, Jay, durante anos. E subitamente apareces. Quero dizer, é... Não sei. Virou tudo de pernas para o ar.

— Para mim também.

— Não sei se entendes. Foi injusto, o que fizeste. Pôr tudo em cima de mim. Como podias tornar-me responsável por uma coisa assim? Nem sequer éramos felizes. Não sabia como te podia deixar. Era demasiado tímida. Foi culpa minha? Era muito nova, Jay. Apenas queria ser feliz. Não é impróprio querer ser feliz.

Não me tinha ocorrido que Alice se sentisse responsável por alguma coisa que eu fizesse depois de nos termos separado. Na altura do meu «desaparecimento» já ela estava na América.

— Eu simplesmente não prestava. Não prestava para ti nem para ninguém — repliquei.

— Nunca pensei isso.

— Não?

— É que eras muito sisudo. Senti sempre que tinha

de ser muito cuidadosa. A maneira como resmungavas quando alguém não estava à altura dos teus padrões inatingíveis.

Não soube o que dizer. Ela continuou.

— Sentia alegria quando me diziam que te estava a correr bem a vida. Isso queria dizer que tinha sido capaz de fazer as coisas bem, mas depois desapareceste. Pensei que eras capaz de qualquer coisa, e quanto mais tempo passava, mais doente me sentia. Estava a ser roída pela culpa.

— Não teve nada que ver contigo.

— Se tu o dizes... Mas isso não muda nada. Durante anos a fio, tive a tua morte a pesar-me na consciência.

— Depois de teres partido, pensei muito e... decidi que tinha de partir, mas isso não foi para te atingir.

— Bom, não era esse o teu problema? Estavas sempre tão enfiado na tua cabeça. Quando acabei por perceber o que se estava a passar, bom, foi como um sino que não conseguia impedir de tocar.

— Referes-te a quê? O que se estava a passar?

— Quase não me vias. Nada me era dirigido. Era tudo uma projeção. Quando falavas comigo, estavas apenas a falar com uma fantasia que tinhas. E depois, quando me desviei dela, tu castigaste-me.

— Alice.

— Estás a dizer que não tenho razão? Nunca me pareceu que percebesse o que se estava a passar. Como quando Artigos de Fantasia foi reintegrado. Era... não digo tudo, mas era muito importante para mim. Sabias isso, mas não parece que te tenhas preocupado com a tristeza que me invadiu. Deu a ideia de que não deste conta. Sempre te comportaste como se estivesses acima daquilo, que não era suficientemente bom para ti.

— Achava que te estavam a explorar.

— Talvez. Não senti isso. Estava entusiasmada por fazer parte de qualquer coisa, enquanto podia. Eras capaz de ser muito paternalista. E não parecia que percebesses que eu estava a trabalhar sob pressão, já que a minha mãe me haveria de mandar regressar a casa, para casar com alguém. Tinha um rapaz selecionado... Eu nunca te contei isso. Terias perdido a cabeça. Obrigava-me a encontrar-me com ele sempre que ia a Paris. Era jogador profissional de badminton, imagina só. Era a isso que eu estava destinada, aos fins de semana. A usar uma pala na cabeça e aplaudir da bancada. A minha vida estava prestes a ser-me retirada. Precisava de alguém que me ajudasse, e não me parecia que tivesses entendido isso.

— Como é que poderia? Não sabia. Nunca me contaste nada.

— Bem, talvez pensasse que devias ter percebido. Não te cansavas de dizer que me amavas, mas não se pode amar ninguém sem que nos amemos a nós próprios, Jay, coisa que nunca fizeste. Era mesmo muito difícil conviver com o teu ódio-próprio. Estavas tão insatisfeito com tudo, e eras tão orgulhoso, sentias-te tão humilhado e zangado por seres humilhado. O Rob... Bem, o Rob era apenas o Rob. Era tudo muito mais simples com ele. Olhou para mim, um dia, e perguntou-me se eu queria partir. Respondi que sim. Disse-me, muito bem, para onde queres ir? E foi assim.

— Então, se te tivesse convidado a fugir comigo, terias aceitado?

— Não sei. Talvez. Mas não podia ficar à espera de que isso acontecesse. Estavas tão confuso.

— Costumava pensar em ti como estando algures no

mundo. A viver a tua vida. Nunca esperei que ficasses com o Rob.

— E, no entanto, foi o que fiz.

— E tiveste uma filha. Para mim, isso é espantoso. Parece-se contigo? Não me mostraste a fotografia dela.

— Acho que se parece... Vejo muita coisa do Rob nela.

Não fez menção de pegar no telemóvel.

Permanecemos sentados, a olhar para o lago. O sol tinha-se posto, e estava a ficar fresco. Alice virou-se para mim e beijou-me, muito ao de leve, nos lábios.

— Amigos?

— Claro.

Levantou-se e calçou-se.

— Vemo-nos mais tarde, está bem?

Observei-a a percorrer o pontão até terra firme. No início, desejei que o cosmos castigasse Alice por me ter abandonado. Queria que ela derramasse lágrimas amargas de remorso. Queria... O que é que queria? Não era magoá-la. Sim, magoá-la. Deixar uma marca nela, porque tinha medo de ser esquecido. Tinha descoberto que o meu desejo se realizara, e sentia-me mal.

FUI DAR UM PASSEIO, para tentar controlar o turbilhão das minhas emoções, tentar perceber o que pensava que me estava a acontecer. Quando tinha saído da cidade, estava tão doente que pensei estar a morrer. Sonhei com altas árvores, nuvens a atravessar lentamente o céu, um lugar onde pudesse alcançar o meu descanso. O lugar era este. Imaginei-me a partir, arrumando os meus pertences no carro: não parecia ser uma coisa que pudesse realmente ocorrer. Tinha passado tantos dias consumido por recordações de Alice; um passado que pensava ser completamente irrecuperável tornara-se tão nítido que era como se tivesse virado costas ao futuro, que não parecia apenas desconhecido da maneira comum, imprevisível ou ainda por manifestar, mas totalmente ausente, vazio de conteúdo. E regressei à suspeição de que estava morto e que isso, por algum motivo, me tinha escapado.

A clareira espelhada e a grande rosca vermelha não eram as únicas esculturas escondidas no meio das árvores. À medida que explorava, descobri outras duas esculturas — um arranjo de compridas lajes brancas como lápides e um móbil gigante feito com discos de aço oxidado, pendurados numa vara curva. Subi à pedra sentinela para olhar para o vale. Ao caminhar de regresso à clareira espelhada, ouvi ruído entre as árvores. Instintivamente, recuei e agachei-me atrás do tronco de uma grande conífera. De certo modo, a possibilidade de encontrar alguém era intolerável. Encostado à árvore, ouvi o som de passos

interrompidos, a respiração arquejante de alguém que tinha subido a correr a colina. Arriscando espreitar, vi Nicole a carregar num botão do relógio de pulso e a tirar um par de minúsculos auscultadores. Começou a dar passos para a frente e para trás, com as mãos entrelaçadas na nuca. O corpo dela brilhava com o suor. Apercebi-me da maneira como a T-shirt húmida se lhe colava ao corpo, os músculos definidos das coxas, e senti vergonha por estar a espiá-la, um sátiro furtivo que observa a deusa, escondido atrás de uma árvore.

Virei-me e encostei as costas à casca áspera da árvore, para esperar que ela se fosse embora. Ouvia o ruído dos galhos e das folhas que ela pisava, o som do fôlego a ser recuperado, o ar a entrar pelo nariz e depois a sair pela boca. Passados uns minutos, ouvi novos passos na vereda. Um andar mais lento e pesado. Esta pessoa era maior e estava fora de forma. Quando chegou à clareira, estava a arfar. Ouvi-a tossir e cuspir para o chão.

— Pensei que me ias deixar apanhar-te — disse Rob, e identifiquei uma nota lamuriosa que me era familiar na voz dele. Rob, sempre o rapaz que consegue tudo o que quer.

— Por que razão haveria de fazer isso?

— Bom, para começar, seria divertido.

— Sentes-te bem? Não vais ter um ataque de coração, pois não?

— Estou só a recuperar o fôlego.

Estavam muito perto. Poderia ter saído do meu esconderijo para os confrontar.

— Tens água?

— Não. Só bebo quando regresso a casa.

— Porra. Estou a morrer de sede! Deixa que te diga

uma coisa: não me importei de vir atrás de ti. Tu, com esses calções, és melhor do que televisão.

— Pára com isso, Robert — disse ela, com uma voz modulada, precisa, em tom cauteloso, adequado a lidar com homens voláteis.

Ele soltou um risinho abafado.

— Oh, não. Não me venhas com o meu nome completo. Estás a estragar o momento.

— Qual momento?

— Agora a sério: vais ou não posar para mim?

— Outra vez? Já te disse que não estou nessa.

— Não sejas ridícula. Sabes que há mulheres a suplicar (literalmente, a *suplicar*) para que lhes diga que dispam as cuecas e se ponham em cima de uma caixa de madeira, no meu estúdio gélido.

— Mas eu não.

— Aqueço-o. Para ti, aqueço-o.

— Continuo a não estar interessada. Não é de mim que andas à procura. Porque não pedes à Alice?

— Por amor de Deus, já retratei a Alice centenas de vezes. Já não suporto olhar para ela. Tens de ser tu.

— Tenho o meu próprio trabalho, Roy.

— E isso também. Devias deixar-me ver o teu... O que for que estejas a fazer. Podia ajudar-te.

— Fazer uma crítica? Dar-me uns conselhos?

— Exatamente. Vá lá, toda a gente está de acordo em que o faças. Até o Marshal. E ele é um ciumento do caneco.

— O Marshal disse isso?

— Quer que eu pinte. E se eu digo que quero fazer um retrato teu, ele vai dizer-te que colabores.

— O Marshal não me pode dizer o que devo fazer.

— Ah, não? E quem é que paga todos esses jantares

caros? Todas essas roupas?

— Lindo. Tens muita classe. E o que é que a Alice pensa quando propões a essas mulheres todas para se despirem no teu estúdio?

— Já é crescidinha. Sabe como é o jogo. Vá lá, Nicole. Sabes como tem sido difícil para mim trabalhar. Preciso de ti.

— Então, já recuperaste o fôlego?

— Claro que sim.

— Ora vamos lá correr de volta à casa.

— Oh, vá lá. Não faças isso. Porra.

Houve um som de passos no caminho. Rob praguejou novamente em surdina, e ouvi-o a andar pela clareira, cuspendo para o chão. Espreitei cuidadosamente por trás da árvore. Estava encharcado em suor, com o cabelo ralo colado ao couro cabeludo. A roupa de desporto, constituída por uma T-shirt deformada e uns calções largos de basquetebol, dava-lhe o ar de adolescente fora de moda, o miúdo que nunca entrará na equipa. Andava às voltas com a irritação, expondo uma barriga redonda e branca, enquanto limpava o sobrolho com a parte da frente da T-shirt. Ao fim de algum tempo, começou a correr pela colina abaixo.

No final da tarde, dei a volta ao lago e dirigi-me para a casa. Encontrei Nicole e Marshal no estrado. Sentei-me à mesa, e Marshal abriu o guarda-sol para fazer sombra. Podia ver Alice a cirandar na cozinha.

— Manténs-te em contacto com o meio artístico? — perguntou-me Marshal. Quando lhe disse que não, mostrou-se incrédulo. — Completamente?

Disse-lhe que há anos não punha os pés numa galeria.

— Mas estavas a viver em Nova Iorque — assinalou Nicole. — Nunca te sentiste tentado?

Alice apareceu, com um jarro de limonada. Uma mosca zumbia à nossa volta. A sugestão de Nicole para que ela fosse buscar Rob foi recebida em silêncio por todos os que estavam à mesa.

Nicole começou a questionar-me, elencando nomes que, presumivelmente, eram de artistas conhecidos. E quanto a museus? Já tinha estado no MOMA? No Whitney? Quando abanei negativamente a cabeça, tapou a boca com a mão, num gesto que me fez sorrir. Para ela, eu era uma aberração da natureza.

— Deixaste de gostar?

— Não é bem isso.

— Querias fazer outra coisa?

— Não. Nem por isso. Nunca fui capaz de pensar em alguma coisa.

Marshal mostrou-me outra imagem no telemóvel, a digitalização de uma página de uma das revistas mensais de arte.

— Lembras-te disto?

Lembrava-me. Pouco depois de ter sido nomeado para o prémio, a revista tinha-me pedido para contribuir numa série de declarações ou frases sobre arte. O meu texto tinha apenas algumas linhas.

A boa arte é objetiva

É arriscada, mas disciplinada

*Tem um sentido social literal: sem metáforas,
recriações, apenas o presente contextual*

O artista deve ser anónimo

O que tinha eu querido dizer? Olhei para as palavras

na página. Que declarações tão confiantes. *É, tem, o artista deve.* O tom era cáustico. Não me reconheci nele. Para mim, objetividade tinha simplesmente significado o contrário de subjetividade, disso ainda me recordava. Em vez de uma arte de autoexpressão, queria uma arte que fosse apenas mais outra coisa no mundo, que não tentasse contar uma história ou chamar atenção para o seu fazedor. E anonimato? Costumava apanhar o autocarro 55, de Hackney para o centro de Londres. Alguém tinha colado ou atirado à parte de cima das coberturas das paragens ao longo do trajeto criações escultóricas pontiagudas — humildes objetos semelhantes a estrepes, que pareciam ser feitos com palhinhas de plástico e pastilha elástica. Gostava deles. Habituei-me a ir no segundo piso do autocarro para poder observá-los. Saber qual era o nome do autor não acrescentaria nada ao meu prazer. A experiência estava completa tal como era. Apenas no sistema que temos, em que se espera que todos sejam empresários do eu, é que o anonimato funciona como uma espécie de morte. Há razões para que um artista colha os louros do seu trabalho, sendo que têm essencialmente que ver com dinheiro. Poucas dessas razões acrescentam alguma coisa à experiência da arte em si.

Disse uma versão disto a Alice, Marshal e Nicole. Apercebi-me de que estavam impacientes por ouvir a minha história, e que a queria contar. Estava possuído por uma estranha e urgente necessidade de falar. Conteí-lhes como durante o ano em que Alice e Rob partiram me tinha devotado a pensar em anonimato e individualidade. Sentia-me fascinado por identidades falsas ou como alguém se poderia aplicar a perder a sua identidade, tornando-se inescrutável, ilegível, para

todos os sistemas de identificação. A chamada Guerra Global ao Terrorismo estava a intensificar-se, e esperava-se das pessoas que fossem transparentes: por razões de segurança, tínhamos todos de nos mostrar disponíveis para sermos inspecionados sempre que fosse necessário. Fiz uma curta-metragem, baseada numa performance de um artista conceptual britânico da década de 1960, na qual cortei e mastiguei o meu passaporte, encerrando hermeticamente os restos polposos num frasco de vidro, que tentei apresentar aos agentes de imigração, para entrar num comboio Eurostar, para Paris. Fui detido. A coisa foi levada muito a sério. A destruição do documento era, como vim a descobrir, um ato criminoso. Mais tarde, fui a tribunal e condenaram-me a pagar uma multa ligeira.

Há muitas maneiras de desaparecer. Podemos morrer, é claro. É a maneira mais literal. Podemos tornar-nos marginais ou invisíveis de algum modo, por não termos documentos ou estarmos na cadeia ou não termos onde viver, não termos uma morada. Ou podemos ir embora. Podemos desvanecer-nos num projeto.

Foi assim que iniciei *A Deriva*. O convite que Marshal tinha encontrado na internet tinha uma lista numerada nas costas. Estava estruturada numa sequência de três peças, que originalmente se intitulavam *Peça Sem Rasto*, *Peça de Retorno* e *Peça de Fuga*. Acabei por deixar cair a palavra «artística» *peça*, de modo que o convite, quando impresso, apresentava:

1. Sem Rasto
2. Retorno
3. Fuga

Em *Sem Rasto*, recapitulava a experiência de sair do apartamento da tia de Alice, esfregando e limpando tudo. Desta vez, fiz o mesmo com o meu apartamento em Newham. Não registei em vídeo o trabalho nem nada do género. O único registo era um texto que descrevia o que tinha feito. Ao mesmo tempo, contratei um serviço que publicitava a capacidade de remover conteúdo indesejado da internet, e dei-lhes a tarefa de remover o máximo possível da minha pegada digital. Eliminaram fotografias, artigos de jornal, registos em bases de dados. Nada disto foi documentado, pelo que deixava de haver forma de os consumidores de arte averiguarem se tinha acontecido ou não. Também existia apenas como descrição, um simples parágrafo escrito, a reivindicação inverificável de que alguma coisa se tinha passado.

Retorno era mais elaborado. Quando comecei a descrevê-lo, Marshal assentiu vigorosamente. Era, disse ele, um trabalho seminal. A expressão surpreendeu-me. Tinha jogado com a ideia de não deixar rasto, e estava a começar a parecer que não tinha sido tão bem-sucedido como pensara.

Retorno tinha qualquer coisa em comum com o meu trabalho anterior, já que exigia um grupo de testemunhas. *A Deriva* foi apoiada por uma galeria, que me adiantou dinheiro para bilhetes de comboio e hotéis, de modo que três autoridades do mundo artístico — um curador de museu, um crítico e um artista conceptual mais velho — se reuniram comigo, ao jantar, num restaurante no sexto *arrondissement* de Paris. Escolhi aquele local porque estava em frente do edifício da Rue des Grands-Augustins onde Picasso tinha pintado *Guernica*, um estúdio que ele tinha, por

sua vez, escolhido por ser o lugar onde Balzac localizara a sua novela *A Obra-prima Desconhecida*, título que tinha dado à minha exposição de final de curso. Gostei da combinação de ficção e realidade, da aura artístico-histórica. O restaurante era um estabelecimento antiquado, com toalhas de mesa brancas e uma carta de pratos tradicionais. Ofereci aos meus convidados uma boa refeição, recusando-me a discutir a razão por que os tinha levado ali. Em vez disso, conversei com eles sobre Paris, sobre as recordações que tinham de ver ou de fazer arte lá. Tendo evocado o passado, paguei o jantar, e depois coloquei o meu passaporte em cima da mesa, bem como a carteira, os cartões de crédito e a carta de condução. Mostrei-lhes os bolsos, para que vissem que estavam vazios — nem dinheiro nem papéis. Depois, mostrei-lhes o meu «kit de sobrevivência», uma pequena mochila com coisas como um canivete, um poncho, fósforos, um pedaço de fio e uma bússola antiquada. Era como se, no meio de uma grande cidade, estivesse a substituir os utensílios da sobrevivência civilizada pelos da imensidão despovoada. As autoridades tinham perguntas, é claro, mas não lhes dei resposta. Em vez disso, convidei-as a encontrar-se comigo noutro restaurante, em Londres, na semana seguinte. Tirámos fotografias, apertámos as mãos e separámo-nos.

Saí do restaurante, que era mesmo ao lado do rio, e afastei-me dali, caminhando para norte, pela cidade, em direção a Calais e à costa inglesa. Mais tarde, nessa noite, cansado e cheio de frio, cheguei a um lugar de paragem de camiões, nos arrabaldes — um espaço soturno e varrido pelo vento —, onde pedi boleia a um

motorista espanhol, um homem conversador, que me pagou uma refeição. Cheguei à costa no dia seguinte. Havia um elemento teatral naquilo que estava a fazer, mas continuava a ser ilegal. Um barco estava à minha espera, numa marina de uma cidade costeira entre Calais e Boulogne. Era um pequeno iate que tinha uma cabina à proa, com cerca de quarenta anos e sem estar na sua melhor forma, mas mecanicamente fiável e abastecido com combustível e alimentos. Foi nele que atravessei o canal da Mancha, de regresso a Inglaterra.

Entre muitas outras coisas, tinha de agradecer a Nan a minha proficiência de velejador. Numa altura em que me sentia especialmente perdido e infeliz, ela inscreveu-me nas aulas do clube náutico local e insistiu em que eu continuasse, apesar de eu detestar o ambiente, os homens de anoraque e sapatos de vela, exibindo os relógios de pulso quando se enfrascavam no bar, as mulheres e filhas a fingir não estarem a avaliar-me quando os maridos não estavam a olhar. Evitei um par de lutas e obtive certificados de navegação e de vela, tendo mesmo chegado a fazer parte de tripulações, em algumas corridas, embora tivesse desistido de tudo quando parti para a Escola de Belas-Artes.

— Espera aí — disse Nicole. — Atravessaste o canal da Mancha?

Assim fora. Tive de esperar dois dias, por causa do mau tempo, dormindo no espaço exíguo por baixo do convés, enquanto o nevoeiro cobria o porto. Gostei daquele tempo, do som da chuva a cair, de ingerir comida enlatada no meu saco-cama. Quando o céu clareou, defini uma rota que me levou pelas pistas de navegação tão rápida e eficientemente quanto possível,

mantendo-me atento à passagem de cargueiros que se arrastassem pelos estreitos de Dover. Tinha passado pelos gigantescos navios sem sofrer acidentes e acostado numa marina na costa, onde podia abandonar o meu pequeno iate entre outros barcos de recreio indeterminados. Não tive de me sujeitar a procedimentos aduaneiros ou dos serviços de imigração e apanhei um comboio para Londres.

Na hora marcada, encontrei-me com as testemunhas num restaurante no Soho. Lembro-me de entrar e de eles se levantarem para me aplaudir. Não contei nada sobre a maneira como tinha chegado lá, mas afetei um ar de grande mistério. Parecia, como tinha pretendido, uma espécie de truque de magia à moda antiga ou uma aposta entre cavalheiros, de um romance de Jules Verne. As pessoas suspeitaram que me tinha escondido num camião ou entrado à socapa num comboio. Apesar de ter antecipado os tempos em que os migrantes que usavam pequenas embarcações se tornassem uma peça na imaginação popular, a ação pretendia evocar essas travessias clandestinas. Posteriormente, mandei retirar o barco da marina para o expor numa galeria. Produzi igualmente uma série de mapas da minha rota. Como performance, foi uma provocação. Estava a declarar que tinha infringido a lei, desrespeitado a realidade de uma fronteira nacional.

Marshal concordou, com um vigoroso movimento de cabeça. Parecia saber bastante sobre o que eu tinha feito. Nicole perguntou por que não tinha ouvido dizer nada sobre o assunto, e começou a compará-lo ao trabalho que tinha sido exibido em *Documenta*, feito de coletes salva-vidas.

A terceira parte de *A Deriva* foi *Fuga*. Era a mais

ambiciosa das três, e, quando comecei a falar dela, dei-me conta de que o problema não era tanto descrever o que fiz, que foi bastante simples, como o que aconteceu depois, os acontecimentos que me levaram a afastar-me não só do meu plano, mas também de tudo em que me estava a tornar: um artista reconhecido, com convites para expor em museus e bienais. Não teve nada que ver com Alice, não de uma maneira direta. Nessa altura, as feridas da nossa relação tinham começado a cicatrizar. Como a corda de um relógio que vai perdendo a força, tinha passado a pensar nela cada menos frequentemente, menos intensamente. O que restava — e que provavelmente havia, de algum modo, ali, o que teria havido mesmo que nunca a tivesse conhecido — era uma sensação de autoaversão, um desejo de superar qualquer coisa, uma versão de mim que me envergonhava. Tornei isso um imperativo de me esforçar mais, de ir mais longe, de não ficar satisfeito com coisas de que as outras pessoas gostavam ou diziam merecer a pena.

Fuga começou por ser um evento numa galeria. O cartão que Marshal tinha encontrado no *site* da leiloeira era o convite para a inauguração. Havia um espaço exterior que, tanto quanto me lembro, dava para o canal, uma espécie de pátio onde o público me observou a acender uma fogueira num bidão de óleo e começar a queimar vários documentos oficiais, contas e extratos de conta, bem como uma pequena caixa com bens pessoais, incluindo livros, fotografias e obras de arte que me tinham sido oferecidas por amigos. Possivelmente, não teve um carácter muito dramático, mas nessa altura pouco de meu tinha. Desde que saíra do apartamento de Newham, algumas semanas antes,

andava a dormir de sofá em sofá, vivendo apenas com o que era mais essencial. À medida que a performance evoluía, o público começou a ficar inquieto, sobretudo a partir do momento em que desatei a queimar livros. Algumas pessoas foram-se embora. As que ficaram, viram-me a tirar a roupa, e tiraram fotografias enquanto a queimava na fogueira. Saí dali nu. O galerista tinha instruções para esperar quinze minutos e depois informar o público de que eu tinha partido mas que a performance prosseguia.

E foi isso. Alguém disse algures que a arte é finalidade sem fim. Eu estava a tentar fazer uma coisa ainda menos definida do que isso, uma espécie de obra de arte sem forma nem função exceto atravessar a sua própria fronteira, sair de si e fazer uma saída bem-sucedida.

Tenho uma recordação vaga da sequência dos créditos finais de uma série televisiva que devo ter visto com Nan, na minha infância, na qual um homem corre por uma praia, enquanto se despe — roupa de trabalhador de escritório, fato e gravata —, e depois mergulha nu no mar. É apresentada como comédia, com uma música agradável. Vemo-lo afastar-se a nadar, cada vez mais longe da costa. É uma fuga, é claro, mas também é uma morte. O homem nadará mar adentro para, mais cedo ou mais tarde, se cansar e ser incapaz de continuar. Afundar-se-á e afogar-se-á. A série era sobre um homem de negócios suburbano descontente. Como criança que era, a lição que retirei daquilo foi que seria melhor morrer do que viver uma vida mundana. Arquivei esta informação, e ela tornou-se a semente — ou o grão de areia — à volta da qual a minha personalidade futura se formou. De certo modo,

esta sequência foi uma das experiências artísticas mais decisivas da minha vida.

— E partiste — disse Alice. — Por quanto tempo planeaste estar ausente?

Estávamos a penetrar território mais difícil. Não tinha, deliberadamente, estabelecido uma limitação temporal. Precisava que fosse um período significativo, tempo suficiente para que a ação fosse mais do que simbólica: um acontecimento, em vez de uma declaração. Era importante para mim que a obra que fora aberta acabasse por se encerrar. Estaria terminada quando terminasse. Não era a primeira pessoa a fazer um gesto daqueles. Outros artistas tinham desaparecido antes de mim, ou entrado em greve, recusando-se a fazer ou expor trabalhos. Habitualmente, agiam assim por motivações políticas ou para chamar a atenção para alguma coisa de que não gostavam no sistema artístico. Não pensava que houvesse qualquer significado político na minha atitude. Ninguém estava à espera de que fizesse mais arte, e nada mudaria se não fizesse. Apenas me parecia que estar ausente era mais interessante do que estar presente. Todas as pessoas que conhecia estavam obcecadas com a ideia de estar no centro das coisas, atraindo atenção para elas, mas há objetos — buracos negros, certos tipos de partículas — que não podemos ver diretamente. Sabemos que existem, porque distorcem a luz. Experimentamos os seus efeitos, os seus vestígios. Era assim que queria ser, deformar o mundo da arte com a minha invisibilidade, o conhecimento de que estava algures.

Nicole perguntou-me se tinha pensado que poderia ser permanente. Respondi que tinha tentado não me pôr essa questão. Se me permitisse pensar que ia

terminar, estaria apenas em férias, umas férias da arte. Tinha de haver um risco. Tinha de me pôr em xeque. Tinha poupado algum dinheiro e visto muito pouco do mundo; portanto, decidi viajar. Apanhei pela primeira vez um avião e cheguei a Banguécoque, desorientado, mas também aliviado num sentido corporal profundo que não tinha antecipado, quase entusiasmado por estar longe da arte e de artistas, longe da expectativa de que a experiência tinha de ser transformada em obra para que viesse a ter algum sentido. Descobri que tinha sido uma espécie de máquina, ingerindo vida para a cagar como arte.

Vagueei pela Ásia durante quase um ano, e em breve me cansei de *hostels* de mochileiros e de miudagem que verificava se tinha emails em cafés com internet. Quando se me acabou o dinheiro, estava em Goa, e durante algum tempo arranjei trabalho a gerir uma pensão, arbitrando as disputas entre as diferentes tribos da praia: os drogados alemães descalços, os ruidosos rapazes britânicos que frequentavam colégios privados, o estranho viajante solitário japonês que, como só dominava a sua própria língua, se orientava usando linguagem gestual. Negocieei com reticentes israelitas que, acabados de prestar serviço militar, pareciam encarar os indianos simplesmente como outro género de árabes e, portanto, passíveis de ser intimidados. Resgatei ingênuas raparigas holandesas das mãos de «guias» rapaces. Tentava dar a todos aquilo de que precisavam. Os israelitas queriam alugar motas de grande potência, as raparigas holandesas queriam melhores fechaduras nas portas dos quartos. Todos queriam drogas. Haxixe, ópio, comprimidos de ecstasy caros, contrabandeados da Europa.

Vi o que acontecia nas sombras, nas traseiras da praia, a coberto do batimento inexorável da música. As extorsões, os subornos aos polícias, as violações e as agressões. Ao fim de algum tempo, deixei de conseguir suportar as tretas místicas de mestres em camas de rede, enquanto o cachimbo passava de mão em mão, e a vacuidade do lugar começou a destruir o meu espírito, ao mesmo tempo que a imbecil e monótona batida do *acid trance* me puxava para baixo, para baixo, para baixo. Tinha voltado a consumir drogas — era difícil ser-se abastémio num sítio tão saturado delas —, e comecei a passar os meus dias numa cadeira, no alpendre, a observar os dramas cósmicos que se desenrolavam através da tijoleira fendida. Deixara de entender porque tinha desistido da minha vida em Londres para me tornar uma aventura com rastas para mulheres turistas. Um dia, acordei, cortei o cabelo e parti.

Pensei na hipótese de regressar à pátria: estivera fora durante dois anos, mas não tinha encontrado o que procurava, o sinal que serviria para terminar *Fuga*. Abandonei a Índia como membro da tripulação de um iate, limpando e polindo as peças metálicas de um barco que pertencia a um americano que nunca conheci. Não era tecnicamente qualificado, mas encontrei quem me arranjou os documentos necessários. O iate era luxuoso e insípido. Havia um cão-balão de Jeff Koons na sala de jantar e, por cima da cama da suíte principal, uma serigrafia de uma nota de dólar de Warhol, para o caso de o proprietário acordar sem se lembrar de que era rico. Durante o tempo que passei a bordo, os únicos convidados eram indianos ricos que vinham de helicóptero das Seychelles. Depois,

transitámos do mar Vermelho para o Mediterrâneo, acompanhados, durante uma parte da viagem, por uma escolta armada e um par de empresários de segurança sul-africanos que jogavam às cartas no convés principal. Deixei o barco em Veneza, mais ou menos nove meses depois de ter embarcado, para atravessar a Itália até à França, à boleia.

Ao observar, dia após dia, o azul infinito do oceano Índico, senti-me mais realizado que nunca. No entanto, no tempo que passei no iate, cheguei à conclusão de que esta solidão plena era um problema, uma espécie de falha minha. Tinha querido viver sem identidade artística, mas, ao mesmo tempo, inteiramente no contexto da arte. Em parte, isso era desistir de ser artista profissional, uma pessoa cuja individualidade — ou pelos menos os seus produtos — circulava no mercado. Por isso tinha feito o que fizera. As minhas experiências eram agora meras experiências. Quando fiz alguma coisa, não foi uma ação. Não teve sentido de mais-valia. O cachimbo era apenas um cachimbo. E todavia continuava a fazer a performance de *Fuga*. Fosse lá o que fosse que andava a fazer, isso era arte. Talvez, de alguma maneira, isso me libertasse, mas não era satisfatório. As pessoas não existem sozinhas. Existimos numa relação com os outros. Talvez fosse livre na minha mente, mas era o tipo de liberdade que murcharia quando exposta ao mundo. Há, ou houve, uma tendência artística que presume abordar isto — artistas que cozinham em galerias, montam eventos, fazem várias simulações rudimentares de comunidade. Não era coisa que me incomodasse, mas parecia-me um corretivo, como se o interesse da arte fosse fazer um conserto social tonto. Necessitava de descobrir por mim

o que era, realmente, comunidade. Era uma palavra que se tornara tão utilizada, mas que eu não compreendia. Não captava aquilo que implicava.

Por pessoas que conhecera no meu trânsito asiático, soube de uma zona no sudoeste de França que se tinha transformado num porto de abrigo para autonomistas, pessoas que queriam construir uma sociedade alternativa do zero. Gostava da ideia de viver experimentalmente, de tentar fazer um mundo novo em vez de nos adaptarmos ao já existente. Consegui lá chegar e dei comigo numa isolada zona rural de bosques e de terrenos pantanosos. Espalhados pelo terreno, havia pelo menos trinta coletivos, talvez uma centena e meia de pessoas, no total. Havia quintas e comunas, edifícios excêntricos feitos de materiais recuperados, barracas, cabanas e torres frágeis. Os residentes eram ativistas políticos, agricultores regressados à terra, ambientalistas radicais, um bando de gente turbulenta, obstinada e idealista. Alguns combatiam o Estado. Outros queriam apenas que os deixassem em paz. Não compreendiam o mundo de onde eu vinha nem se preocupavam com ele. Era simplesmente mais uma pessoa que tinha aparecido, que estava pronta a dar uma mão na padaria ou ajudar a construir um abrigo.

Foi aí que aprendi, ou tentei aprender, a ter uma vida coletiva, a realizar trabalho para o bem de todos, a construir um muro, a ordenhar uma vaca. Fiz alguns amigos. Iniciei um relacionamento sentimental. Eu e Gisele discutimos a possibilidade de ter um filho. Levávamos uma vida dura, física. Lavávamo-nos com água fria, quebrando no inverno o gelo que cobria a água na selha, embrulhando-nos em casacos e

camisolas para ir à sanita de compostagem, que ficava nas traseiras da nossa cabana. O mundo da arte começou a ser-me alheio, e os seus valores e preocupações, tontos e estéreis. A minha imaginação deixou de ser dirigida para a produção de escassos objetos colecionáveis e sim para um futuro livre de dominação e exploração. As velhas questões — sobre o que era e não era arte — deixaram de me preocupar. Quando pensava no meu passado de artista, a pessoa que via não me parecia provocatória ou boémia. Antes o oposto. Tinha acreditado que, ao fazer arte, estava a nadar em direção ao mar alto, como o homem na praia dos créditos da série televisiva. Na verdade, tinha apenas estado a ir para o trabalho, preparado para passar outro dia no escritório.

Um dia, acordei, percebi que tinham passado três anos e que, do lado de fora da minha janela, estavam buldózeres e polícia de intervenção, com cassetetes e escudos. Atirámos pedras, fomos sufocados com gás lacrimogéneo e vimos a nossa casa ser demolida. É difícil transmitir o trauma desse dia. Os nossos amigos e vizinhos tinham-nos ajudado a construir a cabana. Cada centímetro dela representava cuidado e trabalho, e em poucos minutos fora reduzida a escombros. As autoridades impediram-nos de a reconstruir, de modo que os habitantes da Zona se espalharam aos quatro ventos. Alguns de nós reuniram-se e discutiram a possibilidade de encontrar outro lugar, um pedaço de terra indesejado, mas faltou-nos coragem. Estávamos cansados e desmoralizados. Não havia maneira de manter uma vida em comum. Eu e Gisele cedo descobrimos que não conseguíamos ser um casal na cidade. Éramos desajeitados e lentos. Tínhamos lama

nos pés. Quando olhávamos um para o outro, apenas víamos o que tínhamos perdido, o que estávamos a tentar fazer sem aquilo de que sentíamos falta. Separámo-nos, e ela foi viver para outro coletivo rural, na Normandia. Estava outra vez sozinho, à deriva.

Pensei em regressar a Londres, mas não me via sentado no metro, ou de pé, numa bicha para comprar uma salada, que comeria a uma secretária. Um dos meus amigos da Zona, um homem que não tinha qualquer respeito pela lei, mandou-me para Espanha, com a morada de um bar na Costa do Sol e o nome do marroquino dono dele. Durante algum tempo, trabalhei para ele, contrabandeando droga da costa do Norte de África em pequenos iates, uma atividade que me não parecia nem melhor nem pior do que outra qualquer, até que me vi uma noite gelado e ensopado, escondido atrás de uns rochedos, enquanto polícias com lanternas vasculhavam a praia, à procura da nossa carga. Pouco tempo depois, outro membro do grupo, um homem que se suspeitava ser informador, apareceu morto aos pés de uma escarpa. Temendo pela minha segurança, matriculei-me num navio que atravessaria o Atlântico, a maneira mais rápida de desaparecer que me veio à cabeça. Não foi uma experiência feliz. A tripulação era na sua maioria constituída por filipinos e bengaleses, alguns russos, homens que estavam longe da pátria e das famílias e pouco tinham que os distraísse. Havia uma réstia mínima de internet, quase incapaz de permitir o envio de emails. O único entretenimento era uma reduzida seleção de DVD passados à noite, na messe, quase só pornografia e produções de Bollywood. A paciência esgotava-se, e quando rebentou uma luta entre dois mecânicos, foi preciso encerrar um deles

numa cabina. Tanto quanto me foi possível, mantive-me afastado de conflitos, mas havia quem não gostasse de mim. Não confiava em ninguém, e comecei a sentir que tinha de vigiar as minhas costas. Quando atracámos no Porto de Miami, embora tivesse contrato por mais dois meses, abandonei o navio e parti para uma viagem pela América.

— Então, estás cá ilegalmente.

Dei meia-volta. Não sabia há quanto tempo Rob estava ali. Trazia vestido o fato-macaco da pintura e tinha uma cerveja na mão. A expressão dele era imperscrutável.

Tentei mexer-me com leveza, nestes Estados Unidos. Tentei não deixar rasto. Fui uma criatura da periferia, movendo-me através de uma paisagem de lugares esquecidos, exúrbios e empreendimentos ao longo de estradas, sítios em estados de transformação febril ou colapso glacial. A experiência de ser verdadeiramente autónomo não é concedida a muitos, e posso dizer que, em trechos da minha vida, não fui vigiado, monitorizado, confiando exclusivamente na minha própria pessoa. Também fui controlado e intimidado, observado e seguido. Não ser vigiado é não ser visto, e, às vezes, estive tão sozinho que sentia o sabor da solidão na boca. Percorri quilómetros ao longo de autoestradas barulhentas, bombardeadas com luzes. Fui perseguido por selváticos habitantes de tendas, que tentaram atirar-me de uma ponte. Quis desesperadamente regressar a casa, sendo, no entanto, incapaz de identificar onde tal ficaria.

Experimentei empregos horrorosos, como trabalhar numa exploração de frangos, onde consegui apenas estar uns dias. Preparei pratos e lavei loiça em

cozinhas, boas e más, a melhor num café de Nova Orleães, e a pior numa empresa gigantesca, nos arredores de Phoenix, que produzia refeições para companhias aéreas. Os empregos que preferi foram ao ar livre. Durante algum tempo, trabalhei na zona de furacões, ao longo da Costa do Golfo, a limpar água de inundações e a arranjar telhados. Trabalhei na construção civil durante o *boom* do gás de xisto, no Novo México, observando as chamas de gás elevarem-se sobre as artemísias, como presságio de danação. Mentiria se dissesse que nunca pensei em arte.

Durante dois meses, fiz parte de uma equipa que montava vedações ao longo de terrenos incaracterísticos do Nevada. Não percebia qual era a diferença entre um lado e o outro, não havendo qualquer razão para que estivéssemos a erguer uma fronteira. Enterrávamos postes, esticávamos arame e seguíamos adiante. Depois, durante um período determinado, arrancámos outros bocados de vedação idênticos. O patrão desse emprego era um jovem de uma importante família da zona. Costumava ficar sentado na carrinha reluzente, com um casaco de lona impecável e um chapéu de feltro preto que dizia ter-lhe custado mil dólares, a jogar no telemóvel, as botas elegantes pousadas no tabliê, ao abrigo do vento e da poeira. Uma vez, quando estávamos a fazer reparações, descobri um lugar onde alguém ou alguma coisa tinha atravessado, com o arame torcido para dentro, para fazer um grande buraco, maior do que o corpo de um homem. Naquele imenso vazio, éramos figuras minúsculas, com lenços e óculos de proteção para contrariar a poeira esbranquiçada, agentes de uma grande abstração governante, para nós invisível e que

não estava ao nosso alcance compreender.

Segui para noroeste, onde havia trabalho a combater incêndios florestais, abrindo linhas de corta-fogo e fazendo queimadas controladas, mas era perigoso e mal pago; além disso, comecei a sentir a necessidade desconhecida de ver pessoas, de estar no meio de multidões e de vida comunitária ruidosa. Foi assim que fui parar a Nova Iorque. Comprei um carro, fiz fretes, entreguei comida e observei todas as pessoas que se sentavam no meu banco de trás, a caminho das suas atarefadas vidas cidadinas. Percebi que estava interessado nelas, nas preocupações, discussões, conversas que tinham ao telefone. Depois, veio a pandemia, e tudo isso foi varrido.

Tudo isso foi varrido. Tinha chegado ao fim da minha história e sentia-me fisicamente esgotado, como se tivesse sido roubado ou atropelado. Quando acabei de falar, o silêncio estendeu-se num fio que cada um de nós parecia estar a seguir até se enredar nos seus próprios pensamentos. Alice estava a olhar fixamente para a mesa. Quando ergueu os olhos, estes estavam húmidos de lágrimas. Durante um momento, foi como se não houvesse mais ninguém no estrado, apenas nós os dois.

Marshal abanou a cabeça.

— Acho que é incrível. Quero dizer, andaste mesmo por aí.

— Incrível — disse secamente Rob.

— Não acreditas nele? — disse Alice, erguendo os olhos para o marido. — Eu acredito.

— É claro que acreditas.

Marshal começou a ver uma saída.

— E isto é o fim. Este é o momento de conclusão,

aqui, agora. Uma performance de vinte anos. Meu Deus, não estão a ver? É um privilégio assistir a isto! — Tirou o telemóvel do bolso e começou a fazer um vídeo, varrendo quem estava à mesa. — Regressaste. Estabeleceste contacto com o mundo artístico. *Fuga* está terminada.

Não devia ter sido ele a dizer aquilo, mas, quando o disse, percebi que era verdade. Tinha chegado ao fim. Qualquer que tivesse sido a minha órbita, qualquer que tivesse sido a minha trajetória elíptica, estava agora completa. No entanto, houve qualquer coisa nos modos dele que me caiu mal — o mundo artístico em geral a aceitar benevolmente a minha rendição.

— Nada está acabado — disse eu.

Rob manteve-se sentado a olhar para a garrafa de cerveja vazia, com os braços cruzados e as pernas estendidas, como um estudante aborrecido numa conferência. Alice parecia estar longe dali. Comecei a ter uma sensação de pânico que crescia lentamente, como água gelada dentro da cave do meu peito. Tinha-me exposto demasiado. Tinha-me tornado vulnerável. Senti o impulso familiar de me mexer, de fugir, de me esconder.

— E agora, o que vais fazer? — perguntou Nicole, mas, enquanto dizia estas palavras, o telemóvel dela tocou. — Desculpa — disse. — Tenho de atender.

A cadeira dela raspou no estrado, quando a puxou para trás, e a mesa trepidou. Tivemos de agarrar nos copos e nas garrafas, para que não caíssem. Isto evitou que tivesse de responder à pergunta.

— Família — disse Marshal, enquanto ela se afastava. — Ela tem mesmo de definir fronteiras. — Olhou ao redor, para Alice, perdida em pensamentos,

para Rob, a depenicar o rótulo da garrafa de cerveja, e para mim. Depois, voltou a pegar no telemóvel. — Estou a registar um momento importante na história da arte. Importam-se de se chegar mais uns aos outros?

Rob levantou a mão, no gesto instintivo da celebridade.

— Foda-se, Marshal, importas-te de desamparar a loja?

Marshal levantou-se da mesa, com o telemóvel ainda na mão.

— Vou deixar que possam falar — disse, como se ir-se embora fosse ideia sua. Imaginei o cano de uma arma apontado ao meu peito; dei conta de que estava a olhar tolamente para a lente do telemóvel dele.

— Como te sentes? — perguntou-me. — Como é estar de volta?

Compreendi indistintamente que eu era uma curiosidade psicológica para ele. Estava a apontar a arma a um resistente, a um soldado que saía da selva anos depois de a guerra ter terminado.

— É isso que queres saber?

— É.

— O que tem isso que ver com arte?

Ergueu os polegares, como se tivesse acabado de lhe dar um conteúdo de altíssima qualidade, e entrou em casa. Eu, Alice e Rob ficámos em silêncio. Uma vespa zumbia à nossa volta. O dia estava a aquecer, com o ar a ficar mais pesado e húmido.

— Tens fome? — perguntou Alice.

Abanei a cabeça.

Por fim, Rob falou.

— Há uma coisa estranha neste lugar — disse. — Tem wi-fi em todo o lado. Não só na casa. Em toda a

propriedade. É possível andar por aí e descarregar um filme. Mesmo no cimo da colina, do outro lado do lago. Mas, por mais que tente, não consigo encontrar os transmissores. O Greg deve tê-los escondido.

Alice riu-se.

— Nunca te arrastaste até ao outro lado do lago.

— Já o fez.

Rob olhou severamente para mim. Não desviei o meu olhar.

— Acho que estão na copa das árvores — disse. — Escondeu-os lá em cima, onde é difícil encontrá-los.

Alice desviou os olhos de mim para ele, voltando depois a olhar para mim.

— Se calhar, temos de falar — disse ela. — Eu e Rob. Por isso...

Rob estendeu uma mão a Alice.

— Vá lá. Entremos e tenhamos uma agradável conversa entre marido e mulher.

Olhei para a mesa. Não queria cruzar o olhar com os de Rob e Alice. Havia violência a nadar sob a superfície.

— Vens ou não, Alice? — Rob estava de pé, com a mão estendida. Havia qualquer coisa intemporal na pose dele, como uma figura de uma velha pintura de género.

Alice não deu a mão ao marido.

— Vemo-nos depois — disse-me. — Aquilo foi... O que tu contaste foi...

Não foi capaz de encontrar a maneira certa de finalizar a frase. Seguiu Rob para o interior da casa; pouco depois, ouvi vozes alteradas, vindas do andar superior.

A discussão parecia feia, e eu queria estar longe

dela. Desci o relvado inclinado e encontrei Nicole sentada num banco de ferro forjado, a fazer uma videochamada. Não deu logo por mim, tão embrenhada estava na conversa telefónica.

— Parece que estás no paraíso — dizia uma voz trémula. — Está tão brilhante, aí.

— Avó, como está o teu seguro?

— Querida, não me apresses. Estou a tentar descobrir.

— Como é que vai ser, se te põem em suspensão temporária de trabalho? O que diz o acordo?

— Espera um minuto.

— É esse o documento? Consegues lê-lo em voz alta? E ver se está referido nalgum sítio «suspensão» ou «suspensa»?

— É tão comprido.

— Eu sei. Não tens os óculos?

— Estão na cozinha.

— Não os podes ir buscar?

Ouviram-se uns sons confusos e depois uma voz de criança.

— Quando vens para casa, Destiny?

Fiz algum barulho, para que Nicole se apercebesse de que eu estava ali. Ela virou-se e fez-me um breve aceno. Passei por ela, que continuou a falar.

— Ninguém me trata por esse nome. Tens sido bom para a avó?

— Estou aborrecido, Dezzy. Estamos fechados em casa há dias. Disseste que ias voltar.

— Eu sei. Só quero que te portes bem com a avó, está bem? Ela está a fazer o melhor que pode. O tio Ray está por aí?

— Não, não está.

— É claro que não. Sabes se falou com a avó sobre as compras dela?

— Não.

— Telefonou-lhe?

— Disse-te que não sei.

Deixei o problemático mundo familiar de Nicole para trás e caminhei para o pontão. Abri a porta da casa dos barcos. Cadeiras e boias, cheiro de bolor e do verão passado. E dois caiaques de fibra de vidro. Encontrei um remo e arrastei um até à água.

No meio do lago, havia uma pequena ilha: eram apenas alguns rochedos e um raquítico salgueiro cujos ramos tocavam na água. Avancei até lá, e à medida que me aproximava, vi que debaixo do salgueiro estava uma pequena estátua, manchada de excrementos de aves, uma ninfa ou deusa que vertia qualquer coisa de um jarro. Enfie o nariz do caiaque entre dois rochedos e enterrei o remo na lama mole para que o barco não se movesse. Saí do barco, trepei o rochedo e sentei-me debaixo da árvore, a observar a casa. O que iria fazer? Não fazia a menor ideia. Era como se, ao contar a minha história, tivesse quebrado um feitiço. Sentia-me sem objetivo, quase sem forma, vazio como um recém-nascido.

Não tinha gostado da maneira como *Fuga* animara a minha vida. Embora tivesse há muito deixado de ter consciência disso, tinha estado a viver aqueles anos todos dentro da sua moldura. Quando estava a montar uma vedação, a entregar comida ou enterrado até aos joelhos na água cinzenta para esvaziar uma cave inundada, tinha-me dado um propósito subjacente, um contexto mais vasto para as minhas ações. Agora, tinha desaparecido. Talvez devesse ter experienciado uma

sensação de realização, de ter completado uma tarefa colossal. Em vez disso, tudo o que sentia era letargia.

QUANDO ME SENTI SATISFEITO, remei até à margem mais afastada do lago e arrastei o caiaque para uma zona seixosa. Depois, subi a colina em direção ao celeiro.

Quando lá cheguei, fiquei surpreendido ao ver que Alice, de calções e T-shirt, como a tinha visto naquele dia em que tinha vindo entregar os artigos de mercearia, estava deitada na minha cama. Ficou a olhar de esguelha para mim, enquanto fumava um cigarro eletrónico. Tinha as compridas pernas bronzeadas estendidas e o cabelo brilhava na almofada como fogo. Desde Gisele, tinha estado com outras mulheres, mas nenhuma era como Alice, esta Alice, cínica, livre, despida de sonhos.

— Bem — disse, exalando um nuvem de vapor. — Todos querem que fiques, menos o Rob.

— Ah, sim?

— O Marshal está excitado. Diz que é um momento importante na história da arte. Também passaste no teste da Nicole, o que é impressionante, porque, tanto quanto posso perceber, não gosta de ninguém.

Sentei-me ao lado dela.

— Acho que tem muito em que pensar.

— A que te referes? Estiveram a falar?

— Nem por isso. E tu? Queres que fique?

— Com certeza. Disse ao Rob que vinha ter contigo. Não ficou contente. Disse-lhe que vinha foder contigo.

Senti a boca seca.

— Não devias fazer piadas dessas.

— Quem disse que era uma piada?

— Apenas te queres vingar dele.

— E o que é que isso te importa?

É difícil não ser tocado, ansiar por isso como por alimento ou bebida, mas eu era um homem de meia-idade com os joelhos destroçados e a pele coriácea atravessada por cicatrizes. Já não estava feito para ser tocado. O que aconteceria se me inclinasse para ela e a beijasse? Que feridas se abririam? Vendo-me vacilar, Alice sentou-se na cama e ofereceu-me o cigarro eletrónico.

— Não quis dizer isso. Não te estou a usar para nada. Não sei o que digo.

— Estavas a discutir com ele, e depois vieste diretamente para aqui.

— Ele está em dívida para comigo.

— Porquê?

— Não fazes ideia. O Rob é capaz de ser... Bem, mete-se em complicações. Cava buracos, mas depois não consegue sair deles. Por isso, eu é que tenho de o tirar de lá, mesmo quando sou eu a pessoa que ele magoou.

— Foste sempre alguém que sabe resolver problemas.

— Dizes isso como se fosse um insulto.

Rimo-nos ambos.

— Parece estúpido falar de dinheiro contigo. — Encolhi os ombros e fiquei à espera de que ela prosseguisse, o que fez, alguns instantes depois. — Fiz o meu melhor, tentei controlar as despesas do Rob. Fechámos o estúdio em Nova Iorque. Ele não queria, é claro, mas não havia outra hipótese. Tivemos de despedir toda a gente.

— Limitaram-se a mandá-los embora?

— E, como é natural, fui eu quem teve de o fazer, e não ele. Demasiado doloroso para ele. Eu é que tive de ser a besta.

— Então, essa gente está desempregada no meio de uma pandemia...

— Não havia dinheiro para lhes pagar. Pelo menos, a pandemia deu-nos uma espécie de pretexto. Se não fosse assim, toda a Nova Iorque saberia que o Rob está falido. — Apercebeu-se da minha expressão de amargura. — Sim, sei que é merdoso. Foi uma merda fazer isso, e, acredita, as pessoas ficaram zangadas. Sobre tudo comigo, é claro, porque sou a sacana asiática que faz contas ao dinheiro, e o Rob é um tipo porreiro, a saltitar de um lado para o outro, como se estivesse no submarino amarelo, a abrir todas as portas.

Fui subitamente puxado para Artigos de Fantasia, para a maneira como Alice se envolveu na gestão, como o contributo dela era subtilmente minimizado pelos artistas, para quem ela não passava da miúda que administrava: uma assistente, uma colaboradora, não uma curadora ou uma intelectual. Eu e Rob partilhávamos a convicção de que a arte devia ser desinteressada, o oposto da rotina. Rob, em particular, achava que era marca distintiva do artista genuíno o ser incapaz de cuidar de si. Em parte, era uma demonstração de que se era indiferente às convenções. Pedia-se dinheiro emprestado e não se pagava a dívida. Baixava-se as calças no bar. Mas ele também sentia orgulho por não saber fazer coisas chatas, e era muito bom a convencer outras pessoas a fazer essas coisas por ele, quer se tratasse de lavar roupa ou de preencher o formulário dos impostos. Tentou este ato de desamparado uma ou duas vezes comigo, mas não me

deixei enganar: Rob gostava de ser mimado, de que fizessem de modo a que se sentisse especial, mas eu sabia que secretamente gostava de olhar com sobranceria para as pessoas que cediam e lhe faziam favores. Nunca pensei que respeitasse Alice, nessa época.

Para quem tinha vinte anos e pouco, eu achava que um artista era, antes de mais, alguém que tentava não ser capturado. O mundo era dominado pelos interesses dos ricos e poderosos. Estava organizado para nos engodar, para nos levar a servi-los. Um artista devia, pensava eu, viver como um espião, um fugitivo espiritual. A arte em si consistia em descobrir maneiras de dizer não, de se ser invisível para o poder. Apenas assim a obra de arte poderia reivindicar autenticidade. Mesmo que fosse difícil, ou causasse atrito com os outros, era necessário recusar enredamentos, porque eram uma forma de forçar as pessoas ao conformismo. Quando não falava com ninguém e me encerrava no meu estúdio, estava a ser fiel aos meus princípios, a levar a minha vocação a sério. Em termos práticos, ia tudo dar no mesmo. Eu e Rob esperávamos que as outras pessoas limpassem a nossa porcaria. Dos dois, talvez fosse eu o mais farisaico.

Deitei-me ao lado de Alice, na cama estreita do sótão, e senti o calor do flanco dela, a perna dela por cima da minha quando começou a falar excitadamente comigo, ou melhor, com o teto: uma mulher a revelar-se por força da irritação, despejando palavras. Contou-me que demorou vários anos a perceber como Rob era um desastre com dinheiro, como depois de ganhar uma determinada quantia deixava de prestar atenção, porque era rico e achava que isso significava ficar rico

para sempre. Como se parecia com uma criança, o que a obrigava a gerir todos os aspetos práticos da vida deles. Como no início da estada em Nova Iorque ela tinha de fazer tudo, em casa e no estúdio dele — transportes, seguros, vistorias dos bombeiros, chamar o canalizador, todas as coisas que o aborreciam. Rob andava afadigado de um lado para outro, a montar a sua nova vida, quando sobreveio o desastre: o grande colecionador londrino que era dono de vários quadros dele deixou de estar interessado e despachou-os num leilão, sem sequer informar o galerista dele. O mercado seguiu este colecionador, que sozinho podia mais ou menos lançar ou destruir um artista. Subitamente, Rob tinha perdido todo o interesse.

Assim, estavam em Nova Iorque, tentando governar-se numa cidade verdadeiramente cara, sem quaisquer proventos, e, para espanto dela, Rob aparentava estar completamente confiante. Veio a perceber que ele pensava que nada daquilo era um problema importante porque a mãe dela acabaria por resgatá-los. Quando lhe explicou que a coisa não era assim tão simples, ele mostrou-se chocado. Como acontecera comigo, ele tinha ouvido Alice falar da empresa familiar, do modo como todos competiam para ficar com uma parcela do dinheiro.

— Bom, é isso. Dinheiro da família, e não meu. A minha mãe ajudou-nos, no início, mas rapidamente percebeu como era o Rob.

— Espera. Estás a dizer que nunca herdaste? Pensei que ias receber milhões.

— Digamos que a minha mãe tinha alguns truques na manga. O Rob quis contratar um advogado. Ainda quer.

— Acha que ela te está a enganar?

— E está. E sabe que eu sei, mas também sabe que não sou tão forte como ela. Não tenho vontade de lutar. Prefiro deixar seguir as coisas, o que leva o Rob a estar furioso comigo. Ele e a minha mãe sempre estiveram em confronto, desde o momento em que se conheceram. Pelo menos, poupei-te a isso. Nunca gostaste de lutar.

— Nunca conheci a tua mãe. Acho que nunca vi sequer uma fotografia dela.

— Podes ficar com a certeza de que te teria odiado. Ainda te odiaria. Já está velha, e o único prazer que tem é fazer os outros suportar as humilhações a que a mãe dela a sujeitou. — Fez uma cara pesarosa. — É curioso que seja capaz de falar disto contigo. Um companheiro do Rob ensinou-lhe a expressão *diferenças culturais*, e agora ele recusa-se a tratar de qualquer assunto que diga respeito à minha família. A única coisa que lhe interessa é que há uma data de dinheiro e que nunca lhe pôs a vista em cima.

— Então o Rob pensou que o dinheiro da tua família ia safá-lo.

— Não me parece que fosse tudo cinismo. Não quando nos juntámos. Estava apaixonado por mim. Acho que ainda me ama. Sabes, à maneira dele.

— E tu ama-lo?

— Não é justo que me perguntes isso. Não sei. Não sou capaz de pensar nisso. Talvez não te lembres, é o que ele faz. Expulsa-te. Ocupa todo o espaço emocional até que deixas de pensar em sequer fazer penetrar os teus sentimentos no meio dos dele. Agora está aflito, e quando está aflito precisa sempre de alguém a quem possa responsabilizar, porque, de outra maneira, sabes,

talvez tenha de se ver ao espelho. Por isso, a novidade é acusar-me de lhe estar a esconder coisas. Está convencido de que tenho uma conta secreta, um cofre cheio de ações e joias.

— E tens?

— Não sabe tudo, mas não há nenhum cofre de dinheiro. Um dos meus tios ficou com a maior parte, aquele que gere efetivamente a empresa. Como digo, para sacar a minha parte teria de entrar em guerra com a minha mãe. E seria guerra a sério. Com sangue a ensopar a alcatifa. O Rob está cheio de vontade de fazer isso, e diz que tratará de tudo o que for judicial, mas sei que não o fará. Vai começar a aborrecer-se, põe o assunto de lado e volta para a pintura, ou não volta, fingirá que pinta, seja lá o que faz com o tempo dele. E depois a coisa vai ficar em cima de mim, e eu não sou capaz. Simplesmente, não sou. Acho que não desejo assim tanto ter dinheiro.

— Então o que vais fazer? Quanto ao dinheiro, é claro.

— De certeza que não vou passar por confusões horríveis para depois o entregar docilmente ao Rob, que o vai distribuir por empregadas de bar. A sério? Não faço a menor ideia. Se calhar, não vou fazer nada. Acho que chegou a altura de ser o Rob a fazer alguma coisa.

— E se não fizer?

— Bem, então presumo que nada será feito.

— Não estás preocupada? Em relação ao futuro, quero eu dizer.

Fez um gesto de desespero.

— Com tudo o que se está a passar? Já olhaste à tua volta, Jay? Achas que vai haver futuro? Não estou

muito certa disso.

— Não sei. Este sítio parece-me ser bastante seguro.

— Às vezes, acho que o Marshal tem alguma razão. Pode dar-se o caso de isto estar prestes a ficar ainda pior. Não sabemos.

— E o que fez o Rob no início, quando descobriu que a tua mãe não te iria sustentar? Como lidou com isso?

— Oh, arranjou um emprego.

— A sério?

— Bem, não foi um emprego num escritório. Trabalhou como assistente do FPF.

Olhei para ela sem perceber. Explicou-me que FPF queria dizer «Famoso Pintor Falecido», uma piada que tinha mais graça quando ele era vivo. Era um dos alemães machos que tinham revigorado a pintura nos anos de 1980, depois de uma década em que toda a gente queria fazer conceptualismo. Em Nova Iorque, consideravam-no a encarnação da seriedade europeia, produzindo poderosas telas em que os artigos de consumo comuns se tornavam monumentos decadentes. Um supermercado multiplicava-se em chaminés de crematório. Paisagens de montanha sublimes eram reveladas como ilustrações de embalagens de chocolate suíço.

Todos aqueles que o conheciam de perto sabiam que o FPF era um tipo desleixado, que se passeava no estúdio em roupão, com a pila de fora e uma garrafa aberta de Armagnac com cinquenta anos, para o ajudar a arranjar o estado de espírito que o levasse a pintar. Trabalhava com a ajuda de doses de cocaína, que punha em cima de uma mesa de vidro, e atirava coisas aos assistentes, para depois se arrastar até um

restaurante infestado de baratas, na Tenth Avenue, onde dava gorjetas de cem dólares e lhe permitiam encher copos de plástico com Dom Pérignon, para empurrar para baixo sanduíches gordurosas. Era um monstro cuja riqueza e posição cultural autorizavam todos os tipos de mau comportamento. Com alguma frequência, depois de uma exibição pública especialmente escabrosa, era detido, e tinha de ir de limusina da esquadra para uma sala de conferências ou um estúdio de televisão para discorrer sobre o Holocausto ou as divisões culturais da Guerra Fria.

Na altura em que Rob estava a trabalhar para ele, já os seus melhores tempos de criatividade tinham passado, pelo que se apoiava nos assistentes para ter ideias. Rob sentia-se lisonjeado. Adorava o FPF, e, para imitar o mestre, começou a usar um fato italiano salpicado de tinta. O FPF também gostava dele, de modo que, durante algum tempo, foi tratado quase como um filho. Havia presentes e jantares, viagens a bienais e visitas a casas de colecionadores. E porque o FPF passava por mulheres e amantes, Rob também tinha de copiar esse comportamento. Dormiu com uma quantidade de mulheres, e Alice tinha decidido deixá-lo, para regressar a Londres e voltar a ser novamente livre. Depois, num raro acesso de sexo compensatório, ficou grávida.

O FPF ficou excitado. Instou Rob a levá-la ao estúdio, onde lhe pousou as mãos na barriga e lhe ofereceu mil dólares para ela o deixar «sentir a cabeça do miúdo». Rob enfureceu-se e houve uma rutura, muita gritaria, e o assunto ainda não estava completamente resolvido quando o FPF morreu, subitamente. Apesar dos rumores sobre prostitutas e drogas, uma derradeira orgia que o

teria levado ao extremo, teve uma morte casta: um aneurisma, que o levou durante o sono.

Quando Rob foi ao estúdio do FPF para recolher os seus pertences, encontrou-o selado. Os avaliadores tinham-se movimentado celeremente. Pretendiam catalogar tudo que havia e estavam preocupados com a possibilidade de roubo. Apesar do estatuto oficioso de delfim, Rob foi tratado como qualquer outro empregado e não lhe foi permitido acesso, facto que o ofendeu brutalmente. Irritado com os avaliadores e afetado pela morte do FPF, Rob voltou a ser cuspidor para o mundo. Ele e Alice pensaram no que deveriam fazer a seguir. A galeria dela, apoiada por um dos colecionadores do FPF, estava a debater-se para sobreviver.

— Então, tiveste uma galeria?

— Tive, durante algum tempo. Um pequeno espaço, num primeiro piso, em Chelsea.

— O que expunhas?

— Era uma espécie de espaço colaborativo. Artistas mais jovens, pessoas que fui conhecendo desde que cheguei cá. Não era bem um negócio. Desisti depois do nascimento da Sophie. Era muito duro.

— E o Rob?

— Bem, já há muito que não fazia exposições. Estávamos prestes a fazer as malas para nos mudarmos para Berlim, quando o Marshal entrou em cena.

Marshal era muito jovem, e o negócio dele, minúsculo. Era apenas ele e um assistente. Ele cortejava Rob assiduamente, lisonjeando-o, mas não era apenas isso, porque revelava conhecer profundamente o trabalho dele. Fazia perguntas sobre pinturas que Rob tinha feito cinco, dez anos antes, dizendo-lhe que

estava subavaliado, que alguém deveria publicar uma monografia. Rob estava encantado e Alice impressionada com a ética profissional que ele mostrava. Marshal frequentava todas as feiras, seguia todas as indicações. Tinha um conhecimento enciclopédico da arte contemporânea. Sabia quem possuía isto, quem queria aquilo e, sobretudo, sabia como vender. Rob fez uma exposição na galeria dele, e todos os quadros ficaram reservados antes da inauguração.

Depois disso, as coisas puseram-se rapidamente em marcha. Rob tornou-se o artista mais importante de Marshal, e este aplicou-se a descobrir como ele gostava de ser tratado. Embora alguns críticos mostrassem reservas, assinalando que os quadros de Rob eram demasiado ligeiros, demasiado decorativos, Marshal tinha uma rede de colecionadores que adoravam esse estilo exibicionista e se divertiam por estar na órbita social dele. Pouco a pouco, Alice notou que ele estava a integrar alguns dos tiques do FPF no seu próprio repertório. Oferecia jantares monumentais na galeria, pondo-se em cima das mesas para fazer discursos caóticos, adulando os convidados e levando-os a beber em excesso. Quando lhe apontou o que estava a fazer, negou. Ela não insistiu. Estava ocupada a cuidar de um bebé e consciente de que muito dinheiro começava a passar-lhes pelas mãos. Portanto, fechou a galeria e dedicou-se, relutantemente, a tentar gerir a carreira do marido.

Tudo foi crescendo. Maior apartamento, maior estúdio, maiores quadros. Durante algum tempo, Rob pintou nas grandes chapas metálicas que a Câmara instalava temporariamente, quando estavam a reparar

as ruas. Recebia dinheiro por criar desenhos para ténis, cartões de crédito e rótulos de garrafas de bebidas alcoólicas. Compraram uma casa em Montauk, onde decidiu trabalhar algum tempo, num hangar gigantesco onde o dono anterior tinha guardado a coleção de carros vintage. Não funcionou — demasiado frio, demasiado longe —, e voltou para a cidade, onde arrendou um espaço impressionante e caríssimo em Williamsburg, que encheu de equipamento e assistentes. Alice teve de encontrar alguém que soubesse conduzir uma empilhadora, e depois gente para todos os trabalhos habituais: misturar as tintas, fazer caixas, fotografar e fazer o trabalho informático e as contas. É claro que Rob gostava de gerir o espaço como se fosse uma festa, de modo que havia sempre pessoas a entrar e a sair, a beber e a dar-lhe só Deus sabe o quê.

Não era sustentável. Os preços das obras de Rob estavam a subir, e havia uma lista de interessados, mas os custos estavam fora de controlo. Não havia um brinquedo que ele visse sem o querer comprar imediatamente, e gostava que gostassem dele, sobretudo as pessoas que trabalhavam para ele, um legado dos tempos em que tinha sido assistente. Era-lhe difícil confrontar os outros, e ultrapassava frequentemente fronteiras que um patrão não deve atravessar. Havia uma gerente do estúdio que estava a pôr todas as despesas pessoais na conta deles. Perderam dinheiro num investimento fraudulento. Rob resolveu comprar uma gigantesca impressora *offset*, que ficou guardada num caixote porque ninguém sabia montá-la. E, como sempre, foi Alice quem teve de fazer o trabalho mais duro, despedir a gerente e encontrar outra,

contactar os advogados, telefonar ao fabricante na Alemanha para tentar descortinar um técnico.

— E humilhava-me, Jay. Humilhava-me sistematicamente.

— Com mulheres?

— Estávamos a pagar a uma assistente que ameaçava falar. Oficialmente, era assédio sexual, mas acho que ela andava a dormir com ele e zangaram-se. Graças a Deus, aceitou assinar um acordo de não divulgação, mas já sabes que o mundo artístico funciona à base de coscuvilhice. Durante algum tempo, circulou uma folha, homens artistas problemáticos, uma coisa do género, e o nome do Rob estava lá. De modo que, quando fez a última exposição, uma jornalista sacana escreveu um artigo carregado de insinuações horrorosas. Publicaram uma fotografia dele com um boné de camionista que parecia, sabes, verdadeiro, ao lado de imagens de obras que tinha feito dez anos antes, aquelas pin-ups cobertas de salpicos de tinta branca. Certamente que parecia aquilo que se pressupunha que parecesse... não sei. Deixei de me incomodar há muito, para ser franca. Tudo o que o Rob quer é ser muito à frente, e atualmente mal consigo olhar para ele, e muito menos para a sua arte estúpida. Porque me haverei de incomodar se ele decidir atirar tinta para cima de fotografias pornográficas?

Fez uma pausa, como se esperasse que a contradissesse.

— É esse género de coisas que ele faz?

— Não. Não é bem isso. Passou por uma data de fases diferentes. Nem sequer sabia que estávamos com problemas até que o Marshal me telefonou, aflito, a perguntar por que razão eu estava a gerir tudo. Tipo, o

Rob anda-me a enganar, a foder com quem lhe apetece, e eu tenho de gerir a reputação dele? Começaram todos a telefonar. Os colecionadores, o conluiozinho do Marshal. Um velho barão do imobiliário de Miami que é uma encomenda, digo-te, liga-me e trata-me por menina, *ouça lá, minha menina*. Como se fosse filha ou assistente dele. Diz que se eu e o meu marido não nos ocuparmos disto, a pintura que estou a vender à consignação passa a ser um problema. O tom dele irritou-me profundamente. Não trabalho para este homem. Não é meu patrão. É apenas um tipo que comprou uns quadros. Perguntei-lhe por que motivo achava que aquilo era assunto meu, e ele respondeu que era um problema de todos. E pensei, porque dirá uma coisa assim? Não consegui obter uma resposta franca do Rob sobre a razão de ele ter dito aquilo. De todos. Por isso, liguei ao Marshal, e ele contou-me uma data de coisas que muito teria gostado de saber antes. Descobri que ele e o Rob tinham estado a trabalhar com um grupo de colecionadores que eram donos de muitas obras dele. Tinham interesse nos preços do Rob, garantindo que, se alguma coisa fosse leiloada, não seria vendida abaixo de um dado valor.

— Porque assim seria fixado um novo preço.

— Nem mais. E o investimento de todos passaria instantaneamente a valer menos. Por isso, este velho sacana tinha posto o quadro à venda porque se estava a divorciar. Não era uma altura boa, com as acusações de assédio feitas ao Rob. E os outros avisaram-no sobre isso, mas ele disse que não tinha outra hipótese. Precisava de dinheiro. E se este estúpido quadro não atingisse o valor certo, um licitante fantasma teria de telefonar e comprá-lo em nome do pequeno cartel

deles. O Rob, o Marshal e os outros colecionadores teriam de participar. És capaz de imaginar a minha fúria? Não tínhamos dinheiro disponível. Estávamos nas lonas. Noutra altura, quando os preços das obras dele não eram tão elevados, não seria um problema, mas naquele momento? E o Rob nem sequer tinha considerado contar-me.

— Alguém comprou o quadro?

— É claro que não. Fomos nós quem o comprou. Um quinto dele, e tivemos de pedir dinheiro emprestado. Está armazenado, e julgo que assim vai ficar até que o Marshal organize uma venda privada.

— Se é assim tão mau, por que razão continuas a viver com ele?

— Para ti, é fácil de dizer, depois de andar a cirandar pelo mundo durante vinte anos. Não tens a menor noção de responsabilidade.

— Vais dar-me lições sobre responsabilidade?

Ficou subitamente irritada, sentindo-se confrontada.

— Isto é a merda do Rob, não é minha! Tudo. Achas que devo ser censurada por limpar a porcaria que faz?

— Não quis dizer isso.

— Sim, ele é ofensivo. Ninguém sabe isso melhor do que eu. Imagina só o que me fez sentir. Mas este drama público? Trabalhei duramente. Organizei a nossa vida. Não vejo razão para a Sophie eu sofrermos por causa das estúpidas decisões do Rob. Nem sequer tem a ver com ele. O Rob limita-se a ser o idiota que não conseguiu ler as reações dos outros.

— Não estou a julgar-te.

— Estou apenas a pensar na minha filha. Se o deixar, ela vai acusar-me disso. Seria tudo culpa minha.

— Então, estás a tentar consertar as coisas.

— Mais ou menos. Depois da exposição, o Rob encolheu-se durante algum tempo, como um cão que sabe que fez asneira, e depois disse-me que tinha feito um acordo com o Marshal. Iria pintar uma série de telas e o Marshal adiantar-nos-ia a nossa parte do dinheiro esperado da venda, para que pudéssemos pagar as nossas despesas. Isto foi no inverno passado. Pensei, ótimo. Realmente, é uma boa ideia. Dar-nos-ia algum tempo para respirar. Pensei que talvez pudesse reestruturar as coisas, fazer o negócio entrar nos carris. Mas agora não pinta nada. É como um pesadelo. Tento avançar, mas não consigo mover as pernas. Ele está a empatar, afastando o Marshal. Diz que bloqueou.

— Seria difícil para mim pintar se nem sequer fosse dono das obras enquanto as estou a fazer.

— Tu és tu, Jay. O Rob não pode dar-se ao luxo de ser especioso. Se a coisa ia tornar-se tão dura, nunca devia ter aceiteado o raio do acordo. No final do ano passado, o Marshal estava de cabeça perdida por causa do dinheiro, e quando apareceu a Covid começou a ficar de cabeça perdida com tudo... Quero dizer, falaste com ele. Ele passa a vida a ver vídeos sobre teorias da conspiração. Suplicou ao Greg que o deixasse usar esta casa, e como o Greg também é meio paranoico, disse que sim. O Marshal é suposto ser da segurança. Vai pedir ao Greg para construir um abrigo subterrâneo debaixo da casa. De facto, a pandemia não o tratou bem.

— Não tratou bem muita gente.

— Isso é verdade. Tenho uma amiga que passa todo o tempo a enviar-me fotografias de arroz. Tem um armário completamente atafalhado de pacotes de vinte quilos de arroz. Se isto não se resolver, o Marshal vai

deixar cair o Rob. Sinto que já o quer fazer, mas é leal. Convidou-nos a vir para cá para dar ao Rob uma última hipótese de fazer as pinturas. Tirou-o da cidade, mandou limpar o celeiro para que lhe pudesse servir de estúdio. Tem sido realmente generoso, ainda que viver com ele seja impossível. Sabia que não seria fácil, mas achei que, se o Rob se aborrecesse muito, acabaria por começar a pintar.

— Mas não aconteceu?

— Não tem feito absolutamente nada, a não ser andar atrás da namorada do Marshal. Não sou capaz de imaginar o que é que ele pensa que vai acontecer. É como se estivesse interessado em fazer derrocar todo o nosso mundo.

— Talvez esteja.

— Isso não é reconfortante.

Permanecemos deitados, a olhar para o teto. Estava afetado pelo cigarro eletrónico de Alice a ponto de tudo me parecer animado, instável. Semicerrei os olhos e apareceram alguns padrões *moiré* nos cantos.

— Agora já sabes toda a história sórdida — disse Alice. — Diz-me, o que te parece a minha vida? Feia, não? — Antes que pudesse responder, ela agarrou numa madeixa do meu cabelo e começou a beijar-me. — Preciso disto — continuou, enquanto enfiava uma mão por baixo da minha camisa. Reagi sem hesitação. Era uma sensação agradável, tê-la encostada a mim, como se um círculo se estivesse a fechar, uma pedra angular a entrar no cimo de um arco. Era bom voltar a beijá-la. Talvez um pouco bom demais, talvez demasiado.

— Não sou capaz, Alice.

— Não queres.

— Não é isso. Quero. É que...

Nesse preciso momento, ouvimos ruídos vindos do piso inferior do celeiro. Alice fez uma careta e ficou muito quieta. Ficámos a escutar, durante uns instantes, o som de pés a arrastar. Depois, levantei-me e fui espreitar às escadas.

— Oh, olá.

Era Marshal. Estava encostado ao meu carro, com uma grande câmara na mão. Tirou uma fotografia através da janela do lado do condutor e depois outra de mim inclinado para a frente a observá-lo. Instintivamente, recuei.

— Importas-te de parar com isto?

— Desculpa, pá. É apenas para servir de documento. Espero que não te incomode que tenha vindo ter contigo. Só queria fazer umas fotografias do carro. Dá a ideia de que o limpaste, não é assim? É uma pena. Quem me dera tê-lo visto quando chegaste cá.

— Porquê?

— Pátina, acho. Durante quanto tempo viveste nele?

— Por que raio queres tirar fotografias?

— Talvez estivesse a descansar. Desculpa. Espero não te ter acordado.

Ficou à espera de que eu me manifestasse, coisa que não fiz.

— Quero falar contigo sobre... tudo isto. — Apontou para o carro, para alguma roupa que estava a secar numa corda que eu tinha esticado entre duas colunas. Atraído pela visão da roupa, tirou outra fotografia, pediu desculpa, e fez menção de subir as escadas. — Posso?

Olhei por cima do ombro, para Alice, que arregalou os olhos e abanou a cabeça.

— Eu desço.

Desci as escadas e sentei-me no último degrau, bloqueando o caminho para cima.

— Então?

— Sinto-me muito mal. A Alice e a Nicole fizeram-me ver de uma maneira muito clara que a história da arma foi um exagero. Não quero entrar em justificações, a tempestade iminente, seja lá o que for, só que... Desculpa o que te fiz passar, sabes, o desconforto. Seja como for, estou a fazer o que me compete. Empatia radical. Tudo isso. Mas, essencialmente, o que quero dizer é que quanto mais descubro sobre o que fizeste, quem és... Estive a ler sobre *Obra-prima Desconhecida* e uau, é um delírio, cem por cento. Espantoso! É como se tivesses aparecido totalmente formado.

Deixei-o prosseguir. Parecia querer falar, e era uma dádiva que não precisasse de que eu dissesse muito.

— Encontrei uma crítica da altura em que a fizeste, esse irritável crítico britânico que escreveu sobre o teu trabalho como se fosse, sabes, a queda do Império Romano. Giro! E ainda eras estudante, o que é a parte mais brutal. Ele não fazia a menor ideia do que estavas a tentar fazer.

— Acho que percebeu. Pura e simplesmente, não gostou.

— Mas é extraordinário que tenhas conseguido reunir tudo aquilo. Para mim, as referências à história da arte, tudo, uau. Por isso, tenho perguntas. Espero que não seja demasiado atrevimento. *Fuga* é uma peça incrivelmente radical. Estou a falar a sério, uma peça importante. Não consigo imaginar como te sentes agora. O que aprendeste.

— O que aprendi?

— Sobre arte. A tua relação com a arte. Enquanto estavas a fazer o trabalho, por exemplo. Como é que foi, durante aqueles anos todos? Sentiste sempre que estavas a fazer arte? Conseguias ter a certeza de que eras... Quero dizer, sabias que ainda era um artista? Mesmo quando estavas, tipo, a lavar pratos?

— Teria respondido que não, até agora.

— Porquê?

A simpatia fraturada de Marshal tinha-me desequilibrado, fazendo-me querer falar com ele, embora também me quisesse livrar dele o mais depressa possível. Parecia instável, mas também era como se compreendesse o que eu tinha feito e, apesar de saber que era absurdo reagir dessa maneira, que devia ser capaz de resistir a esse tipo de grosseiro paralelismo, fez-me sentir que talvez não tivesse estado tão perdido quanto pensara.

Estava ansioso por afastar Marshal do celeiro e, como ele não mostrava qualquer vontade de o fazer de livre vontade, sugeri que déssemos um passeio. Levei-o pelo caminho que conduzia à clareira espelhada, tentando resistir ao impulso de olhar para trás, a fim de não atrair o olhar dele para uma Alice em fuga. À medida que caminhávamos, continuou a falar comigo sobre — ou assim parecia — vários tópicos diferentes em simultâneo, a minha arte, sobre a qual tinha, com toda a evidência, andado a pesquisar, a pandemia e as outras pessoas que ocupavam a casa. A conversa dele era uma espécie de derrapagem verbal, um deslizamento linguístico através da suave superfície das coisas. Voltou a pedir desculpa por causa da arma. Apresentou diversas teorias sobre a origem da Covid. Achas que o vírus foi fabricado? Seria o pretexto para

um tipo qualquer de medidas repressivas? Contou-me que tinha arrendado uma garagem na cidade e a enchera de coisas. Uma bicicleta. Um saco de víveres. Equipamento para esterilizar água. A pessoa que tinha tudo preparado era Greg. Quem não gostaria de carregar no botão do relógio e ter uma equipa a arrancar instantaneamente para o ir resgatar? A coisa divertida é que eu não fazia a menor ideia sobre a minha reputação. Devia ter consciência de que as pessoas — as pessoas do meio artístico — falavam sobre *A Deriva*. Como me sentiria se ele usasse a palavra lenda? Sabia alguma coisa sobre a data de validade das rações de combate?

Chegámos à clareira e captei a visão do meu reflexo fatiado nos espelhos. Como sempre, o lugar pareceu-me um portão, um portal para outro mundo, mas, em vez de ansiar atravessá-lo e desaparecer, sentia agora como se alguém estivesse prestes a sair dele, o meu ser mais jovem, a pessoa que amou Alice, que tinha sido um artista. Um círculo tinha-se fechado, restaurando-me — parcialmente, imperfeitamente — a um estado anterior, a um estágio anterior da minha vida. Nada está arruinado, embora tudo esteja perdido. Estava vagamente consciente de que a minha cara estava coberta de lágrimas. Algures, em segundo plano, Marshal continuava a falar.

— Gostas da peça do espelho, hã? É de um jovem artista alemão. A única coisa boa que há no parque, se queres a minha opinião. Não digas isso ao Greg. Percebo a tua emoção. Olha só onde estamos. É o paraíso. Pode usar-se esta palavra. Seria justa. Paraíso significa jardim murado numa língua de que agora me esqueci. É o que é, agora. Um parque de alta segurança.

Sentir-me-ia mais feliz se tivéssemos uma melhor fonte de água. A água do lago está cheia de micróbios. E vou falar com o Greg sobre o endurecimento do perímetro. Sabes que há dois meses que não saio daqui. Uma loucura, não é? Podia pensar-se que seria repousante, mas não consigo dormir. E tu? Dormes?

— Como não dormia há muito tempo.

— Não estás ansioso?

— Já tive o vírus. Dizem que não se pode ter outra vez.

— Não é apenas a doença. É tudo o que a rodeia. Se for uma arma química, que mais não estarão eles preparados para fazer?

— Quem?

— Os chineses. A não ser que seja uma bandeira falsa. E se não for uma arma, é óbvio que o Partido Comunista Chinês não está a ser franco connosco. Não sabemos tudo sobre o tal laboratório. Mas acho que tens razão. A Nicole está sempre a dizer-me para ver tudo em perspetiva. E vejo. Do teu ponto de vista, vejo. O vírus agora é parte da tua arte. Sobreviveste e estás de volta. Já podes dormir.

— Acho que sim.

— Tenho de saber: tens registado tudo? Que tipo de registos tens?

— Nenhum.

— Absolutamente nenhum? Nem diários, nem fotografias?

— Nada de nada.

— Há alguns objetos que tenhas guardado durante esse tempo todo? Um utensílio qualquer? Por exemplo, tens um canivete preferido?

Abanei a cabeça.

— Não tenho canivetes preferidos.

— Já pensaste no que vais fazer a seguir?

— Acho que preciso de arranjar trabalho.

— Refiro-me a *Fuga*.

— Que mais há para fazer? Tenho de pensar na maneira de recuperar.

— Mas ninguém sabe disso. Calculo que, provavelmente, não tens a cabeça nisto, mas tudo vai assentar na maneira como agires. Aquilo que fizeste nos últimos vinte anos é arte, sei isso e tu também, mas vai desaparecer no vazio, a não ser que seja tornado público. Deves ter planeado alguma coisa. Quando começaste, como pensaste que acabaria?

— Não pensei. Se tivesse pensado em como acabaria, teria esvaziado de sentido todo o projeto. Tive de estar aberto à possibilidade de que nunca fosse terminar.

— Isso é incrível. Que resposta incrível. Quem me dera tê-la gravado. Acho que se as pessoas perceberem o que fizeste, serás... e estou a falar muito a sério... saudado como um dos artistas mais importantes da tua geração. Mas se não encerrares a coisa formalmente e permitires que as pessoas a possam avaliar, contemplar, então não passarás de um tipo que abandonou o mundo artístico. Uma pessoa vai dizer oh, não é aquele tipo que desapareceu, e outra diz ouvi dizer que regressou, e depois continuam a falar da exposição do amigo deles. Serás uma nota de pé de página, uma curiosidade.

Estava apenas a ouvi-lo em parte. Apanhei-me a utilizar o passado. Tive de estar aberto, nunca fosse terminar. Portanto, tinha acabado. Percebia o que ele estava a dizer. Na lógica da arte, fazia sentido. Só que não tinha a certeza de querer submeter-me novamente

a essa lógica.

— Pensa nisto — disse Marshal. — Posso ajudar-te. Mesmo que não seja eu, precisas de alguém como eu. Alguém que tenha as minhas aptidões. Se quiseres trazer outra pessoa, muito bem. Mas estou à tua disposição. E ficaria muito honrado se pudesse participar. A minha proposta é que me deixes gravar-te, recolher o teu testemunho. Vamos registar tudo. E depois engendramos um plano de ação.

Começámos a descer a colina em direção ao celeiro.

— O que achas dos meios de comunicação social? — perguntou Marshal. Viu a minha expressão. — Está bem. O melhor é não dar um passo maior do que a perna.

À medida que nos aproximávamos, comecei a examinar o edifício, com alguma expectativa de ver o rosto de Alice a espreitar por uma das janelas do piso de cima. Quando estávamos a dar a volta ao lago, Marshal bateu subitamente palmas.

— Meu Deus, é isso mesmo. O carro. É essa a obra.

— É um simples carro.

— Mas é um vestígio, uma prova da maneira como vivias.

— E vai ser, muito em breve, a maneira como viverei.

— Não sejas absurdo. Isso acabou. Não precisas de voltar a fazer isso. Tens fome? Vamos ver se algumas das raparigas arranjou alguma coisa que se coma.

Quando chegámos à casa, vimos um veículo desconhecido a sair do caminho de acesso. Encontrámos Alice, vestida com leggings e a usar equipamento de proteção — máscara, visor e luvas —, a carregar sacos para a cozinha, como se não tivesse

estado deitada na minha cama, meia hora antes.

— É espantoso como toda a gente desaparece quando há trabalho para fazer.

— Ei, eu fiz a encomenda — disse Marshal.

— A Nicole é quem fez a encomenda.

— Com o meu cartão.

Carregámos sacos para a cozinha e ajudei Alice a limpar os embrulhos com um pano. Seguindo as instruções dela, lavei a comida, espargi alguma com um «desinfetante natural» que vinha numa garrafinha de vidro e arrumei-a no sítio certo: o gelado, no congelador; a kale, na prateleira dos legumes; os abacates, na grande taça de barro que estava em cima do balcão. A palavra de código nos sacos era CASTELO.

Depois, eu e Alice preparámos o almoço, cortando e temperando os ingredientes para grandes recipientes de salada e arranjando travessas de queijo e carnes frias. Roçámos um pelo outro ao balcão, evitando trocar olhares, enquanto ouvíamos distraidamente Marshal a descrever um cenário em que eu metia as minhas coisas no carro para depois o levar para a cidade, onde seria exibido na galeria dele. Interroguei-me sobre o que pensaria ele que eu faria sem o carro, se achava que eu tinha outro carro, ou outro lugar qualquer onde ficar.

— Nunca costumavas ser capaz de fazer isso — disse Alice, apontando para uma pilha de cenouras cortadas na minha tábua.

— Bem, também nunca comíamos.

Pusemos a mesa no terraço e sentámo-nos. Nem Rob nem Nicole apareceram. Comemos os três quase em silêncio, eu e Alice trocando olhares como adolescentes, Marshal inclinado para a frente, no lugar dele, entre nós os dois, enfardando salada. A quietude da cena — o

esporádico piar de uma ave, o ténue zumbido de insetos — desmentia alguma coisa volátil na atmosfera, uma instabilidade, um potencial para o desastre. Quando o telefone de Marshal tocou, estremecemos todos, como se uma arma tivesse disparado.

— Sim? Greg! Sim, viva, Greg. Bem, obrigado. Tudo ótimo. — Empurrou a cadeira para trás e levantou-se, sacudindo pedaços de hortaliça do regaço. — Viste... Oh, sim, o que é que achaste? É interessante, não é? É alguém que... Eu sei, eu sei. Sim, dissemos isso, mas, escuta, não mandaste ninguém, pois não? Graças a Deus...

Fez uma cara de desespero e apontou para o telefone e depois para a casa. Entrou para continuar a chamada, deixando que a porta de rede batesse nas suas costas. Eu e Alice ficámos sozinhos.

— Deve ser o fim para mim aqui — disse eu.

— Deve ser o fim para todos nós. O Greg foi muito claro. Não estávamos autorizados a convidar ninguém a ficar cá.

— Desculpa.

— A culpa não é tua. Acho que valeu a pena.

— Está bem para ti?

— Ir embora daqui? Mais do que bem, para ser franca. Mas quero saber o que pensas.

— Sobre ir embora?

— Vais fugir porque te beijei?

Nesse momento, Marshal saiu de casa. Estava pálido, mas animado.

— O Greg e a Miranda vêm para cá.

— A sério? Quando?

— Não sei ao certo. Em breve. Dentro de uns dias.

— Então vamos ter de nos ir embora?

— Não. Podemos ficar. Vêm apenas passar um dia.
— Virou-se para Alice. — Não te disse nada, mas o Greg telefonou-me ontem. Descobriu o Jay nas imagens das câmaras, tal como eu tinha avisado.

— Desculpa, Marshal.

Virou-se para mim.

— Tinha de dizer alguma coisa, por isso, aproveitei a oportunidade para lhe falar sobre *Fuga*. Enviei-lhe algum material. Está interessado.

— Que queres dizer com isso?

— Diria mesmo que está mais do que interessado. Intrigado é a palavra. Esta coisa da câmara de vigilância pode acabar por nos ser útil. Uma oportunidade. Ajusta-se. Tu a vaguear, vindo da mata.

— Mas eu não vim da mata. Vim de carro, de Queens.

— Pelo menos, a questão artística fê-lo sentir-se melhor perante o facto de estares na propriedade dele.

Alice parecia confusa.

— Ele vem cá para ver o Jay?

— Bem, é como uma espécie de coisa secundária. Na realidade, vem cá para ver uma pintura.

— Do Rob? Há alguma coisa para ver?

— Nem me fales nisso. Mas não. Não é do Rob.

Nesse preciso momento, ouviu-se barulho. Nicole e Rob estavam a descer o caminho do estúdio de Rob. Rob estava com um ar de embaraço e Nicole parecia furiosa. Avançou direita a Marshal e espetou-lhe um dedo no peito.

— O que lhe disseste?

— A que te estás a referir?

— Tenho de saber o que lhe disseste.

Marshal olhou de esguelha para Rob, que fez uma

careta frouxa de bêbedo. Marshal virou-se para Nicole:

— Talvez seja melhor fazer isto em privado.

— Acho que a Alice gostará de saber o que lhe disseste. Disseste-lhe que lhe davas autorização para me pintar? Usaste realmente a palavra autorização?

— Ele quer pintar-te?

— Não te armes em inocente. Queres que pose nua para este homem? Talvez ele queira ver os meus dentes, também? Sou parte de alguma transação entre os dois?

— Nicole, controla-te.

Rob adotou um tom tranquilizador.

— Quero fazer pinturas de mulheres negras poderosas. Marshal, conta-lhe.

— Contar-me o quê, Marshal? Disseste-lhe que podia dormir comigo?

— É claro que não.

Rob soltou uma risadinha.

— Embora não devesse descartar a ideia sem pensar primeiro.

— Vai-te foder, Rob.

Rob abanou a cabeça.

— São sempre tão sensíveis.

Num movimento fluido, Nicole deu meia-volta e esbofeteou-o. A força foi considerável, e Rob cambaleou, acabando por se sentar pesadamente no estrado. Alice arquejou. Nicole tinha o ar de quem não acreditava no que acabara de fazer.

— Excelente! — disse Marshal. — Sem dúvida que sim. — Era como se alguma coisa dentro dele se tivesse partido. A voz dele tremeu e subiu de volume. — Estou farto disto! Estou farto de todos! Nenhum sabe tomar conta de si! Não ando a dormir! Sabem como é? Estar deitado na escuridão, a fazer listas de todas as coisas

que podem correr mal? Estou a gerir isto tudo, e ninguém leva isso a sério.

Alice revirou os olhos.

— Quando foi a última vez que cozinhaste, Marshal?

— Faço outras coisas! Sabem que mais? O Greg vem aí. E vão todos cooperar, porque, se não o fizerem, isto descarrila e vamos ver-nos outra vez no meio de uma praga. Nicole e Alice, comecem a pensar em encomendar comida. E tu, Rob, meu amigo, vais mexer esse cu e ajudar-me a vender um quadro.

— Que quadro? Um dos meus?

— Tu não tens nenhum quadro, porra! Se tivesses feito um, certamente que o venderia ao Greg. Mas não. É outro quadro. Alguém vai cá trazê-lo. Raios me partam! Só um momento. Tenho de telefonar para a galeria.

Entrou pesadamente em casa, batendo com a porta de rede.

— Encomendar comida? — disse Nicole a Alice. — Ouviste o que ele disse?

— Que quadro? — perguntou Rob.

Alice virou-se para Nicole.

— Sentes-te bem?

— Não — respondeu ela. — Nem por isso.

Quando olhou para Rob, o rosto de Alice era uma máscara dura e fria.

— Seu sacana egoísta!

— Não lhe toquei.

Marshal saiu de casa. Senti-me mais descansado quando vi que não estava armado: apenas nessa altura dei conta de que esse pensamento estava na minha cabeça. Com uma autoridade napoleónica, começou a dizer a cada um como ia ser.

— A pintura chega de manhã. O meu pessoal vai trazê-la da cidade. Vamos pô-la na casa.

— Que pintura? — perguntou Rob.

— Uma do FPF.

Rob levantou-se a cambalear.

— Qual?

— Uma das últimas. Uma das pinturas de Turista.

— Ele fez essas quando eu trabalhava com ele.

— Foi.

Rob parecia estar prestes a dar um murro em alguém.

— O que estás a fazer, Marshal?

— A vender um quadro. É um bónus, o facto de estares aqui. Podes falar-lhe dela.

— Eu? Oh, não.

— Oh, sim. Tens uma ligação pessoal ao artista. Estavas lá quando a obra foi feita. Vais ajudar-me a convencer o Greg e a Miranda de que querem participar nessa história.

— Já disse que não, Marshal. Parece que te esqueceste de que não quero ter nada que ver com esse cabrão ou o que resta da reputação dele.

— Preciso que faças isso por mim.

— Desculpa lá, companheiro.

— Desculpa lá, companheiro? É isso que tens para dizer? Depois de me teres lixado? Depois de me teres tomado por parvo? É isso que pensas? Uma espécie de alvo que podes manipular para sempre? Paguei-te há um ano! Seis pinturas, Rob, e não produziste nada. Nada de nada, porra!

— Não sou uma máquina.

— Não, não és.

— A criatividade não aparece como a água quando

se abre uma torneira, Marshal.

— Se ouvir mais alguma dessas tretas de merda sair pela tua boca fora, juro que te esbofeteio! Vais fazer-me este favor, Rob. Se não me vais pintar uma das tuas obras da porra, então vais fazer isto por mim. Falo a sério. É o que eu quero. É o que preciso que faças. Não ando a dormir. Não me sinto bem. E não estás a ajudar!

— Credo, por que raio toda a gente me critica? O que é que queres que eu faça?

— Vais contar ao Greg e à Miranda histórias maravilhosas e moderadamente escandalosas do FPF e falar da grande paixão e do processo criativo incomum dele, e não te vais armar em parvo ou fazer comentários sarcásticos, nem envergonhar-me. Já fiz tantas coisas por ti. Sou a única razão por que a tua carreira não está na merda. Agora vais fazer uma coisa por mim. Uma coisa!

— Não me podes pedir que te ajude a vender um quadro dele.

— Posso, posso! Uma porra, se não posso! Posso! Posso! Posso! Tu não és boa pessoa, Rob. Não és uma pessoa generosa.

— Marshal, sabes como acabaram as coisas entre mim e ele?

— Não me interessa. Vou fazer uma hora de ioga, para ver se sobrevivo até aos quarenta. Amanhã, chega o quadro e todo este drama vai terminar, percebes? Para todos! Vamos ser parceiros felizes e preparar-nos para dar as boas-vindas ao Greg e à Miranda.

Marshal entrou em casa. Durante uns momentos, ficámos todos num silêncio de choque. Nicole olhou para Rob, e depois para Alice e para mim.

— Desculpa — disse ela a Alice. — Nada disto é o

que eu queria que fosse.

Depois também entrou em casa.

— Não comeces — disse Rob, ao perceber que Alice lhe ia dizer alguma coisa.

— O que é isto? Duas da tarde, e já estás bêbedo?

— Já te disse para não começares.

— Há um par de semanas, estava a pensar confrontar a Nicole, para lhe perguntar se andava a dormir com o meu marido. Graças a Deus, não fiz isso! Teria sido ridículo. Qualquer pessoa percebe que ela não quer nada contigo. Ela não gosta de mim, mas tu enoja-la.

— Podes dizer essas tretas, mas eu é que estou a tentar fazer alguma coisa. Estou a tentar fazer arte. Achas que é fácil?

— Ser tu? Sim, Rob, acho que é fácil. Esqueces-te de que eu sei qual é o teu modo de vida.

Do andar de cima da casa, chegou subitamente uma batida de *trap beat*: Nicole a exorcizar os seus demónios ou a abafar o som de uma discussão com Marshal. Rob vasculhava na mesa. Encontrou um copo, encheu-o com água do jarro, esvaziou-o. Deitou um olhar de azedume a Alice, parecendo estar a pensar no que diria.

Levantei-me.

— Tenho de me ir embora.

— Há sempre um lado positivo — disse ele, arrastadamente.

Alice fez-me uma rápida careta de desculpas. Enquanto descia pelo caminho, podia ouvir a discussão deles a sobrepor-se ao som da música de Nicole.

Caminhei até à margem mais afastada do lago e vagueei pela mata, sem propósito nem direção, pondo um pé diante do outro, enquanto tentava processar o

que estava a acontecer. Pela primeira vez, desde que tinha sido engolido pela grande propriedade, sentia-me oprimido, consciente da cerca que me encerrava. O meu primeiro impulso foi partir de imediato, atirar-me de cabeça para aquilo que me esperava a seguir. Tinha dinheiro suficiente para meter gasolina. Tinha apenas de escolher a direção. Mas Marshal tinha razão. Se queria resgatar alguma coisa dos anos de *Fuga*, então teria de encontrar um final. Resgatar seria a palavra certa? O que estaria a salvar, e para quê? Acharia eu, realmente, que o tempo seria perdido se não fosse convertido em arte? Não. Já não. As pessoas que tinha conhecido, as coisas que tinha construído ou consertado, as cicatrizes no meu corpo: eram a minha vida. Aqueles anos não foram anos perdidos.

VOLTEI PARA O CELEIRO, esperando encontrar Alice lá. Fiquei a aguardar por ela, certamente que viria. Sentei-me no exterior, a observar as sombras do fim de tarde alongarem-se no prado. Uma ave de rapina voava em círculos, nas alturas, à procura de ratos. Por fim, quando o sol desapareceu atrás das copas das árvores e o solo começou a arrefecer, caminhei até à casa, onde as luzes do estrado estavam acesas.

Encontrei os outros à mesa, esparramados, como lutadores exaustos, à volta dos restos de um jantar encomendado. Um carrinho com bebidas tinha sido levado para fora de casa. Alice estava sentada entre Rob e Marshal. À medida que me aproximava deles, Rob pousou um braço possessivo sobre os ombros dela. Percebi que tanto ele como Marshal estavam muito bêbedos. Alice também parecia estar, com o olhar desfocado: por instantes, vi-me a olhar para ela sob o efeito da cetamina, no apartamento abafado de Knightsbridge. Apenas faltava Nicole. Perguntei-me se teria partido. Não me surpreenderia que me dissessem que já estava num comboio, de regresso à cidade.

— Viva, Jay — disse Marshal. — Queres uma bebida? É basicamente gim e limão, e esta coisa cor de violeta, que a faz ficar azul. Gostas de cerejas?

Tomei a bebida sem as cerejas. Estava gelada e desceu-me pela garganta como uma transmutação, um efeito especial, num filme, em que o raio congelador transforma um corpo humano em cristal. Com o gim dentro de mim, pouco me incomodava o olhar ríspido

de Rob e a mão a acariciar o pescoço de Alice.

— Não sei o que se passa com a Nicole — disse Marshal. — Viu qualquer coisa na internet, um vídeo.

Rob intrometeu-se.

— O chui a pôr o joelho no pescoço do tipo?

— Sim. Parece feio. Percebo porque está transtornada.

— Mas é a internet. Nunca te dão a história completa.

Alice lançou-me um olhar sombrio. A mão de Rob tinha aberto caminho dentro da blusa dela. Ela sacudiu-a.

— Portanto, para recapitular — disse ela. — O Greg e a Miranda chegam depois de amanhã. E o Marshal vai vender-lhes um quadro. E o quadro chega amanhã de manhã. O Rob vai ajudar, e eu também. Mas a questão principal é: tu vais ajudar? Ao que parece, o Greg gostaria que sim.

— Já alguma vez estiveste com ele? — perguntei.

— Umas vezes. Só em festas. O Marshal conhece-o bastante bem.

Marshal estava a preparar outra rodada de bebidas e assentiu, com um ar de modéstia.

— Considero-o um amigo.

Rob fungou.

— O que foi? — Marshal parecia incomodado. — É um tipo impressionante.

Marshal mostrava-se obviamente orgulhoso por ter acesso a Greg. Era, segundo disse, uma figura transformadora. Greg estava envolvido no sistema de pagamentos. E no armazenamento na cloud. E nos satélites, e na mitigação climática. Quando Marshal disse que Greg vinha lá, era expectável que toda a

gente sentada à mesa sentisse a gravidade desse advento, o nosso iminente encontro com as grandes forças tectónicas que estão sob a superfície das coisas.

— Como estabeleceste a relação com ele?

— A Miranda começou a levá-lo a exposições.

— A Miranda é a terceira mulher?

— Não. A segunda.

— Que idade tem o Greg?

— Sessenta e poucos, acho.

— E a Miranda?

— Trinta e cinco. É respeitável.

— E é ela quem se interessa por arte?

Marshal mencionou um dos mais importantes programas de mestrado da Costa Leste, onde Miranda tinha estudado.

— Ele já colecionava arte antes de a conhecer, mas, na verdade, não sabia o que estava a fazer. Tinha, sabes, um cão de Jeff Koons, um mau Picasso, algumas esculturas aleatórias que comprou na Miami Basel.

— O FPF é um bocado puxado para ele, então.

— Não me parece. Ela já o convenceu a comprar uma data de pinturas caóticas. Têm um Baselitz, por exemplo. O FPF faria sentido nesse esquema. É um quadro caro, mas o tema vai despertar o interesse dele. O Greg gosta de tudo o que tenha barcos. Pirataria, sabes? Ele não tem grande noção de quem foi o FPF, mas é aí que tu entras.

Rob levantou o queixo, que tinha encostado ao peito.

— Sessenta e oito — disse Alice. — A Wikipedia diz que ele tem sessenta e oito.

— Basta que lhe contes algumas histórias do FPF. Conta-lhe a da faca de manteiga. Essa é boa. Ei, Jay,

queres ouvir a história da faca de manteiga?

Marshal preparou mais bebidas, incitando Rob a contar uma história desconexa sobre o FPF, num jantar, com um colecionador, nos idos anos de 1980. Como Marshal e Alice já tinham, evidentemente, ouvido a história, Rob viu-se forçado a contá-la a mim ou, pelo menos, a projetá-la na minha direção. O FPF tinha acabado de vender um quadro ao colecionador. Estava na sala de jantar da penthouse do titã, tendo o jantar sido organizado para que o FPF pudesse apreciar como estava pendurado. Quando a sobremesa estava a ser servida, o FPF declarou estar a ver um erro, qualquer coisa inacabada que ele tinha de corrigir ali mesmo, naquele momento. Rob começou a ficar divertido, um pouco, pelo menos, com a descrição da agitação ao redor da mesa, à medida que o FPF extraía tubos de tinta do bolso, deitava a mão a uma travessa que usou como palete, misturava uma tonalidade de azul e, com uma faca de manteiga, fazia uma única e impercetível alteração.

— Foi tudo perfeitamente planeado, é claro — explicou Marshal, entregando bebidas com uma mão trémula — Por que outra razão haveria de ter levado tintas para o jantar? — Aplicou alguns guardanapos de papel nos salpicos. — Não acredito que tenha mesmo tocado na tela, mas é aí que está a genialidade da coisa. O colecionador e os amigos adoraram. Todos acharam que o artista era capaz de ver coisas que mais ninguém conseguia.

— Bem, eles não pagam esse dinheiro todo apenas por tinta — disse eu.

— Vou vender! — declamou Rob, para quem o quisesse ouvir. — Vou contar histórias empolgantes!

O tom dele era mordaz, e não objetivamente divertido.

A conversa mudou de rumo, afetada e às vezes incoerente, mas sem nenhuma malícia especial. Marshal explicou-nos que se via quase como um psicólogo matrimonial. O trabalho dele era levar Greg e Miranda a sentir a pintura, a senti-la como um prazer mútuo, experienciar a decisão de a comprar como uma coisa a que tinham chegado juntos, uma manifestação de amor.

— Tenho de os fazer acreditar que, se possuírem um FPF, vão ter o melhor sexo que experimentaram em muitos anos.

Continuou a divagar, como se estivesse a contemplar as relações sexuais do 0,1%. A cara dele empalideceu. Subitamente, levantou-se, derrubando a cadeira.

— Tenho de ir dormir.

— Sentes-te bem?

— Com certeza. Só preciso de descansar um bocado. Talvez a Nicole me deixe entrar no quarto.

— Mostra-lhe quem manda — aconselhou Rob.

Alice também se levantou.

— Vamos, Rob — disse. — Amanhã é um grande dia.

Rob pareceu ficar a pensar durante uns instantes, mas depois deixou-se conduzir. Fiquei sozinho à mesa, analisando os restos do jantar deles. O som das cigarras tornava a escuridão mais densa.

A CENA NA MANHÃ SEGUINTE pareceu digna de ficção científica. Figuras com máscaras e fatos de plástico de proteção química estavam a retirar uma caixa de madeira de um camião. Enquanto eu subia a colina do lago, vi que um deles se movia à volta dos outros, a falar e a gesticular. Ouvia a voz de Marshal, ligeiramente abafada por uma máscara antigás, exortando os carregadores a terem cuidado. A atmosfera era tensa, como se estivessem a manusear uma coisa perigosa e volátil, explosivos ou um recipiente de gás neurotóxico.

Nicole estava no estrado, sentada, de pernas cruzadas, num tapete de ioga, com uma máscara cirúrgica puxada para o queixo. Estava a olhar para o computador portátil, de sobrolho franzido. A refeição da noite anterior continuava na mesa ao lado. Os guaxinins tinham passado por lá, e havia comida e louça partida em pedaços, no chão. Olhando pela janela, conseguia ver as figuras distópicas a carregar a caixa dentro da casa. O contraste era chocante, como se eu estivesse simultaneamente presente em duas realidades, uma em que a pandemia era várias ordens de magnitude mais perigosa do que a outra.

— Desculpa a desarrumação, mas acho que é o dia de folga da empregada — disse Nicole. — Queres uma máscara? Tenho uma a mais.

— Limitar-me-ei a ficar fora do caminho deles.

— Tenho de te dizer que me vou embora. Provavelmente, hoje. Vou perder a cabeça se tiver de

continuar a conviver com esta gente.

— Então, tu e o Marshal?...

— Ele sabe, mesmo que não saiba.

— Para onde vais?

— Para a cidade. Alguém tem de tomar conta da minha avó.

Vindo de dentro casa chegou até nós o som de um instrumento elétrico: os carregadores estavam a desaparafusar a caixa.

— Viste, não viste? — Nicole olhava para mim com singular intensidade. — A maneira como o agente o matou, ali mesmo, na rua?

— É alguma coisa que está na internet?

— Não, não é «alguma coisa que está na internet». É um negro a ser lenta e publicamente asfixiado por um agente da polícia branco.

— Não vi.

— Então, talvez devesses. Talvez devesses ver.

Não reagi. Ela tinha um ar de desespero.

— Parece que decidiste ficar por cá.

— Por agora. Tenho de resolver algumas coisas.

— Tu e a Alice?

Desconsiderou o meu olhar, encolhendo os ombros, e voltou a prestar atenção ao ecrã.

— Onde é que eles estão? — perguntei. — A Alice e o Rob.

— Não faço a menor ideia. Foram dar um passeio. Provavelmente, para poderem continuar a discutir.

A porta de rede bateu e Marshal apareceu no estrado, como um emissário do futuro patogénico.

— Importas-te de entrar? — disse, dirigindo-se exclusivamente a mim, ignorando Nicole, com um tom profissionalmente brusco.

— Não me parece que tenha o equipamento adequado.

— Não tem importância. Já tiveste a doença e eles têm fatos protetores.

— Estou preocupado com a dimensão — disse ele, enquanto me conduzia pela cozinha. — Domina a sala. O que te parece? Talvez devêssemos retirar a mobília.

Os dois assistentes estavam a preparar-se para levar a caixa vazia. Quando me viram entrar sem máscara, deram um passo atrás.

— Não se preocupem — disse Marshal. — Ele já teve Covid.

Observei os fatos e as máscaras de alta qualidade.

— Como é que arranjaram este equipamento de proteção? Nem sequer os hospitais os têm.

— Tenho uma quantidade deles armazenada. Também tenho equipamento químico e radiológico. O que te parece? Devemos retirar a mobília?

Na área de estar da sala que praticamente ocupava o rés do chão, as cadeiras e os sofás tinham sido empurrados para o lado, a fim de abrir espaço para uma grande tela, com cerca de um metro e oitenta de largura por um e vinte de altura. Mostrava um gigantesco navio cruzeiro branco que vomitava passageiros para uma cidade meio submersa cujos edifícios clássicos em ruínas eram lambidos pelas ondas. O navio e alguns edifícios estavam pintados com precisão meticulosa, com minúsculos pormenores integrados, enquanto outras partes da pintura estavam preenchidas com pinceladas toscas, quase violentas. Se se olhasse com atenção, era possível perceber, entre as ruínas, estruturas que pareciam deslocadas, colunas que talvez pudessem ser rolos de papel de cozinha, garrafas

gigantes, uma delas com um rótulo de gim a descolar-se. Em fundo, apinhados na moldura, estavam os turistas, figuras semi-humanas horrorosas, todos com coletes salva-vidas cor de laranja.

— É uma obra tardia, intitulada *Ruína Azul*. Fez uma série. Nunca as viste?

— São posteriores à minha época.

— Estiveram na grande exposição póstuma, aquela que levou toda a gente à loucura. Todas têm os turistas, embora às vezes sejam formas abstratas. Como aquelas pequenas formas negras. São alguns dos trabalhos mais procurados.

— Era um excelente desenhador.

— E divertido, também. Qualidade que me parece pouco valorizada na pintura.

— A quem pertence?

Sorriu discretamente e fingiu observar o tapete.

— A um cliente. É o melhor quadro que está numa coleção particular. Os outros estão quase todos em museus.

Enquanto falávamos, os assistentes retiraram a caixa da sala, para a voltar a carregar no camião. Marshal foi despedir-se deles, e fiquei a observar *Ruína Azul*, deixando-me possuir pela sua imagética de desastre. Era um bom quadro. Já há muito tempo que não estava diante de uma pintura tentando vê-la.

Marshal regressou à sala, já sem a máscara antigás, que lhe tinha deixado uma marca avermelhada, como uma faixa ondulada, na testa. Enquanto ele despia o fato de proteção, o meu olhar foi atraído para um relâmpago de cor contra o verde das árvores no exterior. Rob e Alice desciam a colina, vindos dos lados do estúdio dele. Eu e Marshal ficámos a observá-los

enquanto percorriam a vereda.

— Momento da verdade — disse ele, abrindo as portas de vidro que davam para o estrado. — Ei! — gritou-lhes. — Está aqui! Já chegou!

Alice acenou molemente, e continuaram a caminhar na nossa direção. Quando chegaram mais perto, pude ver como pareciam abatidos, com os ombros caídos, sobreviventes em farrapos de um naufrágio emocional qualquer. Quando entraram na sala de jantar, Alice dava ares de ter estado a chorar. Rob suave e estava agitado. Foi então que viu o quadro. Abriu muito os olhos e, durante uns segundos, pensei que estava a ter um ataque qualquer, uma apoplexia.

— Oh, porra, não. — Dirigiu-se a Marshal. — Não. Este não. Entre todas as pinturas que há, esta é que não.

Alice atirou-se a ele, instantaneamente furiosa.

— Disseste que o ias fazer. Acabaste de mo prometer, há cinco minutos.

— E foi a sério. Fá-lo-ia por qualquer outra pintura, mas por esta, não. Não sou capaz.

— Seja qual for o teu misterioso problema, vais ter de o superar — disse Alice. — O Marshal tem sido incrivelmente generoso deixando-nos ficar aqui. Estás a abusar.

— Não sou capaz.

— Porquê?

— Porque não. Está bem? Tens de ouvir o que te dizem, uma vez na vida.

— Não estou a perceber — disse Marshal. — Tens alguma coisa contra este quadro?

Rob não replicou, limitando-se a sair para o estrado, onde ficou parado, durante uns momentos, como se

estivesse a decidir o que fazer. Depois, sem dizer mais nada, começou a subir a colina. Vimo-lo abrir a porta do celeiro, que fechou cuidadosamente, depois de entrar.

Marshal dirigiu-se a Alice.

— Tens de o convencer.

— Com certeza — retorquiu ela, com vivacidade. — Mas primeiro, vamos almoçar.

Marshal chamou a atenção para o facto de serem dez da manhã. Alice encolheu os ombros.

— Temos de limpar isto. Os guaxinins fizeram uma lixeira no estrado. Depois, podemos preparar qualquer coisa boa para comer. Tenho salmão. Posso cozê-lo ou fazê-lo num tacho, com molho de soja. Se estivéssemos na cidade, podia arranjar *bok Choi*...

Alice parecia estar a tentar acalmar-se, descrevendo a ementa, como se quisesse abafar a tensão que sentia com um cobertor de boa vida.

Confrontado com a perspectiva de fazer tarefas domésticas, Marshal lembrou-se de que tinha de fazer uns telefonemas. Eu e Alice fomos reunir material de limpeza. Mal pusemos os pés no estrado, Nicole pegou no computador portátil e afastou-se, para se ir sentar no banco perto da água. Alice não tentou falar com ela ou pedir-lhe para ajudar. Enchi um tabuleiro, enquanto Alice varria os restos que havia no chão.

— Estás bem? — perguntei.

— Não, mas não vamos falar sobre isso.

Na cozinha, enchemos a máquina de lavar louça. Alice mexeu no telemóvel e sons de Bossa Nova encheram a divisão, trazendo uma estranha sensação de ambiente familiar. Ela começou a movimentar-se ao ritmo da música e, subitamente, tornámo-nos donos da

casa, um casal que ocupava um espaço partilhado, desfrutando os sons cosmopolitas do Rio da década de 1960.

— É isto que tu fazes?

— Todos os dias, há meses. Enquanto marino o salmão, achas que podes preparar uma salada?

Dois cantores, um homem e uma mulher, trocavam versos com vozes suaves e lamentosas. Observei Alice a secar o peixe com quadrados de papel de cozinha.

— Disseste que o Rob não era capaz de trabalhar na cidade.

— Acho que tinha receio de ficar doente. Estava a beber mais do que o costume, que é a maneira que tem de exprimir emoções. Tudo o que nós fazíamos era consultar o telemóvel. Ficávamos deitados na cama até à uma ou duas da manhã, a ver publicações nas redes sociais. Fiquei satisfeita por sair dali.

Continuámos a falar e a cozinhar. Foi inconsequente: era o comportamento de pessoas que se conheciam bem e a quem sobrava tempo. Imaginei-me a viver com Alice, a ouvir aquelas delicadas vozes cantar. Sabia que ela estava a fazer o mesmo. A fantasia em que estávamos a ser coniventes era sentida como involuntária: era como se estivéssemos a ser habitados por sombras, versões adjacentes de nós próprios.

— Parece muito melhor.

— Sinto-me bem, como há muito não sentia.

— Continuo a achar que devias consultar um médico.

— Hei de pensar nisso.

— A sério. Se morreres, o que queres que eu faça?

O tom de voz dela era ligeiro e irónico, mas a ligeireza era meramente superficial.

— Podes enterrar-me na clareira espelhada.

— Gostas desse sítio.

— Gosto.

— Mas, se te enterrar na mata, vai alguém sentir a tua falta? Quem gostarias que avisasse?

Uma pausa começou a formar-se ou a coagular-se, espessando o ar entre nós. Foi quebrada pelo alegre toque polifónico do telemóvel de Alice.

— Viva, querida — disse ela. — Está tudo bem?

Tive um vislumbre da rapariga que estava no ecrã, com uma cabeleira comprida que lhe caía sobre os olhos. Falaram em francês e, quando ela se dirigiu para a divisão adjacente, lembrei-me de que, na realidade, sabia muito pouco sobre a vida de Alice. Tinha uma filha de dezasseis anos, nascida da relação com Rob. Juntos, tinham segurado um bebé recém-nascido e ficado fascinados com todas as primeiras coisas — passos, palavras e desenhos —, tinham assistido a eventos escolares, mitigado lágrimas. O dueto Bossa Nova pareceu subitamente uma piroscice. Teria desligado a música, se soubesse como.

Nicole irrompeu, sem fôlego, na cozinha, como se tivesse vindo ter connosco a correr.

— Acho que tens de ir ali fora — disse ela.

Segui-a até ao estrado. O que vi no cimo da colina foi tão flagrantemente surreal que tive de rir. Era o quadro, *Ruína Azul*, a mover-se pela vereda, em direção ao celeiro. Parecia, a todos os títulos, que estava a caminhar sozinho, e demorei alguns minutos a perceber que era Rob quem o transportava. Enquanto o observávamos, chegou ao celeiro, encostou o quadro à parede, como qualquer placa velha, e abriu a porta.

— O que tem ele às costas? — perguntou Nicole.

Eu sabia o que era. Era a arma de Marshal. Ficámos a ver, em silêncio, como Rob levava a pintura para dentro do estúdio e depois fechava a porta.

Uma pancada, e depois Nicole começou a acenar freneticamente a Marshal, que subia o relvado, vindo do lago, ainda a falar ao telefone.

— Jay? O que se passa? — A voz de Alice era angustiada, tensa. — Ele tem a arma?

— Tem.

Marshal saltou para o estrado.

— Qual é o alvoroço?

Nicole tentou explicar.

— O Rob levou o quadro.

Marshal pareceu ficar confuso.

— O que estás a dizer?

— Ele levou o quadro para o estúdio.

— Levou o quê?

— Levou-o lá para cima.

— Oh, meu Deus, se ele o danificou... Oh, meu Deus!

Torcendo as mãos, Marshal lançou-se vereda acima, a correr. Como se tivéssemos sido libertados de um feitiço, seguimo-lo. O edifício para onde corríamos era uma imitação engenhosa, uma construção moderna ao estilo de um celeiro neerlandês, com revestimento exterior escurecido e um telhado de quatro águas, crivado de grandes claraboias. Parecia ter sido concebido para servir de estúdio, e interroguei-me por que razão Greg o teria mandado construir. Marshal chegou à porta e deitou a mão ao puxador, mas Rob devia tê-la fechado por dentro.

— Rob! O que estás a fazer? Deixa-nos entrar!

A voz de Rob chegou até nós abafada.

— Desapareçam! Não quero ver ninguém!

— Abre! O que estás a fazer à pintura?

— Ainda não decidi.

— Marshal, ele tem a tua arma.

Marshal deu meia-volta e encarou Nicole.

— Ele o quê? Como? Qual arma?

— «Qual arma»? O que queres dizer com isso?

— Tenho mais do que uma. Uma carabina?

— Parece aquela que tu tinhas.

— Merda. Mas duvido que saiba carregá-la.

Retomou as pancadas na porta.

— Isto não tem graça nenhuma, Rob. Tens aí dentro vários milhões de dólares. Vários milhões de dólares que não te pertencem. Raspaste-o? Pousaste-o no chão?

Não houve resposta, e subitamente Marshal descontrolou-se. Começou a atirar-se contra a porta, amaldiçoando Rob e exigindo que ele o deixasse entrar. Nicole tentou acalmá-lo, mas ele empurrou-a com bastante força, de modo que ela cambaleou e quase caiu. Com irritação, levantou as mãos e começou a caminhar de volta à casa, dizendo que, acontecesse o que acontecesse, não queria ter nada que ver com aquilo.

— Abre! — gritou Marshal, com uma voz tensa e estranhamente aguda. — Abre, sacana! Se não abrires, vou rebentar com a fechadura!

Marshal concedeu algum tempo a Rob, mas, como nada aconteceu, começou a descer a colina. Alice tomou o lugar dele à porta.

— Rob? Rob, querido, o que estás a fazer? O Marshal está a ficar doido.

— Diz-lhe que não quero falar com ele. E que sei carregar a arma.

— A arma está carregada?

— Recua. Afasta-te da porta.

— Não dispares!

— Vou disparar para o teto, e não para ti.

Afastámo-nos. Ouviu-se um disparo e depois um som incrivelmente alto, quando um dos grandes vidros de uma claraboia caiu em estilhaços dentro do celeiro.

— E agora, deixem-me em paz. Saio quando tiver decidido o que vou fazer.

— Rob, por favor — disse Alice. — Não te ponhas a mexer outra vez na arma.

Do interior, veio o som de uma gargalhada, que se transformou em tosse gutural.

Marshal estava de regresso, e avançava pesadamente na nossa direção, pelo relvado. Algo estranho e obscuro se tinha passado com ele. Pensei que devia estar ferido, que as tripas lhe saíam do abdómen, mas, quando chegou mais perto, pude aperceber-me de que as manchas e riscos da roupa eram de tinta, um carregado tom rosa-escuro. Tinha tinta nas mãos. Os sapatos estavam ensopados em tinta. Estava, se isso era possível, mais furioso do que antes. Tentando dominar a raiva, disse-nos que Rob tinha derramado tinta sobre as armas que estavam guardadas.

— Na minha Glock. Na caçadeira. Nos coletes, nas munições, nas miras, em tudo, raios me partam. Ficou tudo imprestável. Era capaz de o matar. Só não percebo como descobriu.

— Todos sabemos onde é que as escondes — disse Alice. — É na garagem.

— Acho que ele trouxe algumas munições.

— A arma está mesmo carregada. Ele rebentou uma das claraboias.

— Ele, o quê? O ruído foi isso?

— Foi. Para nos mostrar que estava carregada.

Marshal voltou a bater com força à porta, deixando uma pequena mancha cor-de-rosa na madeira escurcida.

— Rob? Não faças nada. Não te firas. E afasta-te do meu quadro, estúpido.

— Achas que isso vai ajudar? — Alice estava agitada. — Faz mas é o favor de tentar acalmar os ânimos.

Marshal esbracejou na direção dela, num gesto que presumi ser uma tentativa de a acalmar. Depois, deu um pontapé na porta e recomeçou a gritar.

— Rob, devolve-me a maldita arma!

A voz de Rob soou muito perto.

— Vou dar um tiro no quadro!

— Não faças isso!

— Quero rebentar com ele.

— Suplico-te, Rob.

— Se continuares a gritar, vou mesmo rebentar com ele a tiro. Vão-se embora e deixem-me pensar.

Afastei Marshal da porta.

— Vamos regressar à casa. Lá, podemos falar.

Marshal assentiu. Enquanto descíamos a colina, quase tive de o amparar. Parecia traumatizado, incapaz de lidar com o que tinha acontecido. Ao chegarmos perto da casa, deu conta de que estava a deixar pegadas cor-de-rosa no estrado de madeira. Praguejando, saltou de novo para o caminho. Observei-o enquanto se descalçava, a saltitar.

Eu e Alice abrimos as portas da sala de estar e ouvimos umas pancadas irregulares. Nicole estava a arrastar uma pesada mala, pelas escadas abaixo. Olhou

para lá de nós.

— O que te aconteceu?

Marshal segurava os sapatos com uma mão. Olhou para a namorada, vestida para viajar, parada diante da mala.

— Agora não, Nicole. Por amor de Deus, agora não.

— Agora não, o quê?

— Não tenho tempo para isso.

— Bem vejo.

— Por isso, limitemo-nos, quero dizer... a mala. Tudo... seja lá o que estás a fazer. Não tens de fazer nada disso. Não tens de fazer nada drástico.

— Não estou a fazer nada drástico, Marshal. Vou chamar um táxi.

Marshal dirigiu-se a Alice.

— Temos de chamar a polícia. O Rob perdeu a cabeça por completo.

Fosse lá por que fosse, aquilo foi a última gota para Nicole.

— E ainda te interrogas por que razão me vou embora? Se fizeres esse telefonema, um bando de imbecis que gostam de carregar no gatilho vai aparecer e ficar a mascar pastilha elástica, para, passado algum tempo, se cansar de esperar que ele saia, e começar a rebentar com o edifício. E, nessa altura, o teu amigo vai estar morto, percebes? É isso que queres?

— Ele é branco, Nicole.

— Vou fingir que nunca disseste isso.

— Estou só a constatar factos. E há o quadro. Não vão correr o risco. Precisamos de alguém experiente. Um negociador de reféns.

— Alguém experiente?

— Talvez o FBI.

Alice disse, quase num sussurro:

— Ele vai suicidar-se.

Eu estava a pensar o mesmo. Algo no tom de voz dela fez acalmar Nicole e Marshal.

— Ele não faria isso, pois não? — perguntou Marshal, abanando a cabeça.

— Não sei. Mas tem uma arma com ele e... Bem, dissemos algumas coisas duras um ao outro.

— O que podemos fazer? — perguntei.

— Acho que sou eu quem tem de encontrar uma solução. É o meu marido.

Não gostei nada da ideia. Rob era um homem zangado, com uma fraqueza pelo comum. Era capaz de o imaginar a decidir partir com o único amor verdadeiro ao lado.

— Deixa-me ir contigo — implorei-lhe.

— Não me parece que isso seja uma boa ideia.

— Alice, por favor. Deixa-o acalmar. Não vás lá acima agora.

Não consegui fazê-la mudar de ideias. Ansiosamente, observei-a a subir a vereda, perguntando-me se seria a última vez que a via com vida.

Nicole sentou-se no sofá.

— Ora, cá estamos, com mais um branco a querer pegar fogo ao mundo só para resgatar o seu frágil ego.

— Isso não é justo — disse Marshal.

— Estou-me nas tintas para que seja justo ou não. Reduzir tudo a ele próprio. Uma porra de exibição de sofrimento como se fosse um espetáculo da Broadway.

— Vou subir para mudar de roupa.

Vi, pela janela, que Alice tinha chegado ao celeiro. Nicole estava a falar comigo, mas não a ouvia.

— Diz-me uma coisa: o teu carro funciona?

— Só um minuto.

Alice estava encostada à porta do celeiro. Rezei para que Rob a não abrisse.

— Merda.

A porta abriu-se e Alice entrou. Durante uns instantes, consegui ver Rob, enquanto ele fechava a porta. Quanto tempo levaria até que as coisas rebentassem? Uma discussão, lágrimas, a porta trancada, pegar na arma.

Marshal regressou do andar de cima, vestido com roupa lavada.

— Está a acontecer alguma coisa?

— Ela está lá dentro.

— Bem, isso é bom, não? Alice sabe como acalmá-lo.

— Não tenho a certeza.

— É melhor que saiba. É tudo o que tenho para dizer. De uma maneira ou de outra, vão pagar os estragos que causarem ao quadro.

— Credo, Marshal. Que se lixe o quadro.

— Pois. Está bem. — Dirigiu-se a Nicole. — Olha, não te vás embora. Por favor. Seja o que for, podemos discutir o assunto.

— Seja o que for?

— Estou a falar a sério. Suplico-te que não vás embora. Deixa-me resolver isto. Depois, falamos. Vamos encontrar uma saída.

— Então, começaste subitamente a interessar-te? Marshal, quando ligo à minha avó, ela pergunta-me sempre se és o meu namorado. É, digo-lhe, é o meu namorado. E depois ela pergunta-me se tu sabes isso. E nunca sei responder-lhe.

Começou a explicar-lhe por que razão aquilo não ia funcionar, por que razão não queria encontrar uma saída, e ele fez uma espécie de defesa pouco convincente. Não aguentei mais.

— Será que podem calar-se?!

Não era capaz de compreender como podiam estar a falar da relação deles quando Alice estava no celeiro com Rob e uma arma. Olharam fixamente para mim, de boca aberta. Saí de casa e caminhei um pouco pela vereda, para me afastar deles e ficar mais perto dela, do que quer que estivesse a acontecer na caixa preta, no cimo da colina. Estava a começar a sentir uma deslocação familiar, fixando-me na irregularidade das pranchas do lado mais próximo, uma falta de simetria oticamente dissonante que parecia estar a desfazer-me fisicamente, cerceando as linhas que me ligavam ao meu corpo. Tentei regular a minha tensão. Que me propunha fazer? Forçar a entrada, rebentando a porta e dando um nó no cano da arma? Estava tolhido pela antecipação do som, do disparo único que destruiria tudo.

Então, a porta abriu-se e Alice começou a descer a vereda na minha direção. Avancei para ela, quase chorando de alívio, mas ela abanou a cabeça e esticou a mão, para me manter à distância, de modo que parei e aguardei que se aproximasse.

— Ele está a observar — disse ela.

— O que aconteceu?

— Nada de especial.

— Não estás ferida?

— Não, mas não aceitou dar-me a arma. Tentei chamá-lo à razão, mas ele disse que não quer falar comigo. Quer falar contigo.

— ROB?

— Está aberta. Só custa a abrir.

Empurrei a porta, fazendo-a deslizar nas calhas, com solavancos. O celeiro era um edifício bastante grande, e parecia ainda maior no interior, uma caverna que Rob estava a habitar de uma forma transitória, irregular. A luz do norte batia suavemente nas paredes interiores brancas, dando ao espaço uma quietude intemporal, onírica. Eu estava parado, numa espécie de zona de estar, uma ilha na vastidão do chão cinzento impermeabilizado. Um velho sofá de cabedal modular confinava com um tapete persa puído. A superfície de uma mesinha de café quase não se via, sob montes de objetos em equilíbrio precário: um computador portátil equilibrado em cima de uma pilha de livros de arte, um prato de comida meio consumida, um azulejo vidrado, cheio de pó. Não era difícil perceber como Rob tinha estado a passar os dias. Uma área da parede estava coberta de marcas, para onde, evidentemente, tinha estado a atirar uma bola de borracha. A pouca distância do sofá, havia uma mesa com um gira-discos, um amplificador e um monte de LP, com os cabos a aparecer por trás de um par de colunas de alta-fidelidade de modelo antigo, direcionadas de modo a que a audição fosse a ideal no local onde, mais ou menos, alguém que, dormindo uma sesta no sofá, pousaria a cabeça. Outras mesas estavam apinhadas de tintas, pincéis e diversos outros detritos da vida de um pintor.

Normalmente, é possível entrar num estúdio e dizer-se o trabalho do artista está a correr bem. Quer esteja meticulosamente limpo e organizado quer seja do género estrebaria, adotado por tantos pintores, cada estúdio tem as suas modalidades, as suas qualidades de repouso e movimento. Se tem havido ação, a sensação é de transformação e de processamento. Caso contrário, o asseio não passa de esterilidade, a imundície é apenas abjeção. Rob tinha montado um cavalete e, no chão, ao redor, havia um arco de salpicos e manchas. Uma pilha de telas com primário estava encostada a uma parede. Outra tela, virada para a frente, mostrava as provas de riscos inconsequentes. O meu olhar foi atraído para uma máscara cirúrgica que tinha sido presa e pintada por cima, como se fosse a cifra de uma figura humana. Algumas faixas cor-de-rosa e violeta partiam dela, sugerindo vagamente membros. Nada de especial. Um esquiço, o início de uma ideia. Rob estava a pintar a óleo, mas havia igualmente latas de tinta para exterior alinhadas em filas esculturais e um aparelho para pintar a spray, do tipo usado para carros personalizados. Havia rolos do que parecia ser papel de alumínio e diversas caixas e grades. Tudo estava intocado. Quase ao fundo, o chão estava coberto de fragmentos de vidro. O ar que entrava pela claraboia quebrada remexia os papéis em cima da mesa.

No meio do espaço, entre a zona de estar e o vidro estilhaçado, estava *Ruína Azul*, teatralmente assente numa pesada estrutura em H, a alguma distância da desordem do estúdio. Diante do quadro, duas cadeiras. Rob estava sentado numa, inclinado sobre qualquer coisa que tinha no colo. A carabina estava pousada no chão, ao lado dele. Os meus passos ecoaram um pouco,

ao percorrer o espaço aberto, em direção a Rob.

À medida que me aproximava, vi que estava a enrolar um charro, com a capa de um álbum a balouçar-lhe nos joelhos. Dei-me conta de que, na era dos cigarros eletrónicos e das pastilhas, já há muitos anos não via ninguém fazer aquilo.

— Bem, que se foda — atirou ele para o ar. — O que queres que eu diga? Não me parece que fossem felizes.

Demorei um momento a perceber.

— Não, não éramos.

— Portanto...

— Mas isso não é justificação. Julguei que fôssemos amigos. Confiava em ti.

Com um movimento de cabeça, apontou para a outra cadeira.

— Queres uma bebida ou outra coisa? Há cerveja no frigorífico, ali na cozinha.

— Não, estou bem.

— Como queiras.

Sentei-me e ele terminou o charro, pousando a capa do disco no chão, enquanto analisava, com ar performativo, o seu trabalho manual. Depois, acendeu-o e puxou um par de vezes até ficar satisfeito com a maneira uniforme como estava a queimar.

— Estava zangado com o que lhe andavas a fazer, para te ser franco. Tinha-la posto a consumir tantas drogas.

— Não era bem assim.

— Mas era. Quando chegámos cá, ela era um esqueleto. Era como se estivesse a tomar conta de uma inválida. Levava-a a passear no parque, e ela tinha de se agarrar a mim. Não conseguia dormir. Tinha pesadelos, suava. O simples cheiro de comida

provocava-lhe vômitos.

— Recordo-me de que ela não comia.

— Mas não fizeste nada quanto a isso, pois não? Estávamos instalados num hotel, um bom hotel, pago com o cartão dela, e eu estava desesperado, julgava que teria de chamar um médico. Depois, houve um dia em que estávamos naquele restaurante ucraniano, na 1.^a Avenida, e pedi *pierogis*, sabes, aqueles pastéis de queijo, porque estava com fome, e é claro que pensei que ela não queria nada, mas pediu-me um, e depois outro. Acabou por dar cabo de dois pratos deles. Depois disso, não fui capaz de a parar. Comia e comia. Era como se tivesse estado num acampamento. De qualquer modo, o que quero que saibas é que nunca me senti mal por tê-la levado comigo. Tê-la-ias matado.

— Nunca a obriguei a drogar-se.

— Ah, isso é que obrigaste. Andavas por toda a Londres, com montes de dinheiro dela, a comprá-las. E ela não tinha estrutura para aguentar, não era como tu. Foste sempre um animal. Ela não tinha a tua resistência.

— Então, eu sou o monstro e tu o cavaleiro de armadura branca dela?

— Sou o marido. Queres que te peça desculpa por ter fugido com o teu passarinho? Não te vou pedir desculpa. Mete isso na cabeça. Nunca te pedirei desculpa.

— Mas não foste capaz de me enfrentar.

— Talvez isso seja justo. Talvez te devesse ter dito o que pensava de ti.

— Talvez devesses.

Deu outra passa no charro e pegou na carabina, que pousou no colo.

— Então, qual queres? O charro ou a carabina?

— A carabina, Rob. Vamos fazer sair a arma da equação. Toda a gente está assustada.

Estendeu-me o charro.

— Resposta errada.

Peguei no charro, embora ficar drogado fosse a última coisa que queria fazer. Rob observava-me, com ar de avaliação. A minha aversão devia estar espelhada na minha cara.

— Abstémio, hã?

Apontou a arma para o meu estômago.

— Queres isto?

— Rob.

— Vai buscar duas cervejas ao frigorífico! Vá lá! Mexe-te!

Vendo a minha expressão, riu-se e levantou-se atirando a carabina para cima do ombro.

— Estou só a entrar contigo. Eu vou buscar as cervejas.

Permaneci sentado, a observar o que me rodeava, enquanto tentava controlar a respiração. Provavelmente, teria conseguido chegar à porta, mas era pesada e estava longe, e havia qualquer coisa em mim, uma coisa fatalista, que me colava à cadeira. Quando me viu pela primeira vez, o fantasma do passado dele, Rob tinha perguntado se eu estava ali para o matar. Talvez uma projeção. Uma premonição. Voltou e entregou-me uma cerveja, recostando-se pesadamente na cadeira.

— À nossa.

Batemos com as garrafas uma na outra e engolimos o líquido frio, que pareceu subitamente muito bem-vindo. Tinha a garganta muito seca, e havia qualquer

coisa no ar que me irritava os olhos.

— Com que então tu e o Marshal, hã? Rob adotou um tom coloquial, embora a boca torcida indicasse escárnio. — Parece que és o novo projeto dele. O escolhido. Há muito que não o via tão entusiasmado com um artista.

— Ai, sim?

— Os dois vão fazer bons negócios.

— Não quero ter negócios nenhuns com o Marshal.

— Mas devias. Não há nada que o meio artístico aprecie mais do que alguém que não parece querer fazer parte dele. Foi sempre esse o meu problema. Cheiram-me à légua. É um cheiro sujo.

Devolvi-lhe o charro.

— Ainda não decidi o que vou fazer.

— O que quer isso dizer? Foi para isso que vieste para cá, não foi?

— Não vim para cá para nada. Sei que não to posso provar, mas não faz parte de nenhum plano.

Ficou a olhar para mim fixamente, a tentar perceber se lhe estava a contar a verdade, com a perna direita a subir e a descer, fazendo a coxa carnuda bater sem parar no assento da cadeira. A tremura era familiar, mas enervante. O cano da arma que tinha pousada no colo estava apontado para mim, e saltitava para baixo e para cima, numa pequena elipse.

— Importas-te de pousar isso, Rob?

— Isto? Está a incomodar-te?

— Está. Ou, pelo menos, aponta-a para outro lado.

— É justo. — Virou o cano para o outro lado. — Assim está melhor?

Assenti e ficámos sentados em silêncio. Ele deu uma passa funda no charro. O fumo entrou mal, e começou a

tossir. Virou-se e cuspiu para o chão, limpando a boca com as costas da mão, gesto que interpretei como uma manifestação deliberadamente grosseira: o senhor do castelo, que pode fazer o que lhe apetece.

— Lembras-te daquela história estúpida que o Marshal me pediu para te contar, ontem à noite? Aquela sobre a encenação que o FPF engendrou na festa? Falta uma parte. Afinal, o colecionador não ficou muito satisfeito. Depois de os convidados terem regressado a casa, sentou-se durante bastante tempo a olhar para o quadro, tentando perceber o que o FPF teria mudado. Por mais que olhasse, não conseguiu ver nada, e isso começou a irritá-lo. Depois disso, sempre que olhava para o quadro, sentia irritação, de modo que acabou por retirá-lo da sala de jantar para o pendurar numa parede da casa de praia. Até ter deixado de considerar que havia razão para o manter e o ter posto à venda, num leilão.

— Ninguém gosta de perceber que o tomaram por parvo.

— Achas que foi isso? Percebeu que o FPF o tinha ludibriado?

— Que mais pode ter sido?

— Acho que foi a síndrome do impostor. Medo de que, por não ser capaz de ver aquilo que o FPF tinha alterado, talvez as pessoas acabassem por perceber que estava apenas a fingir ser um grande conhecedor de arte, que se desloca de avião particular a leilões e feiras.

— Pareces o Jago a falar.

— Credo, o Jago.

— Costumava falar sobre que papel cada um representava.

— Muitos desses tipos são assim. Sabem que não merecem o dinheiro que têm, e estão sempre aterrorizados com a possibilidade de alguém perceber que não passam de uns punheteiros, como todos nós. É por isso que entram em ridículas competições de ver quem mija mais longe em coisas como a arte. Nenhum é capaz de se dar por vencido.

— O que estás a tentar dizer é que não achas que devas contar essa história ao Greg.

Riu-se.

— O FPF soube que tinha fodido tudo. O colecionador contou a verdade a um ou dois dos amigos dele, e é claro que eles contaram a outras pessoas. Por isso, quando o quadro foi vendido, tornou-se uma espécie de piada privada... Como o FPF era imbecil a ponto de ter conseguido que um dos seus maiores colecionadores deixasse de olhar para a obra. Odiava que lhe recordassem isso. Eu estava lá quando alguém lhe atirou isso à cara, o que originou uma cena de murros à porta daquele restaurante francês em Tribeca, que todos costumavam frequentar.

Olhou para mim, avaliando a minha reação.

— Mau, certo? Tudo o que desprezas no horroroso mundo artístico.

Depois, girou a arma e apontou-a novamente para mim, encostando a coronha ao ombro, como se fosse disparar.

— É melhor estares fora disto, Jay.

— Vá lá, pá.

Fez uma pequena imitação em tom agudo da minha voz.

— *Vá lá, pá.* A cada dia que passa, pergunto-me como vim parar aqui. Que porra fiz eu? Só queria ser

livre, sabes? É claro que *tu* sabes! Isso era tudo para ti, nunca ter de dobrar o joelho. — Baixou a arma. — Não sou capaz de avaliar quanto daquilo que nos contaste na outra noite é verdade, mas, mesmo que seja apenas metade, então, bem, parabéns. Ganhaste. Conseguiu. Foste um homem livre. Mais do que eu, pelo menos. O que não compreendo é porque queres regressar.

— À arte?

— É tudo uma bosta tão grande. Dirigir um estúdio, todos à espera de que lhes digas o que devem fazer. É uma tensão lixada. E depois querem seguros de saúde, e se olhares para as mamas de alguém, é assédio laboral. Trocava contigo de imediato.

— Trocavas?

— Pelo menos, as pessoas deixaram-te em paz. Estou fodido, companheiro. É a cultura do cancelamento. Andas a pisar ovos o tempo todo. Especialmente, com os jovens, que são uns Guardas Vermelhos da porra. Por isso, o melhor para ti é estar fora disto. Também, nunca gostaste assim muito. Sempre agiste como se estivesse por cima, como se fosses superior a toda a merda que se tem de fazer para nos mantermos na jogada. — Voltou a erguer a arma. — O que eu penso é que sempre achaste que eras melhor do que eu porque não tentaste vender nada. Mas agora não fazes nada, por isso, não és realmente um artista. És... não sei... nada.

Podia tê-lo feito naquela altura, se é que o ia fazer. Carregar no gatilho, tornar-me nada. Mas continuou a falar. Disse que queria viver e que não lhe parecia haver nenhum mal nisso.

— Sempre falaste sobre quem era ou não era artista. Era nisso que estavas interessado, santos e pecadores. Nunca foi realmente sobre fazer arte.

— Referes-te ao ofício.

— Oh, vai-te lixar. Eu queria ser livre para poder pintar. Tu querias... Bem, não sei se que querias alguma coisa. Acho que tu simplesmente não gostavas muito das pessoas. Sei que nunca pensaste que o fizesse, mas eu percebi-te. Tudo isto? — Fez um gesto que abarcou o estúdio. — Odiarias. Ou, não sei. Talvez não. Talvez tenhas mudado. Talvez quando o Marshal se ocupar de ti comeces subitamente a usar fatos italianos, a reservar mesa em clubes e a comprar garrafas de vodca com brilhantes.

— Como tu?

— Como eu.

Virou a arma para o quadro e imitou uns sons de tiros, como uma criança a brincar à guerra.

— E o que tenho agora entre mãos? A minha mulher pensa que devo livrar-me das dívidas ajudando o Marshal a ganhar uma comissão. Com isto! Que gozo! Devia esburacá-lo a tiro.

— É isso que queres fazer? Disparar contra o quadro?

— Não sou capaz de enganar nenhum colecionador explicando-lhe as razões por que isto é a prova do génio do FPF.

— E porque não?

— Porque é meu. O quadro é meu. Fui eu quem o pintou. Ele só o viu depois de estar seco.

— Não sabia que ele trabalhava dessa maneira.

— E não trabalhava. Eu não estava a seguir as instruções dele. Fui eu quem o pintou.

— Mas o estilo, os motivos, tudo isso é do FPF.

— Não. É tudo meu.

— Vá lá. O Marshal disse-me que ele pintou uma

série completa, e tudo aquilo com embalagens e as garrafas é mais ou menos a cena dele.

— As garrafas são minhas. Ele pôs lá aqueles rolos de papel higiénico.

— Não disseste que o tinhas pintado?

— Meu Deus, isto é complicado. Em primeiro lugar, ele apenas fez a série depois de ter visto este quadro. Eu nem lho ia mostrar.

— Estou a ficar confuso.

— A coisa é confusa. O FPF tinha um edifício em Tribeca, com quatro pisos e mais metros quadrados do que aqueles a que conseguia dar uso, de modo que eu tive um estúdio lá, durante algum tempo, um estúdio meu, onde fazia os meus trabalhos. Isso acabou por ser uma péssima ideia, porque do que eu precisava era de distância do FPF e dos dramas dele. Seja como for, quando ele morreu (e morreu subitamente), a entidade responsável pela herança selou o espaço e encarregou alguém de fazer o inventário, e alguns dos trabalhos catalogados como sendo dele eram, na verdade, meus.

— A sério?

— Sim.

— E porque não disseste nada?

— Era tudo uma grande confusão. Eu tinha tido uma discussão com ele. Havia a situação relativa a este quadro, e depois ele pôs as patas na Alice, o que foi a última gota para mim, e não estava de facto em contacto com eles. Mas o quadro é meu. Vou provar que é assim. Olha aqui para baixo.

Apontou para um dos pequenos turistas que saíam aos molhos do navio. Era diferente dos outros, e pude verificar que era como as figuras que ele costumava pintar anos antes, quando éramos amigos, versões dele

próprio, que tinha o hábito de inserir nas obras que fazia. Este era tão abstrato que quase não se reconhecia, mas consegui discernir a barriga, o cabelo desalinhado e um simples traço preto que eu sabia ser um cigarro pendurado nos lábios.

— Estás a ver, não estás? O quadro é meu.

— Bom, consigo perceber que fizeste isso, mas disseste que ele pintou outras partes.

— É por isso que é impossível! É completamente impossível, porra! Roubou-mo. Literalmente. Levou-o do meu estúdio para o dele. Tinha sido assistente dele durante três anos, por isso, conhecia-lhe os truques. Tudo o que caísse na órbita dele pertencia-lhe. Não tinha qualquer vergonha em roubar. Sabes como um miúdo pequeno estende a mão para uma coisa, para a meter na boca? Apropriava-se das ideias dos assistentes, e tínhamos de conseguir lidar com isso. Mas eu sabia que este quadro era bom, e quis mantê-lo fora do alcance dele. Estava justamente prestes a retirá-lo do estúdio, para o armazenar algures, onde ele não o pudesse ver, e um dia cheguei lá e vi que ele o tinha levado para o estúdio dele. Estava sentado diante do quadro, com a porra de um caderno de esboço nas mãos. Fiquei furioso, é claro, tivemos uma discussão, e o sacana do velhadas fez o que sempre fazia quando magoava alguém: atirou-me com dinheiro. Disse que me comprava o quadro. Repliquei que não era para venda, ele propôs-me um valor estúpido, e depois duplicou-o. Acabei por ceder. Não fiquei feliz, mas não havia grande coisa que pudesse fazer a não ser sair dali com a coisa debaixo do braço, e naquela altura nunca tinha recebido tanto e...

Ele começou a falar mais baixo. Pousou a coronha

da arma no chão e inclinou-se sobre ela, encostando o cano ao queixo. Perguntei-me se poderia afastá-la com um pontapé, impedindo-o de fazer aquilo em que parecia estar a pensar, mas o receio durou apenas uns instantes, porque se endireitou e se aproximou de *Ruína Azul*, sobre cuja superfície pintada passou um dedo ao de leve.

— Ele pôs isto aqui. Vândalo de um cabrão. — Estava a indicar uma mancha azul, traços incertos sobre os quais alguém trabalhara, sombreada com marcas que pareciam ter sido feitas com tinta húmida pelo cabo de um pincel. — Quando descobri que ele estava a fazer... bem, não eram cópias, mas outras versões do meu trabalho, confrontei-o. Disse-lhe que ia levar a pintura, e ele ameaçou mandar-me prender por roubar um bem que era dele, e eu disse-lhe que ainda me não tinha pagado, e então ele preencheu um cheque, falo de um cheque a sério, e fiquei tão zangado que o rasguei. Disse-lhe que o quadro era meu e que tinha de mo devolver. E ele disse... nunca me esquecerei... disse, *Robert, se eu tocar num quadro, ele é meu. A minha mão dá-lhe vida*. E pegou num pincel para começar a acrescentar pinceladas — estas borradas aqui mesmo. *Olha*, disse ele, *agora é um trabalho meu. Acabei de multiplicar por cinquenta o valor do teu quadrinho*. E o pior é que era verdade. Se fizesse um desenho num guardanapo, o dono do restaurante aceitava-o como pagamento do jantar. Vi-o fazer isso. Não havia a mínima hipótese de eu ganhar.

— E, realmente, é um bom quadro.

— Estás a falar a sério? Gostas?

— Gosto.

— Seria melhor sem aquelas marcas todas. E aquelas

coisas — disse, apontando a arma para um conjunto de edifícios que agora via que tinham sido pintados sobre outra coisa qualquer.

Rob recuou e ficámos os dois a observar a pintura durante algum tempo. Era uma cena distópica, desolada, mas também divertida, com o enxame de figurinhas a sair do navio cruzeiro que se espalhava para explorar a cidade em ruínas.

O charro de Rob tinha-se apagado. Remexeu nos bolsos, à procura de um isqueiro.

— O PPF sabia que tinha ido longe demais. Mandou-me outro cheque, e quando não levantei o dinheiro, telefonou-me e ficou a conversar comigo horas a fio. Estás quase a constituir família, não estás a pensar bem, esse género de conversa. Venceu-me pelo cansaço. No fim, apenas queria esquecer-me de tudo aquilo, por isso, deposei o cheque e segui em frente. E então ele morreu, e alguns dos meus desenhos ainda estavam no estúdio dele, e havia o trabalho que ele tinha estado a fazer, as outras pinturas de turistas e... estás a ver o problema? Está tudo embrulhado. É demasiado complexo para que se compreenda. Portanto, é o quadro dele. Só que não é. O quadro é meu, com os rabiscos dele por cima. — Raspou com o cano da arma na superfície. Pensei se estaria a preparar-se para fazer alguma coisa. — É tudo uma grande porra, Jay — acrescentou. — Uma grande porra, mesmo.

Depois, atirou a carabina para cima do ombro e avançou para a cozinha.

Respirei fundo, perguntando-me o que estaria Alice a pensar, enquanto esperava na casa. Talvez nem estivesse na casa. Talvez estivesse lá fora, a escutar à porta. Também me perguntei se Marshal teria chamado

a polícia. Estava mais ou menos à espera de ouvir sirenes, mas apenas ouvia os pássaros a cantar. Rob regressou para junto de mim, com tequila e limas.

— Vamos apanhar uma piela — disse, com voz rouca, numa fraca tentativa de parecer fanfarrão.

Parecia exausto, com a garganta irritada. Era como se tivesse esquecido o contexto, ou o tivesse enterrado, e na cabeça dele fôssemos simplesmente dois velhos amigos a pôr a conversa em dia. Bebemos a tequila e mordemos gomos de lima. Disse coisas como «É assim mesmo!» e «Agora é que nos estamos a entender!», e interoguei-me se sempre teria sido tão banal, se o seu apego à felicidade teria sempre sido ténue e forçado. Senti o álcool a entrar no meu sistema circulatório e tentei não pensar em desinibição e armas, forçando-me a manter-me presente, a não contar as latas de tinta ou os vidros remanescentes das claraboias, a não me focar nas inúmeras pequenas coisas desalinhas que me rodeavam.

Rob falava de dinheiro. A pintura, disse, tinha-lhe dado uma vida.

— Comprei uma casa para a minha mãe, sabes? Já não vive naquele apartamento da Câmara. E é claro que a minha irmã me esmifra, e o colégio da Sophie... Não tens a menor noção de quanto podem custar estas escolas nova-iorquinas. Ela tem de usar uniforme. Vestem-se como nos anos de 1930, mas são todas umas cabrazinhas que se drogam e mandam nudes aos professores.

— Ela faz isso?

— Não sei. Acho que não. Estou cheio de medo, porra. Amo-a, mas sou um idiota, Jay. Sabes como sou. Nunca me consegui agarrar a nada, e agora penso que

está tudo a escapar-me das mãos outra vez. Não sei o que te disse a Alice. De certeza que te disse que estamos sem dinheiro. A verdade é que o Marshal me tem na mão e nem consigo trabalhar. Porquê mentir? Não sou capaz de fazer o que ele quer. Se calhar, até conseguia fazer alguns quadros, mas qual seria o interesse? Não prestariam. O mundo não precisa de mais quadros maus, pelo menos meus. E agora, para cúmulo, tenho de me confrontar com o teu regresso. E — sublinhou, apontando para *Ruína Azul* — tenho de lidar com isto, foda-se.

— O que queres que aconteça?

— Podias pôr-te a andar, como te pedi. A minha vida seria mais simples se desaparecesses. E se a porra desta pintura desaparecesse. É óbvio que a coisa mais simples seria se fosse eu a desaparecer. Talvez devesse fazer o que tu fizeste. Partir, simplesmente, ir para a estrada. — Deixou descair os ombros. O que disse a seguir veio como um meio sussurro, e inicialmente fiquei na dúvida de o estar a ouvir corretamente. — Não ma tires, Jay.

— O que dizes?

— Admito que não tenho sido bom para ela. Menti-lhe, forniquei com outras, desde sempre. Sou um estúpido e não a mereço, mas não ma tires.

— Achas que ela te vai trocar? Por quem? Por um tipo que vive no carro? Tenho cerca de trezentos dólares, Rob, e tive de me esfalfar para os arranjar.

Pude perceber, durante uns momentos, que ele estava a pensar, a pensar mesmo no que eu tinha dito, nas diferenças materiais entre as nossas vidas. Vi como afastava esses pensamentos com um encolher de ombros.

— Devia queimá-lo, certo? Era o que tu farias.

— O quadro? Porque pensas que faria isso?

— O grande gesto. O teatral vão-se foder. Olha para ele. Olha só para ele. Quando vejo este quadro, vejo o meu trabalho, mas milhões de dólares do dinheiro de outro cabrão qualquer. É como se visse a dobrar.

— Terias um processo judicial durante anos. Passarias a vida no tribunal.

— Podia limitar-me a apagá-lo.

— Continuarias a estar metido em trabalhos.

— O quadro é meu.

— Faça o que fizeres, eu não tenho nada que ver com isso, Rob. A relação entre ti e essa pintura não me diz respeito. Estou a pensar na Alice. Está preocupada com a possibilidade de tu te afundares e a lebares contigo. A ela e à vossa filha.

— Ela disse isso? Tretas, é claro. Ela tem dinheiro, dinheiro de família, na Suíça, ou onde quer que seja. Ilhas Caimão. Não vai morrer à fome. O que achas? Talvez lhe dê apenas uns retoques. Até que ponto o poderei modificar sem que se note?

— Deve haver documentação. Fotografias para o seguro, registos de galerias.

— Oh, sim, de todos os tipos. Esteve na grande exposição que andou a circular há alguns anos. Foi um momento especialmente desagradável para mim.

— Portanto, não podes alterar nada. Se o modificares, cedo ou tarde alguém vai notar.

Era fácil perceber que não me estava a ouvir. Estava enfronhado num esquema qualquer, num drama que se desenrolava na cabeça dele. Aproximou-se da aparelhagem e começou a passar discos. Quando encontrou o que queria, retirou-o da capa. Pouco

depois, o espaço encheu-se com *indie rock* da década de 1990, uma das bandas de Manchester de que ele gostava, a banda sonora dos excessos de adolescente que cometera. É verdade, pensei, não vais reconsiderar. Não precisas de que ninguém te diga nada. Vi como empurrou um carrinho metálico carregado de material para perto do quadro e começou a remexer nele até encontrar um frasco de solvente e um trapo. Ergueu-os na minha direção e fez uma careta.

— A sério?

Rindo, começou a selecionar tubos de tinta, uma paleta, a fazer os preparativos para trabalhar. Recordei-me de quanto costumava gostar de o observar a trabalhar.

DURANTE UMA DISCUSSÃO, Alice disse-me uma vez que eu confundia infelicidade com amor. Assinalei-lhe que isso era tão verdadeiro para mim como para ela. Aquilo que nos interessava era intensidade, e não importava se a carga era positiva ou negativa, desde que houvesse energia no sistema. É claro que isso era quando éramos jovens, quando estar simplesmente vivo já era heroico, quando irrompíamos mundo dentro em chamas e eu ainda acreditava que tudo podia ser consertado. Mais tarde, aprendi, como acontece a toda a gente, que a energia é finita e algumas coisas não são consertáveis.

Observei Rob a misturar as tintas, acompanhando em surdina a canção. Viu-me pegar na arma. Pensou em parar-me, e deu um passo hesitante em frente, mas também percebi que se sentia aliviado, que, ao pegar na arma, eu estava a eliminar uma tentação, reduzindo riscos de uma maneira que ele, demasiado orgulhoso, não conseguia fazer.

— Até logo — disse alegremente, como se eu tivesse ido ter com ele ao estúdio para tomar uma chávena de chá.

— Até logo — respondi, e saí para a luz do sol.

Desci o trilho até à casa, com a carabina na mão. Tinha os sentidos dolorosamente alerta e um gosto metálico na boca, mas estava centrado — em mim, no mundo. Estava vivo. Alice apareceu no estrado e pendurou-se em mim como se estivesse a perder os sentidos, um peso morto à volta do meu pescoço. Afastei desajeitadamente a arma para um lado,

sentindo-me como se estivesse a reconstituir a cena final de um velho filme do Oeste.

Marshal confirmou que tinha chamado a polícia e depois desatou a correr para o celeiro, com o telemóvel na mão, para tentar impedir o que estivesse a acontecer. Suspeitei que chegaria demasiado tarde. Alice estava a abraçar-me com força, mas eu sabia que tinha chegado a hora de partir. Tinha ouvido as histórias, contadas em todos os estaleiros de construção, em todas as cozinhas de restaurante: vinte pessoas cobertas com mantas de folha de alumínio, no chão de uma gaiola gelada; instalações sem nome, onde podiam enfiar uma pessoa durante semanas ou meses. A cadeia de acontecimentos posta em andamento por um simples pedido de documentos de identificação poderia ser catastrófica para mim, e não tinha o mínimo desejo de ser envolvido no que estava prestes a suceder entre Marshal, Rob e as autoridades. Entreguei a arma a Alice, que a encostou ao peito, como um cetro ou um ramo de flores.

— Podias esconder-te no celeiro — disse ela. — Ninguém te descobriria.

— Não creio que isso seja sensato.

Como se alguma coisa que tivesse feito fosse sensata.

Dei a volta ao lago, depois passei pelo celeiro e subi a colina até à clareira espelhada. Talvez Alice tivesse razão. Tudo o que tinha de fazer era perder-me na mata. Podia ficar quieto, sob a copa das árvores, camuflado por uma persiana de sombras. Podia ser coberto por musgo. Tornar-me-ia parte da terra. Quando entrei na clareira, vi de relance o meu reflexo estilhaçado. Não tinha muito tempo. Rapidamente, fiz o

meu final.

O primeiro *fugueur* foi um homem chamado Albert, que se mostrou incapaz, segundo os médicos, de não deixar a vida que tinha em Bordéus para caminhar pela Europa, chegando tão longe quanto Moscovo e Constantinopla. Albert era um homem normal da década de 1880, que trabalhava, quando estava em casa, para uma empresa de gás. Viajava sem documentos, e, nesse estado alterado, era frequentemente incapaz de se recordar de onde tinha vindo ou mesmo quem era. Eu tinha mentido a Marshal. Havia uma coisa que eu levava comigo, um objeto que me acompanhou durante todos os dias de fuga, um minúsculo retrato de Albert, que guardava num medalhão, como a imagem de um amante. Ajoelhei-me entre os pilares e enterrei-o ali, na clareira de espelhos. Depois, desci a colina.

É claro que o motor pegou à primeira, como se o carro tivesse estado à espera da minha partida. Abri de par em par as portas do celeiro e conduzi à volta do lago. Para lá da água cintilante, a pequena ilha no meio era intermitentemente visível entre as árvores. Uma série de últimas coisas: a casa dos barcos, o pontão, o relvado verde através do qual se chegava ao estrado. Parei diante da casa, no lugar onde tinha parado o carro quando trouxera os artigos de mercearia.

Marshal não estava à vista. Alice estava de pé, por baixo da glicínia, a agarrar o pulso com os dedos, com o peso sobre um dos pés, a outra perna em descanso. Dirigi-me para ela.

— E agora partimos juntos?

Ela sorriu.

— Só que isso não vai acontecer, pois não?

O paraíso é um jardim murado, e, durante um tempo, naquele lugar, naquele parque de alta segurança, o tempo foi anulado. O passado coincidiu completamente com o presente, e pareceu-me, pelo menos num curto período, que podia regressar a quem tinha sido vinte anos antes e resgatar do naufrágio o meu amor por Alice.

Na verdade, nunca tinha pensado que Alice se sentaria ao meu lado no carro, que já não cheirava a ambientador e comida comprada feita, mas ao celeiro onde tinha estado parado, a madeira, a pó e a vida orgânica instalada. Abraçámo-nos, de uma forma ligeiramente rígida, porque parecia arriscado permitirmo-nos sentir.

Então, Nicole, que ao que parecia não tinha chamado um táxi, apareceu a arrastar a mala. Perguntou-me se ia para a cidade. Com certeza, respondi, embora, na verdade, tivesse tantos motivos para ir para lá como para outro lado qualquer. Abri a bagageira e guardei a mala lá dentro, abrindo instintivamente a porta de trás para ela, como teria feito para um passageiro que me tivesse contratado para fazer um transfer do aeroporto. Qual é o terminal, minha senhora? Que companhia aérea? Deitou-me um olhar de estranheza e foi sentar-se no banco da frente.

Desci o longo caminho de acesso, afastando-me de Alice. O fio de prata que nos ligava estava esticado até ao ponto de rutura. Ter-se-ia rompido? O portão abriu-se e pareceu ser o desfecho. No fim de contas, depois de tanto tempo, de tantos dias sonolentos debaixo das árvores, tudo tinha acabado em poucos minutos.

O mundo exterior era uma série de confrontações: o primeiro cartaz, o primeiro semáforo, os primeiros

carros cheios de desconhecidos, uma advertência de que, do outro lado da cerca, havia uma grande massa de humanidade, com máscara, sem máscara, tratando de levar por diante as suas vidas ou encerrada em casa, com cuidados ou sem eles, assustada, ou cética, ou doente. Nicole não parava de escrever mensagens no telemóvel e telefonar aos amigos que tinha na cidade, falando de helicópteros, recolheres obrigatórios e pessoas que estavam a ser detidas. A autoestrada abria um sulco na paisagem, e eu sabia que estava a atirar-me a coisas que não formavam parte da minha história com Alice e Rob. À medida que conduzia, o lugar que tinha deixado — a pequena casa com a glicínia por cima da porta, o lago, a infinita abóbada verde de árvores — começou a parecer insubstancial, uma bolha, uma visão, e o tempo que lá tinha passado não mais que um sonho.

Agradecimentos

O trabalho de muito artistas deu corpo a este romance, embora nenhum dos meus artistas ficcionais e das pessoas do mundo das artes que aqui aparecem sejam retratos de pessoas reais. Agradeço a todos os que conversaram comigo ou me deram um sítio onde ficar enquanto escrevia, sobretudo a Taryn, Jake, Sylvia, David, Ryan e Dana.

Grandes partes do livro foram escritos na Fundação Jan Michalski em Montricher, na Suíça, e no Hermitage Artist Retreat, no Sarasota County, na Flórida. Expresso a minha gratidão às duas organizações pela dádiva de silêncio e tempo.

Escrever um livro é uma ocupação solitária, mas publicá-lo é um trabalho de equipa. Os meus agradecimentos à minha editora, Carole Baron, e a todos os que na Knopf cuidaram atentamente de cada aspeto de *Ruína Azul*. Obrigado a Andrew Wylie, Tracy Bohan e a toda a gente da Agência Wylie por estarem do meu lado.

Como sempre, o meu amor e agradecimento mais profundos a Katie e aos nossos filhos, por igual, ainda que deva reconhecer que os comentários da Katie tenham sido os mais úteis.

Sobre o Autor

HARI KUNZRU

Nascido em Londres (1969) de mãe britânica e pai indiano, da Caxemira, Hari Kunzru estudou nas universidades de Oxford e Warwick, antes de se dedicar ao jornalismo (*The Guardian*, *Observer*, *The Daily Telegraph*, *TimeOut* ou *Wallpaper*), com interesses tão diversos como política, identidade e migrações, música, tecnologia e viagens — temas que aparecem nos seus romances. Um dos seus livros mais conhecidos é *The Impressionist*, de 2003 (que obteve os prestigiados Betty Trask Award e Somerset Maugham Award, tendo sido incluído pela Granta na lista dos melhores jovens escritores britânicos), a que se seguiram *Transmission* (um dos melhores livros de 2004 para *The New York Times*) e *White Tears*. Em 2011, publicou *Gods Without Men*, um romance fascinado pelo deserto de Mojave, e, em 2020, *Red Pill*. Atualmente vive em Brooklyn, Nova Iorque — é casado com a escritora Katie Kitamura, de quem a Quetzal publicou *Intimidades* —, e escreve também para *The New York Review of Books* e a *Harper's Magazine*.



Sobre o Tradutor

SALVATO TELES DE MENEZES

Nasceu na «província minha província», como disse o

maior dos poetas menores, andou por vários lugares, conviveu com escritores e outras aves raras, escreveu alguns livros e traduziu muitos mais, convencido de que consegue estabelecer uma relação cordial com os seus autores (Robert Burton, J.D. Salinger, S. Bellow, G. Cabrera Infante, T. Pynchon, Javier Marías...). Lançou âncora em Cascais, mas levanta-a quando precisa, para visitar o Noroeste. O dele e o dos outros. Regressa: regresso geográfico, concreto, partilhado com outro que é imaterial (na materialidade do livro) à literatura inglesa, norte-americana, espanhola e latino-americana. Para epitáfio, sugere: «(Sobre)viveu à tradução».